TRATADO DE ASTROCARACTEROLOGIA

Parte V

Aulas 48-57

OLAVO DE CARVALHO

Aulas de abril de 1991.

AULA 48

Vamos fazer uma parada no percurso que vínhamos seguindo e vamos dar uma "reprise" de tudo que vimos desde o começo. Na medida em que eu for falando, vocês vão fazendo uma lista destes tópicos que nós abordamos, e se por acaso eu esquecer alguma coisa, vocês se lembrem do que foi dito no curso das aulas, me chamem a atenção e eu volto atrás e tento colocar essas coisas. Também uma certa desordem nessa exposição é perfeitamente de se esperar pelo fato de que a matéria é inteiramente nova. Não existe nenhuma experiência no ensino de astrocaracterologia. Ela é uma ciência nova, ou pelo menos a proposta de uma nova ciência, ou a descoberta de um novo ângulo pelo qual se encarar um velho objeto, ou ainda a descoberta de um novo objetivo com que se vai adotar um velho ângulo; ou seja, estou me referindo aos três objetos da ciência, conforme os escolásticos: objeto material; objeto formal- motivo; objeto formal-terminativo. Toda ciência tem um objeto, e esse é triplo: (1) é o objeto material, é o quê; (2) é o objeto formal, e este se divide em duas partes: objeto formal-motivo e objeto formal-terminativo. O objeto formal-motivo é exatamente o motivo pelo qual você enfoca aquele objeto. Vamos supor um mesmo objeto de várias ciências, por exemplo, a sociedade humana. Esta é o objeto material de várias ciências: economia; astrologia, história, política, etc. Acontece que cada uma delas encara este mesmo objeto material por um motivo diferente: o motivo pelo qual a história encara a sociedade humana é a constatação de sucessão de acontecimentos ao longo do tempo; a sociologia a encara por um motivo diferente, a constatação de movimentos nas classes sociais. Explicamos assim o objeto formal-motivo. Já o objeto formal- terminativo é o término, o termo, isto é, onde se pretende chegar com a investigação. Por exemplo, a história e a sociologia têm o mesmo objeto material — a sociedade humana, a atividade dos homens em sociedade —, o objeto formal-motivo é mais ou menos o mesmo — chegar a uma compreensão dos processos sociais internos. Mas o objeto formal-terminativo é bem diferente: o termo da história é o restabelecimento da sucessão verdadeira dos fatos, ao passo que o objeto formal-terminativo da sociologia é a descoberta, se possível, de leis ou regularidades nos movimentos sociais.

Este nosso estudo começa na hora em que temos certeza de que existe nosso objeto, que não estamos estudando o nada; se nós definimos logo de início a astrologia como a ciência que estuda as relações entre as configurações celestes e os eventos terrestres de ordem natural ou humana, então é preciso estarmos seguros de que essas relações existem, porque se elas não existem, não há objeto de estudo. Sendo assim, a afirmação do objeto de uma ciência é de certo modo prévia à constituição dessa ciência. Só existe uma ciência da biologia onde já sabemos que existem seres vivos há muito tempo; existe uma física porque, antes de aparecer o primeiro físico, todos estavam certos de viverem num mundo material. Porque existem esses objetos e porque há interrogação a respeito deles, estas são as razões pelas quais surge uma ciência. Isto quer dizer que a afirmação taxativa de que existem as relações entre os eventos terrestres e celestes não faz parte da astrologia, é uma coisa prévia à ela. Portanto, só pode haver uma astrologia se existirem essas relações. Ora, quando vemos que até hoje a maior parte dos estudos e pesquisas sobre o assunto astrológico têm tido por objetivo justamente provar que essas relações existem ou não, então vemos que não temos nem certeza da existência do objeto, e muito menos poderemos ter certeza de que deva existir uma astrologia. No entanto, a partir da pesquisa de Michael Gauquelin, acho que é difícil ocultar as existências das relações entre configurações celestes e eventos terrestres. Essa pesquisa pegou uma das mais antigas alegações dos astrólogos, que é a de que existe uma relação entre o horóscopo natal do indivíduo e seu caráter, portanto, com sua profissão, e, tendo comparado com os horóscopos de pessoas de diferentes grupos profissionais, num total de 500.000 horóscopos, chegou à conclusão de que realmente havia uma constante estatística na presença de certos planetas em certos lugares nos horóscopos desses cidadãos, com uma freqüência em que o acaso explicaria uma porcentagem de apenas um caso para oito milhões. Muitas ciências estudam objetos muito mais tênues do que este. Por exemplo, Horkheimer fundou a sociologia baseada na idéia de que existia algo chamado fato social. Se você procurar a demonstração de que existe o fato social, que é distinto do fato econômico, do fato histórico etc., vemos que Horkheimer tinha muito menos motivos que nós para acreditar na existência do seu objeto: nós temos uma certeza

suficiente para justificar que exista uma ciência para estudar nosso objeto.

A pesquisa de Gauquelin não é propriamente uma pesquisa astrológica, mas uma pesquisa estatística, que verifica que o objeto da astrologia existe. Agora, que relações são estas, qual é o alcance delas? Existe uma configuração celeste própria a cada evento terrestre, ou só a alguns? Tudo o que acontece na Terra tem uma simultaneidade com algo no céu, ou só algumas coisas? Além do mais, quando a gente fala "eventos", qual é a elasticidade desse conceito de evento? Por exemplo, o sujeito escolheu uma profissão — isto pode ser dito um evento? Me parece que, ao contrário, a escolha de uma profissão é uma enorme sucessão de eventos, que começa na infância, e que chega a desenlace por uma escolha feita na idade madura, a qual inclusive pode ser revogada depois. Podemos dizer que uma crise econômica é um evento, ou também uma constelação mais complexa ainda de eventos, qual é o tamanho, qual é a elasticidade que vamos conceder à quantidade de eventos menores que compõem um maior? Se existe esta relação, por mais vaga ou elástica que seja, entre os eventos celestes e terrestres, está justificada uma ciência que justamente responda essas perguntas, ou seja, que termine de definir o seu objeto. Se não cabe a uma ciência definir seu próprio objeto — mas ao contrário, ela deva recebê-lo pronto, da evidência do senso comum ou de outra ciência anterior — cabe perfeitamente a ela, na sua parte introdutória, delimitar esse objeto, isto é, distingui-lo dos objetos de outras ciências e fixar os limites e o alcance da investigação que ela pretende empreender. Essa seria a tarefa número um de uma astrologia, se ela existisse. Só por essa constatação inicial nós já podemos estar seguros de que não existe astrologia nenhuma; isto nunca foi feito. Além do mais, esta astrologia, deveria também demonstrar a possibilidade das respostas a essas perguntas, ou seja, demonstrar que não são perguntas apenas filosóficas ou metafísicas, mas que são perguntas que podem ser respondidas por um método científico. Em terceiro lugar, caberia a ela estabelecer que métodos científicos são esses e, finalmente, em quarto lugar, tratar de aplicar esses métodos e chegar a alguns resultados. Ou seja, tarefa inicial de uma ciência: (1) delimitar o seu campo, (2) demonstrar a possibilidade do seu estudo científico, (3) estabelecer sua metodologia, (4) colocar-se em movimento. Isto é feito absolutamente em todas as ciências; particularmente nos últimos três séculos, onde vemos surgir uma multidão de ciências novas, podemos ver que o processo seguido é exatamente este que descrevemos. Por exemplo, quando surge a paleontologia, o estudo dos seres antigos. Descobriram-se ossadas escondidas a vários metros de profundidade, e as ossadas eram de seres inexistentes; então supôs-se que eram de seres que teriam existido. Que seres eram estes, quando estiveram aí, qual é a possibilidade de estudar isso cientificamente, e como, estes foram os primeiros problemas da paleontologia. Outras ciências que foram surgindo, como a sociologia, a moderna ciência política, a economia, etc., todas essas ciências de cara encontram esta seqüência de quatro problemas.

Procurem em todos os livros de astrologia e respondam essas perguntas: se os astrólogos colocaram essas quatro questões e se começaram a trabalhar. Nem começaram. Eles já partiram do pressuposto de que tudo isso já é sabido, de que a ciência da astrologia já existe não só na sua concepção geral, mas como patrimônio de conhecimentos adquiridos, ou seja, de resultados de inúmeras pesquisas, e de que dessa ciência já pronta se pode até deduzir uma técnica, e mais ainda, uma técnica para aplicar ao estudo dos casos particulares e que, além de tudo isso, se aplique a todos os casos particulares ocorridos a todo os seres humanos e até a animais etc., e que tudo isso funciona com plena eficácia. Tudo isso é pretensão e demência, e os astrólogos estão falando mais do que sabem. Eles não estão totalmente loucos, não estão estudando o nada, desde que, como já dissemos, o objeto existe. Só nos resta fazer humildemente aquilo que eles pretensiosamente já tomam como se estivesse feito. Quem sabe até, ao final do nosso estudo, nós descubramos que eles estão certos em mais coisas do que pensam, só que nós saberemos se eles têm razão ou não. Eu não conheço um único astrólogo que não viva numa dúvida atroz de que astrologia não funciona. Embora confirmados pela prática, essa confirmação não tem fundamento racional. Que astrologia funciona é óbvio, todo o mundo sabe, mas porque funciona? Como você não sabe o porquê, então também não sabe os limites dessa eficiência. Portanto nunca sabe se ela diferencia um saber totalmente empírico de uma ciência, mais ou menos a probabilidade que você tem de acertar ou não. A astrologia é um conhecimento puramente empírico; nós estamos praticando astrologia hoje como o homem de Neanderthal manejava o porrete; algum conhecimento do porrete ele tinha, mas era puramente empírico.

Tudo isso é de uma evidência tão grande, que os astrólogos não terem reconhecido isto até hoje só pode se explicar ou por orgulho, ou por um radicalismo a que a gente é levado quando entra numa polêmica.

Quando você começa a defender uma coisa contra inimigos hostis você acaba reafirmando o que defende com muito mais certeza do que realmente tem. Aquilo que só se sustenta no adversário, aquilo que só adquire existência, consistência, porque tem um adversário que o contesta é porque não é sólido em si mesmo. O astrólogo que está perante o inimigo da astrologia está confiante na astrologia, mas quando está sozinho às três horas da manhã, ele passa a duvidar.

Tanto mais firmeza um conhecimento tem quanto mais a sua aquisição foi difícil no começo. Esta elaboração crítica que procede e fundamenta uma ciência, é ela mesma que vai lhe dar firmeza mais tarde. Nós sabemos de histórias de ganhadores da loteria que na semana seguinte já tinham gastado tudo, e de herdeiros de fortunas que dissiparam tudo, porque não tiveram o trabalho para adquirir a riqueza. Com o conhecimento é a mesma coisa. O conhecimento que os astrólogos têm não lhes custou nada. Custou ao sujeito a leitura de alguns livros da Antigüidade, concordar com tudo, acriticamente, e começar a praticar. Então vamos começar tudo do início, e tentar obter, com dificuldade, o que os outros obtiveram com facilidade, para que mais tarde tenhamos certeza daquilo que possuímos. Este foi o intuito inicial da astrocaracterologia.

Dito tudo isso, um dos primeiros passos depois de delimitar o objeto da astrologia, seria ver quais são as perguntas que se têm feito e que se podem fazer sobre ele. Uma das primeiras perguntas que surgiria seria a dos símbolos naturais, como já mencionei aulas atrás. Por que? Porque toda a astrologia sempre funcionou à base de símbolos. O fato de um planeta estar em tal casa às vezes é interpretado como causa de eventos, às vezes como mero sincronismo, quer dizer, mero indicador, às vezes como símbolo: por exemplo, o Sol seria o símbolo da inteligência intuitiva porque esta é a faculdade mais central, do mesmo modo que o Sol é o centro do sistema solar, do mesmo modo que o coração é o centro do organismo, etc. Quando o astrólogo faz este tipo de interpretação ele está dizendo que o Sol simboliza, mas não está dizendo só isto. Ele não está dizendo que o Sol é símbolo disto ou daquilo no sentido em que, quando nós lemos um poema, dizemos que tal ou qual palavra simboliza tal ou qual coisa. O astrólogo pretende que o Sol simbolize tal ou qual coisa não porque os homens lhe atribuíram tal função, mas porque ele é naturalmente símbolo disto ou daquilo, ou seja, de porque as relações simbólicas entre os seres não são inventadas pelos homens. Ora, todo o mundo sabe que existem os símbolos, mas que eles não dão em árvores, que eles variam de cultura para cultura, mas são produtos da cultura humana. A astrologia baseia-se no pressuposto de que existem símbolos não inventados, não- culturais, dito de outro modo, símbolos naturais. Símbolos naturais teriam de ser aqueles que: (1) não variam de cultura para cultura, teriam de ser iguais em todas as culturas existentes — universais portanto —; (2) são aqueles que de certa maneira são impostos pela natureza, ou seja, símbolo cuja evidência têm uma espécie de necessidade, não poderiam representar outra coisa. Um dos pressupostos da astrologia antiga é que símbolos dessa ordem existem, Podem existir símbolos naturais? Em geral a resposta das ciências humanas tem sido: não; os símbolos são parte da linguagem humana, são inventados pelo homem. A astrologia de modo geral não tem se preocupado com esses símbolos de ordem universal. Isto é muito explicável: tão logo se constituiu a antropologia ela começou a fazer o recenseamento dos dados das várias culturas, e inicialmente ela estava mais interessada na peculiaridade, na diferença das várias culturas, do que na unidade delas. Para você constatar, por exemplo, a existência de instituições uniformemente iguais em todas as culturas é preciso que primeiro se faça um recenseamento imenso das várias culturas, e enquanto você faz o recenseamento, você está preocupado com as diferenças. Foi só nos últimos dez anos que a antropologia começou a se preocupar com as constantes do espírito humano. Constantes são traços que estão presentes em todos os homens e que não variam conforme a cultura. É claro que elas têm a ver com os símbolos naturais. Há outras questões a serem colocadas além da dos símbolos naturais, mesmo porque esta questão não pode ser resolvida pela astrologia, e além disso a astrologia só lida com uma parte desses símbolos, que são justamente os símbolos astrais.

Como dizíamos, a tarefa primeira da astrologia é delimitar seu campo, e o fizemos quando dissemos que a astrologia é o estudo de todas as relações entre eventos celestes, ou posições dos astros no Céu, e eventos terrestres. Se essas relações forem causais, muito que bem, se forem apenas relações de, como dizia Jung, relações não-causais, relações de sincronismo, isto é, série de eventos que, por motivos insondáveis, costumam acontecer ao mesmo tempo. Por exemplo, quando às sete da manhã soa o seu despertador, você sabe que ao mesmo tempo tem uma multidão de pessoas na cidade acordando ao mesmo tempo. Mas certamente não foi o seu despertador que os acordou. Então não existe uma relação causal, existe uma

relação de sincronismo, que nesse caso é devido a um hábito social. Porém havendo sincronismo, é suficiente para que, dado um evento, você possa legitimamente prever um outro sem conexão causal entre eles. Causalidade e sincronismo seriam duas relações possíveis. Caberia a astrologia esclarecer se as relações Céu e Terra são de ordem causal ou de ordem sincronística, por exemplo. Porém a astrologia não pode ser chamada "a ciência das influências astrais". Por quê? Porque se você diz isto você já está pressupondo que os planetas exercem uma ação causal, ou seja, estaríamos dando por respondida justamente a pergunta que se trata de responder. Temos que ter uma definição mais vaga, e é por isso que dizemos "é a ciência das relações...", quaisquer que sejam as relações. Em seguida partimos para algumas deduções. Ou seja, nós fixamos a definição mais ampla que poderia existir de ciência astrológica, definição de tal modo que nenhuma astrologia já praticada neste mundo ou praticável nos séculos vindouros pudesse escapar dessa definição. Essa é uma das condições de definição: que não deixasse escapar nenhum caso. Em segundo lugar que ela fosse suficiente para distinguir o seu objeto de todos os outros objetos, ou seja, para distinguir a astrologia de todas as demais ciências. Não existe nenhuma outra ciência que estude especificamente isso. Por outro lado, tudo o que se escreveu sobre astrologia desde que o mundo é mundo, não passa de um estudo das relações entre eventos terrestres e eventos celestes. Então vemos que esta definição é bastante adequada. Dito isto, nós começamos um processo dedutivo, ou seja, se aceitasse essa definição (que me parece não ter como aceitar), então isto tem algumas decorrências. Em primeiro lugar, uma ciência que estuda relações não é uma ciência que estuda coisas. Ou seja, uma ciência como a biologia, por exemplo, é uma ciência que encontra o seu objeto pronto na natureza, dado na natureza. A existência de seres vivos é uma evidência até para os bebês. Porém relações não são um tipo de ser assim tão claro quanto lagartixas, minhocas, etc. Se o objeto da astrologia é uma relação, a relação é um ente lógico, e a relação tem que ser logicamente definida pelo homem antes de tentar ser encontrada na natureza. Vamos supor que eu quisesse estudar, por exemplo, as relações que existem entre uma pessoa e outra, e eu me pergunto assim: existem relações entre fulano e fulano, entre Ronald Reagan e a Dercy Gonçalves? Alguma relação tem que existir: no mínimo eles caminham sobre o mesmo planeta. Então podemos dizer que as vidas de ambos estão fundamentadas num mesmo conjunto de leis físicas, e esta é uma relação entre eles. Mas se dizemos que não é esta relação que nós queremos, nós queremos uma relação de parentesco, ou queremos saber se existem relações econômicas — alguém comprou ou vendeu, ou alugou para o outro —, ou se existem relações sexuais... Ou seja, "relações" é um nome de um conceito genérico que implica um monte de relações diferentes. Relações não são seres, não são coisas, são como se fosse "posições" entre os dois seres. Então, não estamos interessados nem em um ser nem no outro, apenas nas relações entre eles. Como a relação é um ente lógico não pode ser encontrada na natureza, ela tem que ser concebida, delimitada, para depois ser procurada. Analisando os termos da relação mencionada na nossa definição, isto é, eventos celestes e eventos terrestres, nós descobrimos a seguinte peculiaridade: eventos terrestres é algo amplamente elástico — por exemplo, uma crise econômica, um terremoto, uma idéia que ocorre na cabeça de alguém, a queda de Napoleão Bonaparte, etc. —, já os eventos celestes são estudados por uma única ciência, a astronomia; os eventos terrestres já estão todos catalogados no sistema das ciências em eventos históricos, econômicos, físicos, químicos, biológicos etc. Vamos substituir o que são "eventos terrestres" por "conhecimento científico". O conjunto de tudo o que aconteceu na Terra é o conjunto de tudo o que a ciência sabe. De um lado temos os "eventos celestes", ou a astronomia, de outro lado nós temos "eventos terrestres", ou tudo que as demais ciências sabem. Então trocamos a definição de astrologia: "A astrologia é astronomia comparada." É uma astronomia que não estuda os eventos celestes só com o intuito de descrevê-los, medi-los, compará-los entre si, porém de compará-los com eventos de outra ordem — eventos terrestres. A astrologia é astronomia comparada aos conhecimentos adquiridos por alguma outra ciência, por exemplo, à história, à física, à astrologia, à biologia etc. Com isto nós resolvemos o problema da delimitação do campo da astrologia: antes era vago e elástico e agora, embora vasto, enorme, ele está perfeitamente definido.

Este assunto que estamos aqui tratando rapidamente foi assunto durante todo o decorrer do curso, e somente ele já seria matéria para um curso inteiro.

Vamos continuar deduzindo. Como estes vários objetos que constituem o terrestre são estudados por estas ciências com métodos e conceitos desta ciência, geralmente não servem para outra, isto é, não posso estudar por exemplo economia política com os conceitos da geologia, nem a geologia com os conceitos da química. Então entendemos que a astrologia ou astronomia comparada não é uma ciência com um método

único em todos os casos, mas que ela tem que ter um método específico para cada um de seus casos. Dito de outro modo, ela não é uma ciência, mas um conjunto de ciências. Se nós vamos fazer, por exemplo, a comparação da astrologia com a história. Qual seria o método? Seria o método tipo cronológico: nós teríamos que estabelecer o quadro dos movimentos planetários ao longo do tempo e os correspondentes eventos terrestres que estavam se sucedendo durante esses ciclos, dizendo por exemplo que, quando se formou determinada conjunção no Céu no mesmo instante, aqui na terra, estava acontecendo — ou não — tal ou qual coisa. Depois de fazermos imensas tabelas deste tipo podemos começar a encontrar certas regularidades. Um estudo muito bonito deste tipo foi feito por Gasthon Georgel, no livro "Le quatre Âges de l'humanité". É um livro lindo, mas é cheio de tabelas e datas. Isto aqui seria a astrologia histórica. Mas todo este estudo de Georgel não serve, por exemplo, para responder nada sobre astrologia psicológica. Por quê? Porque o método da psicologia não é o método da história: para fazer psicologia não basta narrar os acontecimentos na sua ordem cronológica. A astrologia ou astronomia comparada é uma multidão de ciências com um método diferente em cada caso. Isso significa que vamos ter de dividir o campo da astrologia em duas partes: uma que é astrologia pura, que discute o que é o objeto da astrologia em geral, qual é a possibilidade de conhecê-lo e qual é a diversidade de métodos para isso. E de outro lado nós temos a imensidão das astrologias, ou seja, que vão tratar de desenvolver e aplicar esses diversos métodos ao estudo dos diferentes campos, sabendo que um não serve para o outro e o outro não serve para um.

Este servicinho de botar essas coisas em ordem, aqui é a fundação de uma ciência: A ciência se funda exatamente assim. O nosso passo seguinte seria diversificar: por um lado continuar com estes exames de astrologia geral, e por outro, uma vez estabelecido um campo qualquer, começar a constituir pelo menos uma astrologia especial, senão nós vamos ficar sempre no discurso oco. A astrologia geral ou pura é apenas a teoria geral das astrologias especiais, mas cada uma delas também precisa de uma teoria especial, que delimite o seu próprio campo, as possibilidades, e o método para estudá-lo. Feito isto nós entendemos que pode haver uma astrologia histórica, uma astrologia biológica, etc., e uma astrocaracterologia. Quer dizer que, dentro da astrologia psicológica — que estuda as relações entre os eventos celestes e todo o campo da psicologia —, pode haver uma subdivisão que estuda os eventos celestes e suas relações com o caráter humano. Não é a única astrologia psicológica. Por exemplo, nós poderíamos fazer uma astopsicogenética, ou uma astropsicogênese, que estudasse não o caráter do indivíduo, mas a formação da sua personalidade no tempo, comparando com os eventos celestes através dos chamados trânsitos planetários. É mais do que óbvio que a astropsicogenética não poderá usar os mesmos métodos da astrocaracterologia: também é claro que não pode existir uma astropsicogenética decente antes de existir uma astrocaracterologia: se a gente não entende um objeto quando ele está parado, quanto mais quando ele está se mexendo: se você não consegue montar num cavalo quando ele está parado, quanto mais quando ele está correndo. Então também se poderia, com base nessas duas, desenvolver mais tarde aplicações psicológicas disso, por exemplo, uma astropsicoterapia, ou ainda uma astropsicopatologia, ou seja, quais as relações entre as configurações celestes e o surgimento das patologias mentais ou doenças mentais, e quais as possibilidades de utilizar essas oportunidades abertas pelos eventos celestes para introduzir tais ou quais terapêuticas. Tudo isso pode existir, tudo isso são astrologias psicológicas, porém me parece que em todo esse campo de astrologia psicológica, o problema inicial é o astrocaracterológico, e foi por isto mesmo que eu o escolhi. Então, escolhi este campo de astrologia psicológica porque aqui me sinto mais seguro do que se fosse, por exemplo, estudar uma astrologia geológica. Cada um sabe onde lhe aperta o sapato, então cada um sabe quais são os setores que ele domina, e é evidente que, se a astrologia é de fato astronomia comparada a uma ciência, é preciso que o astrólogo domine esta ciência. Ou seja, o sujeito que se mete a fazer, por exemplo, previsões meteorológicas com base na astrologia sem ter estudado meteorologia então estará fazendo astrologia comparada ao nada. Se você não conhece nem mesmo os conceitos com que se descreve esse objeto, como é que se vai fazer o astrologia desse objeto? Como é que eu posso fazer, por exemplo, um estudo de astrologia política se eu nunca abri um livro de Machiavel, Montesquieu, Max Weber, etc. Quer dizer, você nem sabe o que é política, onde começa e onde termina, então confunde política com administração, política com fisiologia... Cada campo da astrologia requer conhecimentos especializados, e o astrólogo será sempre um especialista desta ou daquela ciência astrológica, a não ser que ele queira ser um especialista em tudo: pense bem o que isto significa: se astrologia é astronomia comparada, se um dos termos da comparação é a figura do Céu e o outro termo é todo o campo dos conhecimentos humanos, isso significa que aquele que diga "eu sou astrólogo em geral", ele está querendo dizer "eu sou especialista na comparação da astronomia com todos os conhecimentos

humanos". É o mesmo que dizer "eu sou especialista em todos os conhecimentos humanos". O especialista em astrologia geral não existe, a não ser que seja brasileiro, evidentemente...

Só existem as astrologias especiais, a astrologia geral é apenas um prefácio às astrologias especiais. Quem quer que pretenda ter algum conhecimento astrológico terá que ter conhecimento astrológico de alguma coisa. Astrologia não tem um objeto próprio, o objeto dela são relações. Relação que é sempre feita entre um termo que é uniforme, que são os eventos celestes, e outro termo, que é perfeitamente indefinido. A astrologia em si não é propriamente um campo de interdisciplina, ela é interdisciplinar por sua própria natureza, ela é um estudo comparativo, e se é interdisciplinar tem que ter pelo menos duas disciplinas. Tem três tipos de conhecimento que constituem o tripé dos conhecimentos do astrólogo: a astronomia (somente os fenômenos terrestres), a lógica e a metodologia das ciências, de uma ciência em particular, por mais limitada que seja. Por exemplo, se eu souber a astronomia e lógica e metodologia e souber, por outro lado, a história administrativa do bairro da Móoca por exemplo — é uma ciência, não é? — eu posso fazer a comparação. Se eu não souber nem isto, então nada feito.

Então o ponto em que eu me sentia mais seguro era o da psicologia. Poderia ter sido outro ponto, talvez história. Também este problema psicológico suscita mais interesse das pessoas e dos astrólogos Em geral, 80% da astrologia que se faz é astrologia psicológica — aí juntavam a fome com a vontade de comer. É lógico que se eu tivesse desenvolvido outros estudos durante a minha vida teria, ao invés de fazer uma astrocaracterologia, feito outra astrologia, uma astroeconomia, mas não é o caso.

Então, temos que ter de um lado uma astrologia geral e uma astrologia especial pelo menos. Com isto nós encerramos o prefácio do Programa. Eu acho que tudo o que eu disse até aqui é inevitavelmente assim. Quer dizer, não é conduzido pelo gosto do freguês, mas por uma necessidade intrínseca, pelas leis da dedução. A lei da dedução é assim: A implica necessariamente B que implica necessariamente C e assim por diante. Se nós tomamos como certa a definição inicial e fizermos a dedução direitinho não temos como escapar dos seus resultados. Porém nem tudo na ciência poderá seguir somente por dedução. Se a gente pudesse descobrir tudo por dedução seria uma maravilha. O filósofo Spinoza, achava que, tendo apenas os princípios gerais, podemos seguir apenas deduzindo, como por exemplo em geometria, e obter quase todo o conhecimento importante só por dedução. Isso é uma utopia. A dedução nos dá um conhecimento absolutamente firme: se as premissas de que nós partimos são certas, tudo que deduzimos delas pelas leis da lógica é inevitavelmente certo, porém, na prática, nem tudo pode ser conhecido por dedução, porque nós só podemos deduzir de premissas que nós já temos. E onde a gente encontra as premissas? Por exemplo, eu disse que a astrologia é o estudo das relações entre eventos celestes e terrestres. Essa foi a premissa da qual eu parti. Porém, como é que a gente fez para achar esta premissa, da onde que eu a tirei? Para encontrar as premissas (ou os primeiros princípios de Aristóteles) de uma ciência que nós não conhecemos ainda, só tem um método: o método dialético. Quando nós saímos da dedução e entramos na dialética, nós saímos do que é firme, seguro e claro para o campo do que é escorregadio, contestável, duvidoso e até maligno. A dialética é a arte de raciocinar segundo duas linhas contrárias de dedução. Por exemplo, nós partimos do princípio, por um lado, de que os quadrados são redondos, e por outro lado, que os redondos não são quadrados, e vamos seguindo essas duas linhas ao mesmo tempo e confrontando os resultados. Na arte da dialética você conjectura possibilidades e as confronta com fatos conhecidos ou com resultados de dedução anteriores, etc. Em suma, a dialética é o entrechoque de idéias, e ela serve para selecionar o possível do impossível, ou o provável do improvável. As leis da dialética são enormemente complicadas. Embora todas elas baseadas nas leis da dedução, não são tão simples. As leis da dedução acho que todo o mundo aqui tem uma idéia: "Se Sócrates é homem, e todo homem é mortal, então Sócrates é mortal...", e coisas assim. São silogismos. Mas a dialética funciona com cadeias simultâneas de silogismos, e às vezes tem de averiguar não duas cadeias, mas dez, quinze ou vinte, todas ao mesmo tempo, e elas sempre partem de uma multiplicidade de dados, tomados por sua vez como premissas, e tenta reduzir esses dados a uma unidade. E ela formula certas hipóteses e as discute, até que vai afastando, afastando, jogando fora, e chega a uma que parece segura e inderrubável. Isto quer dizer que esta definição de astrologia foi obtida por um método dialético, e por um trabalho monstro que eu não vou explicar tudo aqui de novo, mas que foi mais ou menos assim: nós vamos pegar uma definição qualquer de astrologia, e vamos discuti-las, ou seja, nós vamos dialetizá-las. Por exemplo, eu encontro uma assim: "astrologia é o estudo da influência dos astros sobre a personalidade humana". E então pego o livro do Jung e leio que os astros não influenciam coisa nenhuma, mas que "existe um sincronismo". Então, pela definição anterior,

isso aqui não é astrologia. Depois eu pego outro livro qualquer que estuda influência dos astros nas abobrinhas. As abobrinhas não fazem parte da personalidade humana. Então isto quer dizer que isso não é astrologia? Então, esta definição é deficiente. A gente vai substituindo, trocando, até encontrar uma definição que possa alcançar toda a multiplicidade de exemplos de astrologia colhidos na história. Aí, por este método dialético, chegamos a esta definição. Uma vez encontrada a definição, o resto começa a ficar mais fácil. Por quê? Porque dela apenas podemos deduzir.

...

Não estou dizendo que esta definição seja nova. Qualquer astrólogo que raciocinasse sobre o que ele mesmo está fazendo, e tentasse definir sua ciência, teria que chegar a isso aqui, é lógico. Não estou postulando esta definição porque quero, porque gosto. Não. É porque, de fato, isto é o que os astrólogos têm feito. Por exemplo: o sujeito que defina a astrologia como o estudo da influência dos astros sobre a personalidade humana pode, no instante seguinte, estar estudando as abobrinhas, sem perceber que ele mesmo tornou sua definição mais elástica do que ele pretendia. Simplesmente, ao formularmos isto, nós tentamos chegar a uma definição mais ampla do que de fato os astrólogos têm estudado ao longo do tempo, e não do que eles dizem que estão estudando. Mas isto não impede, evidentemente, que um ou dois deles saibam que estão estudando precisamente isto. Então, esta definição é verdadeira, ela expressa de fato, o que qualquer astrólogo está fazendo. Qualquer sujeito que raciocinasse sobre sua atividade de astrólogo chegaria a conclusão de que a definição dessa atividade é exatamente esta.

Tudo que nós estamos falando até aqui já são os fundamentos, são as pedras angulares de uma ciência:

1) A constatação de que existe um objeto material;

2) A delimitação do seu campo (porque esta delimitação vai dar, depois, o seu objeto formal);

3) A especulação sobre a possibilidade de conhecer o objeto, e sobre os requisitos desse conhecimento.

Por exemplo, um requisito que nós vimos é este que acabamos de citar: não pode haver um estudo astrológico genérico, a não ser que seja puramente lógico, metodológico, que é o que nós chamamos de astrologia geral, mas isto não é astrologia ainda. Só existem astrologias especiais, cada uma delas com um método. Isto aqui é o primeiro requisito metodológico inicial que tiramos da própria definição.

A partir do momento que equacionamos a coisa assim, podemos dizer que existe uma ciência astrológica. Não que a astrologia não tenha descoberto nada ainda sobre nenhuma relação astrológica em particular. Mas, uma ciência não se torna científica pelos seus resultados. Uma ciência que equacionasse um problema racionalmente, sistematicamente, que estabelecesse um objeto, delimitasse seu campo, colocasse a discussão da possibilidade de conhecer e articulasse a estratégia do estudo, mas que, por uma fatalidade, depois de cem anos, esse estudo não produzisse nenhum resultado positivo, não deixaria por isto de ser ciência. Uma ciência não é ciência pelos seus resultados mas pelo seu procedimento. Por exemplo, nós falamos da ciência da paleontologia. Os resultados da ciência da paleontologia, desde que ela foi fundada (mais ou menos no século XVIII), são extremamente modestos até hoje. Comparando com outra ciência, por exemplo, a geometria; a geometria é uma ciência extremamente desenvolvida, uma ciência monstro, que vem progredindo sem parar a milênios. Uma não é mais científica do que a outra: uma é apenas mais rica do que a outra. Ou dito de outro modo: ela teve mais sorte.

A partir do momento em que nosso problema foi equacionado, ninguém pode, sem trapacear, negar o caráter científico desse estudo. Se o objeto existe, por vago que seja, se este objeto está delimitado, se existe um equacionamento do problema, uma consciência metodológica e uma estratégia para atacar o assunto, então já é ciência. Só que ela é uma ciência que não sabe nada — a inteligência do recém-nascido ainda não sabe nada, e nem por isto deixa de ser inteligência; já a inteligência da minhoca não é inteligência, por mais coisas que a minhoca "saiba". Então, um conhecimento não é científico por ser grande, por ser rico, por ser cheio; um conhecimento científico vazio pode ser científico, conquanto que ele obedeça a certos requisitos.

Bastava os astrólogos terem feito isto para que ninguém no mundo pudesse dizer que astrologia não é ciência. Quando se coloca este problema: "astrologia é ciência?", como é que os astrólogos procedem? Em vez deles quererem provar que o estudo que estão fazendo tem uma estrutura científica, ao contrário: eles

esquecem essa estrutura científica e tentam provar que todos os conhecimentos particulares, adquiridos por eles nesse estudo, são verdadeiros, um por um. Eu digo: não há nenhuma ciência que possa chegar a tanto. Por exemplo: a física é uma ciência, ninguém nega. Isto quer dizer que todas as teorias físicas lançadas desde que existe física são verdadeiras? Não, ao contrário; a maior parte é falsa. A maior parte das teorias físicas que o homem foi concebendo foi sendo jogada fora. E a física existe justamente por causa disto: não porque ela prova que tudo que diz é verdadeiro mas porque ela tem condições de rejeitar o falso. E por que ela tem condições de rejeitar o falso? Porque ela tem uma estrutura lógica e tem um método. Não é isto? Então, o que falta para a astrologia ser ciência não é ela só dizer verdades: é ela ser capaz de poder rejeitar suas próprias falsidades.

Isso se chama teoria da refutabilidade. A refutabilidade foi concebida pelo maior metodólogo do século que se chamava Karl Popper. A refutabilidade é o traço distintivo da ciência. A ciência é a atividade intelectual que formula teorias que ela mesma seria capaz de refutar. Isto quer dizer que se a astrologia não descobrir mais nada a partir deste ponto, se nós, daqui a dez anos, estivermos reunidos nesta casa e descobrirmos que nosso estudo não deu em nada, que não descobrimos nada de seguro, se este for o resultado estará provado que nosso estudo é científico. Uma verdade científica é uma teoria que não foi derrubada ainda, mas que temos que fazer de tudo para derrubar.

Entretanto, os astrólogos tem procedido de maneira contrária: eles querem afirmar que tudo é verdade; tudo que Ptolomeu, Morin de Villefranche, Guido Bonacci, Kepler e todos os astrólogos da história disseram é verdade; todas as regras da astrologia são verdadeiras. Eu digo: exigir isso da astrologia é exigir uma coisa excessiva, que ciência nenhuma no mundo pode dar. No entanto, quando o sujeito é pretensioso, é normal que os outros exijam dele. A astrologia se apresenta com uma pretensão monstro: a pretensão de, pelos eventos celestes, diagnosticar e prever qualquer evento terrestre. Então não é de se espantar que exijam que ela prove tudo. Entretanto, se colocarmos as coisas nestes termos, esse debate em si não é científico. Porque se existe de um lado, um sujeito tentando provar que a ciência sabe de tudo, tem razão em tudo; e outro tentando provar que sabe de tudo mas que não tem razão em nada — isso é debate científico? É possível equacionar cientificamente este debate? Não. Isso quer dizer que amigos e inimigos da astrologia estão completamente fora do campo da ciência. E o curioso é que este assunto é tão cercado de preconceitos, de maluquices, de temores, de superstições de parte a parte que até sujeitos sãos de cabeça, metodologistas da ciência, quando entram nisso, parece que dá um não-sei-o-quê na cabeça deles e começam a querer discutir nesses termos abrangentes. Isso aí tem feito com que quase todos os debates sobre o assunto não dêem em nada.

Quando se faz uma coisa como a feita pela revista Nature, onde do fato de que os astrólogos não conseguem discernir traços de personalidade a partir do mapa o pesquisador conclui que não existe relação entre os astros e o caráter humano; quando a gente vê que gente séria, de uma universidade, escreveu uma revista prestigiosa — como é que um erro tão primário quanto este pode ocorrer? Ou seja, o erro de tirar conclusão não fundamentada na própria pesquisa, aconteceu por quê? Porque eles ficaram obcecados com o assunto e ficaram bobos na hora em que foram tratá-lo. Sobretudo, estão com muita pressa de saber se astrologia funciona ou não — mas nós não acabamos de ver que a astrologia não existe? E que é preciso constituir esse setor de estudos? Que só poderemos saber se a astrologia funciona ou não depois que a tivermos constituído? Ora, você fazer um estudo para ver se um certo empirismo qualquer que existe na praça funciona ou não, tem sentido isto? Por exemplo, vou fazer um estudo para ver se as adivinhações por búzios, por borra de café, tarot, funcionam ou não — tem algum sentido científico esta pesquisa? Não, porque o empirismo não tem regras, ele pode ser feito de qualquer jeito e isso quer dizer que eu não posso saber se ele funciona ou não. A mesma coisa é fazer uma pesquisa para saber se a astrologia funciona ou não: não tem o menor sentido. Qualquer indivíduo no mobral da metodologia devia saber disso. Então, se o sujeito tenta fazer uma pesquisa dessa, já provou que está por fora.

O que tem sentido é fazer pesquisas para verificar se a relação entre astros e eventos terrestres existe em si e independentemente do empirismo que pretende interpretar essas relações. Foi por isto que a pesquisa de Gauquelin funcionou. Ele nada perguntou aos astrólogos; ele não investigou a astrologia tal como se pratica: ele foi direto ao fenômeno. Aí sim você encontra alguma coisa; coisa essa que se pode comprovar em certos casos e desmentir em outros. Por exemplo, o mesmíssimo Gauquelin fez a mesmíssima pesquisa (a dos grupos profissionais) com relação não a planetas mas a signos. Ele queria saber se existem grupos

profissionais estatisticamente associados a determinados signos do mesmo modo que ele tinha investigado se existiam grupos profissionais associados a determinadas posições planetárias — e o resultado foi negativo. Esse estudo todo é mais científico. Agora, um estudo para saber se a astrologia funciona ou não — vocês acham que "fulks" funciona ou não? Fulks é tão indefinido quanto a astrologia.

Qual é a astrologia que as pessoas praticam? Uns acham que é uma ciência puramente dedutiva, ou seja, partindo de leis metafísicas vai-se deduzindo até chegar ao evento particular; outros acham que é uma ciência divinatória, que você, por inspiração do "espírito", adivinha; outros já acham que é uma ciência de introdução, etc. Todos eles estão fazendo coisas diferentes: os pressupostos e as técnicas são diferentes, infinitamente variadas, e a cada momento eles inventam novas técnicas. Nos últimos anos eu mesmo pude tomar conhecimento de uma centena de técnicas astrológicas novas, improvisadas, inventadas pelo sujeito na hora: já ouviu falar de mapas harmônicos? Existe uma infinidade de técnicas que cada um inventa. Como é que eu posso saber se tudo isso funciona ou não? Ou seja: a pergunta, em si mesma, não é científica. Nós temos que sair do campo dos debates malucos. E antes de perguntar se astrologia funciona ou não, nós vamos ter que fazê-la. E o nosso objetivo não é fazer uma astrologia que funcione, mas fazer uma astrologia de modo que possamos saber se ela funciona ou não. Um saber que equacione de uma maneira cientificamente responsável o seu problema e que, depois de vários estudos, está em condição de afirmar sua própria validade ou nulidade é ciência. E é isto o que nós queremos.

No campo das ciências humanas, o sujeito começa o estudo sobre uma coisa e daqui a pouco está falando de outra. Até os maiores da sociologia e da antropologia fazem isto. Por quê? Porque são ciências que estão muito confusas. Elas estão confusas e chegam a um mal resultado, mas nós não podemos negar que sejam ciências. Por quê? Porque elas têm consciência metodológica. Elas têm uma delimitação de um campo — e uma consciência da própria confusão metodológica. Ou seja: já são científicas, ainda que seus resultados sejam nulos. Você pode procurar na sociologia se há algum resultado firme e você não encontra. Mas a mesma coisa hoje em dia se pode dizer da física: anos atrás era uma ciência em que se acreditava muito nos seus resultados mas que hoje em dia ninguém sabe do que se está falando. Se você achar um físico que consiga dar uma definição de "matéria" você ganha um doce. A sociologia está mais crível do que física; não quer dizer que ela não seja científica; quando ela entra numa confusão, sabe que está confusa; sabe que está num estado insatisfatório. Mas a astrologia não sabe, a astrologia está sempre segura de si.

O importante é justamente esta consciência do problema, consciência das dificuldades: isto é a marca do saber científico. O saber científico é crítico e autocrítico. Isso quer dizer que ele é autoconsciente. Ele não vai acreditar em si mesmo, e também não vai acreditar nos seus críticos, nos seus adversários, na primeira vez. Este foi o tema da nossa primeira rodada de aulas.

Dito isto, já temos então um campo definido, que seria o da astrologia psicológica e, dentro dele, o estudo da relação entre as figuras do céu e do caráter humano. Como o objeto geral está definido, resta definir o objeto especial, que é a relação entre astros e caráter. Mas como os astros a gente já sabe o que é, temos que entrar na definição do caráter. Uma vez encontrada a definição de caráter, nós podemos fazer dela uma dedução do mesmo tipo. Porém, como encontrar essa definição do caráter? Aí temos que entrar num movimento dialético. Este movimento dialético constituiu os meses seguintes do curso. Como se faz esta dialética? Sugerindo várias definições do caráter. Isso quer dizer que toda a seqüência seguinte do curso, que foi estudando as várias caracterologias, não foi nada mais do que um movimento dialético enormemente complicado como todo movimento dialético, para chegar a uma delimitação do que é o caráter em termos que admitam sua comparação com o horóscopo.

Começamos por exemplo, olhando uma definição e um enfoque particular do caráter, o enfoque de Szondi. Szondi descrevia o caráter como um quadro de pulsões ou de instintos. Ou seja, ele definiu ao mesmo tempo a matéria e a forma do caráter: matéria — o caráter compõe-se de instintos ou desejos primários; formas — o caráter se compõe do entrechoque e combinação; mútuo reforço ou mútua anulação desses vários instintos. Daí ele deduziu mais outra coisa: um princípio da diferenciação individual do caráter. Se o caráter se compõe de instintos, e se a forma do caráter é de um sistema de compensações, de mútuo reforço ou de mútua anulação dos instintos, então o caráter individual, de indivíduo para indivíduo, se diferencia conforme a fórmula final do equilíbrio encontrado entre esses vários instintos. Ou seja, os instintos são os mesmos em todos os seres humanos; instintos, desejos primários ou necessidades primárias. Essas

necessidades primárias, conforme seu ambiente social, o ambiente cultural, etc., e enfim a liberdade do seu ego, estes instintos acabam se combinando, se chocando, anulando, compensando e chegando enfim a uma fórmula final que tende a permanecer constante, estável. É assim que Szondi define o caráter; define e descreve.

Entretanto o que nos importa saber é se o caráter assim descrito pode ser comparado com o horóscopo ou não. Para que nós pudéssemos estabelecer uma comparação entre o quadro pulsional do indivíduo — tal como Szondi o descreve —, por um lado, e por outro lado, seu horóscopo, o que seria necessário? (Aqui nós estamos dialetizando. Dialética é exatamente isto). Seria necessário, primeiro, que nós encontrássemos para cada impulso básico o devido correspondente astrológico. O horóscopo também se compõe de fatores ou elementos, e de uma disposição desses vários elementos. Quais são os elementos? São os planetas. Qual é a disposição? É a localização dos planetas aqui ou ali. Os planetas são sempre os mesmos, mas eles se distribuem diferentemente de indivíduo para indivíduo. Então, do mesmo modo, os instintos são sempre os mesmos mas eles se distribuem e têm relações mútuas diferentes de indivíduo para indivíduo. Então, aparentemente, haveria uma analogia entre o quadro das pulsões básicas tal como descreve Szondi e o horóscopo; porém, essa comparação só existe a grosso modo.

Para que pudéssemos estabelecer uma comparação entre um horóscopo determinado de um indivíduo determinado e o seu quadro pulsional verdadeiro seria preciso que não apenas tivéssemos uma analogia mais ou menos grosseira entre essas duas estruturas teóricas, isto é, quadro pulsional e horóscopo, mas que nós soubéssemos qual elemento astrológico correspondente a qual elemento na psicologia de Szondi. Por exemplo, se existe um instinto paroxismal, que é um instinto de acumular e descarregar energia, se existe um instinto do sexo, se existe um instinto de agressão, etc., a que fator astrológico corresponderia cada um? Pode procurar quanto queira que você não vai achar. Por quê? Porque para que você pudesse fundamentar esta analogia entre instintos e astros, seria necessário que você já possuísse o sistema completo das interpretações dos astros. E isto não podemos fazer porque isto pressuporia a existência de uma astrologia pronta.

Eis aí o motivo básico pelo qual estamos realmente começando uma ciência, não podemos partir do ponto de vista de que ela está pronta. De cara já sabemos que não podemos encontrar essas correspondências porque elas teriam que se fundamentar num sistema de interpretações simbólicas que nós já tomássemos pronto, definitivo e fundamentado. Isso nós não temos. Porém, se teoricamente é impossível, na prática é muito mais. Não existe nenhuma única razão para que você associe nenhum dos instintos assinalados por Szondi com nenhum dos planetas. As analogias que você pode formar são todas fortuitas e aparentes. E a prova disso é que se você, após ter feito um quadro de correspondências, trocar todas correspondências, funciona do mesmo jeito. Dá tudo igual. Quer dizer que não temos por onde comparar o caráter tal como Szondi o descreve e o horóscopo. Por exemplo, o que você faz com m, o impulso aquisitivo? Na astrologia, o desejo sexual e o impulso aquisitivo são colocados os dois sob a regência de Vênus, não são? Mas em Szondi eles são coisas distintas. Então como é que tem duas Vênus? É só você começar a raciocinar pora ver que não vai dar certo.

Simplesmente você vê que esses quadros — o do sistema astrológico, que são planetas e casas, e o dos instintos tal como descrito por Szondi — estão falando de problemas completamente diferentes e que não têm correspondência biunívoca. Não tendo correspondência biunívoca, acaba a comparação. A comparação só poderá ser estabelecida de modo indireto, empírico. Como? Se nós diagnosticarmos 500 mil pessoas pelo teste de Szondi, catalogarmos seus tipos instintuais e depois levantarmos o seu horóscopo e encontrarmos uma recorrência entre tipos instintuais e tipos astrológicos; aí sim estabeleceremos uma correlação, ao nível puramente factual, empírico, a “posteriori”. Qual é a diferença? A diferença é que aquilo que é empírico você não conhece sua razão de ser. Se conhecêssemos a correspondência entre cada fato Szondiano e cada fator astrológico nós teríamos a regra de correspondência e poderíamos deduzir que, dado um certo horóscopo, provavelmente o tipo instintual do sujeito será tal. Porém, se, não encontrando esta correspondência interna nós, depois, por pesquisas, por acumulação de dados, chegarmos a estabelecer uma correlação empírica, ainda não teremos o fundamento dessa correlação. São dois modos de conhecer completamente diferentes. Quando você aprende aritmética, você não aprende pelo empirismo: você aprende por regras gerais pelas quais você pode deduzir os resultados em qualquer caso. Isso é dedução pura — por isso mesmo é conhecimento firme. Agora, quando você vai só pelos procedimentos contrários,

só pelo empirismo — tal ordem de eventos coincide no tempo e no espaço com esta aqui, mas eu não sei por quê — isso aí não deixa de ser algum conhecimento. Mas é um conhecimento muito deficiente. Você nunca sabe se nos casos seguintes aquela correlação vai poder se verificar e, mais ainda, porque ela existe.

O conhecimento que é puramente obtido da experiência e por indução, e cujo fundamento você não possui, é sempre deficiente. O tipo de correlação que estamos procurando entre horóscopo e caráter não é do tipo empírico. Nós queremos saber as chaves dessas correspondências, as regras dessas correspondências de modo que possamos fazer deduções — e isso mesmo é que será a teoria astrocaracterológica. A teoria astrocaracterológica terá que ser um sistema de correspondências entre o horóscopo e caráter de tal modo que, dado um horóscopo, possamos deduzir um caráter. Então o procedimento, evidentemente, não pode ser intuitivo em primeira instância; tem que ser dedutivo. Isso significa que o caráter tal como definido e descrito por Szondi está fora da possibilidade de comparação astrológica. Não só por estas razões como por uma outra: se Szondi diz que o quadro dos instintos, que é em parte hereditária e em parte determinado pela cultura e pelos hábitos etc.; chega a uma estabilização algum dia, a pergunta é: que dia? Porque o mapa astrológico tem um dia determinado, não é? E a hora em que o sujeito nasceu. E a formação do caráter de Szondi, quando acontece? Pode acontecer quando o sujeito tiver 20, 30, 40, 50, 60 anos e pode não acontecer nunca. Portanto o quadro instintivo do indivíduo é elástico. E o horóscopo; é elástico? Horóscopo você não troca, horóscopo é sempre o mesmo. A possibilidade de comparação entre um quadro que permanece inteiramente fixo e outro que é indefinido, elástico, é bastante problemática. Isto significa que se nós queremos uma comparação entre horóscopo e caráter, não pode ser o caráter no sentido que Szondi fala.

Esse é o resultado de nossa dialética. Que é que nós ganhamos? Na verdade, nós perdemos. Nós chegamos a um resultado negativo. Resultado do tipo "não é por aí". Nós estamos que nem no poema do José Régio: "Eu não sei da onde vim, não sei aonde vou, eu só sei que não vou por aí". Já é uma certeza, embora uma certeza negativa. Mas a ciência é constituída sobretudo de certezas negativas, de portas fechadas, onde o cientista é geralmente como o prisioneiro que estivesse procurando um buraquinho para escapar da prisão, e que apalpasse os muros. Se ele chegasse à conclusão de que não existe nenhum buraco, nenhuma pedrinha solta, isto quer dizer que ele não ia poder escapar de maneira alguma. Do ponto de vista prático, existencial, ele estaria ferrado mas do ponto de vista científico ele seria um sucesso. Ele estaria certo, a sua conclusão foi verdadeira.

Quem escolhe fazer ciência não está buscando a felicidade, está buscando a verdade. Como a verdade, na maior parte dos casos, é extremamente desagradável, ninguém poderá fazer ciência se não se dispuser a deixar essa questão da felicidade para um pouquinho depois. Mas como já dizia Einstein: "A felicidade é um ideal digno dos porcos"; vamos cuidar da coisa mais importante. E o que é mais importante: você ter dinheiro para pagar tudo ou você saber se dá ou não dá para pagar? Existem dois tipos de pessoas: um que preferia ter dinheiro para comprar tudo mesmo que não soubesse da onde vem o dinheiro, que preferia ser feliz, que o dinheiro caísse do céu, da mão do papai para ele ir gastando, ou seja: "quero ser uma criança feliz". E tem outro que diz: "Não, pera lá, mesmo que eu não tenha o suficiente, eu quero saber como que eu ganhei, de onde que eu ganhei, como é que se faz para eu obter mais". Ou seja: quero ter o controle da situação, quero ser um ser humano adulto. Do ponto-de-vista intelectual é a mesma coisa: você quer alguma coisa na qual você possa acreditar e se sentir feliz e reconfortado, porque acha que descobriu a verdade, sem saber da onde ela veio, se ela é verdade mesmo, por que ela é verdade e etc.; ou você quer uma coisa que você mesmo controla, sabe de onde saiu e por quê? Aí se divide a humanidade: 99,999% quer a felicidade infantil e, evidentemente, só tem desgostos; e tem 0,001% que diz: eu quero saber como é que é o negócio mesmo. Por incrível que pareça, esses 0,001% são pessoas geralmente mais felizes que o restante da humanidade.

Se você lê a história dos grandes filósofos, cientistas, vai ver que eles perdiam muito pouco tempo com dramas existenciais. Você nunca vê: "Eu estou deprimido", "Estou angustiado", "Minha namorada me largou". Nenhum deles nunca perguntou por essas bobagens. Geralmente, o procedimento do filósofo é que nem o do famoso monge budista, que disseram para ele que ele tinha transado com uma moça na cidade e que ela tinha tido um filho e que o filho era dele. Descarregaram o moleque no colo dele, e ele: "Oh!" e ficou lá, cuidando do moleque. Três anos depois falaram que o filho não era dele, era de outro cara, que descobriram o pai: "Dá aqui o moleque", e ele: "Oh!".

Se vocês querem saber realmente do que se trata, então nós todos vamos ter muito trabalho. Eu não vou ter mais certeza do que vocês podem ter, nós todos vamos ter que caminhar um pouco na insegurança, passo a passo, e a nossa colheita, no fim, pode ser somente de certezas negativas — mas já será alguma coisa, não é? A investigação científica é baseada no preceito de que, quem está sentado no chão, não cai. Só que fica no pequeno, no que dá, no seguro.

Nós já entendemos que a comparação entre o horóscopo e o caráter não pode ser feita se tomarmos como caráter o que Szondi definiu. Nesta dialética, já temos uma vantagem: a vantagem de que já existe uma caracterologia amplamente desenvolvida. Centenas de psicólogos e investigadores da maior envergadura se dedicaram a investigar e a descrever o caráter. Nós não vamos precisar inventar tudo. Nós simplesmente pegamos as definições do caráter que eles dão, o caráter tal como eles o descrevem, pegamos a coisa pronta e tentamos comparar com o horóscopo para ver se é possível. Não precisamos pegar todas as caracterologias, pegamos apenas algumas como amostras. Porque desta comparação, desde que nós não cheguemos a resultado positivo algum, talvez nos ocorra uma outra definição de caráter. Isto quer dizer que o movimento dialético não precisa abraçar todas as possibilidades porque, depois de você imaginar cinco possibilidades numa direção, você já chega a conclusão de que não é por ali, e concebe uma outra direção possível: lança uma hipótese.

Prosseguindo, nós examinamos a caracterologia de René Le Senne. Le Senne não se preocupou com a hereditariedade. Ao contrário de Szondi, ele nunca se perguntou: “Da onde provém o caráter?” De onde vem sobretudo uma teoria genética do caráter? Genética quer dizer a respeito da gênese, da origem. Szondi explicava a formação do caráter a partir da hereditariedade e através das sucessivas influências que o indivíduo vai recebendo. Por isso se preocupava também com o modo de interferir neste caráter, ou seja, de dirigir o processo genético — por isso mesmo era um terapeuta, não apenas um psicólogo teórico. Le Senne não se preocupou com absolutamente nada disso. Ele não quer saber da gênese; ele quer saber apenas uma técnica descritiva que permita diferenciar os indivíduos de maneira que você não os confunda, e que você possa agrupá-los em tipos determinados, o menor número de tipos possível. Ele forma a noção de caráter por uma dedução a partir dos seus componentes básicos. Porém, esses componentes básicos, são de natureza instintiva — pergunto eu? Da onde vem eles?

Le Senne não se pergunta isso. Ele apenas diz que no comportamento dos indivíduos tal como já estão , não importando de onde vieram, nós podemos discernir três linhas diferentes de reações: uma linha que ele chama de Emotividade, outra de Atividade e outra de Ressonância. Isso não quer dizer que exista um instinto da emotividade, que exista um instinto da atividade e que exista um instinto da ressonância; pode ser que emotividade, atividade e ressonância sejam apenas três nomes diferentes da mesma coisa. Quer dizer que, no fundo, talvez elas sejam um mesmo fator — mas Le Senne não se interessa pelo fundo, mas apenas pela diferenciação no comportamento. Ou seja, se você pegar a semente de uma árvore, na semente já está o tronco, a raiz, as folhas — não tá tudo lá? Tudo na semente, tudo embolado. O que interessa é que depois que a árvore cresce você vê distintamente as folhas, os galhos, o tronco, a raiz. Isso quer dizer que em Szondi, cada fator diferente que ele considera, são forças efetivamente diferentes que não se confundem jamais entre si, ao passo que em Le Senne as diferenças entre as várias constantes do caráter não são tão profundas assim. Pode ser, por exemplo, que a causa da emotividade seja a mesma causa do fator que ele, mais adiante, vai chamar de ternura. Interessa apenas que, ainda que seja no fundo uma causa só, ela aparece de forma diferente no comportamento. Ou seja, é uma caracterologia baseada em diferenças de comportamento, diferenças visíveis porque os indivíduos na mesma situação agirão de maneira diferente, e agirão de maneira significativamente diferente, isto é, o comportamento diferente se repetirá se a situação se repetir: a resposta dos emotivos será sempre diferente da resposta dos não-emotivos: a resposta do sentimental será sempre diferente da resposta do fleumático.

Isto quer dizer que nós percebemos no teste de Le Senne diferenças entre os indivíduos pelas constantes do seu comportamento. Ao contrário, no teste de Szondi, nós não precisamos saber do comportamento: ao conhecermos o quadro instintivo é que podemos deduzir o comportamento. Como é que nós sabemos no teste de Le Senne que o indivíduo é emotivo ou não-emotivo? Ativo ou inativo? É respondendo aquelas perguntas: “O que é que você faz em tal circunstância?” Em Szondi não perguntamos o que o sujeito faz, nós mostramos a ele uma fotografia e perguntamos: “É simpático ou antipático?” Só isto. A diferença entre os dois enfoques do caráter é grande: um é o enfoque genético; o outro é o enfoque descritivo do

comportamento.

Será que no caso de Le Senne nós obtemos mais sucesso em comparar o caráter com o horóscopo? Menos ainda do que em Szondi, porque esse caráter, expressando-se no comportamento, é mais elástico ainda do que aquele. Mais ainda: em Szondi nós podemos ter algum controle das mutações do caráter porque, se nós conhecemos as forças que produzem o caráter, conhecemos então o que se passa com essas forças, podemos mais ou menos prever mutações do caráter. Tanto que a terapia do Szondi é baseada na indução de mudanças individuais. É o que ele chama de rotações dos sintomas. Então até que o caráter tal qual como descrito por Szondi é mais previsível do que o descrito por Le Senne porque, desde que você conhece suas causas, você sabe mais ou menos e por alto como é que regula a maquininha, como é que nós fazemos para um indivíduo com um quadro instintivo mudar para um outro, se transformar para um outro quadro diferente. E a terapia Szondiana é todinha feita nesta base. Chegava a induzir modificações com uma facilidade muito grande, através de uma terapia que ele chamava de psicochoque. Psicochoque é uma notícia súbita com que o terapeuta muda todo o quadro instintual do paciente. Mas se com o Szondi já era assim e não obtivemos nada, muito menos vamos obter com Le Senne.

E assim fomos estudando várias caracterologias, e para cada caso nós afastávamos a possibilidade de comparação por uma razão determinada. Vimos também a psicologia das castas, psicologia das quatro castas hindus. E em seguida perguntamos: é possível a comparação entre o horóscopo e isso? Dito de outro modo: É possível pelo horóscopo saber a que casta pertenceria fulano? Evidentemente não; o indivíduo pertence à casta séculos antes dele nascer. O tataraneto do brâname vai ser brâname, o tataraneto do vaishva vai ser vaishva — e cadê o horóscopo dele? Ou seja, a pertinência do indivíduo a esta ou aquela casta é absolutamente independente da hora em que ele nasce, e não se pode estabelecer uma conexão lógica entre uma coisa e outra. Então, não é por aí. No entanto, a especulação em torno do simbolismo levou muitas vezes os astrólogos a tirarem do horóscopo conclusões sobre castas. Por quê? Porque existe uma analogia entre castas e os elementos, não existe? Assim como entre as castas e os planetas: todo mundo sempre disse que Saturno rege os brâmanes, Júpiter rege os kshatriyas, etc. Essas analogias que se aplicam apenas ao sistema astrológico — o conjunto de planetas, signos e casas, considerando como um sistema simbólico — nada tem a ver com os horóscopos individuais. Há analogia entre as castas, de um lado, e o sistema astrológico com um todo, do outro lado —mas não com o horóscopo deste ou daquele indivíduo em particular. E que os astrólogos se equivocaram gravemente ao olhar o horóscopo e verem que lá tem um monte de elemento terra e dizer: “Esse cara é shudra”. Porque camaradas com elemento terra no horóscopo nascem uniformemente em todas as castas; castas não determinam o horário de nascimento.

Bom, com a tipologia das castas também não dá para lidar, assim como as demais que vimos. O primeiro que forneceu alguma pista foi Jung. Quando nós descrevemos a caracterologia, a tipologia de Jung, a coisa pareceu mais promissora, por quê? Porque Jung diferenciava os indivíduos de uma maneira estática, em primeiro lugar. Um sujeito que era, por exemplo, intuitivo-introvertido ficava. O sujeito que era sensitivo-extrovertido, permanecia sensitivo-extrovertido. Aí já melhorou um pouco, não é? Melhorou em termos da comparação que desejamos fazer, na medida em que ele descrevia tipos fixos, ou seja, descrevia um tipo de caráter que permanecia por assim dizer consubstancial ao indivíduo; um tipo que nascia com ele e com ele morria, e que era indiferente a todas as mudanças de personalidade que o indivíduo pudesse sofrer ao longo da vida. Isto era bastante parecido com o horóscopo porque o horóscopo permanece o mesmo desde que o indivíduo nasce até quando ele morre. Então, a primeira caracterologia que nos deu alguma experiência de uma possibilidade de comparação foi essa do Jung, e por este motivo. (Sic !!! Os tipos em Jung não são fixos).

Daí nós pudemos deduzir já alguma coisa; neste momento, nós podemos parar um pouco o movimento dialético e colher seus primeiros frutos, suas primeiras conclusões. Qual era a conclusão? Primeiro, que só é possível comparação entre o horóscopo e o caráter se dermos ao caráter a seguinte definição: Caráter é uma estrutura de personalidade que permanece fixa por baixo de todas as mudanças que o indivíduo teve, ou seja, que para poder ser comparado com o horóscopo ele tem de ser encarado naquilo que ele tem de fixo. Isto significa que nós temos que enfocar o caráter de tal maneira que o mesmo seja compatível com várias mudanças, com várias fases, com várias expressões ou várias manifestações diferentes no mesmo indivíduo — e este requisito a tipologia de Jung atendia porque, se o indivíduo é um sensitivo-extrovertido é evidente que ele pode sofrer um monte de mudanças de personalidade durante sua vida, porém

permanecendo sensitivo-extrovertido.

Isto quer dizer que o caráter, aí, é o fundamento das mudanças. Ele mesmo não sofre mudanças. Ele é como o pé que você põe no chão para poder levantar o outro pé. É evidente que tudo aquilo que muda, muda porque alguma outra coisa permanece igual. Se tudo mudasse ao mesmo tempo, da mesma maneira, você não repararia em mudança alguma. Por exemplo: você vê que o ponteiro do relógio mexeu por quê? Porque o quadrante não mexeu; porque se ao mesmo tempo em que o ponteiro estiver indo pra frente o número estiver indo para trás, você não perceberá nada do que aconteceu. Quando você anda, você sabe que está indo para frente porque o chão ficou no lugar — em relação a você, é lógico; é claro que a terra também se moveu, mas em relação a uma outra coisa que, em relação a ela, permaneceu no mesmo lugar, e assim por diante. Ou seja, toda a transformação é vista em face de uma permanência e se nós não achamos qual é o fundo permanente não podemos saber qual é a mudança que ocorreu. Este fundo permanente era aquilo que Jung chamava de "tipo", e que nós vamos chamar de caráter. Tipo e caráter, no fundo são a mesma coisa. Então nós entendemos que uma caracterologia, para ser comparada ao horóscopo, tem que atender a este requisito: tem que ser uma caracterologia inteiramente fixa — se é que isto existe, se é que Jung não estava equivocado.

Ainda que toda a tipologia do Jung possa estar errada, para nós ela tem essa vantagem: ela é comparável, quer dizer, o nosso estudo terá que entrar por aqui, por uma direção mais ou menos desse tipo. Aí nós vamos dar um chute — e o chute é admissível conquanto que você saiba que é chute e que esteja mais tarde disposto a voltar lá e a consertar o que estiver errado. O chute nos é sugerido pela própria caracterologia de Jung, porque é uma caracterologia que distingue os indivíduos não por seus impulsos, não por seus atos, não por seus comportamentos, mas por suas diferenças cognitivas. E o chute é o seguinte: quem sabe nós temos que achar uma caracterologia cognitiva, não-comportamental e não-motivacional, que estude os motivos profundos do comportamento. Nós temos que achar uma tipologia que saia da esfera dos atos, que se esqueça dos atos e comportamentos e se volte para as diferenças de cognição; ou seja, que descreva como indivíduos diferentes recebem informações diferentes sobre o mundo que o circunda, não importando em que tipo de comportamento essas diferenças vão resultar depois. Quando Jung fala do sujeito introvertido ou extrovertido, ele não está falando de diferenças de comportamento, isto é, que o extrovertido, por ser extrovertido, gesticulasse ou falasse alto, etc., e que um introvertido, por ser introvertido, ficasse no cantinho, escondido. O extrovertido é aquele para quem os dados mais importantes provém do mundo exterior e introvertido, que provêm dos seus próprios sentidos internos. Não é diferença de hábitos. O chute que nós damos nessa altura é esse: quem sabe uma caracterologia, uma tipologia cognitiva, e que descreva os indivíduos de maneira estática permita a sua comparação com o horóscopo.

Puxa, já é uma maneira formidável, não é? Nós não tínhamos nada; agora, temos uma hipótese. Partindo daí, o que restaria fazer? Restaria ver se no desenvolvimento histórico da astrologia não existiu uma caracterologia assim, que nós já pudéssemos pegar mais ou menos pronta. É exatamente assim que procede na investigação científica: passo a passo, levantando dados, colhendo respostas, criticando, ou seja, agindo com paciência de Sherlock Holmes. Por enquanto a nossa colheita é esta. Pode ser uma caracterologia que diferencie os indivíduos segundo tipos cognitivos, estáticos, imutáveis, indiferentes às demais mudanças de personalidade possa permitir uma comparação como o horóscopo. Que faltaria para isso? Faltaria que esta caracterologia descrevesse os indivíduos segundo categorias que fossem similares às do horóscopo; não similares por uma analogia forçada, como podemos forçar a analogia entre o fator h de Szondi e Vênus, não, mas segundo uma analogia que fosse evidente por si mesma.

P. - Por que não usamos a tipologia do Jung?

Já expliquei isto durante o curso. É porque a tipologia do Jung tem um problema: ela tem um defeito estrutural interno. Primeiro porque ele comete o erro de considerar as sensações puras como fonte de conhecimento. As sensações não são fonte de conhecimento; as sensações são, como se pode dizer, ocasião do conhecimento. Ele reconhece o tipo sensitivo, e diz que o sensitivo é uma diferença de caráter. Mas isso não podemos aceitar de maneira nenhuma, isso foi uma cochilada do mestre. Ele também define cada uma das faculdades cognitivas diferenciando-as pela origem das informações recebidas. Por exemplo, o sentimento: o que é o sentimento? Diz ele que é como se fosse um julgamento de valores que você faz sobre alguma coisa. Então quando você teve um sentimento, você sabe que teve um sentimento não é?

Você sabe que não recebeu o sentimento pelos cinco sentidos; você sabe que não obteve também o sentimento pelo raciocínio. Ele distingue as funções de maneira bastante clara, mas quando chega a hora de definir a intuição ele faz uma mixórdia, e a define como função misteriosa que opera através do inconsciente — isto quando, para nós, já ficou claro que as três funções anteriores também podem operar através do inconsciente. Então, ele não define coisíssima nenhuma. Este é o principal motivo pelo qual não continuamos a investigar na linha de Jung. Ele mesmo já se confundiu aí. Nós precisamos, para utilizar a sua tipologia, reformá-la. Então já não seria precisamente a tipologia de Jung mas uma tipologia revista e ampliada. Mas existem outras vias que me parecem mais frutíferas e é o que nós vamos ver a partir de amanhã.

Isto tudo foram os meses do curso. Como pode ver, tudo é difícil, não é? Mas eu tenho a impressão que de tudo que foi visto até agora nada é seriamente contestável. Quer dizer: tem uma estrutura científica. Agora, visto tudo isto, o que é que nós já sabemos a respeito de astrologia, de qualquer posição planetária? Não sabemos nada. Nossa ciência está vazia. Ela está vazia mas está limpa. É que nem uma casa que você vai ocupar: não tem móvel ainda mas pelo menos não tem rato, barata. É assim que nós vamos fazer nossa ciência: ela pode ser vazia, o conteúdo pode ser pequenininho, mas é limpinha e organizadinha.

AULA 49

O conjunto destas aulas teve o intuito de reexpor os tópicos principais que foram tratados até agora no Curso e que constituem sua espinha dorsal, e isto por ocasião do ingresso de um novo grupo de alunos na turma.

Portanto, consideramos desnecessário a transcrição integral da aula, e em algumas delas fizemos um resumo dos tópicos, reexpostos condensadamente, e que se encontram mais plenamente explicados nas apostilas já publicadas.

O único tipo de enfoque do caráter que nos permite comparação com o horóscopo é a tipologia de Jung, porque o tipo junguiano é um tipo estático, (sic !) que permanece o mesmo independentemente das transformações que o indivíduo venha a sofrer no decorrer da vida. E o mesmo acontece com o horóscopo.

A investigação astrológica de quaisquer fatos por meio, por exemplo, de estatística, deve ser antecedida por uma teoria astrológica preliminar. Isto é assim em todas as ciências. É preciso: (1) criar um corpo de conceitos que esquematize as possibilidades de enfoque dos fatos; (2) conceber uma metodologia para investigar o objeto em questão; (3) investigar, e chegar a alguma conclusão. O erro da pesquisa da revista Nature é não ter dado nem o primeiro nem o segundo passo e ido diretamente às conclusões, que por isto mesmo ficam sem valor.

Uma teoria é um corpo de conceitos, hierarquizados. Somente em função desses conceitos que os fatos adquirirão algum perfil que permita enxergá-los. Os mesmos fatos, encarados por ciências diferentes, adquirem significados diferentes.

O comportamento de um consumidor que compra uma dúzia de bananas, por exemplo, adquirirá significado diferente conforme o ponto de vista da ciência que enfoca este fato, seja ela a botânica, a fisiologia, a economia, etc. A diferença não virá do fato, mas do quadro de conceitos de cada ciência. Do ponto de vista da economia, os conceitos serão o de mercadoria, de relação de compra, venda, consumo e produção. Do ponto de vista da psicologia os conceitos de motivação, desejo, gosto.

A diferença das ciências é sobretudo de forma, não de matéria, e essa forma é dada pelo corpo de conceitos.

Porque a abordagem da astrologia tem sido tão tosca, mesmo em se tratando de uma revista de prestígio como Nature? A resposta é complexa. Veja o seguinte: por que até o século XIX não havia uma ciência da ecologia? Porque a economia não estava mundializada; não havia nenhuma sociedade que lidasse com o planeta inteiro e, portanto, não havia porque considerá-lo como um todo sob nossa responsabilidade. Além disso, as várias ciências que dão subsídios à ecologia não estavam suficientemente desenvolvidas para poderem ser relacionadas num estudo interdisciplinar. Não havia conhecimentos botânicos, filosóficos,

geológicos, antropológicos para tanto.

Com a astrologia é a mesma coisa. Ela só se torna realmente necessária enquanto ciência a partir de um certo ponto da história, quando a sociedade humana começa a se relacionar conscientemente, voluntariamente, com o ambiente cósmico em torno. E isto começou quando o homem pisou na lua. Um objeto no qual você não tem a menor possibilidade de interferir, um objeto com o que você não se relaciona de maneira alguma, que você só contempla no espaço dificilmente seria objeto de uma ciência. Primeiro, não tinha o por quê. Segundo não tinha o como. Podemos dizer que a formação de uma ciência ecológica é uma condição preliminar para que exista uma ciência astrológica. A astrologia é uma ecologia maior.

Outro motivo que explica o atraso na pesquisa astrológica é o tamanho do problema. Realidades de tipo "total", sistêmicas muito grandes, é natural que sejam abordadas durante muito tempo somente pela imaginação (daí as mitologias, etc.). A astrologia tem sido um esforço imaginativo, com o intuito não de produzir um conhecimento efetivo, mas de obter uma dimensão do real, do possível. E sendo imaginativo, é um esforço não-crítico, não-autoconsciente, meio aleatório. Os livros de astrologia variam enormemente quanto aos conceitos, às hipóteses interpretativas dos horóscopos, e mesmo quanto às interpretações de casas, planetas e signos. Tudo isto é uma pré-astrologia.

O próprio fato de os debates terem se centrado na questão de se a astrologia funciona ou não mostra que o que preside os debates é a superstição, o desejo do maravilhoso — ou o desejo de contestá-lo, porque o maravilhoso é também sempre terrível. Por fascínio, ou por pânico, as pessoas querem uma resposta rápida: "A astrologia funciona ou não?" "Deus existe ou não?" "Qual é a finalidade da vida?" São perguntas que emanam do ser humano assustado perante uma totalidade confusa. Somente quando estiver mais sereno é que poderá abordar a questão, quando ela tiver perdido aquela urgência assustadora e deprimente.

Se os astrólogos acertam 50%, 90%, pouco importa. Suponha que os neurologistas acertem 31% ou menos, dos resultados. Isto não significa que neurologia não é ciência. A eficiência de uma técnica nada tem a ver com a cientificidade do conhecimento em que ela se baseia. Técnicas perfeitamente eficientes podem ser desenvolvidas a partir de conhecimentos científicos errôneos (por exemplo, a máquina a vapor). O sujeito não entende o encadeamento das causas, no entanto na ação, toca nos pontos necessários para desencadear o processo causal. Também podemos saber, por exemplo, que um sujeito fica bravo toda vez que você fala certas coisas. Você não sabe por que, e no entanto é capaz de agir sobre aquilo, levando em conta apenas essa relação entre um antes e um depois, sem conhecer o elo causal.

Existe uma lógica das aparências que nos faz confundir aquilo que está antes com aquilo que é causa. Isto é uma figura de sofística: post hoc, propter hoc — depois disto, logo, por causa disto.

Mesmo que este antecedente esteja sempre presente ao desencadear do efeito, isto não quer dizer que ele seja causa. Por exemplo, a luz de sua casa acende sempre depois que você toca o interruptor. Mas isto é causa para que a luz acenda? Isto produz a luz? O toque foi apenas um elo numa imensa cadeia causal, e poderia até ser dispensado.

O caminho dedutivo percorrido na definição de astrocaracterologia foi: (1) equacionar as condições gerais de uma investigação astrológica, entendida a astrologia como o estudo das relações entre os eventos celestes e eventos terrestres; (2) decidir por um campo específico ao qual aplicar a atenção primordialmente: a relação entre posições astrais e caráter definido como parte fixa e constante da personalidade.

Averiguação das condições para investigação desta investigação em particular — a astrocaracterologia:

1 - Cada caracterologia que estudamos encara o caráter como um sistema. Sistema é um certo número de elementos unidos por uma regra de combinação, que pode dar em certas resultantes conforme a aplicação desta regra.

Nessas caracterologias existem uma enumeração de elementos. Em Szondi são as pulsões; em Le Senne os fatores. Em cada uma dessas caracterologias existe uma regra de relacionamento desses elementos.

Em Szondi os elementos (pulsões) intervém uns sobre os outros. Por exemplo, uma dessas pulsões, o ego,

e ao mesmo tempo a instância que toma as decisões, e portanto pode escolher entre expressar, ou deprimir, uma outra pulsão. Existe um jogo entre elas, mas existe uma hierarquia neste jogo. O ego, sendo uma instância superior, manipula as outras. E como se distribuem aos pares, há uma polaridade dentro delas; não é qualquer pulsão que interfere na outra.

Em Le Senne os elementos (fatores) são independentes; quando um está alto o outro poderá estar tanto alto quanto baixo. A regra que coere o conjunto é bem mais frouxa que em Szondi.

Em Jung a regra é restrita, de modo que quando um dos quatro fatores de base — sensação, sentimento, pensamento, intuição — adquire o domínio do consciente ele manda sua complementar inversa para o subconsciente. Existe um jogo de compensação como dois pratos em uma balança. Esta regra de combinação é mais exigente que a de Le Senne e a de Szondi. Em Szondi admitem-se muitas combinações entre os elementos; em Le Senne qualquer uma.

2 - Além de conhecer a regra do conjunto, é preciso entender cada um dos elementos não como mera peça material num jogo de xadrez, mas como um pequeno sistema, com sua dialética interna. Por exemplo, a ressonância pode ser primária ou secundária; portanto pode ir em duas direções contrárias.

Finalizando, para conhecer um sistema (no caso, o caráter), precisamos definir: (1) quais são seus elementos; (2) qual é a dinâmica interna dos elementos considerados isoladamente; (3) qual a regra de combinação do conjunto. Tudo isto tem de fazer parte de uma teoria astrológica.

Já expusemos o trabalho de averiguação das condições para a astrocaracterologia pelo lado do caráter. Vejamos agora pelo lado do horóscopo:

Não podemos confundir o horóscopo considerado astrologicamente com o horóscopo considerado astronomicamente.

Astrologicamente o horóscopo é um sistema também, composto de elementos, cada um com sua dinâmica própria, e o horóscopo como um todo tem sua regra de combinação.

Astronomicamente, o horóscopo é o próprio sistema solar, onde também verificamos: (1) certo número de elementos; (2) uma dinâmica interna dos elementos; (3) uma regra de combinação do conjunto. Esse sistema é composto de astros; eles ocupam certas posições recíprocas e desenvolvem certos movimentos recíprocos. A enumeração dos elementos é fácil, é só contar os planetas; já a descrição da dinâmica de cada um é mais complexa: o que definirá cada elemento — planeta — isoladamente será sua posição e velocidade. Qual a regra de coesão do conjunto? É a do sistema tal como descrito por Kepler: existe um centro, o Sol, e todos se posicionam em torno deste centro.

Voltando à astrologia, cada um dos elementos astronômicos teria de designar uma forma que está relacionada de alguma maneira a determinados processos terrestres. Não podemos descrever todos esses relacionamentos, porque a atuação de um planeta no plano terrestre é tão vasta quanto tudo que acontece na Terra. Mas, tentando definir isto apenas com relação ao nosso objeto de estudo em particular, com relação ao caráter, então cada um dos planetas teria que corresponder a um componente do caráter.

Tendo de um lado, o desenho da estrutura do caráter, da sua dinâmica, e de outro, um mapa astrológico, teremos de encontrar a correspondência biunívoca, entre seus elementos, porque não pode sobrar um elemento nem para cá nem para lá. Isto é o primeiro requisito da comparação. O segundo é que, sendo os movimentos planetários independentes entre si, estando conectados apenas com relação ao seu centro, então não pode haver conexão necessária (como nas funções cognitivas de Jung) entre os elementos do caráter, esses elementos também terão de ser independentes entre si. Ao fazer a correspondência entre determinados planetas e determinados aspectos do caráter, estes aspectos terão que ser independentes entre si, tal como nas colunas do teste de Le Senne.

Tudo isto não é investigação astrológica ainda, é pura teoria; estamos fazendo o quadro de conceitos com o qual, depois, enfocaremos os fatos.

No momento em que desenvolvo o quadro dos conceitos eu ainda nada sei sobre os fatos; mas por outro lado, os fatos concretos nada significariam sem os conceitos. Com que quadro de conceitos nós vamos enfocar o fenômeno astrológico? Estas especulações sobre caráter, estrutura, sistema, etc., podem ser ainda

muito rudimentares, mas são o começo da teoria astrológica.

A finalidade da teoria é orientar e permitir a investigação dos fatos. Só há investigação policial se tivermos os conceitos de crimes, autor, cúmplice, instrumento, local, ocasião, etc. Entretanto, os conceitos não são apenas um conjunto de palavras, mas coisas que têm uma coerência intrínseca — por exemplo, a relação entre autor e cúmplice não é a mesma entre autor e vítima.

A teoria é uma estrutura de conceitos relacionados entre si e perfeitamente organizados, mas que ainda não tem conteúdo fático, ainda não se refere a nada em particular. As teorias científicas não são verdadeiras nem falsas em si mesmas, mas apenas um esquema que possibilita a averiguação da verdade. Por exemplo, o cúmplice é um sujeito que tem uma participação na autoria do crime, mas que não faz a parte principal. Mas num caso concreto pode haver crime sem cúmplice. Mas se ele existir, ele será exatamente isto, que o conceito descreveu.

Quando falamos que as posições planetárias têm de ser consideradas destacadamente, nós escandalizamos a uma mentalidade holística que diz "tudo está relacionado com tudo". A resposta é: tudo está relacionado com tudo, mas não do mesmo jeito. Existirão relações de dependência mais frouxa ou mais estrita, ou até de independência total, isto é óbvio.

Os componentes do caráter que vamos encontrar por comparação com o mapa não têm que ser destacáveis entre si. Se o mapa pode ser interpretado caracterologicamente, como condição preliminar ele deverá poder ser interpretado considerando os planetas isoladamente.

Entendemos então que a regra que coere estes vários aspectos do caráter é uma regra de simples acumulação, onde cada fator se soma com os demais fatores; portanto não é como no caso das faculdades cognitivas de Jung onde, por exemplo, dado que o sujeito é intuitivo- extrovertido na sua parte consciente, então ele será necessariamente sensitivo-introvertido no inconsciente.

Concluímos: (1) Só é possível a comparação se o caráter for considerado estaticamente, independente das mudanças, portanto não considerados como a personalidade inteira. (2) Não só o caráter terá de ser encarado independentemente do restante da personalidade, mas os componentes do caráter também terão de ser encarados separadamente uns dos outros — de um traço não se poderá deduzir outro. (3) Suspeitamos a partir da contribuição de Jung, que a parte que nos interessa na personalidade, e a que chamaremos de caráter, é de natureza fundamentalmente cognitiva, e não de natureza pulsional, motivacional, impulsiva. Ou seja, não é um aspecto voltado diretamente ao comportamento e às ações do indivíduo, mas sim ao seu modo de apreender a realidade em torno. Por exemplo, da tipologia de Jung podemos deduzir alguma coisa sobre o comportamento? Podemos, mas muito pouco, porque essa tipologia diz respeito à apreensão da realidade, o que ele enxerga e por onde enxerga. É claro que geralmente o indivíduo só age nos campos onde enxerga, mas a relação entre a cognição e o comportamento é indireta. Porque para eu saber o que o indivíduo vai fazer não basta saber o que ele está enxergando. Posso, sim, supor que onde ele não enxerga, ele não age; posso excluir uma parte das ações.

Da estrutura cognitiva não podemos deduzir o comportamento. É preciso conhecer algo mais: a motivação. O mesmo objeto pode ser conhecido por dois indivíduos, mas suas motivações com relação a ele poderão ser diferentes, e originarem um ou outro comportamento. Por exemplo, o gosto pelo fumo fará com que um pegue o cigarro e o acenda, e o que não gosta o jogue fora. O gosto foi a motivação que se interpôs entre o conhecimento e o comportamento.

Do conhecimento não se deduz a motivação, e como o horóscopo só diz respeito ao conhecimento, isto quer dizer que pelo horóscopo não se pode conhecer as motivações, no máximo excluir algumas, baseados em que, onde o sujeito não enxerga, ele não age.

Para saber o comportamento do indivíduo precisamos saber as motivações, e as motivações provêm de valores; dos valores associados aos objetos. Esses valores vêm do meio social. Podemos reagir de várias maneiras a eles, rejeitando, transformando, etc. Porém não os inventamos, eles vêm de fora, e nós os aceitamos ou não, conforme nossa disposição inata.

Para deduzir do horóscopo o comportamento precisamos de um dado extra-astrológico, que é o sistema de valores, existentes no meio. Porém, se do horóscopo é possível deduzir a estrutura cognitiva do

indivíduo — portanto os padrões de percepção do real e se, por outro lado, conhecemos o meio onde o indivíduo está, o que este meio valoriza ou não, podemos com razoável grau de probabilidade prever o comportamento do indivíduo em situações padrão.

O dado sociológico é absolutamente indispensável para podermos falar de comportamento dos indivíduos, por mais que estudemos o seu horóscopo. Na falta da informação sociológica não poderemos falar do comportamento, e deveremos nos ater ao caráter, como estrutura de cognição. Tudo isto aqui é a teoria astrocaracterológica; ainda não estudamos nenhum mapa concreto, nenhum fato, estamos só no domínio das possibilidades lógicas.

Resumindo:

1 - A astrologia é uma ciência que estuda relações. Relação é um ente lógico, que primeiro precisa ser concebido antes de ser encontrado.

2 - Essas relações são entre um dado astronômico e uma profusão ilimitada de conhecimentos humanos. Ou seja, astrologia é astronomia comparada.

3 - A coleção de objetos possíveis da astrologia coincide com o sistema das ciências numa dada sociedade. Para cada um desses tipos de objetos é necessário um método em particular. Existem muitas astrologias possíveis, e cada uma tem de ter a sua teoria.

Se nós optamos por este tipo de objeto de estudo em particular que é a astrologia psicológica, então temos de prestar contas aos métodos da psicologia. Dentro do mundo da psicologia, escolhemos um fenômeno em particular que é o caráter. Por quê? Porque nos pareceu que o estudo do caráter precede o estudo do comportamento, baseado no preceito escolástico “para agir é preciso ser”. Mais ainda, estudaremos apenas o caráter enquanto estrutura cognitiva, deixando de lado todas as outras concepções de caráter criadas pelos caracterólogos.

Por esse sistema de distinções sucessivas fomos enfocando o objeto, que foi ficando cada vez mais preciso — e note que até o momento nós não sabemos sequer se este objeto existe. Nós apenas estamos dizendo que, se existir, terá de ser assim.

Precisando mais a definição de caráter, vimos que: 1 - Tínhamos de entender o caráter no sentido de uma estrutura cognitiva que não muda ao longo da vida do indivíduo. 2 - Entendemos que ele tinha que ser composto de partes destacáveis que simplesmente se somam.

Neste ponto, podemos nos perguntar: Ao longo da história da astrologia já não houve algum sistema astrológico adequado ao nosso estudo? (porque sempre que pudermos raciocinar com dados já existentes melhor). A resposta é sim. Nós encontamos na astrologia medieval islâmica e ocidental, insistentemenet, a associação de determinados planetas com determinadas faculdades. Faculdades se definem como operações possíveis da psique. Faculdade quer dizer facilidade. São propriedades que a psique exercita facilmente, com maturidade.

Pegamos a lista dessas faculdades e os respectivos planetas e vamos tentar encontrar a definição subjacente, porque os autores nem sempre definiam essas faculdades claramente. Não poderemos usá-las tal e qual, precisaremos fazer uma adaptação, dar em primeiro lugar, um conceito fixo a cada uma dessas faculdades.

Então, pegando o que os vários astrólogos antigos e medievais dizem a este respeito e procuramos tirar deles a sua quintessência, chegamos a estabelecer um certo quadro de correspondências. Este quadro de correspondências seria o princípio com base no qual eles faziam a interpretação de mapas. Para nós não serão isso. Serão apenas hipóteses com que cremos trabalhar. Ou seja, nós estamos fazendo uma descrição teórica do que seria a correspondência entre horóscopos e caráter, para depois verificarmos se isto existe no plano dos fatos.

O quadro é o seguinte:

O Sol corresponde à inteligência intuitiva.

A Lua ao sentimento.

Mercúrio à linguagem e pensamento.

Vênus à memória e imaginação.

Marte à faculdade estimativa ou conjectural (ou ainda vontade reativa).

Júpiter corresponde à vontade.

Saturno corresponde à razão.

Estas faculdades nunca tiveram um conceito claro e fixo, e ficará por nossa conta o trabalho de defini-las.

A partir deste momento, os nossos estudos têm que se desdobrar em duas direções. Ou seja, dada esta lista de elementos possíveis de caráter no sentido astrocaracterológico, podemos investigar isto em duas direções: A primeira é perguntar: Por quê? Por que esses planetas representam exatamente isto? Aí nós entramos no estudo da astrologia geral, puramente teórica. Mas nós não estamos interessados na astrologia geral, mas apenas na teoria astrológica do caráter, não é isto? Portanto esta pergunta nós vamos abandonar. Nós não sabemos por que nem nos interessa por enquanto saber por que. Interessa por enquanto apenas saber se é assim mesmo. Antes de saber o por quê nós temos de saber o quê. É claro que deve existir algum motivo para os astrólogos antigos terem associado esses planetas com essas faculdades, mesmo que tenha sido um motivo entrevisto obscuramente. Cabe a nós explicitar essa alguma coisa e ver se ela tem fundamento. No esforço para ver isso — que é um esforço paralelo e que nada tem a ver com astrocaracterologia em particular, mas que é um estudo da astrologia geral —, nós explicamos aqui a teoria da tripla intuição. Nos pareceu que a associação que os antigos fizeram entre o Sol e a faculdade intuitiva não é gratuita, não é somente analógica (como a da Lua com o sentimento, por exemplo, onde a Lua cresce e diminui, e portanto se associa com o sentimento, que também cresce e diminui).

Intuição significa o conhecimento imediato e evidente; conhecimento que não requer e nem admite prova. Por exemplo, eu sei que vocês estão na minha frente agora. Isto é intuitivo. Se eu pedir para vocês provarem que estão aqui, não há meio, porque esta evidência imediata é em si mesma a prova. Por exemplo, não preciso provar que A=A, porque isso é evidente, intuitivo. A maior parte das intuições que temos são intuições sensíveis, captadas pelos cinco sentidos.

As sensações em si mesmas não produzem conhecimento. Nós temos sensações o tempo todo, só que não reparamos na maior parte delas. Quando você repara, você destaca um grupo de sensações das outras, e esse conjunto de sensações que você isolou forma um objeto. Por exemplo, quando você olha para mim agora, você está tendo um monte de sensações visuais, mas você não está prestando atenção em todas elas, você destaca um grupo, e este grupo é o Olavo. Isto chama-se intuição. A intuição é um ato de espírito que requer atenção, e quando você presta atenção num grupo de sensações e destaca um ente, e você teve um conhecimento intuitivo desse ente. A maior parte das nossas intuições são intuições sensíveis, ou seja, que captam seres ou fatos que chegam ao nosso conhecimento pelos cinco sentidos. Entendemos perfeitamente que, dos órgãos dos sentidos, aquele do qual nós mais dependemos para o conhecimento é o sentido da visão. Também entendemos que, de todos os sentidos, a visão é aquele que nos traz a informação mais tênue sobre os seres, e por ser a mais tênue é também a mais rica. Você é capaz de ter ao mesmo tempo, e de maneira clara, uma multidão de sensações visuais. Por exemplo, se a cada sensação visual que tenho ao olhar esta classe correspondesse uma sensação auditiva, eu me desorientaria completamente, mas a visão simultânea de todas essas coisas é bastante clara.

Isto quer dizer que a visão tem um lugar privilegiado no mundo das intuições sensíveis. A maior parte das intuições são não só intuições sensíveis, mas também visíveis, e é sobretudo a visão que orientará a faculdade intuitiva. Nós entendemos perfeitamente que as intuições sensitivas-visíveis seriam impossíveis sem a presença da luz. Ao mesmo tempo entendemos que a luz não vem do nada, ela vem de uma fonte luminosa. Mas ao mesmo tempo que esta fonte luminosa possibilita a intuição visiva, é ao mesmo tempo um objeto que também é visto. Então, existe o Sol, que ilumina a terra. Ao iluminar, ele permite a visão dos seres e coisas. Mas ele também é visto. Ele é ao mesmo tempo objeto de intuição e condição de possibilidade de intuição. A única, absolutamente única fonte de luz natural que os seres deste planeta têm é o Sol. Isto quer dizer que este objeto é, ao mesmo tempo, um objeto visto entre outros objetos, e ele mesmo é a condição da possibilidade da intuição visiva. Por isto é que nos pareceu que a ligação entre o Sol e a intuição feita pelos antigos não é meramente simbólica, mas é uma relação mais estreita, porque o

Sol é causa fundamental da intuição visiva. Não é ele que provoca a intuição visiva (mas a visão mesma), mas ele é o instrumento sem o qual a visão não poderia ocorrer. Portanto, se entre a intuição visível e o Sol existe a relação que há entre um evento e a sua causa instrumental, essa relação é muito mais estreita e necessária do que uma mera analogia. Pode ser que a relação que nós fazemos entre a Lua e o sentimento seja realmente uma analogia. Isto é, só uma semelhança, ou seja, não precisamos absolutamente da Lua para termos sentimentos, mas certamente a humanidade necessita do Sol para ter intuição visiva.

Toda esta investigação é paralela à investigação astrocaracterológica, ou seja, não estamos interessados nos fundamentos últimos do conhecimento astrológico, mas apenas na investigação do caráter em particular. E estamos fazendo o mínimo de teoria geral para permitir isso.

Tão logo fizemos esta lista dos elementos astrológicos, temos que o problema da comparação entre horóscopo e caráter não é apenas questão de uma lista de elementos correspondentes, mas de uma regra para sua combinação. Esta regra para o horóscopo é dada pela diferenciação das posições, ou seja, cada uma das funções deveria operar diferentemente conforme seu planeta correspondente estivesse colocado aqui ou ali, de modo que, às diferenças de posições planetárias, deveriam corresponder diferenças caracterológicas. Para que existisse uma caracterologia seria necessário que nós tivéssemos não apenas a definição de cada uma dessas faculdades, mas tivéssemos também o princípio de sua diferenciação, em doze tipos de atuação diferentes. A pergunta é a seguinte: Se a faculdade intuitiva é aquilo que é, como que poderia haver tipos de intuições diferentes? Por exemplo, o que difere uma intuição sensível de uma intuição intelectual? O que mudou, a intuição ou apenas o objeto da intuição? Quando intuo que o sujeito está na minha frente, e quando intuo que A=A (protótipo da intuição intelectual), a intuição é exatamente a mesma, apenas num caso o objeto é intelectual. A intuição é a mesma, um conhecimento direto e evidente, um conhecimento sem intermediário, e que nem requer nem admite prova. A prova é o que? Ela se destina a criar indiretamente uma evidência onde esta não aparece por si. Então, mudam os objetos, não muda a intuição. Entendemos que, se for possível esta diferenciação entre tipos de intuição, tipos de sentimento, etc., esta diferenciação só pode ser em função dos objetos, e não de um diferente modo de operação das faculdades. Entretanto, para a astrocaracterologia, o horóscopo não fala dos objetos que o indivíduo conhece, mas fala do sujeito cognoscente. Isto quer dizer que uma comparação entre horóscopo e caráter seria absolutamente impossível se já não existisse no próprio sujeito uma diferenciação de objetos possíveis, e é justamente isto que a gente provê com a teoria das direções da atenção; ou seja, temos de catalogar todos os tipos de objetos possíveis, tomando como ponto de partida o sujeito, uma catalogação subjetiva dos objetos, não dos objetos em si mesmos.

Entre o indivíduo e o objeto existe uma relação de atenção: presta atenção em umas partes de real em outras não. Essas direções da atenção nos permitem catalogar todo o mundo em torno não como ele é em si mesmo, mas conforme ele apareça para um determinado indivíduo.

As direções da atenção não são catalogações de objetos considerados em si mesmos; não estão catalogando todas as coisas, mas apenas catalogando as diferentes posições que os objetos podem ter em relação ao sujeito. Por exemplo, uma coisa que existe posso considerá-la minha ou alheia; posso colocá-la como conhecida ou desconhecida; como próxima ou estranha. Elas só podem sê-lo em relação a mim, não em si mesmas.

Isto significa que para eu fazer uma astrocaracterologia, é preciso que, além de ter os elementos cognitivos, eu tenha um princípio de catalogação dos objetos conhecidos em relação a indivíduos, segundo as posições que esses objetos ocupem funcionalmente em relação a ele. Isto é a teoria das casas.

Uma vez que isto estiver montado, aí sim seria possível completar esta teoria fazendo a teoria das diferenciações caracterológicas conforme as posições planetárias. Isto é, se eu tenho os elementos, se eu sei como cada um funciona em si, como cada um deveria se diversificar conforme os objetos a que se aplica, então eu teria um princípio das diferenciações individuais.

Somente a partir daí posso começar a pensar na investigação empírica, ou seja, estudar horóscopos reais, para saber se a diferenciação teórica que eu vi no horóscopo existe mesmo de fato. Aí aparece outro problema da teoria: o problema do método de verificação.

A relação entre horóscopo e caráter não pode ser averiguada diretamente porque a conexão do caráter com

o comportamente — (e tudo o que nós conhecemos do indivíduo diretamente é seu comportamento, seus hábitos) — é uma conexão muito indireta, porque é mediada pelos valores. Caráter + valores = motivações (ações).

Para verificar se o indivíduo tem de fato este ou aquele caráter precisamos ver, de um lado, quais são as suas ações, e de outro lado, quais são os seus valores e motivações, porque, então, descontando os valores e motivações, teremos o caráter como restante.

Esta é a cadeira de relações que nós temos de estabelecer. Com este fim é que nós introduzimos desde o início o estudo da biografia. A biografia é constituída de atos dentro de um contexto social marcado por valores. São esses valores que deverão ser discernidos e descontados, para então sobrar o caráter. Esta parte metodológica é muito delicada e sutil, e precisa ser feita com muito cuidado, porque a tentação de generalizar sobre os detalhes da vida do indivíduo e reduzi-lo a conceitos genéricos, e achar que está vendo o que na realidade você está imaginando, é muito grande. Em psicologia o que há de mais difícil é observar o detalhe das ações. Assim como não posso comer uma banana em geral, não posso ter complexo de Édipo em geral, porque minha mãe é a minha e não uma outra, nem ser covarde em geral. Aí que vamos ver quem é psicólogo e quem não é, na hora em que capta o conceito geral acha que compreendeu o indivíduo. Mas não se trata de compreender generalidades, trata-se de compreender indivíduos. E a maneira de compreender o indivíduo é contar sua história com todos os detalhes. Compreender o esquema é fácil, basta ter um pouco de lógica e paciência, mas o caso particular sempre tem algo a mais do que está no esquema geral. Normalmente o ser humano é assim: quando se analisa a si mesmo ele enfoca o caso particular com todos os seus detalhes, e quando analisa o outro ele encara só o esquema geral. Para eu explicar as minhas motivações eu preciso contar com uma longa história com todas suas nuances, mas as suas motivações eu explico com a maior facilidade colocando logo um carimbo: você é hipócrita, etc., e esses conceitos gerais exercem sobre minha alma um efeito calmante, na medida onde eu tenho a impressão que te compreendi direitinho. Mas eu só terei te compreendido quando eu for capaz de contar a sua história com a mesma precisão com que conto a minha. Por isto mesmo que o estudo da psicologia é extremamente deprimente para o nosso orgulho, porque nós gostamos de achar que somos muito diferentes das pessoas. Por exemplo, “aqueles lá são uns sem-vergonha, só vivem na gandaia, não prestam...” Eu não sou honesto, sou correto. Então essas diferenças que a gente estabelece entre nós e os outros vão ficando cada vez mais problemáticas na medida em que você começa contar a história com seus detalhes, sempre partindo da pergunta: “Que é que eu faria se estivesse lá?” Porque evidentemente suas motivações e seus atos só podem adquirir credibilidade para mim na medida em que eu me imagine capaz de tê-los. Se eu não me imagino, se eu acho que estou excluído das suas motivações, principalmente as vis, eu já não te entendo mais. Aqui nós entramos na essência das ciências humanas. Elas estudam o comportamento humano nas suas formas, nas suas categorias e nos seus valores. O grande metodologista das ciências humanas, particularmente da história, Benedetto Croce, dizia o seguinte: “O homem é um microsmo, não no sentido cosmológico, mas no sentido histórico.” Isto, é, ele tem dentro de si cada um dos valores que presidiram o comportamento de todos os seres humanos que já existiram. Diz ele, “se eu não tenho em mim nada do espírito do cavaleiro medieval, como é que posso entender as gestas de cavaleiros? Não farão o menor sentido para mim. Se não sou isso em potência, não poderei entender. Se não tenho as motivações dele, nem mesmo em potência, dentro de mim, eu não posso compreender. Isso quer dizer que todo homem é cavaleiro medieval, é profeta, é assassino, é ladrão, é rei, é papa, é pai, é mãe, é filho, é rico, é pobre, todo ser humano, no seu ser psicológico. Um estudo psicológico deverá ir atualizando intelectualmente a compreensão das motivações dos indivíduos nas várias situações humanas.

Ao compreender o outro, você precisa estar consciente de seus próprios julgamentos morais. A compreensão psicológica e o julgamento moral são processos psicológicos intelectuais radicalmente diferentes. O sinal de pouca inteligência psicológica consiste na mistura indevida desses dois processos. Se um determinado comportamento de uma pessoa já me parece, de cara, totalmente absurdo, então não posso chegar a uma compreensão psicológica. O comportamente do doente mental, psicopatológico, não pode ser compreendido psicologicamente. A diferença entre o comportamento do louco e do indivíduo são tem um limite perfeitamente definido. É o extremo limite da compreensão psicológica. O indivíduo que está louco, as suas motivações são incríveis para qualquer outro ser humano, só existem para ele, e não poderiam ser atribuídas a outros seres humanos colocados na mesma situação. As motivações psicológicas do homem têm de ser sempre compreensíveis para outros seres humanos; o do louco não, ele esbarra no

incompreensível.

Se você não alargar sua compreensão psicológica até o extremo limite e compreender como humanos, como possíveis para você todos os comportamentos, por mais aberrantes que pareçam, você jamais chegará a saber o que é loucura e o que é doença mental. Muito mais coisa do que é efetivamente doença mental lhe parecerá doença mental. Somente o indivíduo que tem uma espécie de imaginação de alma plástica, capaz de se colocar imaginativamente na posição de quase todos os seres humanos e de levar isso ao limite extremo possível, é capaz de compreender que existe um limite, além do qual não é possível compreender, e se requer a explicação psicopatológica, que é completamente diferente.

Houve uma corrente no século XX que negou a existência de doença mental. Por que negaram? Porque acharam que é possível o psicológico se colocar exatamente na posição do doente. Não é possível, existe um limite. Prova disso é que alguns antipsiquiatras ficaram loucos. A compreensão psicológica não implica uma identificação na prática. Eu posso entender as ações de pessoas completamente diferentes de mim e hostis a mim sem precisar eu mesmo tornar-me adversário e hostil a mim. Mas além de um certo limite isso acabará acontecendo, e esse é o limite da psicopatologia.

O mundo psicológico é acessível à compreensão imaginativa teórica, e o mundo da psicopatologia não. Por exemplo, não posso compreender psicologicamente o indivíduo que estupra uma criança de três anos e a mata. Ou seja, não posso me colocar na posição dele, em hipótese alguma. Sempre haverá entre eu e ele um hiato de rejeição: eu não quero fazer o que ele fez em hipótese alguma. Dizem que não podemos dizer "desta água não bebo". Mas que água?

É preciso ir alargando a compreensão psicológica, até onde for possível. Por exemplo, eu rejeito moralmente o roubo. Mas compreendo que eu roubaria em certas circunstâncias. Há quem diga que não roubaria jamais, tem medo de pensar nisso. Esta não terá compreensão psicológica. Roubar não é comportamento psicopatológico. Existem comportamentos extremamente imorais, horríveis, mas não são psicopatológicos. O comportamento de um Stálin, que para governar um país de 400 milhões de habitantes mata 20 milhões, não é psicopatológico. É psicopatologicamente compreensível. Isto quer dizer que o psicólogo de verdade não pode recuar de horror ante comportamentos aberrantes. Ele recua de horror apenas onde o comportamento é impossível. Por exemplo, nós podemos compreender psicologicamente Hitler? Claro. Ele era excepcionalmente ruim, mas não era louco. Se fosse louco não teria conseguido governar um país. É até neste nível que podemos alargar a nossa compreensão psicológica, por confusa que seja. Porém as motivações do louco contêm uma contradição intrínseca que as torna impossíveis. No momento onde a motivação contradiz o próprio ato, aí entramos na loucura. A patologia mental é a motivação impossível, que se autocontradiz, que elimina o seu objeto no instante mesmo onde o deseja, a motivação que não pode se confirmar em hipótese alguma.

Existem pessoas liberais e conservadoras. As pessoas conservadoras são as que circunscrevem o campo das suas motivações possíveis e consideram aberrante tudo o mais. O liberal acha que o contrário, que tudo é possível, considera crível, adequado, toda motivação, possível. É quase necessário que o primeiro acabe considerando patológica quase toda a humanidade, e que o segundo acabe achando tudo cabível, compreensível, até as motivações de loucos. Se vocês são conservadores, tratem de atenuar muito as diferenças que vêem entre vocês e os outros. As pessoas que têm uma tábua de valores muito definida e rígida, certamente terão de estourar essa tábua de valores se quiserem ser bons psicólogos. Os que não têm tábua de valores alguma vão ter que fixar alguns, senão daqui a pouco vão achar legítimo estuprar e matar criancinhas.

Todo esse parênteses sobre motivações e valores é só para poder mostrar que, no seu estudo das biografias, vocês certamente não estarão compreendendo o indivíduo durante muito tempo. Principalmente aqueles que estudaram astrologia e que acreditam ter compreendido este ou aquele traço a partir de posições planetárias, certamente estarão inventando o sujeito estarão compreendendo-o desde fora, desde esquemas muito gerais, e não desde o caso particular. Estará fazendo teoria psicológica, e não um diagnóstico. O diagnóstico só é diagnóstico de um caso particular, e a única maneira de fazer um diagnóstico é contar a história e perceber o encadeamento real dos seus motivos e dos seus atos na seqüência em que apareceram, dentro de um mínimo de credibilidade.

Compreender um caso geral, compreender genericamente um caso é apenas catalogá-lo. Daquele caso

compreendi apenas que ele tem em comum com os outros casos da mesma espécie. Por exemplo, fulano é homossexual. Isto é apenas o que ele tem em comum com outros indivíduos da mesma espécie. Isto não é diagnóstico.

O estudo da psicologia é o mata-burros para o sujeito abstratista, que nunca compreende nada de psicologia, só a teoria. O conhecimento do caso concreto, particular, requer uma superação dessa mentalidade. Alguns são levados a essa mentalidade por serem tipos lógicos, ou então por causa do tipo ético-jurídico, que acha que, julgou, então compreendeu: a hora em que aprovou ou condenou, então compreendeu. Não se avança no estudo da psicologia sem passar por uma grande perplexidade moral durante muito tempo. Quem acha que está seguro do que é certo e do que é errado, e que julga com facilidade, jamais progredirá em psicologia. Para poder ir longe terá de agüentar a perplexidade moral durante muito tempo. Em certas circunstâncias, comportamentos que você mesmo considera aberrantes, baixos, eram no entanto a única saída possível.

Neste sentido, vocês poderiam estudar a vida do Dr. Freud. A vida de Freud é o protótipo do engolidor de sapos. (Engolir sapos é a psicologia propriamente dita; você vê o que não quer ver, vê o que contraria o seu juízo moral, o que te escandaliza, o que te repugna, e no entanto você tem que entender que é assim, goste ou não goste). Se você conhece a biografia de Freud, vê que ele pessoalmente era um sujeito extremamente moralista, conservador, pater-familias, e que, no entanto, sonseguiu mexer com tudo isso.. Tinha muita coragem nesse campo, talvez até demais.

Tudo isto aqui é só para obter a visão dos valores e motivações e poder descontá-los, e restar o caráter. O melhor a fazer por enquanto com as biografias e decorar a vida do sujeito, mas não tirem conclusão nenhuma. Guardem-nas como hipóteses. Como as pessoas que vocês estão estudando já são falecidas, as injustiças que vocês por acaso cometam não vão afetá-los no mais mínimo, será uma injustiça meramente teórica, potencial. Porém quando vocês forem ler os mapas de indivíduos vivos, e que pior, forem confiar no seu julgamento, daí a coisa complica. Aí que você verá mais do que nunca a necessidade de não opinar antes de conhecer toda a história, o detalhe da história, não a generalidade. Corretamente os astrólogos, bastando ver que Saturno está em tal lugar, Júpiter em tal outro, eles sentenciam. Ele estará catalogando o sujeito no seu tipo, mas o tipo é uma coisa e a personalidade real outra.

O diagnóstico astrológico é sempre tipológico, que não é a mesma coisa que uma descrição de personalidade. Se lhe aplico o teste de Szondi ou de Le Senne, por exemplo, este resultado é seu tipo, mas ainda não é sua personalidade, falta alguma coisa. O hiato entre o tipo e personalidade é preenchido pela narrativa. O indivíduo só pode ser conhecido narrativamente.

AULA 50

Em toda e qualquer ciência, temos primeiro a teoria, depois a metodologia, e depois a investigação propriamente dita. Isso é o "arroz com feijão" das ciências, é universalmente sabido. E é tão universalmente sabido, que é espantoso que tenha passado desapercebido aos indivíduos que debateram a astrologia. É tão espantoso, que a única explicação que eu encontro para isso é que a questão astrológica está tão carregada de emocionalismos, de superstição, que até os camaradas sensatos, quando vão discutir isso aí, parece que ficam um pouco "bêbados". É a única explicação que me ocorre.

Ontem, nós terminamos a parte da teoria e estávamos vendo o método; vimos, na parte da teoria, primeiro uma teoria geral, e depois uma teoria em particular, da astrocaracterologia. Vimos, então, as condições que seriam necessárias para que fosse possível uma astrocaracterologia. Uma vez delineado isso, vimos que o método teria de ser comparativo e biográfico.

Ou seja, para saber se o caráter de um indivíduo é tal ou qual, nós não recorreremos a testes de personalidade (isso eu não mencionei ontem); nós recorreremos ao método biográfico, partindo do princípio de que o caráter do indivíduo, somado aos seus valores e motivações, se expressará nos atos. E simplesmente não existe teste que possa ter mais clareza do que o comportamento real dos indivíduos. Só que, para aplicarmos isso, nós precisaremos levar em conta que o caráter, por si, não produz comportamento, mas sim o caráter somado às motivações. As motivações, por sua vez, vêm dos valores vigentes no meio imediato e mediato, ou seja, no meio onde o sujeito é criado — a família, o bairro,

etc. —, e no meio mais remoto — a sociedade como um todo, a época, o tempo, etc. Esses valores chegam ao indivíduo, e interferirão na sua conduta, não mediante uma cópia passiva, de maneira que o indivíduo receberá os valores, mas reagirá (ou retroagirá) sobre eles, aceitando-os, dosando-os, transformando-os, rejeitando-os, etc.. De qualquer maneira, o indivíduo nunca é fonte criadora dos próprios valores.

Vamos supor um indivíduo que seja um grande gênio, um homem extraordinariamente criativo, que chegue a conceber ou a implantar um valor novo na sociedade, já é um prodígio; mas nunca o corpo todo de valores vigentes num tempo pode ser inventado por um indivíduo. Então, ele rege e modula esses valores segundo a sua fórmula pessoal, mas esses valores são recebidos do meio.

Precisaríamos, então, conhecer essas pautas de valores vigentes; em seguida, verificar as alterações e modulações que o indivíduo introduziu e, finalmente, isolar esse corpo de valores e as motivações dele decorrentes, para que nos sobrasse, - dos fatores explicativos da conduta, - o caráter em estado puro, ou maximamente puro (o mais possível).

Se o horóscopo reflete efetivamente o caráter do indivíduo, então, nesse caso, descontado o sistema de valores e motivações, esse caráter deverá ter uma força explicativa suficiente com relação aos atos. Ou seja, se o que determina os atos é a mistura de caráter mais motivações, então, descontando as motivações, o caráter deverá ser causa suficiente dos comportamentos. Não uma causa necessária, mas uma causa suficiente.

Porém, surge o seguinte problema: nós só temos, até o momento, o horóscopo, e do outro lado conhecemos a biografia do sujeito, o comportamento. Nós não dissemos ainda como é que faríamos para descrever o caráter, independentemente do horóscopo. Se tiramos o horóscopo, vemos que o caráter será conhecido por exclusão das motivações. Mas como é que nós vamos descrever positivamente esse caráter? Eu só disse que é para tirar as motivações. Mas de acordo com que conceitos, com que critérios, que teorias, nós descreveremos o caráter? Isso não foi ainda abordado.

A resposta é a seguinte: nós descreveremos com a mesmíssima teoria astrológica, só que descontando o fator astrológico; ou seja, sem comparação com o horóscopo. Isso aqui é muito importante. Ou seja, se a astrocaracterologia descreverá o indivíduo em termos das suas faculdades cognitivas, distribuídas segundo doze direções da atenção, nós podemos fazer isso com o horóscopo, ou sem o horóscopo.

Então, nós experimentaremos fazer, por um lado, sem o horóscopo, por outro, com o horóscopo, e compararemos. Se eu conheço a tipologia astrológica em toda a sua extensão, sou capaz de aplicá-la ao conjunto dos fatos de uma vida, sem conhecer-lhe o horóscopo.

A astrocaracterologia, então, discernirá doze tipos de inteligência intuitiva, doze tipos de inteligência racional, doze tipos de vontade, etc., conforme a distribuição dos planetas no horóscopo. Como farei para discernir qual é o tipo a que pertence fulano ou sicrano? Tenho duas maneiras: ou leio o horóscopo dele, ou estudo a vida dele. Esta é a única maneira que me parece legítima de tirar esta questão a limpo, e por isso mesmo é que eu pedi que, ao estudar essas biografias, vocês não investigassem o horóscopo do indivíduo. Porque tem que ser possível chegar a uma descrição suficiente sem o seu horóscopo. Para isso é necessário que você conheça o sistema de valores e conheça as motivações expressas na conduta, e em seguida isole essas motivações e veja o que sobra do caráter. Por exemplo, isto aqui está vago demais. Como se faz isso? Isso aí eu vou explicar, quando nós passarmos caso por caso. Não tem jeito de explicar genericamente.

Em princípio, e como regra geral, nós podemos fazer a seguinte pergunta: Como saber se uma determinada conduta do indivíduo provem diretamente dos valores que constituem as suas motivações, ou, ao contrário, refletem o seu caráter? Para isso, você vai ter que distinguir a forma e a matéria da conduta. A matéria será sempre dada pelos valores, e a forma pelo próprio caráter.

Nós vimos, por exemplo, uma certa descrição das pessoas que têm Saturno na Casa I (o que é bem fácil de você reconhecer); vimos que, nesses indivíduos, o foco gerador de dúvidas, o enigma principal com o qual começa a estruturar a sua interpretação racional do mundo, é a questão da sua própria auto-imagem. Isto é um traço caracterológico que estará presente em todos os indivíduos que têm Saturno na Casa I. Porém, isto é apenas a forma da questão. Materialmente, ela deverá assumir um aspecto diferente em cada

indivíduo.

Por exemplo, num meio onde seja extremamente importante o indivíduo ter uma flexibilidade social, para que ele pareça estar bem em todos os meios, isto é um valor social. Esse valor representará para ele uma motivação, isto é, o desejo de parecer que está bem em todas as circunstâncias. Porém, esse valor não faz parte do caráter dele; esse valor é acrescentado ao traço de caráter desde fora, produz uma conduta centrada no desejo de melhorar a auto-imagem para parecer mais flexível e mais desenvolto em todos os meios sociais. Porém, entendemos que, se o indivíduo for, por exemplo, um monge num mosteiro da Idade Média, ele não vai ter essa motivação. Porque a flexibilidade da conduta, a desenvoltura, não é aí considerada um valor, um bem. Então, o mesmo traço de caráter, acoplando-se ou misturando-se com valores diferentes, resultará em condutas diferentes. Isto quer dizer que a única maneira de tirar mesmo isto a limpo seria conhecer inteiramente os valores do meio — onde o sujeito foi criado, onde ele vive —, para poder descontá-los, o que complica formidavelmente a investigação.

Por isso mesmo é que a investigação a ser feita aqui não pode ser do tipo estatístico, mas tem que ser do tipo "Estudo de Caso". Cada caso será tão formidavelmente complicado em si mesmo, que ele em si requer uma atenção prolongada. Para formar uma amostragem significativa nós levaremos alguns anos. Mas o que interessa não é a comprovação; se você provar que isto aconteceu num único caso, já é mais do que suficiente, porque aí seria preciso objetar que um outro caso poderia se dar de maneira diferente, e isso seria extremamente problemático.

Então, o que interessa não é o número de casos, ou o número de mapas, mas é você chegar ao ponto de ter a certeza suficiente de que você, naquele caso em particular, isolou a forma da conduta da matéria da conduta, e que, portanto, você sabe distinguir, no indivíduo, o que é caracterológico e o que é motivacional.

O pessoal tem me perguntado muito da caracterologia de Klages. Nós não estudamos a caracterologia de Klages individualizadamente, como fizemos com Szondi, Le Senne, etc. (Klages é o fundador da Ciência da caracterologia no século XX). No entanto, nós estamos o tempo todo usando conceitos de Klages. Por exemplo, a distinção entre uma forma e uma matéria do caráter é Klagesiana. Por outro lado, nós não seguimos Klages no sentido onde ele diz que o sistema das motivações é o caráter.

O caráter, tal como nós o entendemos aqui, não é um sistema de forças: ele é como uma grade estática por onde qualquer força que passe terá que assumir aquela forma. O caráter é sobretudo forma, tal como nós o entendemos. A parte que seria a matéria do caráter, para nós faz parte de um acréscimo que vem de fora, e que não é o caráter propriamente dito. A matéria do caráter é constituída justamente dos valores e motivações.

Se vocês entenderam o método, consiste no seguinte: estudar uma vida, com todos os seus detalhes. Pode ser a vida de um personagem histórico, como a de alguém que você conheça. Cada um destes oferece vantagens e desvantagens; o personagem histórico está morto, não age mais, portanto, a conduta dele não muda mais. Esta é uma vantagem. Por outro lado, não estando mais vivo, você não lhe pode fazer perguntas; para uma pessoa viva e próxima, você pode. Então, será necessário estudar a vida de um personagem histórico ou de um conhecido seu, exaustivamente, como se fosse a sua própria vida, se interessando pelo sujeito como se fosse por você mesmo.

Isso já oferece uma série de obstáculos, da ordem dos impedimentos morais ao conhecimento psicológico, de que nós falamos ontem. Em seguida, fazer a lista e o sistema das motivações e valores que conduziram o indivíduo em cada momento de sua vida. Terceiro lugar: discernir no indivíduo a forma que tomaram esses valores. Forma, descrita em termos das faculdades cognitivas. Catalogar o indivíduo num tipo de inteligência intuitiva, um tipo de inteligência racional, etc., tudo isso sem o horóscopo dele. Feito isso, ver se confere com o horóscopo.

Em suma, o método é extremamente simples, este método mesmo que a gente recorre no dia-a-dia, quando, não conhecendo o horóscopo do indivíduo, lhe atribuímos tal ou qual posição planetária pela sua conduta. E eu lhes digo que os astrólogos geralmente erram quando fazem isso, porque não têm uma noção firme do que é cada posição planetária. E por que não têm a noção firme? Nós vimos lá no começo do curso, quando falamos das interpretações acidentais e essenciais. Ou seja, existe uma infinidade de coisas

que, em Astrologia, o planeta tal, na casa tal ou qual, pode significar. Mas tem de existir alguma coisa que ele tem de significar em todos os casos. E nós precisamos nos ater exclusivamente a isto, resistindo ao desejo de fazer proezas adivinhatórias. Todos os sistemas que existem atualmente para correção de hora de nascimento a partir dos acontecimentos da vida, ou são baseados nos trânsitos planetários, que terão por sua vez que ser interpretados, ou são baseados nessa mesma interpretação da conduta. Por isso é que geralmente os astrólogos erram, eles não sabem dizer se o sujeito tem Saturno em tal ou qual casa. Porque não só não têm o conceito firme das posições planetárias, mas geralmente têm uma psicologia muito tosca e não observam o caso por tempo suficiente.

Houve uma infinidade de casos onde eu fiz assim; conhecendo uma pessoa ou um personagem histórico por anos a fio, eu fui investigando, gradativamente, as suas posições planetárias possíveis. Eu faço isso há anos, e nunca errei. No começo, errava um bocado, mas de seis ou sete anos para cá eu não erro mais. Porque já tem um método; não é truque, é método. O método consiste numa série de perguntas que nós devemos fazer, e ele só é possível de praticar com pessoas cujo meio social e valores você conheça excepcionalmente bem. Então, se você disser: "Eu tenho aí o mapa do Papa Pio V"... pode esquecer, nós jamais saberemos. Agora, se é de pessoa do seu meio, que você conhece, ou se é, por exemplo, de um autor cujas obras você estudou muito e conhece a história ... Vocês têm a medida do que é conhecer algo muito bem? Eu digo o que é muito bem. Por exemplo, o maior biógrafo do século, no meu entender, chama-se John Tolland. John Tolland fez a biografia do Hitler; fez 1000 entrevistas de cinco a seis horas, cada uma, sem contar todos os livros que leu, todos os documentos, etc. Levou dez anos para fazer. Se você gasta dez anos orbitando em torno de uma outra figura que não é você acaba conhecendo. Se você lê a biografia do Tolland, devagarzinho (eu estou mexendo nela faz um ano, vou e volto), você vai ficando cada vez abismado de quanto este sujeito teve que pensar, para interpretar cada evento; como é que ele sabe que o fulano, em dado momento, pensou isto ou aquilo? Ele tinha que ter consultado cinco ou seis testemunhas que estavam lá, ele tinha que ir fechando as possibilidades, uma por uma, e é assim que você acaba conhecendo alguém.

Por exemplo, você conhece você mesmo? Você sabe a sua própria história, direitinho? Aí, nós entramos no principal obstáculo de qualquer estudo psicológico — isto eu já falei também na primeira aula. São obstáculos morais terríveis, nós temos muito medo das pessoas, porque nós temos medo também de descobrir coisas ruins a nosso próprio respeito. Nós somos como "alminhas cândidas", virgens, que não podem ser expostas ao mal, e têm que ser protegidas numa redoma para poder conservar sempre a idéia de que sua conduta é boa, de que é bom, de que você é bom, de que você está certo. Porque somente assim você se sente seguro. Você não quer se sentir mal-acompanhado vinte e quatro horas por dia; quem é que quer? Se você não quer isso, então dificilmente você vai progredir na Psicologia. Veja o dr. Freud, dos 30 anos até os 70, dormiu diariamente com um sujeito que tinha complexo de Édipo, um sujeito que queria transar com a mãe.

Ele nunca esqueceu disto, um único dia. Como que ele podia se respeitar, se ele sabia que dentro dele havia essas idéias infantis, bocós? Matar o papai e transar com a mamãe... é terrível, não é?

Mas o psicólogo é isso, um psicólogo é um ser profundamente decepcionado consigo mesmo, e que aprendeu a se tolerar, no máximo. O máximo que dá para fazer é se tolerar. Porém, a psicologia não é uma ciência para indivíduos que pretendem ter, desde o começo, uma postura muito afirmativa perante a vida. A psicologia é uma ciência para pessoas capazes de duvidar de si mesmas e permanecer inseguras por longo tempo. O próprio Klages dizia que uma das disposições caracterológicas que fazem um bom caracterólogo é ele ser um sujeito muito conflituado. Pois ele sendo conflituado, ele tem uma multidão de motivações contrárias. Ao passo que, se ele só tiver duas ou três motivações muito simples e diretas, ele não compreende as alheias.

Isso quer dizer que o desejo de conhecer a alma humana impõe, pelo menos durante certa fase da vida, a abdicação do desejo de interferir sobre ela, porque primeiro você vai ter que reconhecer que não está entendendo, você vai ter que esperar até entender, e se você interfere muito, você muda. Você fica achando que as pessoas são assim ou assado, mas não é que elas sejam assim; você que fez com que elas fossem assim. Então, até onde vai o efeito da sua ação, e onde começa o caráter ou a personalidade própria daquele indivíduo? Demora um tempo para você perceber isso.

Isso quer dizer que a psicologia é uma ciência que faz mal, não é? Todo mundo deve saber disso. Se você quer saber coisas saudáveis, você vai estudar Botânica, Lógica, tudo isso faz um bem danado. Quando você entrou na psicologia, você entrou no mundo do "lusco-fusco". Ela faz mal porque ela te deixa muito incerto. Basta você ver que, em qualquer faculdade de psicologia, todos os alunos, além de serem alunos eles são pacientes, são todos malucos. Na verdade, isso é exigido, você tem que ficar um pouco louco.

Aqui não faz parte do currículo você ficar doido, mas tem um "quanto" de loucura que é inevitável. Mas não é bem a loucura; no nosso caso, nós vamos nos limitar a um estado de perplexidade. Perplexidade também quer dizer indecisão. Ou seja, você reconhecerá que você sabe pouco ou nada a respeito das pessoas, então você vai fazer — com se diz — a "tábua rasa", você vai apagar tudo. Eu achava que este sujeito agia por causa disto ou daquilo, agora eu não sei mais. Agora eu vou ter que contar a vida dele. Este estado pode se prolongar durante algum tempo.

Porém, enquanto isso, a vida continua, e você continua tendo que tomar decisões. Para tomar decisões, você precisa ter uma pauta de valores definida, e não pode ficar esperando para conhecer as pessoas até os últimos detalhes. Isso significa que esse estudo não é possível se o indivíduo não leva uma espécie de "vida dupla", em dois andares.

Esse é o recurso inventado por René Descartes, que ele chamou a "moral provisória". Se você resolve, por exemplo, questionar toda a Moral, toda a Ética, você sabe que esse serviço pode levar uns dez anos, até você terminar. E como é que você vai fazer, enquanto isso? Como é que você vai agir, enquanto isso? Você não pode dizer: "espera aí, espera a minha ética pronta, aí eu te digo o que vou fazer". "Você vai pagar a conta, ou não vai pagar a conta; você vai ficar bravo ou vai aceitar o que acontece; como você vai agir e reagir aos desafios do dia-a- dia? Você não pode pedir que o mundo inteiro espere a sua filosofia moral ficar pronta, para daí você decidir. Então, você precisa de uma moral provisória; e você, sabendo que ela é provisória, que é contingente, e sabendo que ela não vale grande coisa, vai se ater firmemente a ela, enquanto prossegue seus estudos. Então, você reconhecerá que seus julgamentos atuais das pessoas são puramente preconceituosos, ou resultantes do hábito, e você não tem nenhum motivo para crer nesses julgamentos; no entanto, você vai conservá-los. Você vai continuar julgando as pessoas exatamente como você julga, só que sabendo que é provisório.

Eu acho que isso aqui é o "quanto" de loucura que é inevitável num estudo psicológico, e de fato não é preciso ir além disso. Mas as faculdades de Psicologia acham que o sujeito tem logo que partir para experimentar todas as drogas, experimentar todas as doenças mentais, ficar esquizofrênico, ficar paranóico, etc., porque senão ele não tem a vivência. Isto é uma contradição, porque você só pode conhecer por vivência, diretamente, aqueles atos cujas motivações são possíveis, a experiência pessoal da loucura nada ensina. Isto é muito importante. A experiência de viver uma neurose, sim; uma neurose, uma angústia. Mas de demência, não. Em geral, quando o sujeito fica louco e sai da loucura, quem menos sabe do que se passou é ele mesmo; não há o que saber. Mais tarde nós explicamos isso, direitinho. Então, essa história de que Rogers era um grande psicólogo porque era maluco — Carl Rogers se internava seis meses por ano —, não, ao contrário, ele era grande psicólogo, apesar de louco.

O sofrimento moral, o sofrimento psíquico, ensina muito, mas a demência não. A demência é uma solução para o sofrimento psíquico, mas é uma solução que justamente impede o aprendizado. Aqui eu não quero que ninguém fique louco, mas sofrer pode, não proíbo. Pois justamente as pessoas endoidam porque não agüentam mais o sofrimento e querem uma saída. Então, não tem saída, é para agüentar, mesmo, e passar humilhações, como todos nós; essas humilhações são boas para o psicólogo. Ademais, este estado de perplexidade vai acabar ensinando ao indivíduo uma coisa preciosa que é o seguinte: Todos nós gostamos de julgar que nós somos certos, e os outros são errados. Esta é a primeira coisa. Segundo: Nós nos julgamos de perto, e julgamos os outros de longe. As explicações que damos para as nossas condutas são complexas, abrangentes, e suficientes; as explicações que damos para a conduta dos outros são sumárias, esquemáticas e vagamente caricaturais.

Por exemplo, eu jamais explicaria a minha conduta só pela classe social a que eu pertenço. Não posso dizer "ajo assim e assim porque sou um pequeno-burguês". Eu me sentiria mal, me sentiria estranhado de mim mesmo se eu fizesse isso. Não explicaria jamais a minha conduta pela minha raça, mas a conduta do outro pode ser explicada pela sua raça, pela sua classe social, por tudo o que é externo, por tudo o que não

é ele. Isso quer dizer que, na explicação do outro, você despersonaliza.

O que já é um erro metodológico, pois você está tratando como seres de espécies diferentes, seres que são da mesma espécie. Isto, além de ser um erro metodológico, é a origem de todos os erros morais, absolutamente todos. Porque nós só somos capazes de agir mal sobre o outro quando não o enxergamos perfeitamente. Ou seja, quando deixamos de seguir a regra de Cristo: "Faça ao outro o que você quiser que lhe façam". Esta regra é o fundamento da Ética, e também é o fundamento da metodologia psicológica. Somente conheço o outro, quando eu for capaz de explicar a conduta dele de tal modo que a mesma explicação sirva para mim, potencialmente. Ou seja, só conheço o outro quando vejo, na conduta dele, o ato de uma potência que também existe em mim.

Por isso é que não é possível explicar a conduta demente, pois esta, como veremos mais tarde, é a conduta não-motivacional. Mas a conduta má, a conduta imoral, a conduta criminosa, a conduta desonesta, a conduta covarde, etc., são atos de uma potência que também existe em mim. Só me resta explicar por que em mim permanece em potência e nele se transformou em ato. A única diferença é esta.

Isto também não quer dizer que você tenha que aprovar moralmente todas as condutas; é claro que não. É preciso compreendê-las psicologicamente — isso é outra coisa. Agora, qual é o direito que nós temos ao julgamento moral, sem ter a compreensão psicológica inicial? Nenhum. Porque você estará julgando moralmente uma coisa que não conhece. Como é que você estará julgando moralmente uma coisa que não conhece. Como é que você vai saber se é mal ou se é bom, se você não sabe o que é?

"Ama a teu próximo como a ti mesmo". Isto é a regra número um da Moral, mas também é a regra número um da metodologia psicológica. Porque, se eu emprego, para explicar o outro, categorias diferentes das minhas, eu estou criando uma dissimetria metodológica que não tem nenhum motivo. Eu sei que eu sou um ser humano, e que somos da mesma espécie, e a diferença entre nós é uma diferença de posição, não é uma diferença essencial; é uma diferença acidental. Então, eu devo olhar a minha conduta pelo mesmo padrão com que olho a sua. Isso quer dizer que o meu esforço de compreensão tem de ser levado muito mais adiante do que normalmente é, pelo menos até nós podermos dar um relato da conduta alheia e dos seus motivos, tão minuciosamente quanto damos dos nossos. Isso não precisa ser perfeito, mas chega um ponto que você entende que é suficiente, que não precisa ir mais além, não precisa compreender tanto assim. Preciso compreender até o ponto em que aquela conduta se torna verossímil para mim. E onde eu entenda que, na situação, eu muito provavelmente agiria do mesmo modo. E se eu disser "não agiria", então também eu preciso explicar como isso é possível.

Para os psicólogos, então, os julgamentos sumários da conduta alheia são uma desgraça. É melhor você ser um sujeito amoral — existem grandes psicólogos inteiramente amorais —, do que você ser moralista. Quando a gente diz que o sujeito é moralista, ele geralmente diz que não. Por quê? Porque é muito feio ser moralista. E, na hora que ele diz que não, ele já está provando que é. Por isto mesmo; por que é que não pode ser moralista? Então, se você for um moralista, por temperamento, não vai deixar de sê-lo do dia para a noite. Nós só pedimos que, enquanto psicólogo, você use a tática da moral provisória, a que você se atém na conduta do dia-a-dia; mas não a aplique nestes estudos.

Por exemplo, pode-se perguntar: Você está habituado a olhar as pessoas de perto, ou de longe? Quando você olha de perto, em geral o seu enfoque do outro é narrativo; você conta a história dele para você mesmo. Quando você olha de longe, o seu enfoque é classificatório. Se você já catalogou o sujeito segundo o tipo, etc., então você está olhando de longe. Ou seja, você compreende o indivíduo pelo que ele tem de comum com outros da mesma espécie: "Esta aqui é a psicologia do pequeno-burguês, esta é a psicologia do morador do bairro do Brás, é a psicologia do sujeito que tem Saturno no raio-que-o-parta, esta é a psicologia do japonês, esta é a psicologia do alemão", e assim por diante. Você está catalogando, portanto você está olhando de longe. Quando você olha de perto, você está olhando individualidades, e a individualidade é irredutível a classes. Portanto, só existe um modo de compreensão da individualidade. Essa compreensão chama-se narrativa; você conta a história. Conta para você mesmo, não é algo que você faça em voz alta, mas é a hora em que você julga o sujeito. E não é como você julga em público, mas sozinho — três horas de manhã, na sua solidão. O que você está fazendo? Você está contando a história do sujeito, ou você o está classificando?

Então, todo mundo já pode, desde o princípio, ser catalogado numa dessas duas classes: os que olham as

pessoas de perto, e os que olham as pessoas de longe. Qualquer das duas tem de ser corrigida, complementada pela oposta.

É evidente que este curso aqui não visa só a passar para vocês uma teoria. A partir do momento em que nós completamos esta curva de um ano, e estamos fazendo aqui este balanço, nós estamos largando a parte teórica e estamos entrando na parte técnica. Claro que eu vou fazer um retorno, particularmente em consideração aos alunos novos, mas o centro do interesse daqui para diante não é mais teórico, e sim técnico. Se é para ensinar uma técnica, é para ensinar o domínio da técnica. Como é que se sabe se o sujeito domina uma técnica? Não é se ele consegue repetir a exposição da teoria, mas se, na prática, você entregando o "abacaxi" para ele, ele sabe resolver.

Isso quer dizer que, doravante, o seu proveito no curso não vai ser mais medido com testes, provas, etc. Eu estou seguro de que a parte teórica foi bem melhor compreendida do que eu esperava, pelas respostas dos testes. Vamos ver se na parte técnica, agora, a gente obtém respostas tão boas. Só que essas respostas não serão no papel; serão, em parte, na maneira de você lidar com casos que eu lhe entrego. Por exemplo, como você lida com o seu biografado? E, por outro lado, eu vendo como você lida com as pessoas, aqui dentro.

Então, nós vamos fazer o seguinte compromisso: Daqui para diante, todas as pessoas que estão neste curso são seus objetos de estudo. Eu não sei como você age na sua vida em geral, na sua vida lá fora, e não pretendo interferir nisso, de maneira alguma. Continue agindo segundo seus hábitos, seus valores, até seus preconceitos. Tudo isso é muito importante para o homem. Nós não podemos viver sem preconceito; às vezes se se tira um preconceito e não tem mais nada, você cai. Então, segura o preconceito. Porém, lá fora; aqui, entre os membros do curso, não podemos continuar assim. Porque, como é que vocês vão trocar idéias sobre isto? Vocês vão ter que se enfocar, não segundo seus hábitos e valores, mas segundo esta técnica, senão não vão saber do que estão falando. Portanto, na conduta de uns com os outros, nós podemos ver: este está compreendendo aquele, ou está cego, não está enxergando... Isso, partindo do princípio de que, até um certo ponto, eu tenho prática disto aqui, e sou capaz de ver quando as pessoas não estão se enxergando, essa é a minha especialidade, mesmo.

Doravante, então, não exijam mais dos que seus colegas uma conduta correta; não precisa mais, porque, se ele fizer tudo errado, não tem importância. Enquanto aluno do curso, o único objetivo é você compreender o que ele está fazendo, e por que ele fez. Cada um é cobaia dos outros. Onde é que nós vamos encontrar tantas outras cobaias — suponho eu —, dispostas a falar a verdade? Suas mães vão todas mentir, seus amigos também; mas aqui, todo mundo diz que quer conhecer este negócio. Então, vamos fazer um compromisso: nós vamos falar a verdade. Claro que não vamos obrigar ninguém a ficar pelado aqui na frente, a se desnudar, a contar todos os seus "podres". Não, isso tudo é sabido, e não adianta nada. Mesmo porque, com pouca coisa que o sujeito fala, a gente já adivinha o resto.

Uma das coisas mais terríveis que existe, por exemplo, em grupo de psicoterapia, é que você é obrigado a se desnudar, a abrir o seu coração, com pessoas com as quais, na vida, você nem mesmo teria o menor contato. Pessoas completamente diferentes, que estão num meio social diferente, com preocupações diferentes, das quais você não se aproximaria e não teria vontade de se abrir com elas. E no grupo de psicoterapia, você tem que se abrir com elas, motivo pelo qual eu acho que psicoterapias de grupo são "grupo" (no outro sentido da palavra). O terapeuta também fica numa posição esquisita, é a mesma coisa que dizer: "Bom, vou jantar aqui uma abóbora, uma lista telefônica, um rato branco, a coroa do rei da Dinamarca e um rádio transistor, e vamos ver que conclusão posso tirar. Não vai dar em nada. Agora, grupos mais ou menos homogêneos, ou que participem de um mesmo problema social, aí começa a ficar interessante. Porque as diferenças individuais começam a ser significativas, em função daquele drama de vida em comum. Por exemplo, você pega um grupo de velhos, mais ou menos da mesma classe social, relegados, vamos dizer, velhos da classe média, abandonados pelos filhos. Aí dá para as diferenças individuais começarem a ficar significativas. Então, eu não acredito em psicoterapia de grupo, a não ser em grupos que tenham homogeneidade social. Isso faz parte da estrutura da profissão de terapeuta, e não da ciência, ou da técnica.

No entanto, aqui nós não estamos na posição de terapia, onde nós vamos ter que abrir as nossas almas, e contar tudo o que porventura se passa na mente. Não, nós estamos interessados nas condutas mais óbvias

do cotidiano, e estamos excluindo as condutas psicopatológicas, que requeiram explicações mais profundas. Nós nos limitaremos a coisas assim: "fulano ficou cismado com sicrano", ou "fulano deixou de fazer o que tinha de fazer", ou "fulano está triste"— isto é o máximo que nós vamos especular. E é disto aí que nós precisamos. Não se trata de explicar as neuroses, mas exatamente as condutas correntes.

Tudo isso para chegar ao ponto onde nós sejamos capazes, mais ou menos, de isolar, no indivíduo, o que é motivacional e o que é caracterológico. Nós só podemos isolar mentalmente; isto é uma distinção real-mental, porque essas duas coisas estão juntas no ato. Por exemplo, um indivíduo que (voltando ao nosso exemplo) problematize a sua auto-imagem, mas que o faça em termos de ser socialmente uma pessoa desenvolta, ou não; ele não está preocupado primeiro com a auto-imagem, e segundo com a desenvoltura. Isso para ele forma um complexo coeso, unitário. Para ele, é a mesma coisa, na conduta dele, e no seu modo de sentir. Somos nós que vamos ter que discernir e entender que este mesmo indivíduo, com este mesmo caráter, se fosse criado num outro meio-onde, por exemplo, a conduta valorizada não fosse a conduta desenvolta, mas, ao contrário, a conduta rígida e impessoal —, este indivíduo se comportaria de outra maneira, completamente diferente. E ele teria que problematizar a sua auto-imagem de outra maneira, talvez até se sentisse muito mais confortável neste meio, ou talvez pensasse que não consegue ser tão rígido quanto deveria.

Então, nós vamos ter que partir de certos exemplos simples, e nós podemos o tempo todo usar a terminologia astrológica, ou astrocaracterológica.

Se você já conhece o mapa do seu biografado, você está com problemas, porque você vai ter que isolar mentalmente. Não é impossível, mas dá um certo trabalho, e você nunca vai ficar seguro de que não trapaceou com você mesmo. Por isso, o melhor é quando você desconhece radicalmente. Pode acontecer também que, por um lapso, eu dê como exemplo aqui algum mapa de um personagem histórico que você está biografando. Se isso acontecer, vai ser um problema. Eu tenho procurado evitar, tanto que não tenho dado esses exemplos. No caso da pessoa ler, ler, e chegar à conclusão de que o indivíduo tinha um mapa, que é o real, tem que ver, em primeiro lugar, se não foi por uma belíssima adivinhação, por uma impressão geral. É lógico que sem impressão geral nós não conseguimos fazer hipóteses. Agora, se você tem uma impressão geral, pergunta para mim, e eu confirmo, isso é uma grande desgraça. Porque a confirmação deveria ser buscada não no meu testemunho, mas em outros fatos que você fosse colecionando.

Por exemplo, você dizer: "Em tal situação, o sujeito agiu desta e desta maneira, os valores implícitos serem tais e tais, portanto, descontando os valores, só poderia ser por este elemento caracterológico".

Por exemplo, o mapa que nós estudamos nas primeiras aulas, acho que todo mundo sabe de quem é (está na apostila), tem alguém fazendo a biografia de Franklin Roosevelt? Não, então nós podemos falar dele à vontade, ele vai ser a nossa cobaia. Quem quiser, pode ler a sua biografia, e eu, como conheço alguma coisa dele, irei tentando demonstrar como, em certas situações, determinadas condutas implicavam tais ou quais valores, que vinham do meio imediato, e que neste indivíduo estavam sedimentados desta maneira, e que, uma vez isolados, deixariam à mostra o traço caracterológico "x". Por exemplo, no mapa de Roosevelt havia uma conjunção de Saturno e Júpiter na casa IX, lembram disso?

Como nós interpretaríamos, então, este Saturno na casa IX? Nós teríamos que ver, de um lado, a forma do traço caracterológico referente a isto, e, de outro lado, o conteúdo das condutas, isto é, os valores associados.

Nós vimos, aulas atrás, que o ponto onde está o planeta Saturno no horóscopo é o ponto onde começava, para o indivíduo, a construção do seu mundo racional. Ou seja, que, de acordo com as doze direções da atenção, cada casa corresponde a um determinado assunto, a um ângulo pelo qual o indivíduo vê o mundo. Que a posição do planeta Saturno indicava para ele o ponto onde a sua inteligência, durante a experiência infantil, havia esbarrado em alguma questão, em alguma pergunta que não podia ser respondida, de maneira alguma, com os instrumentos da infância. E, não obstante, o indivíduo, no esforço de responder a essa questão, tirava um monte de conclusões e sedimentava crenças que mais tarde ele só teria o trabalho de derrubar e ter que montar tudo de novo. Que, quanto mais ele fizesse essa operação, quantas vezes mais ele ficaria com o sentimento da problematicidade daquele negócio, e que aquilo lhe pareceria bem mais complicado do que às outras pessoas, mas porque ele tornou mais complicado.

Isso quer dizer que a posição de Saturno numa casa indica, formalmente, apenas uma coisa: que aquela é a pedra angular do sistema de crenças do indivíduo. Ou seja, é a questão básica, cuja resposta, no entanto, pode ser bastante problemática.

Colocando Saturno na casa IX, nós vemos que o traço que nós podemos formalmente atribuir a todos os indivíduos, absolutamente todos, sem distinção, é que, nos assuntos desta casa, o indivíduo buscará uma resposta definitiva. Ao passo que, nos demais setores da vida, se contenta com respostas provisórias. Porém que, na verdade, para o ser humano, nenhuma resposta é suficientemente definitiva, nunca. No entanto, ele continuaria tendo problemas. E que havia duas condutas alternativas, que são adaptações pelas quais o indivíduo procura escapar deste problema: uma delas é continuar pensando no assunto, e fazer daquilo um modo de vida: e uma segunda é conformar-se com o seu desconhecimento daquele campo, conformar-se com a sua insuficiência, e produzir uma espécie de indiferença.

Então, não sabemos quais eram os valores e motivações deste indivíduo. Porém, nós sabemos desde já, pelo seu mapa, que o seu sistema de crenças morais, ou era problemático — conscientemente problemático —, ou era inconclusivo, havendo uma terceira saída: ele poderia ser estereotipado, ou seja, o indivíduo procura sair da angústia, da problemática daquele campo, adotando uma solução qualquer, exteriormente mas da qual continua duvidando, por dentro. Então, das três, uma: ou Franklin Roosevelt era um indivíduo que vivia constantemente com problemas do que é o certo eo errado moralmente, ou adotava uma postura falsa de certeza, ou simplesmente deixava o problema de lado.

...

Se estudarmos a vida de Roosevelt, vemos que foi criado para ser um menino rico, bem- sucedido. Quando jovem era esportista, estimulado pela mãe, que era muito vaidosa dele. Vê-se que não havia nele conflitos morais, era apenas um bom rapaz. Isto no começo da vida dele. Fazendo uma somatória de tudo o que os seus biógrafos disseram sobre a vida dele, todos dizem que ele era um grande homem, mas tinha algo que faltava. Intelectualmente não deixou nada. Ele fez os EUA ganharem a guerra, tirou o país do buraco financeiro, mas não se consegue extrair, por assim dizer, uma filosofia de Roosevelt.

Com isto estou lhes dando, de maneira abreviada, elementos referentes aos valores vigentes no meio. No meio próximo — família — e no meio remoto — a sociedade onde estava.

Compreendemos então que das três alternativas de comportamento em relação a Saturno, Roosevelt escolheu uma: a indiferença. Era um homem que, perante qualquer problema, só se interessava pelo lado prático. O problema das definições éticas não lhe interessava. O astrólogo poderia ser tentado, a partir do mapa, a deduzir logo essa indiferença. Mas não, essa indiferença é apenas uma alternativa encontrada para um problema expresso pelo planeta Saturno no mapa, e que só pode ser explicada pelo conhecimento dos valores e do meio, os quais geraram as motivações. Ela não pode ser indicada pelos outros traços do mapa; para cada um deles o problema é o mesmo. Por exemplo, o indivíduo tem o Sol na casa VI: isto indica que ele tem espírito prático? Não, porque prático e teórico são valores, que só podem vir do meio. Esse indivíduo tem uma inteligência orgânica, que olhando as coisas, já lhe dá uma forma de conjunto. Isto é o que sabemos pelo fato do indivíduo ter o Sol na VI, mas que tipo de coisas ele vê realmente, só sabemos conhecendo sua vida.

Roosevelt tinha o Sol na casa VI. A grande obra de Roosevelt, antes da guerra, foi de ordem econômica. Ele transformou o Estado americano num capitalista. Antes o estado se abstinha o mais possível de interferir no capitalismo porque o dogma do capitalismo era a livre empresa. Acontece que isto levou a uma crise. Houve um homem chamado John Maynard Keynes, grande gênio, que chegou à conclusão que a única solução era que o Estado promovesse tantas obras públicas de forma que ele mesmo se tornasse um grande investidor. Roosevelt foi o sujeito que leu isso e acreditou, e empreendeu. É evidente que o sujeito para ter uma visão da economia nacional como um todo certamente tem que ter uma visão orgânica. Outra coisa notável em Roosevelt era sua capacidade de aproveitar um monte de pessoas e correntes diferentes para um mesmo fim, por mais hostis que fossem entre si. Isso também é visão orgânica: capacidade de tirar de cada pessoa o que ela pudesse dar. No entanto tudo isso não podemos pura e simplesmente deduzir do Sol na Casa VI — no máximo poderíamos dizer que ele teria um potencial para tudo isto.

Mas o que importa para nós é assinalar o potencial, saber em que traço efetivo esses potenciais se baseiam.

Mas até para saber o potencial é necessário saber cruzar o dado caracterológico com o dado motivacional.

Nós concebemos facilmente que este mesmo indivíduo (com Saturno na IX), se fosse criado num meio supermoralista, religioso, se em vez de ser um menino mimado ele fosse uma espécie de David Copperfield, só levasse pancada do pai, do professor, os valores seriam outros, e ele teria de se arrumar com esses dados; porém ele teria de dar a eles a forma desse caráter.

A história da vida de Roosevelt é a história de um indivíduo que você vê que é sortudo, um indivíduo que nunca foi infeliz, mesmo quando ficou paralítico. Foi três vezes presidente do país mais poderoso do mundo, ganhou a maior guerra que já houve, fez uma reforma econômica que melhorou o padrão de vida de milhões de pessoas. Que mais precisava para ele ser bem- sucedido e feliz? As pessoas o consideravam quase um santo.

P. - E o fato de ele ter Júpiter na mesma Casa (IX) não alteraria alguma coisa?

Embora ele fosse um homem que não tinha um sistema muito profundo de convicções pessoais, mas simplesmente endossava mais ou menos as idéias do meio, os valores médios da vida americana, apenas disto ele fazia um programa de rádio todo o dia que era escutado pelo país inteiro e no qual ele dava lições de moral para a conduta das pessoas. Então ele foi uma espécie de diretor de consciência dos americanos, um fiscal da consciência, do bem e do mal, dos valores da vida americana. Quando ele fez as reformas econômicas sofreu uma resistência terrível entre os empresários. Imagine os milionários, com suas empresas monstro, vendo chegar um outro monstro muito maior, o estado, querendo dizer o que eles deviam fazer, o que produzir e onde, sob pressão financeira do Estado. Eles ficaram aterrorizados, e diziam é que Roosevelt era comunista, porque a intervenção do Estado na economia naquele tempo era visto como coisa de comunista. E ficavam mais irritados com ele por ele ser um filho da sua classe, e que tinha "passado para o lado dos proletários". Ele fazia o programa diário do rádio, pedindo a colaboração das pessoas. (Um pouco diferente do nosso Collor de Mello, que na campanha saiu dando patada na elite, e não fez nada). Roosevelt, falando manso, acabou fazendo muita coisa. Ele fez a cabeça da nação: de comunista acabou se revelando o salvador do capitalismo, como todos perceberam depois. Ele desempenhou esse papel, de "guru" da nação, no plano da ação. Vejam como o planeta da vontade, colocado na Casa IX, não implica convicções profundas. Implica apenas uma capacidade de agir em função de convicções. Quer dizer, uma ação fundamentada em convicções muito firmes. O que reclamavam de Roosevelt não é que ele não tinha convicções mas que suas convicões eram muito banais. Não dá para compará-lo com Lincoln, e sobretudo o mestre dele — ele foi discípulo de Woodrow Wilson — que além de grande presidente era também um pensador político, com grandes obras de história, de filosofia política e de direito; ele deixou não apenas o exemplo pessoal, mas um corpo de idéias.

Agora a filosofia política de Roosevelt era apenas uma meia dúzia de crenças que qualquer americano teria. Quer dizer, perto do porte de sua ação, do seu cargo, a sua filosofia e as suas crenças eram demasiadamente banais. Lincoln, por exemplo, era um homem profundo, tinha toda uma meditação moral e religiosa, tinha a consciência atormentada, perdia o sono. Roosevelt não perdia um minuto de sono por causa disso. Ele não tinha escrúpulos de consciência, era um sujeito bom, mas sem escrúpulos, uma espécie de Maquiavel inocente. Ele era espontaneamente maquiavélico, não precisava premeditar, era simplesmente o jeito natural dele ser. O sujeito ia falar com ele convencido de uma coisa e saia convencido de outra, sem perceber o que tinha acontecido, tal a habilidade de Roosevelt, que, sem discutir muito, contando piadinhas, conseguia o que queria. A eficiência do homem, a grandeza da sua liderança, a imensidão do poder que teve, tudo isso é desproporcional com a vacuidade das suas idéias. Eu sei, porque li os discursos dele. Pregava aquilo que você esperaria que qualquer pessoa acreditasse: "antes rico e com saúde do que pobre e doente", "é melhor a liberdade do que a tirania", essas coisas... No entanto ele no programa de rádio, todo o dia, exerceu uma influência. Então tinha o poder de irradiação de suas crenças, mas não tinha o poder de trabalhá-las intelectualmente de maneira profunda. Não tenho ainda dados sobre a infância dele, mas isto deve-se provavelmente a alguma perplexidade moral que lhe apareceu logo no começo e ele achou que não valia a pena prosseguir por aí. Quando ele foi estudar Direito (e ele não gostava de estudar), ele escolheu Direito Marítimo, que é uma coisa técnica.

Não há idéias jurídicas de Roosevelt. Mas ele poderia ter sido um tipo completamente diferente, talvez, se essa problemática religiosa-moral fosse importante no seu meio; se, em vez de ser um menino mimado,

aprovado por todos, houvesse uma exigência moral maior, então seria um indivíduo convidado a duvidar de si. Tendo o Saturno na Casa IX isso tomaria provavelmente o contorno de um drama moral.

Provavelmente aconteceria exatamente o contrário com indivíduos notáveis que tivessem o Sol na cada IX. O indivíduo com Sol na IX capta de início uma constelação de valores morais, enxerga em função daquilo e não precisa problematizar, é um indivíduo que adere facilmente aos valores que intui. Por exemplo, Bismarck, desde pequeno, introjeta certos valores da cultura alemã e de sua classe, e já de início sabe onde quer chegar: a Alemanha tinha que ser um país unificado para ser, politicamente, aquilo que era no campo da cultura. Nunca se questionou isso, não por incerteza, mas por certeza. Não por preguiça, por saber que vai dar muito trabalho, mas por já saber o que tem que ser.

Daqui para frente vamos nos ater mais à parte prática e técnica, deixando essas considerações teóricas só para algum retorno.

Cada uma das posições planetárias tem que ser descrita separadamente, e lembrando que num sistema temos que ter elementos, cada um com sua dinâmica própria, então cada posição planetária é descrita não como um traço estático, de modo que não dá para descrevê-la por um adjetivo, p. ex., o sujeito é preguiçoso, é covarde, etc. Cada um desses traços é descrito como um problema, como um entrechoque de forças que por si mesmo já gera um desconforto e requer uma solução.

Então primeiramente faremos a descrição de cada posição planetária, independente de qualquer mapa. Depois as descrições de personalidade de seus biografados terão que ser feitas nesses mesmos termos, apenas sem conferir o horóscopo.

Isto aqui nos livra do problema que houve na pesquisa da Nature, que é uma desproporção, uma dissimetria entre os padrões com que você descreve a personalidade no teste e aqueles que aparecem no horóscopo. Nós vamos usar a mesma tabela, de maneira que, supondo-se que você conhecesse profundamente algumas biografias, você fosse facilmente capaz de localizar numa pilha de mapas, os mapas dos seus biografados. Para chegar a este nível de precisão foi necessário cortar quase tudo da astrologia. Do conjunto do que a astrologia nos oferece, a parte que é firme e que poderia resistir a um teste como esse da Nature, seria muito pequena. Por isso é que nós apagamos, por exemplo, a interpretação dos signos. A interpretação dos signos é incerta, ainda requer muito trabalho para chegar a uma precisão. Segundo, seria preciso apagar os três planetas trans-saturninos, cuja interpretação também é nebulosa. É preciso ficar exclusivamente com esses seis planetas, tomados exclusivamente nas casas. Isto aqui é o que sobra, se queremos lidar com um terreno seguro; isto não impede que mais tarde se desenvolva eventualmente técnicas para interpretar os signos, mas temos que reconhecer que elas não existem ainda.

Sabemos, nesta caracterologia, que os planetas correspondem a funções cognitivas, a modos diferentes de conhecimento, diferentes operações cognitivas. As operações são formalmente diferentes, não apenas materialmente, são diferentes em si mesmas, independentemente dos objetos conhecidos. Nós sabemos que o sentimento é diferente da intuição não porque o objetivo é diferente, mas porque essa operação tem uma forma diferente. Ou seja, podemos definir cada uma delas pelo que ela é, e não só pela diferença de objetos. Podemos também distinguir as casas como direções da atenção, mas eu sinceramente não vejo a que poderiam corresponder os signos, na caracterologia. Eu tenho uma hipótese, muito vaga, muito remota que talvez, pelo estudo dos signos nós poderíamos entrar no problema genético, no problema da formação das faculdades, de maneira que as diferentes faculdades no indivíduo se desenvolveriam a partir de certos dados que talvez pudessem ser identificados pelos signos. Mas isto é especulação da especulação.

Com isto estou querendo dizer claramente que, nos atendo aos planetas e casas, e seguindo este método, vocês conseguiriam obter um resultado muito melhor do que o obtido pelos astrólogos pesquisados pela Nature, porém nunca poderia ser por um simples resultado de testes, mas pelo conhecimento efetivo da biografia, até penetrar em detalhes, em meandros do subconsciente. Porque o resultado de testes já é muito abstrato, é uma seleção extremamente empobrecedora, sobretudo com intuito classificatório. O teste da Nature consistia em você cruzar os resultados de duas classificações, completamente diferentes. Os astrólogos pesquisados não perceberam isto. Por exemplo, qual é a posição planetária que indica liderança? Marte na X? Isso indica que você é um líder tirânico ou que o seu chefe é um tirano? Se o Saturno está na X você é o trabalhador caxias, ou o preguiçoso, que não consegue parar em emprego nenhum? Esses traços de comportamento, sobretudo os catalogados de acordo com estereótipos sociais

bem definidos, isso não pode corresponder a nada na astrologia, nem na prática nem na teoria. A posição planetária não pode corresponder a um comportamento. Por quê? Porque a posição planetária é sempre a mesma, e não há nenhum comportamento que não tenha a alternativa do seu contrário. Ademais você se comporta com relação a outras pessoas. Por exemplo, ontem veio uma cliente e disse que um astrólogo lhe tinha dito que ela não ia casar. Mas, e ele leu também o mapa do seu não-marido? Para casar é preciso casar com alguém. Não é possível pelo mapa saber se a pessoa vai casar ou não. Se eu soubesse estaria ganhando rios de dinheiro. Também essas questões do comportamento no trabalho. Bom, é preciso conhecer o meio em que ele trabalha. Ou seja, pra você fazer a interpretação astrológica de qualquer coisa não basta conhecer o mapa, é preciso conhecer a coisa, mesmo porque o mapa não vem com a identidade do sujeito grudada. Para cada momento existe um mapa, e não é em todos os momentos que nascem pessoas. Por aí você vê que não existe um vínculo de necessidade, um vínculo tão estreito entre o sujeito e o mapa, assim a ponto de pelo mapa você poder chegar a saber tudo a respeito dele. A astrologia chega ao ponto de proclamar a identidade do horóscopo com a personalidade, do horóscopo com a essência... Bem, pode ser a essência num sentido esquemático, limitado, como nós já nos referimos anteriormente. Tudo isso são exageros que nós devemos ir cortando, e o dia em que vocês enxergarem o que é que a astrologia realmente pode, e o que não pode, então aí dá para vocês trabalharem com segurança, pulando fora dos tradicionais dramas de consciência dos astrólogos. Mas este pouquinho que a astrologia pode já é surpreendente.

A explicação de porque a astrologia pode revelar alguma coisa sobre a pessoa é um problema de astrologia pura, mas só este fato já não é uma coisa formidável? Imagine que pelo horóscopo pudéssemos determinar uma única coisa, que fosse por exemplo a cor dos olhos. Já não ficaríamos procurando explicações para esse fato? Na verdade o horóscopo revela muito mais do que isto. Isto levanta tantas questões que poderíamos dizer que, ao invés de uma solução para nossos problemas, a astrologia é o maior de todos. Por que, afinal, os astros têm alguma relação com o que acontece aqui? Mas o fato é que esta correlação é comprovada pelos fatos, numa freqüência estatística abismante. Este é um fato que vai levar muito tempo para ser explicado. As explicações existentes, da "influência" astral, do sincronismo, não são explicações.

Tendo tomado como base que o fenômeno existe, que a correlação existe e ela é estatisticamente significativa, estamos tentando catalogar as suas variações: os vários tipos de posições planetárias e os vários tipos de eventos terrestres que lhe correspondem, no domínio particular do caráter humano, vamos fazer o repertório dos caracteres e dos seus correspondentes astrológicos. Feito tudo isto, o que teremos obtido? Uma coleção de fatos. Essa coleção, sendo maior do que a que temos agora, levantará um problema maior ainda. Mas enquanto não fizermos esse repertório, a investigação das causas dos fenômenos é prematura, porque antes de termos o por quê temos de ter o quê.

Aristóteles é tido como o fundador da biologia. Se no tempo de Aristóteles os camaradas ainda estivessem em dúvida sobre se os seres vivos existem ou não, Aristóteles não fundaria a biologia para explicar os seres vivos. Quando o fato astrológico estiver plenamente reconhecido, e mais ainda, estiver descrito suficientemente nas suas variedades, aí é que começará a ciência da astrologia geral. Agora, quando vemos que durante séculos estiveram discutindo se esta técnica funciona ou não, e nós, que resolvemos tomar o problema a sério, chegamos à conclusão de que é prematuro até para tentar formular esta ciência, sinceramente existe um traço de insanidade no ser humano. Não é espantoso? Todas as discussões, morais, religiosas, mostram um pouco dessa doidice. A astrologia, também. Nós aqui iremos com calma. Vocês não tenham dúvida de que vocês estão colaborando para um empreendimento que, se der certo, deixará sua marca na história das ciências. Se não der certo, também deixará. Porque estamos tratando deste assunto com tanto cuidado, com tanta minúcia, que, se for para chegar num resultado negativo e dizer "toda e qualquer astrocaracterologia é impossível; é impossível estabelecer qualquer correlação entre o caráter e o horóscopo", se chegarmos a esse resultado teremos sido os primeiros que chegaram com tal fundamento. A astrologia até hoje nunca pôde ser confirmada nem negada nas suas pretensões. Se o resultado for positivo, como acredito sinceramente, e tenho elementos para acreditar nisso, então teremos acabado com uma discussão estéril e aberto uma linha de investigação que pode ser extremamente útil para a humanidade no futuro. Até hoje ninguém pôde se arrogar ter estudado este assunto cientificamente. Esta á a primeira vez; pode ser que tenha alguém no mundo neste momento fazendo exatamente a mesma coisa, aliás até provavelmente existe. As questões científicas são colocadas nos momentos onde elas se tornam necessárias. A questão da astrologia começa a se tornar necessária agora, quando a convivência do homem

com o ambiente cósmico é uma coisa que existe; antes o homem só olhava o ambiente cósmico, mas não mexia nele. Quando a situação está madura, a questão científica aparece e começam a aparecer os modos de resolvê-la. Como o surgimento de uma ciência é colocado por uma civilização, então geralmente quando um sujeito coloca o problema, outros já a estão colocando. Foi o que aconteceu na época de Darwin: um outro cientista havia colocado a mesma teoria, e Darwin chegou a reconhecer a procedência do outro.

P. - Seria um sincronismo?

Sim, mas não no sentido junguiano. Porque aqui existe uma causa comum: a necessidade histórica, que comprova o mesmo acontecimento em lugares diferentes. Já o sincronismo de Jung não tem causa, diz apenas que quando acontece algum movimento planetário acontece tal coisa na Terra. Não diz se um causa o outro, nem se tem uma causa anterior que determina as duas. Diz apenas que há um sincronismo. Quando ele diz que o sincronismo é uma relação não-causal significativa ele pretende insinuar a existência de uma intencionalidade cósmica. JUNG - SIC!

Quando ele fala da teoria da sincronicidade escapando da atribuição causal dos fatos aos planetas, ele entra num outro raciocínio, tentando atribuir a presença do planeta lá e o acontecimento aqui a uma outra causa. Não há uma relação de causa-efeito entre os dois, mas tem uma significação. Significação o que é? Intuito (Weber). Se há intuito, há uma mensagem de um para outro. O que Jung quer fazer entender é que, por trás do sincronismo, haveria um causador, Deus, que estaria querendo através disso passar-nos uma mensagem sobre o sentido da vida. Outro dia eu estava lendo um livro de história onde o autor dizia que Roma não foi inteiramente destruída com a invasão bárbara porque deve ter havido cinco justos, ao contrário de Sodoma e Gomorra. Por que é que essas explicações que colocam Deus como a causa das coisas não explicam nada? Por que Deus não é explicação científica?

Alunos: porque não pode ser provado./Porque não é falseável, portanto não pode ser provado (Popper)./ Porque é uma explicação subjetiva.

Muito antes de tudo isso, é pelo seguinte: Se foi pela vontade de Deus, então foi Deus que causou. Mas Deus não é causa de tudo? Acontece alguma coisa que não seja vontade de Deus? Não. Então não explica nada. Aquilo que é causa de tudo não tem sentido eu dizer que aquilo foi causa de uma coisa particular. O que nos interessa é as causas que houve para este evento em particular. Deus é causa da sobrevivência de Roma como é causa dos movimentos dos planetas, causa da sua condenação ou absolvição no Juízo Final; enfim, não nos adianta nada, Deus é muito genérico. As explicações pelo recurso à vontade divina não são explicações causais, são explicações finais. Se você diz que foi porque Deus quis, então você está atribuindo isto a uma vontade divina que se destina à finalidade de todas as coisas. Isto não é uma explicação, isto é aquilo que entraria no domínio daquilo que chamamos compreensão. Se digo que Roma não foi destruída porque havia seis justos, eu não estou explicando a causa, mas o sentido moral do acontecimento. Como explicação de sentido ela também poderia ser discutida: “Isso você não pode provar”. Mas o sentido não se prova, se admite, como valor.

Sendo assim, as explicações que insinuam causas de ordem metafísica para o fenômeno astrológico são todas falsas; mesmo que fossem verdadeiras, não resolveriam nada. Dizer que os movimentos planetários me dão um vislumbre de sentido da minha vida é muito bonito, mas não explica nada. Uma coisa é o sentido, outra coisa é a causa. O que estamos querendo saber é a causa. Claro que uma resposta sobre o sentido é importante do ponto de vista filosófico, moral, mas isso não tem nada a ver com a questão que estamos discutindo. Os melhores livros escapam pela tangente dando explicações metafísicas para a astrologia. Por exemplo, um livro incrível, de Oscar Adler, Astrologia como Ciência Oculta, é muito bonito, mas quanto mais ele tenta explicar a causa do fenômeno, mais ele escapa dessa questão e vai parar na outra, do sentido. O sentido pressupõe uma intencionalidade, e para captar uma intencionalidade, do cosmos, por exemplo, primeiro você poderia precisaria comtemplá-lo esteticamente para poder ter uma intuição do conjunto; daí você depende do sentido, e você poderia depreender um sentido contrário. Neste caso você o está interpretando como obra de arte. Agora, existe alguma obra de arte que tenha uma interpretação só, unívoca? Isto é impossível; da mesma forma não há só uma interpretação do sentido do cosmos. Mas interpretar é uma coisa, e explicar é outra. A interpretação tem que ver com o sentido, a explicação com a causa.

Mas não somos nós que vamos explicar o fenômeno astral. Nós vamos primeiro tentar descrevê-lo no tocante à um domínio em particular, e para esta descrição já é necessário uma série de colocações teóricas preliminares. Essa teoria será fundamento da investigação, quando esta investigação estiver terminada elas não terá dado a explicação de nada, apenas a descrição ordenada de um fenômeno.

Nós precederemos como Bouffon fez para classificar os animais: ele colocou uma série de critérios, de conceitos, pelos quais ele diferenciava os animais, separando uns dos outros, e catalogando os semelhantes. Depois de ter feito isto, ele tinha uma explicação de por que os animais eram assim? Evidente que não, ele tinha apenas a parte descritiva da ciência. Conosco e a mesma coisa: antes de poder ter o Darwin da astrologia, que vai tentar explicar a gênese, a causa, certa ou errada, antes você tem que ter o Bouffon. É preciso primeiro fazer a teoria do catálogo, depois fazer o catálogo, e depois esperar que venha um Darwin para tentar explicar tudo. Que provavelmente inventará uma teoria errada, tal como Darwin. Mas já será um começo; corrigindo essa hipótese se chegará a alguma coisa. Mas isto ficará para daqui cem anos; até lá ainda há muito trabalho, não há a mínima possibilidade de procurar a explicação agora; mesmo que você atinasse com a resposta certa, não haveria meio de prová-la. Entenderam qual é o papel de vocês?

AULA 51

A teoria das camadas da personalidade foi feita para conseguirmos localizar a definição de caráter. Das várias caracterologias estudadas, nós vimos que elas se colocavam em planos diferentes. Cada uma delas dava o mesmo nome a fenômenos de planos diferentes. Daí surge naturalmente a pergunta de quantos planos devem existir, ou seja, se estes diferentes enfoques colocados em planos distintos, não poderiam ser unificados num sistema, de maneira que pudéssemos fazer uma tipologia das tipologias. Isto é a teoria das camadas da personalidade.

O que vamos estudar não tem nada a ver com a educação do sujeito. Para distinguir o campo que vamos enfocar, precisamos isolá-lo dos outros. Quantos outros campos existem? Desde que outros pontos de vista a personalidade poderia ser enfocada? Pensamos isto para que sempre que nos faltar algo, saibamos a que plano nos referir. Também para que tenhamos consciência de que o caráter é uma parte da personalidade. A hereditariedade não faz parte do caráter tal qual nós o entendemos.

O caráter é uma forma singular que está vinculada de alguma maneira ao fato do sujeito ter nascido num certo lugar e numa determinada hora. Não seria possível que o caráter fosse decorrência apenas do espaço e tempo independentemente dos planetas? A rigor, a Astrologia é exatamente isto, pois ela lida com os planetas por uma coincidência, porque são os planetas que estão lá na hora do nascimento, mas o que importa é a noção de uma forma espaço-temporal da existência, e que essa forma é definida pelos ciclos planetários, entendidos apenas como uma relação espaço-temporal e não como movimento de corpos. Se a Lua fosse feita de queijo daria no mesmo, pois o que importa não é isto, mas sim que existe algo lá que delimita uma forma ou figura, que é como um retrato do momento, dentro de uma combinatória de sucessivos momentos. Cada figura é como se fosse o símbolo geométrico daquele momento.

Vamos fazer uma regra para a classificação dos fenômenos astrológicos, pois sem isto não podemos fazer nada. Por isto mesmo, a idéia de caráter é difícil de definir. Naquele momento e espaço, só nasceu um sujeito. É como se você tivesse um catálogo de todos os seres possíveis.

Tenho um texto que se chama “Astrologia e as Condições Predisponentes”. Neste texto partimos do raciocínio de Spinoza que diz que a essência de um ser nada tem a ver com as condições que o trazem à existência: o fato de ser um gato, nada tem a ver com o fato dele ter surgido aqui ou ali, ou morrer tal dia. O conhecimento da existência nada ensinaria se ela fosse feita de fatos mais ou menos aleatórios. Sendo assim, só interessaria conhecer a essência. Em princípio está certo, porém acontece o seguinte: em cada condição de existência nada descubro sobre a essência, porém eu sei que em determinadas condições a existência de determinados seres é impossível.

As condições predisponentes das quais fala Mário Ferreira são as condições de existência. Das condições de existência nada se pode deduzir sobre a essência, mas se pode excluir certas essências. Por exemplo, no deserto não nasce peixe. Para cada quadro de condição de existência estão excluídas quase todas as

essências. Isto quer dizer que se pudéssemos idealmente traçar todas as condições que cercam um determinado momento, nós saberíamos qual seria a única essência possível de vir à existência neste momento e lugar. É um raciocínio utópico, mas se soubéssemos do conjunto de condicionamento existencial, nós poderíamos dizer que neste lugar e hora só é possível este ser vir à existência (talvez ele não venha, mas se vier vem ele). Quais são os seres que são possíveis em cada lugar e hora? Isto nada tem a ver com influência astral, mas é uma simples combinatória de espaço e tempo. A condição total da existência se cifra para nós em espaço, tempo e número (ou quantidade). Se pudéssemos definir isto, poderíamos saber o que cada condição deixa passar, de maneira que inverteríamos o método de Spinoza, que só quer saber das essências e despreza a existência.

Abordamos este assunto para que vocês tenham uma idéia do que estou querendo dizer sobre o caráter. O caráter é a forma da individualidade possível para um determinado momento e lugar, o que não quer dizer que vá existir um sujeito com este caráter, mas se nascer neste momento e lugar só poderá ter este tipo de caráter. Por enquanto ainda não definimos o caráter individualmente porque ainda estamos dentro de um raciocínio tipológico.

A astrocaracterologia só abrange dois milhões e oitocentos mil tipos, e evidentemente existem mais pessoas que este número. Mas quanto mais fatores nós colocarmos nesta combinatória, levando em conta outros planetas, chegaremos a um número assombroso. Tudo isto é um estudo de combinatória que pode ficar para bem mais tarde, pois o problema não é este. Estamos tocando nisto para que a noção de caráter não venha a ser confundida com a hereditariedade ou com os hábitos, ou seja, com tudo aquilo que constituirá a matéria do caráter. Caráter é a forma cognitiva da individualidade, é um padrão cognitivo que marca as relações deste ser com tudo o que ele perceberá em torno.

Se perguntarmos qual é a causa do caráter responderemos que ele é assim porque é assim. Ele tem esta forma caracterológica porque ele é ele e não o vizinho. Porque, dentro da combinatória possível, só era possível este, porém estas especulações terão que ficar para mais tarde. Nisto consiste a Astrologia Pura.

Voltaremos a isto, mas o importante agora é compreender a idéia de que o caráter não tem causa, pois seria a mesma coisa que perguntar porque gato é gato e não banana. Do mesmo modo que as espécies não tem causa, são o que são, e são porque são, os caracteres singulares não têm causa, porém a personalidade, no seu conjunto, tem causa. Se perguntarmos porque um sujeito tem tais traços de personalidade e explicarmos que é porque ele tem tal combinatória hereditária, porque recebeu tais ou quais influências, porque exerceu tal ou qual papel social, porque aprendeu isto ou aquilo, etc., então todos esses traços terão causas, mas o caráter não, pois seria a mesma coisa que perguntar porque ele é ele e não outra pessoa.

A noção de caráter pressupões que exista nas personalidades algo de distinto e absolutamente irredutível a uma outra pessoa, e perguntar a causa disto não faz sentido algum. É fácil perceber isto quando pergunto porque eu sou eu e não outra pessoa. É uma pergunta manifestadamente absurda, quer dizer que o ser é um dado e não um conceito que inventamos ou poderíamos admitir ou não, trocando-o por outro conceito. O ser é um dado primário. O ser é e o não ser não é, assim o que é, é.

Sempre que constatamos que uma coisa é algo, não faz mais sentido perguntar por que é, mas por que tal coisa aconteceu. O "por que é" se refere à essência, e neste sentido nós poderíamos dizer que o caráter é a essência do indivíduo. Não a essência no sentido de algo misterioso que só surgirá no dia do Juízo Final, mas é simplesmente a forma da singularidade e, neste sentido, ela é a coisa mais óbvia que conhecemos no indivíduo: sabemos que ele é ele. Claro que podemos conhecê-lo mais profundamente, mas se somos capazes de distingui-lo dos demais, conhecemos a sua essência.

A definição de Sigwart dizia que a essência é a forma de um ser de tal modo que ela exige a presença de certas propriedades, que são inerentes àquele ser. Apenas não gosto de usar o termo essência porque tem uma ressonância "misticóide", como se fosse um outro "eu" superior que existisse por detrás do "eu" empírico. Já dizia Plotino que a essência é o que há de mais evidente, sendo que o que você precisa esperar para ver é a existência porque você só conhece a existência na experiência. O máximo que você poderia ter antes disso seria um quadro combinatório de possibilidade de eclosão de essências possíveis.

P. - Nós não chegamos a ver direito o Sol em cada casa.

Nós levaremos uma aula para casa. Aquela aula foi só uma prévia. Mas nós teremos que fazer isto usando

como amostras os seus horóscopos, porque não há nenhuma outra pessoa que vocês conheçam em comum. Poderíamos usar personagens históricos, mas estes nós os conheceríamos de longe, e seria necessário conhecer mais de sessenta, e só vai dar tempo de vocês conhecerem uns dois.

É por isto que tenho feito estas observações, morais ou amorais, porque todos têm impedimentos morais. Todo homem parte do princípio de que ele é bom e os outros são ruins. Você não conseguiria dormir se você achasse que você não é bom. Você não agüentaria ficar em sua companhia. Geralmente nós estamos errados com relação aos outros, quando atribuímos a eles uma quantidade de mal que seria impossível ao ser humano. Kant faz a seguinte pergunta: o homem seria capaz de fazer um mal integral? O homem é limitado, ele tem algo de bom necessariamente e se quiser praticar um mal talvez faça um bem. O homem não é um diabo, apesar de as vezes querer olhar o outro sob esta óptica, ou querer ser visto assim quando imita, por exemplo, Maquiavel.

Existem muitas imagens infantis do diabo. Gazetear a escola, por exemplo, mas talvez isto não seja um mal se a escola não for boa. Muitos dos males que pensamos que estamos fazendo não são males, pois quando olhados por outro lado podem ser um bem. Assim, as considerações moralistas são perfeitamente irrelevantes. Se você fica preocupado achando que desagradou o Senhor, então tente, que você conseguirá: quando você faz algo que julga ser um mal, imediatamente faz a coisa contrária para compensar.

O ser humano é intrinsecamente bom. Ele é burro, isto sim.

Se não houver impedimentos morais ao observarem uns aos outros, acabaremos fazendo o circuito de todas as posições possíveis; não a combinação das posições, que são milhões, mas as 72 posições de base que nós iremos estudar, pois isto é o alfabeto da astrocaracterologia.

P. - Nós não vamos estudar o Klages?

Klages encara o caráter no sentido da sua matéria e nós estamos tentando evitar tal distinção. A matéria é o conteúdo do caráter: as motivações e valores. Ele faz uma classificação de motivações e valores, mas sempre que entramos nesta parte estamos entrando na parte empírica, sendo que as classificações teriam que ser inumeráveis. Não dá para reduzir isto a um grupo. Na astrocaracterologia nós estamos fazendo uma abstração, e se levarmos em conta as motivações e valores, nós deveremos fazer um tipologia das famílias, das classes sociais, dos meios, etc., que são conhecimentos gerais das ciências humanas, que vocês terão que arrumar.

Nós nos ateremos à distinção formal. Formal por quê? Porque partimos do pressuposto que o ser humano se define pela sua relação cognitiva com o meio. A relação do indivíduo com o meio é marcada pela atenção, que é seleção, pois quando você olha para algo, você deixa de olhar para outra coisa. Portanto, se tivermos um esquema de instrumentos, dos meios que o indivíduo dispõe para conhecer, e uma seleção das direções da atenção, nós teremos distinções meramente formais dos caracteres, onde não entram as distinções de conteúdo.

É lógico que podemos levar esta distinção formal apenas até um certo ponto, pois não podemos fazer todas as distinções de todos os caracteres possíveis. Aliás, nós não vamos fazer nem a distinção dos caracteres, mas dos elementos separados, os planetas nas casas, e montar alguns a título de exemplo. Quando terminarmos isto, o curso terá acabado.

Vocês tem que ter consciência que estas distinções são formais, ou seja, todos os seres humanos têm estas mesmas faculdades, e todos os seres humanos têm as doze direções da atenção. Poderiam ser 13 ou 14, mas existe um motivo lógico para que seja 12. Todos têm as mesmas funções, e fazendo-as girar nas direções da atenção, vai dar uma certa combinatória, não interessando os objetos que são colocados. O mapa é um diagrama das direções da atenção e das faculdades, mas fora deste círculo existe o mundo. O que o indivíduo olha? Não interessa, pois conforme o meio ele olhará coisas diferentes. Temos que saber que o estudo do caráter não é o estudo da personalidade inteira, que resultará da somatória do caráter mais valores, que é igual a motivações.

A seqüência é esta: o caráter é definido como a estrutura cognitiva individual, e se não existisse mundo o indivíduo seria igual ao que ele é. Podemos considerar o indivíduo abstraindo o mundo, ou seja, considerar a forma singular que faz com que ele seja o que é e não outro, mas este indivíduo vive no mundo que é o

seu objeto de conhecimento. A totalidade do que ele conhece é o objeto, e ele é o sujeito. Caráter mais objetos (destes alguns adquirem valor) é igual a motivações. Motivações mais ocasiões é igual a comportamento ou conduta.

Se podemos estudar o caráter independente dos objetos e das motivações, podemos perguntar se dá para fazer o contrário, ou seja, se poderíamos explicar a conduta do indivíduo levando em conta somente os seus valores e motivações, porém não o seu caráter. Isto seria um enfoque classificatório, pois estaríamos olhando somente para aquilo que ele tem em comum com os outros indivíduos que participam dos mesmos valores ou motivações. Estaríamos explicando pela sua classe social, pela sua família, sua nacionalidade, etc.

P. - Segundo isto, nós vamos pegar a biografia e estudar a conduta do biografado segundo as motivações, isolando o caráter?

Sim. Se você isolar direito estes fatores, no fim sobrará o caráter, ou seja, quando você não conseguir mais explicar a conduta do biografado pelas motivações e pelos seus valores, quer dizer, se com tudo isto ainda estiver faltando algo para explicar a sua conduta, significa que este algo está na própria individualidade.

Dada a mesma motivação e ocasião, os indivíduos agem diferente uns dos outros. Descontadas as motivações, sobra somente a individualidade: por exemplo, se perguntarmos porque um gato mia, responderemos que ele mia porque está com fome ou porque você pisou no rabo dele, etc.; descontado isto, ele mia porque é gato.

Do ponto de vista lógico, as ações podem ter causas ocasionais — materiais, instrumentais, eficientes, finais — e podem ter causas formais, que é por exemplo, o gato mia porque é gato.

É neste tipo de explicação que temos que chegar. Por que ele agiu assim? Por que havia tais ou quais valores e motivações em jogo. Descontando isto, a resposta seria que ele agiu assim porque ele é ele, e se fosse outro teria agido diferente. Só quando chegamos neste ponto, nesta diferença individual irredutível, chegamos ao caráter. Mesmo assim a nossa visão do caráter ainda não é individual, seria individual se nós tivéssemos este catálogo de todas as relações espaço-tempo possíveis. A nossa visão ainda não é propriamente caracterológica, mas é tipológica, embora ela seja bastante diferenciada.

A rigor só existe um tipo de conhecimento do indivíduo, que é a narrativa; todos os outros conhecimentos são genéricos, vão associar aquele indivíduo a uma classe, espécie ou gênero. A caracterologia está no meio, entre o genérico e o individual.

Temos uma intuição do individual, mas para chegarmos a ele seria preciso um catálogo de todos os caracteres possíveis, mas isto é utópico. Disse isto porque o nosso conhecimento do individual sempre tem um resíduo de generalidade. Por mais que você conheça alguém, ainda assim você a encara sob certos aspectos genericamente, porque ela mesma se encara assim. Nós nunca somos inteiramente personalizados onde somos, somos de modo não por sermos nós mesmos, mas por sermos filhos de nossos pais, ou por pertencermos a uma classe social, a tal raça social, ou porque nasci em tal época. Não são caracteres pessoais, eles estão em mim mas não são meus.

Isto evidentemente não faz parte do caráter, o que não quer dizer que ele possa ser concebido independente do espaço e tempo, que seria tão absurdo quanto dizer que ele existe sem a existência. A essência está junto com a existência. É apenas uma distinção mental do que é essencial e do que é existencial, ou do que é caráter e o que é personalidade.

Nós sabemos que a interpretação de posição por posição é de ordem puramente formal, mas acontece que para desenvolver um vocabulário que permitisse à exposição puramente formal das 72 posições planetárias, este descomprometido de qualquer referência a matéria do caráter, seria um desafio terminológico terrível. Assim nós não vamos nem tentar, pois sempre que tentamos fazer um raciocínio puramente formal, nós entramos numa terminologia embrulhada. Eu estou lendo agora um grande clássico da sociologia, o Sistema Social, que é uma tentativa de fazer uma tipologia social independente dos fatos históricos, etc., ou seja, a tudo que existe realmente. Ele queria pegar o sistema no seu formalismo puro, mas quando você chega na página quinze você está sufocado, porque são aqueles termos que vão girando e se combinando uns com os outros, e que escapam da possibilidade de você intuir. É uma combinatória

matemática, e este é o grande perigo dos estudos matemáticos. Se você diz que a matemática é boa para a inteligência eu digo que é letal, pois as combinatórias matemáticas são fáceis, é apenas uma questão de prática, tanto que até um computador faz. Estas formas de conceitos possíveis são apenas uma parte.

O próprio do homem não é que ele apenas raciocine, mas que ele consiga raciocinar sobre suas intuições, e isto é que é fantástico. Mas se um indivíduo desenvolve a sua aptidão matemática, fazendo contas durante anos e acha que esta é a realidade... Não. Tanto que os grandes erros filosóficos, os mais trágicos, foram feitos por filósofos matemáticos. Platão foi o primeiro. O mundo ideal ou dos arquétipos só poderia ser inventado por um matemático que está acostumado a pensar fora da condição da existência, ou seja, pela mera combinatória. Aristóteles já não era matemático, mas biólogo, ele examinava os seres usando os cinco sentidos.

Entre os vários tipos de personalidade que Klages vai estudando no seu Tratado de Caracterologia, uma delas é a personalidade formalística, que é justamente moldada por estilos matemáticos, e que está habituada a pensar sem as intuições correspondentes, mas apenas pela combinatória. É como se fosse uma sintaxe sem semântica, o que um computador faria bem melhor que qualquer um de nós. A idéia de que a racionalidade do homem consista na matemática é uma grande tragédia: se isto fosse próprio do homem, então o computador seria muito mais humano que o homem. O homem não é o ser que matematiza ou que geometriza, como diz Platão. O homem é o ser que dá forma lógica para a experiência vivida. Dar forma lógica ao próprio pensamento lógico, até um computador dá. Existe um indivíduo que não tenha experiência, que tenha forma lógica? Não. O homem é esta mistura inextrincavelmente, pois o mundo intuitivo está ligado ao mundo racional. Se você desiste da racionalidade, querendo entrar no mundo da intuição pura, seguindo a linha de Bergson, é impossível. Você procuraria, procuraria, e quanto mais chegasse perto da pretensa experiência pura, diretamente vivida sem a razão, mais ela desapareceria da sua frente.

O nouveau roman, que é uma técnica que inventaram na França que tentava reproduzir a intuição pura, sem nenhum elemento racional, procurava reproduzir a intuição do momento da experiência singular, sem localizá-la em nenhum quadro de referência. Mas quanto mais eles tentavam isto, mais pareceria premeditado, quanto mais procuravam a experiência pura, mais artificial pareceria.

Podemos não por esta linha, mas podemos procurar desenvolver a lógica matemática, etc. Mas quanto mais lógico você fica, mais delirante você parece. Vocês leram O Sonho de Descartes, no qual é contado sobre o estado atual das ciências matemáticas? Está uma loucura. O raciocínio puramente lógico vai parecendo cada vez mais um delírio. Quanto mais perto da experiência pura, que seria dita irracional, mais razão você encontra, e quanto mais perto da razão pura matemática, mais você encontra o mundo da intuição e da experiência.

Não adianta querer separar. O homem é o animal racional. Ele não é animal — animal e nem racional — racional. Isto é que é próprio do homem, e não conseguimos intuir nada fora de nossa forma. Kant já havia dito. Não adianta tentar conceber as coisas como se não houvesse nenhum homem presente. Que tipo de conhecimento eu teria deste sujeito se eu o apagasse? Todo conhecimento que o homem tem é antropomórfico, isto é, damos a nossa forma ao conhecimento que adquirimos. Nós catalogamos o indivíduo segundo certos tipos, por exemplo.

Esta mistura inextrincável de intuição e razão é o homem, e para manter uma orientação sã, é só não separar estas coisas, mantendo-as sempre juntas. Há uma compensação entre a razão e a intuição : quanto mais você raciocina, mais necessidade tem de intuir.

Os estudos matemáticos deveriam ser reservados para o homem adulto. Achar que eles sejam úteis para a filosofia é uma inversão, pois eles levantam uma série de problemas para a filosofia responder. Devemos deste modo, inverter o lema de Platão: ao invés de ser “ninguém entra aqui se não for matemático”, diríamos que ninguém entra se não for filósofo.

Todas estas noções que queremos pegar, as dos caracteres, ou de uma forma pura de personalidade, são logicamente fáceis de entender, sendo que o difícil é compreender que isto exista na realidade, ou seja, que existe uma forma pura do caráter de uma pessoa realmente existente, que faz com que ela seja ela e não outra. Compreender isto todo mundo compreende, mas na hora de enfocarmos a pessoa escapamos disto,

pois é muito mais fácil compreendê-la por aquilo que ela não é.

Se explicarmos que uma pessoa é de um modo porque ela teve um trauma por causa de seu pai e sua mãe, ou porque é rica ou pobre, ou por causa de sua raça, etc., se a explicarmos assim, estaremos mudando de assunto, estaremos atribuindo a ela algo que é externo à ela a raiz de seu comportamento.

Uma pessoa colocada na mesma situação que outra, reagiria de maneira diversa. Há uma faixa de imprevisibilidade muito grande e quanto mais um comportamento é previsível, mais o indivíduo está agindo impessoalmente, segundo a sua classe ou hábitos do meio, etc. Se o comportamento fosse completamente previsível, haveria a tirania perfeita, onde o planejador social conceberia o comportamento de todo mundo e todos agiriam conforme o que ele quisesse. Por que isto nunca funcionou? Por que o planejador social também é um ser humano.

Nenhuma abordagem é completa se ela se detêm a um nível que não leva em conta o elemento pessoal irredutível, e esta incomparabilidade é que faz com que associemos esta idéia à uma alma imortal. O que não tem causa externa é indestrutível. Mesmo que você não existisse, você perseveraria no ser. Isto tem decorrências de ordem religiosa que não são do nosso interesse, mas não são de se desprezar. Se quiserem ter uma visão clara de um pensamento centrado nesta irredutibilidade do ser humano, que rejeita todos os enfoques de ordem sociológica ou histórica, leiam Nicolai Berdiaev.

O amor ao semelhante é uma verdade científica por mais que pareça ética. Ninguém consente em ser reduzido às causas eficientes que o tornaram assim, quer dizer, o homem reivindica uma autonomia, uma irredutibilidade que ele de fato tem, embora às vezes ela apareça disfarçada ou diluída.

Não é o tempo todo que o comportamento, os atos do indivíduo refletem esta diferença, às vezes, ao contrário. Por exemplo os atos que o indivíduo faz na rotina de trabalho em função apenas do cargo que ele ocupa, nada têm de pessoal, pois talvez um outro fizesse a mesma coisa. Nesta condição ele se esforça por anular-se. Outro exemplo é quando um indivíduo age pela vontade de outro, achando que é sua. A liberdade que os indivíduos têm é mais limitada do que se imaginava há um tempo atrás.

Todas as possibilidades de despersonalização de um indivíduo não revogam a realidade do seu caráter, apenas não há efeito ao nível do comportamento. O caráter é uma matriz do comportamento, mas existem formas de comportamento onde o caráter não interfere. Às vezes são formas alienadas, causadas pela loucura.

A idéia na psiquiatria de que o louco expressa o seu ser mais profundo é um erro, pois se há um sujeito que não é ele há muito tempo, é o louco. Os junguianos também caem nisto quando pensam que os loucos que desenham mandalas, etc., estão sendo mais profundos. Se o sujeito está captando conteúdos do inconsciente coletivo ele não fica mais autêntico, ao contrário, a individualidade é "comida" por ele, o que o próprio Jung dizia ser a maior catástrofe que pode acontecer; mas os junguianos acham uma beleza.

A partir do próximo mês começaremos com um estudo sistemático das posições planetárias. A técnica da astrocaracterologia não pode ser compreendida por quem não entende da sua teoria. **...**

P. - Minha idéia inicial foi de que a astrocaracterologia daria, como principal contribuição, as disposições e tendências de um indivíduo de modo a definir melhor sua vocação, mas depois da exposição da influência planetária segundo as casas ficou a impressão de que esta ênfase, dada a certos objetos de cognição, tem um aspecto muito mais limitativo no desenvolvimento total da personalidade do que propriamente propiciador da atualização de um talento qualquer.

Assim, do ponto de vista por exemplo do orientador pedagógico, caberia encarar a especialização determinada pelo horóscopo de nascimento como um indicador infalível das habilidades individuais ou, ao contrário, um entrave, operando à maneira de um filtro da realidade, cuja consciência seria indispensável ao pleno amadurecimento da personalidade?

Não é uma coisa nem outra. A sua idéia inicial é: através do horóscopo veríamos o potencial do indivíduo. Porém, depois do que falamos, nos parece que é o contrário, ao invés de dar o potencial parece dar uma limitação. Tudo que podemos chamar de potencial do indivíduo, está colocado num plano diferente daquele em que está colocado o caráter. O caráter em si não pode ser potencial para coisa alguma. Ele só

pode se constituir das limitações espaço-temporais. E quando dizemos que o indivíduo possui potencial para algo, estas coisas para as quais ele teria potencial são atividades humanas que só existem no plano da sociedade humana. Por exemplo: como é que o indivíduo teria vocação para pintura se ninguém tivesse vocação para olhar pintura? Imaginem o homem de Neanderthal com vocação para pintura num tempo em que não existia pintura. O que ele faria?

Todas as vocações estão no plano dos valores e vão constituir motivações. Estes valores e motivações são genéricos em relação ao indivíduo. o indivíduo é ele mesmo e tem seu caráter, sua forma singular. Porém, em parte por uma determinação desta foram singular e em parte pelos dados que recebe de fora, ele desenvolve um amor ou uma predileção por certos valores. Por exemplo, a pessoa que gosta de futebol, não poderia gostar de futebol só pelo seu caráter, pois a atração pelo futebol não é um traço de caráter.

A vocação que cremos ter é genérica. Aquele que acredita que quer se tornar um grande jogador de futebol é porque viu o Pelé jogando. Aquele que acredita que tem vocação para pintura é porque viu Picasso ou Michelangelo.

O sujeito faz a opção porque viu a obra do outro e não a sua. Suas obras-primas não estão prontas ainda. Ele sabe que vai ter que pintar outra coisa, pois a que vê, Picasso já pintou. Ele sabe que não pode levar a vida do outro, mas sabe que a vida que quer levar tem algo do outro. Entre estes símbolos genéricos das vocações e potenciais humanos que chegam até o conhecimento do indivíduo e as disposições limitativas de seu caráter, é que ele irá achar a sua vida.

O caráter é uma forma singular, portanto, é limitativo. O sujeito é aquilo e não pode ser outra coisa. Por outro lado no ambiente em que o indivíduo vive, olhando ao seu redor ele vê coisas e valores que despertam nele uma afeição ou um desejo. Porém para que ele, estes valores não são pessoais no momento onde ele os vê. Estes valores vêm de fora para ele. Quando ele determina que vai ser pintor, ele não sabe qual o quadro que irá pintar, se soubesse ele o pintaria agora. Da mesma forma, quem determina que irá ser um inventor, não sabe o que vai inventar, se soubesse estaria inventando neste exato momento. O indivíduo sabe que as vocações, os potenciais que vê em torno são símbolos ou indícios de alguma coisa que ele pode fazer mas que ele não sabe exatamente o que é.

Entre o genérico, que é o valor que vem de fora, e o singular que é a própria forma do indivíduo ele tem que achar uma fórmula, um acordo. Por outro lado ele adapta a sua conduta ao modelo vindo de fora e adapta as possibilidades deste modelo às suas próprias disposições. É a fórmula de Ortega Y Gasset: “A reabsorção das circunstâncias é destino concreto do homem”. Por isso o caráter é limitativo. Quando olhamos o mapa não podemos saber de forma alguma qual a vocação do indivíduo. O que podemos saber é qual a forma singular que ele vai ter que dar à sua vocação.

Às vezes nós confundimos as duas coisas porque não conseguimos exprimir as funções zodiacais em linguagem puramente formal, então usamos uma linguagem tirada de valores, de instituições, constumes e hábitos da sociedade. Nos parece assim que estamos falando de vocação. Por exemplo: Alguém com Saturno na Casa VII; não significa que ele tenha vocação para ser advogado. Mesmo porque ele pode estar vivendo numa sociedade onde não existam advogados. Numa tribo indígena, por exemplo. Neste caso o que se quer dizer é que a forma da mente dele é jurídica. Quanto ao conteúdo, ele pode querer ser pintor e neste caso então ele vai ter que lidar com estas duas coisas.

O astrólogo pode orientar o indivíduo vocacionalmente, mas não exclusivamente a partir do mapa. O mapa vai nos dar a limitação que a forma individual dele coloca em tudo. Esta limitação acaba sendo uma grande vantagem se o indivíduo der sorte e realizar direito a reabsorção das circunstâncias. Porém quando existe um desajuste entre a forma do indivíduo, os valores escolhidos e os potenciais que ele quer realizar, então ele terá problemas.

Se o indivíduo quer ser uma coisa e de fato é outra, então ele terá que achar um acordo. Pois ele é livre para fazer o que deseja mas não é livre para mudar a sua forma. O indivíduo tem que fazer uma forma dialética entre o que ele é e o que ele ama e deseja. Claro que isto pode chegar ao ponto da tragédia, por exemplo, quando o sujeito deseja coisas que não tem condições de jeito nenhum. Em geral sempre há um jeito.

Os sujeitos das vidas completamente realizadas são aqueles que conseguiram dar a sua forma singular ao

objeto amado, e por outro lado se adapta a ele também. Houve aí um casamento do homem com o destino. Por isso mesmo que eu acho que o provérbio que diz "Caráter é destino" é uma aberração.

O caráter não é o destino, se fosse seria a maior maravilha. Cada um faria seu destino de acordo com o seu caráter e só lhe aconteceriam coisas que estaria apto a resolver. Quem percebeu bem esta questão foi Shakespeare quando disse: "O dom deste e a finalidade daquele". Eu sou isso, mas eu quero ser aquilo, ou eu sou isso mas só me acontece aquilo.

Não podemos dizer que existe no caráter do indivíduo o gosto por nada. Todo gosto depende do objeto. Por exemplo: o sujeito gosta de maçã não simplesmente pelo seu caráter, mas sim porque existe a maçã.

O objeto do qual o sujeito gosta mostra um potencial seu, mas o objeto não está nele. Este potencial está metade nele e metade no objeto. No caráter não tem nenhum potencial, o caráter é algo que está fechado e não pode mudar. Dado um caráter não está dado uma vida, um destino, como disse Karl Marx: "O homem faz sua própria história, mas não num cenário escolhido por ele".

A defasagem entre caráter e destino é a essência do sofrimento humano. Existem três elementos mediadores neste caso:

(1) a consciência humana e a vontade livre;

(2) a sorte;

(3) a Providência.

Parece que quanto mais o indivíduo consegue ajustar o caráter ao destino desejado, mais a Providência o ajuda a realizar aquilo que pretende.

Algumas pessoas não tem vocação para a felicidade. Esta é a única divergência que tenho em relação a Aristóteles, que diz: "O objetivo da vida humana é o encontro com a felicidade". Só que a felicidade é um acidente. Ela resulta de algo que você faz, sendo assim um efeito colateral. A felicidade é um conceito genérico, não pode ser objetivo de nada. Quem quer fazer algo tem um objetivo concreto. A felicidade em si mesma é o estado em que ficamos quando fazemos o que queremos. Portanto, não pode ser ela mesma o que se quer. Este foi um lapso do mestre Aristóteles.

Dizer que a felicidade é o objetivo da vida humana, é o mesmo que dizer que o sujeito faz sexo por prazer. Mas não é assim, é o contrário, ele terá prazer se fizer sexo. O prazer como objeto implica que pode ser feito com qualquer pessoa. Porém quem tem um desejo não tem desejo por uma mulher genérica, tem desejo por alguém especificamente.

O desejo é sempre o cruzamento entre um sujeito e um objeto. Sem o objeto não existe o desejo. Na verdade o desejo não é genérico, ele é específico, porém não é suficientemente individualizado. Só poderíamos ter um desejo individualizado de um objeto que já conhecêssemos bem e quiséssemos de novo.

Nós temos a intuição da essência, mas não conhecemos o objeto na sua inteireza. Isto causa o desejo de completar no plano da existência a plenitude de essência. O indivíduo acha que seu objeto de desejo lhe permitiria vivenciar no plano da existência algo que esteja tão fechado e tão completo como a própria essência. Os desejos surgem a partir destes pedaços que estão faltando. Platão é quem dizia isto, que os seres foram cortados e jogados no mundo, então eles ficam procurando pedaços que estão faltando.

O desejo é freqüentemente equivocado, pelo fato de que desejamos algo que não temos ainda: se não temos ainda não conhecemos. O desejo é como um indício, como um sinal que nos faz parecer ser este objeto aquilo que nos falta, mas só vamos saber se é mesmo depois que o experimentarmos. A experiência é o único meio de conhecer as coisas. Mas por outro lado, a experiência é perigosa. Ela pode ser traumática, e a partir daí o indivíduo não quer mais ter a experiência, fica com medo. Ela pode também ser uma vertigem e o sujeito passar a pensar que a experiência é a finalidade em si. Como ocorreu com Andrá Gide, que fez disto a pauta de sua vida; a experiência pela experiência, e não deu certo.

Quando o sujeito se atira aos objetos e afãs desejados, esquecendo se ele tem jeito para aquilo ou não, as exigências da forma do caráter vão ficando cada vez mais radicalizadas. O caráter é como uma forma fixa, quanto mais você força para fora mais aquele pedaço que é forçado vai doer. Só o que lhe resta fazer é

voltar e ver qual a exigência caracterológica que está bloqueada.

Por exemplo: no indivíduo que tem Saturno na Casa I existe uma exigência caracterológica de que preste uma tremenda atenção na forma de sua individualidade e se interrogue: Quem sou eu? Esta é a pergunta chave. Porém ele pode não querer pensar nisso. O seu objeto desejado pode ser outro. Neste caso, o pé da existência vai andar, mas o pé da essência irá segurá-lo para trás.

P. - A atitude correta seria orientar o indivíduo quanto aos conhecimentos que deve adquirir relacionados à casa onde está Saturno?

Depende, se o indivíduo esbarrou num obstáculo intransponível, sim, ele vai ter que voltar para trás e recomeçar tudo, pensando melhor no assunto referente. Mas se ele não encontrar obstáculos intransponíveis ele deve continuar andando em frente. Por exemplo, no caso de Roosevelt nada impediria pensar que sua doença foi uma somatização de um conflito não resolvido. Para ser do jeito que era, levar a vida que levava, teve que entregar as pernas.

P. - Sendo Saturno a razão, quanto mais intelectualizar a casa onde ele está não seria melhor para o indivíduo?

Claro. Mas não podemos transformar isso numa receita para a felicidade humana. Poderíamos dizer a Roosevelt: "Desista destas coisas de política e vá ser pastor protestante que você ganha as suas pernas de volta". Não adiantaria nada, pois ele tem a sua liberdade de escolha.

Quando a vida do indivíduo entrava ele não consegue mais ir para frente. Ele tem que buscar força onde ele tem. Existe uma espécie de força negativa que é a força interrogativa da razão. O indivíduo sortudo, que já está sendo levado pela vida, não irá fazer esta pergunta. O indivíduo que conta com a sorte não precisa desta força. Só é necessário saber até quando ele pode confiar na sorte, pois ela pode falhar.

É evidente que casos como o de Roosevelt são exceções. Não é isto que geralmente acontece. E se o indivíduo não tem sorte terá que esforçar-se e usar o que tem. A vida não pára, ele toca em frente e não quer saber quem você é. Teremos que ver até que ponto é possível uma acomodação da sua existência, uma renúncia da conquista e vamos ter que resolver este problema.

O seguro é que sempre quando a vida do sujeito amarra há uma vantagem secundária. Esta vantagem que o sujeito tem com o fracasso, com a inutilidade de um monte de tentativas que faz, é que no fundo ele está tentando conservar a integridade de sua imagem no mundo. Não poderia ter sósia neste ponto.

O ponto onde está Saturno no mapa é a questão que ele precisa responder, porque é a única questão que de fato lhe interessa. É a única questão que ele teme também, e portanto, é a única que lhe parece importante. Se ele deixar esta questão de lado fica inteiramente à mercê da sorte. E a sorte é tão boa com uns e ruim com a maioria. Deixando inteiramente de lado esta questão ele vai se afastando dele mesmo. A única saída seria ser bastante humilde naquele ponto, e dizer: "não, eu não tenho capacidade para isso, eu me dou por vencido".

A pessoa com Saturno na Casa IX como Roosevelt tem consciência ética cheia de perguntas irrespondíveis. Mesmo fazendo o bem o sujeito sente que está errado em algum ponto. As pessoas acabam acusando-o do que ele não fez, mas poderia ter feito. Por exemplo, Roosevelt poderia reclamar o seguinte: "Eu procuro fazer o bem, sou bem intencionado, mas todos acham que sou oportunista e inescrupuloso, e o pior, é que alguns gostam de mim exatamente por isso".

Esta contradição sumiria se ele questionasse e procurasse compreender melhor o seu Saturno. Roosevelt parecia ser um sujeito que fazia o que tinha que fazer para que as coisas dessem certo. Como o sujeito que quer o sucesso a qualquer preço, vai ter que dar certo, e para ele o certo e o errado não existe. Dava uma imagem exatamente suspeita. Os conteúdos de suas ações eram todos bons, não se sabe de ter ele feito nenhum mal para a humanidade. Mas o fato é que existia uma consciência moral insatisfeita com sua própria simploriedade moral. Entre esta má consciência que tinha no fundo e a simploriedade da consciência, os outros viam contradição, e já o acusavam de estar fazendo uma coisa que não tinha feito, o que para sua consciência moral reprimida poderia ser encarada como coisa real.

As pessoas o viam como mais leviano do que realmente era. Como presidente isto não era um problema, visto o meio em que estava, porque os americanos gostam do tipo esportivo e jovial. Isto só era exigido

dele parcialmente. Não era um meio onde as pessoas fossem promovidas por uma consciência moral fora do comum. Promoviam-no justamente pelos caracteres que tinha, um homem jovial, de sorte e de sucesso, mas sempre sobrava alguém para acusá-lo de inconsistência neste ponto. E esta acusação devia doer nele. As intenções do sujeito neste caso podem ser elevadas, mas a sua elaboração moral é muito pobre, ele pensa muito pouco neste assunto. Talvez este indivíduo tivesse a consciência bem mais atormentada do que parecia.

Ninguém escapa de Saturno, porque se existe uma inconsistência ou incoerência, a sua consciência pode não pensar naquilo, mas aquilo existe e se você não vê, alguém vê. A única solução é o próprio sujeito se ajeitar com ele mesmo. Porque se você está no seu estado de coerência ninguém pode derrubá-lo. Muitas vezes este aspecto da coerência que o ser humano necessita se externaliza. Em vez dele ter coerência dentro dele, passa a haver uma espécie de coerência do destino. Porque você fez, e passa a ter um resultado do que você fez. Ou você mesmo toma consciência de incoerência e procura mudar, ou o destino continuará refletindo a repetição dos seus erros.

Mas isto é só uma parcela da coisa. Nem tudo o que acontece ao indivíduo é porque tem uma incoerência nele. Existem outros seres humanos que também agem. Isto é apenas uma injustiça que o indivíduo fez com ele mesmo. Mas das injustiças que nós sofremos, somos culpados de somente um milésimo delas, os outros 999 milésimos são os outros que nos fazem.

A própria vida de Roosevelt é o exemplo de que o sujeito pode ser incoerente e continuar tendo sorte nos outros setores evidentemente. Por outro lado, existem pessoas inteiramente coerentes e que nem por isso deixam de sofrer um destino, acontecimentos externos que se abatem sobre ele, sem nenhuma culpa de sua parte.

Esta idéia de que o sujeito é culpado de tudo que lhe acontece é uma ilusão de que ele poderia, por alterações internas, governar tudo que está a sua volta, isto é, um efeito mágico. Para alguém poder governar seu destino teria que governar o destino de todos que o rodeiam. Acontece que cada um dos seres tem seu destino, sua consciência, suas decisões, que não estão à sua mercê. É claro que o homem que tem muita coerência internamente tem um poder sobre os outros mas é um poder limitado. Sempre chega um ponto em que ele se depara com alguém que tem mais poder que ele, e este outro pode lhe impor coisas que ele não quer.

A coerência é uma grande força do ser humano, aliás a única que ele tem. Ou tem coerência ou tem sorte. Em geral quem age pela consciência tem melhores resultados. E são raros os casos em que o sujeito dá certo contra toda a racionalidade possível.

A coerência em si mesma não gera o sucesso além de uma medida muito restrita. Mas ainda é a única força que temos.

Napoleão também tinha Saturno na Casa IX, mas não dá para saber qual ideal ele tinha, que ele considerava certo. Ele pensava muito e justamente por isso ia criando muitas idéias. Foi ele praticamente que criou o código civil da França. Foi um assunto sobre o qual ele pensou a vida inteira, tanto é que deixou alguma contribuição neste setor. Neste sentido é diferente de Roosevelt. Napoleão foi um dos grandes legisladores da humanidade, seu código civil é a base de todos os códigos que existem no mundo. Podemos até dizer que ele inventou uma sociedade humana. Foi pensando nestas questões morais que ele construiu o mundo dele. A carreira de Napoleão foi o resultado de sua pessoa. A época napoleônica foi um projeção da personalidade dele. Já a época de Roosevelt não foi uma projeção de sua personalidade.

Roosevelt não foi um grande homem como foi Napoleão ou Carlos Magno. Podemos dizer que ele foi um pedaço de grande homem. Roosevelt lançou o princípio da economia em que o Estado é o elemento ativador da economia, e isto é a base da economia moderna. Na verdade ele difundiu esta idéia, mas a idéia era de Keynes. Hoje quem segue esta idéia não se inspira em Roosevelt, mas em Keynes. Ele foi o executor de uma idéia alheia, idéia que talvez ele nem dominasse.

Roosevelt era simpático, as pessoas gostavam dele, ele tinha instinto para saber qual era a pessoa certa para fazer o negócio certo. Mas levou muito tempo para ser levado a sério. Não é como Wilson, que quando foi para a presidência era reitor da Universidade de Princeton. Ele criou todo um sistema de ensino, que é um dos melhores do mundo. Colocou ali todos os seus conhecimentos teóricos-educacionais

em prática. Era uma escola pequena que tinha se transformado na maior universidade americana. Ele já era um homem de sucesso, tinha mais de 50 anos. Possuía já autoridade, e aí então foi chamado à política.

Roosevelt não tinha esta autoridade, as pessoas gostavam dele mas não o levavam a sério. Ele era como Ronald Regan. Era um cara que faz piadas, é engraçado. Nos EUA eles gostam disto, se fosse no Brasil seria ridicularizado, pois aqui o povo gosta de formalidade. Todos os presidentes nos EUA foram eleitos assim, exceto Nixon, que não tinha graça nenhuma.

Roosevelt tinha todas as características que agradam os americanos em dose monstro. Isto implica que ele pudesse ser conduzido pela sorte, independente da sua inconsistência pessoal em outros setores. Os americanos já erraram muito por votar no mais simpático, como no caso de Carter — ele tinha Vênus na Casa X, todos achavam ele muito simpático, mas ele só cometeu erros.

As características do indivíduo têm que ser contrastadas com aquelas que são aceitas no meio social. Se formos ver por exemplo a vida de Lula, perguntarmos por que ele não deu certo? Com certeza não é porque não tem cultura, pois o Collor está num nível até pior do que ele. Lula sabe muito mais que Collor. Lula não ganhou porque não temos a tradição de votar num homem do povo. O tipo para presidente no Brasil é o do tipo aristocrático, então votaram no mais rico.

Aulas de maio de 1991.

AULA 52

Vamos iniciar a descrição dos tipos. Essa descrição não pode ser feita de maneira estática como em determinados livros de astrologia e testes de personalidade, onde se usam determinadas palavras-chave para determinar um comportamento padrão como, por exemplo, se diz de um indivíduo quando tem liderança, iniciativa, sociabilidade e etc. Essa maneira de descrever dá uma aparência de rigor mas é fundamentalmente inadequada para a psicologia e à astrologia em particular. O máximo que um teste poderia ser ocorreria quando ele fosse comportamental - ou seja, um teste que medisse os comportamentos de indivíduos - e não quando fosse um teste que se diz de personalidade, porque o comportamento humano, mesmo que possa ser repetido, não é a chave principal da personalidade - essa chave chama-se "motivação". Uma motivação nunca é unívoca, ou seja, um vetor que vai em linha reta e faz o indivíduo se comportar dessa ou daquela maneira, e sim uma espécie de resultante de uma dialética bastante complicada. Ou seja: o indivíduo deseja tais coisas em tais circunstâncias contanto que tais condições sejam cumpridas e contanto que tal pessoa esteja envolvida, e não desejaria outras coisas numa outra situação diferente. Essas diferenças mínimas dos componentes da situação alteram completamente a motivação. O índice de sociabilidade ao longo da vida do indivíduo pode ter pouco ou nada a ver com a personalidade do indivíduo, e pode ter tudo a ver com o meio mais ou menos propício para tal. Ou seja: você o muda de meio e a sociabilidade dele acaba. Não há um traço como "sociabilidade" na personalidade do indivíduo que permaneça estável, e é somando os vários comportamentos ao longo da vida que chegamos a uma resultante. Podemos fazer uma estatística em média mas seria difícil associar essas resultantes estatísticas à personalidade do indivíduo. Sendo assim, dizer que o indivíduo seja sociável ou não é apenas fazer uma média de comportamento e, assim, nunca saberemos se a sociabilidade está nele, no ambiente ou na circunstância. Para dizermos que o indivíduo, dentro da sua psique, tenha um impulso sociável, teríamos que estar falando exatamente dele e não apenas do seu comportamento visto de fora e quantificado.

A descrição da personalidade nunca pode ser feita em termos de traços estáticos do caráter, tais como liderança, sociabilidade e etc, pois todas essas constantes do comportamento podem não ter quase nada a ver com a personalidade. As mudanças de comportamento que o indivíduo sofre em determinadas situações e meios sociais podem transformá-lo em um indivíduo sociável. Na realidade, os testes obtêm uma média de comportamento real mas sem uma legitimidade científica para serem associados à personalidade. A expressão "teste de personalidade", em si mesma, já é contraditória: se é personalidade, não pode ser conhecida por teste; e se pode ser conhecida por teste, não pode ser personalidade mas apenas comportamento. A descrição então não é feita por soma de traços e sim pela dialética de um drama, de um

conflito. Cada posição planetária, cada traço caracterológico corresponde a uma equação que descreve um conflito. Mas a palavra conflito não precisa ser usada com sentido belicoso: se refere apenas a um modo de relacionamento do indivíduo com o seu passado, seu futuro, as pessoas que o cercam, a história em que se encontra. Entretanto, nunca existe um acordo completo entre essas circunstâncias e nem um desacordo completo: a fórmula de maior ou menor acordo em cada uma dessas direções é quem vai dar a chave da descrição.

Se queremos saber qual é o tipo intuitivo do indivíduo, os elementos são: a faculdade da intuição e a direção da atenção, ou seja, uma seleção que ele opera em todo o mundo vital ao seu redor e dentro de si. As doze casas astrológicas são, assim, as doze direções da atenção - para dentro ou para fora - , doze maneiras de olhar o mundo, doze maneiras de olhar-se. E é por onde a atenção sai que ela volta. Em suma: de um lado, a faculdade; de outro, a direção da atenção; e, de outro, os dados que vêm de fora e que nada têm a ver com o horóscopo, tais como meio social, valores, educação e etc. Mas, para descrevermos um outro traço de caráter - como a inteligência racional, por exemplo - temos que mudar apenas um desses elementos - a faculdade - e ver toda a alteração que isso causaria na disposição dos personagens daquele drama. Sendo assim, a descrição é bastante complexa e nunca poderá ser reduzida a uma soma de caracteres assinalados por adjetivos, por uma simplificação mnemônica (fórmulas, abreviaturas e etc). Os nomes encontrados para os tipos são puramente convencionais, não devem ser tomados como descrições de um indivíduo. Por exemplo, se dizemos que um indivíduo com Sol na Casa I tem uma inteligência intuitiva autônoma, isso não quer dizer que ele seja autônomo (decisões, profissões) e sim que esta é a forma da sua inteligência intuitiva. Além do quê, o indivíduo não é apenas a sua inteligência intuitiva e seria impossível reduzir essa caracterologia a rótulos, a adjetivos identificadores de comportamento.

A descrição que vamos iniciar não será feita por somatória de adjetivos mas sim por um jogo de forças, por uma somatória de todos os jogos de forças existentes. Nenhuma posição planetária jamais corresponde a qualquer comportamento identificado, ou seja, se nós pegarmos várias pessoas com a mesma posição planetária, será em vão que procuremos constantes de comportamento em comum. O fato de um sujeito ter Saturno na Casa VII e um outro também, não indica similaridade de comportamento mas sim similaridade de motivos íntimos, havendo portanto vários comportamentos diferentes sob mesmas circunstâncias. Entretanto, quando perguntamos com é que eles justificam seus comportamentos, É NESSA JUSTIFICATIVA QUE ENCONTRAMOS A COMUNIDADE DOS TRAÇOS CARACTEROLÓGICOS. Por isso, não há relação direta entre posição planetária e comportamento: essa relação é indireta, através dos motivos. Esses, por sua vez, são de composição dupla pois também não advêm diretamente de uma posição planetária, mas de uma posição planetária acrescida de valores adquiridos. Sendo assim, a posição planetária é a constante cognitiva no indivíduo. Ela processa os dados do mundo exterior, recebidos através daquela casa e daquela função e, por isso, temos que calcular uma resultante dos valores adquiridos somados ao da posição planetária. Essa resultante será o valor introjetado, que é diferente do valor recebido. Esse valor introjetado, por sua vez, produzirá comportamentos que são diferentes em situações diferentes. O valor adquirido é, assim, a resultante de certa perspectiva cognitiva do indivíduo acrescida do valor recebido. Este valor introjetado - do qual a posição planetária é um dos componentes - será, por sua vez, a chave de outros comportamentos futuros em outras situações. Para chegarmos desde fora até a compreensão da posição planetária do indivíduo nós precisamos conhecer a situação em que ele age agora, os valores recebidos anteriormente e qual foi o valor introjetado - se não reconstruirmos toda essa cadeia causal não dará para saber qual é o papel que, no conjunto da personalidade, desempenha a posição planetária.

Aquilo que não representa para você uma possibilidade de ação compreensível, você nem capta no outro. Isso representa um limite de nossa compreensão, porque quanto menos possibilidades diferentes você reconheça em você mesmo, tanto menos você poderá compreender o outro. Para chegar a fazer interpretação de todo esse círculo de possibilidades de comportamentos diferentes é necessário saber, dentro de você, onde está o germe de cada um deles. A maioria de nós nunca teve Saturno na Sétima; porém, sem ter tido, pode ter vivido e introjetado valores similares a alguém que tenha. Mas, tendo recebido valores similares acaba, por sua vez, introjetando valores diferentes pois, tendo um traço caracterológico diferente, processa isso de uma maneira diversa. É somente sabendo o nosso que poderemos medir a diferença que temos com relação aos outros indivíduos.

Saturno nos dá uma indicação sobre o processo racional do indivíduo. A razão é definida, aqui, como a faculdade do sistema, a faculdade do todo, a faculdade totalizante, aquela que "harmoniza" toda a experiência do sujeito e que constrói uma visão que parece coerente para ele. A Casa onde está Saturno é a Casa onde o indivíduo fará questão de processar todos os dados recebidos, julgá-los e colocá-los dentro de um todo conscientemente admitido. A introjeção de valores na Casa de Saturno sempre será consciente porque ela é problemática, ou seja: um órgão que dói você reconhece, toma consciência, e o que não dói você nem percebe. Como o processo racional é um processo sempre crítico, então, os dados recebidos na casa onde está Saturno sempre chegam ao seu conhecimento consciente. Entre vários indivíduos que têm Saturno na Casa Sete, o traço comum que existe em todos eles não é de natureza comportamental mas sim cognitiva. Este traço cognitivo está por detrás do comportamento e não aparece à plena luz do dia como esse. Por exemplo: um indivíduo pode ser extremamente delicado no seu trato social por ter Saturno na Sétima Casa e um outro pode ser um grosseirão pelo mesmo motivo. Isso quer dizer que podemos desistir de encontrar esses traços óbvios. O tipo cognitivo a que ele pertence é um dos componentes do comportamento e este pode ser a chave explicativa do comportamento - mas não é o comportamento. Os dados que o indivíduo recebe naquela Casa (direção, categoria) são problematizados porque o seu Saturno está lá. Podemos, então, dividir as pessoas em dois tipos: as que têm mais e as que têm menos inteligência racional. Só que isto não é um dado que encontramos no mapa . Se temos dois indivíduos com Saturno na Casa Sete com o mesmo problema, um deles pode resolver rápido o assunto e o outro pode demorar mais para fazer a comparação entre ele e os outros, que é o tema da Casa em questão. Na Sétima Casa o indivíduo faz um par de pares: aqui tem eu, ali tem ele; aqui tem meu comportamento, ali tem o dele; aqui tem o valor do meu comportamento, lá está o valor do comportamento dele; o que ele fez é mal, o que eu fiz é bom, e vice-versa. Já com o Sol na Casa Sete essa operação é instantânea. Ela não é problemática. Ela é feita intuitivamente, ou seja, capta todo o sistema de proporções que existe entre o próprio comportamento e o comportamento dos outros intuitivamente. Porém, ele capta isso só no instante em que a coisa está acontecendo e não tira conclusões. Isso significa que aquilo que ele captou num momento não determinará o seu comportamento em outros, ou seja, a cada momento ele captará de modo instantâneo a proporção e a comparação entre ele e o outro e produzirá um novo comportamento adequado àquela situação em particular. Mas com Saturno na Sétima acontece que, cada vez que fizer a comparação entre o próprio pensamento e o do outro, ele vai querer extrair daí uma lei, uma regra aplicada à explicação do seu comportamento anterior e ao planejamento de seus comportamentos posteriores. Portanto, ele deseja extrair mais da experiência do que o indivíduo que tem, aí, o Sol.

A Casa Sete é a informação comparativa entre o eu e o outro, ou seja, a comparação que se faz entre si e as outras pessoas, entre os outros com os outros - é a equivalência. Essa bilateralidade existe em todas as pessoas, mas a maneira de fazer essa comparação por um indivíduo com Sol na Sétima e por aquele com Saturno na Sétima é completamente diferente. Com o Sol na Sétima, ele capta essa relação com o outro instantaneamente; porém, capta somente aquela que está em jogo na situação vivida no momento, capta essa bilateralidade do momento, age em função dela e a esquece. Se vive uma situação é como se a primeira não tivesse existido: capta de novo um outro padrão de bilateralidade que só existe naquele momento, compreende aquilo naquele momento, e desenvolve uma atuação adequada naquela situação em particular. Porém, com Saturno na Sétima cada situação de bilateralidade não é vivida como única mas sim como amostra de uma regra geral, ou seja: o indivíduo pretende extrair dela uma conclusão que fundamente uma regra geral com a qual possa avaliar todo o seu comportamento anterior e o comportamento seguinte. Para o indivíduo com o Sol na Casa Sete as situações de bilateralidade efetivamente vividas tem como única finalidade a adequação do indivíduo a essas mesmas situações; já com Saturno na Casa Sete cada uma das situações é vivida como amostra e exemplo de algo que deveria ser uma regra geral, ou seja, cada situação é um novo padrão de avaliação de todas as relações do indivíduo. É justamente aí que nós vamos encontrar a semelhança entre os indivíduos que tem Saturno na Sétima: não no comportamento, mas na operação cognitiva que eles fazem. Ou seja: apenas quando procurarmos explicar os motivos deste comportamento é que encontraremos a comunidade de traços astrocaracterológicos, e se compararmos dois comportamentos com dois motivos. Pode ser que um dia a similaridade cognitiva se denuncie em um comportamento igual entre dois sujeitos que tenham a mesma posição planetária mas, às vezes, não se denuncia, e seus comportamentos continuam a ser diferentes, apenas o MOTIVO sendo sempre igual. Há também a possibilidade de que o indivíduo aprenda tanto sobre aquela Casa que o comportamento dele acabe ficando enormemente diversificado e bastante parecido com

alguém que tenha o Sol na Sétima; porém, isso ocorre somente na vida adulta e somente depois de muita experiência acumulada. Podemos supor também que no início da vida as reações às situações de bilateralidade do sujeito com Saturno na Sétima sejam reações mais duras e canhestras porque, na falta de experiência, poucas conclusões se podem tirar. Isto quer dizer que o indivíduo revelará uma insegurança e uma hesitação não de comportamento mas de natureza intelectual, ou seja, uma incerteza quanto à maneira de julgar tais ou quais situações. Essa incerteza poderá ser agravada ao longo do tempo, ou poderá diminuir.

Essa noção da bilateralidade é a noção fundamental em dois setores do conhecimento: moral e direito. Existe uma bilateralidade de deveres e direitos tanto no sentido da moral como no sentido jurídico. A diferença da moral jurídica reside no fato de que o setor jurídico contém uma obrigatoriedade imposta pelo poder do Estado, enquanto na moral pura e simples não podemos prender o indivíduo por um comportamento que nos pareça imoral - a não ser que, além de imoral, esse comportamento também seja ilegal. Ou seja: se é imoral mas não é ilegal, nada podemos fazer. Se a Casa Sete é a Casa dos julgamentos morais e dos juízos, isso quer dizer que nós podemos compreender um pouco mais dos processos cognitivos dessa Casa com referência a essas duas disciplinas. Sendo assim, o indivíduo com Saturno na Casa Sete usa cada situação como se fosse um dado a mais numa imensa explicação moral e jurídica que ocupa uma boa parte de seu tempo; ele tenta criar um código moral e jurídico para suas relações humanas. Com o Sol na Sétima o indivíduo não tenta criar esse código e nem mesmo precisa sabê-lo: ele procura apenas se manter dentro do código existente. Cada situação implica num código moral e jurídico próprio, porém a diferenca que existe entre Sol e Saturno na Casa Sete é a mesma diferença que existe entre você inventar as regras de um jogo ou jogá-lo bem: quando alguém joga bem, na hora em que está jogando, não se lembra das regras. O conjunto de regras morais e jurídicas da sociedade ou do sujeito é um jogo que o indivíduo com o Sol na Sétima procurará jogar o melhor possível, e que o indivíduo com Saturno na Sétima procurará codificar para ter certeza de que os lances seguintes já estão previstos. Dá para entender que tanto um quanto outro desses traços pode se expressar numa variedade enorme de comportamentos e, se procurarmos explicar o porquê deles, encontraremos essa motivação no fundo.

Estudemos, por exemplo, determinado traço de comportamento: o indivíduo afetado. Trata- se de uma pessoa que procura mostrar exageradamente uma qualidade ou um defeito que não tem, expressando-os de uma maneira estilizada. Na medida que enfatiza demais, percebemos que ele tenta chamar a atenção sobre si mesmo, como, por exemplo, quando fala de seus defeitos, quando fala da sua própria burrice e vai além de toda burrice já realizada. Seja um indivíduo com Saturno na Casa Sete ou na Um, como é que poderemos distinguir? Pelo MOTIVO. E qual seria o motivo do indivíduo? Qual é a diferença básica de motivo existente entre Saturno na Casa Sete e na Casa Um? A pergunta é: por que o indivíduo exagera um traço dele (que pode até ser negativo), estilizando-o e fazendo questão de mostrá-lo? O indivíduo com Saturno na Casa Um representa para si mesmo; já o que tem Saturno na Casa Sete procura se mostrar desse jeito para ver qual é a reação do outro, ou seja, representa para o outro para conhecer a reação do outro.

Há um setor da vida em que o indivíduo tem uma incerteza (uma espécie de buraco negro) e, então, ele tenta representar um papel para ver no que dá, mas, ao mesmo tempo, como isso é feito sem nenhuma consciência, o experimento científico pode resultar em pouco ou nenhum proveito. O impulso que move o indivíduo a agir assim é fundamentalmente de natureza cognitiva, embora haja o fundo emocional também. Mas por que o indivíduo quer conhecer? É lógico que é porque o que ele não conhece nele, ele teme, e porque o que ele não conhece no outro, ele teme também. É bom lembrar, entretanto, que o temor ou a falta de temor não são traços caracterológicos.

Sendo assim, cada um desses traços só é descritível como um processo, como um drama. Esse comportamento do indivíduo que age afetadamente para se mostrar assim ou assado - para si mesmo ou para os outros - é um processo bastante complexo e não pode ser dito um comportamento constante. O comportamento pode ser abandonado amanhã ou depois, trocado por um procedimento qualquer como, por exemplo, por um afastamento, pela busca da distância entre si e os demais. Por quê? Com Saturno na Primeira, para observar-se; com Saturno na Sétima, para observar as pessoas. Vejam: o comportamento será exatamente o mesmo. Como diferenciamos? Verificando se esta explicação encontrada se aplica também a outras condutas do indivíduo ou não. Se a motivação que está por trás é de desenvolver para si e perante si mesmo uma imagem coerente e se esta explicação funciona para uma infinidade de

comportamentos do indivíduo, então é Saturno na Primeira; mas se a motivação é conhecer o que os outros pensam ou que normas os outros seguem para poder enfim se adequar ou, inversamente, para poder julgar as pessoas, e se percebemos que esta motivação é constante em vários comportamentos, então é Saturno na Sétima. Ou seja: encontraremos as diferenças não a nível dos comportamentos mas sim a nível dos motivos - e motivos de ordem cognitiva. Se nós vimos que o mesmo comportamento pode aparecer tanto no indivíduo que tem Saturno na Casa Um quanto na Casa Sete, por analogia poderíamos dizer que o mesmo comportamento poderia aparecer entre indivíduos com o Sol na Sétima e na Primeira. A marca característica do indivíduo que tem o Sol na Sétima é a rapidez com que ele intelige as situações de bilateralidade, ou seja, na base do improviso; do mesmo modo, a marca característica do indivíduo que tem o Sol na Primeira é a rapidez com que intelige o papel que ele mesmo representa perante ele mesmo. Esses dois traços podem facilmente resultar em comportamentos similares, tais como uma certa desenvoltura social, uma certa espontaneidade e etc; porém, essa espontaneidade teria um fundamento cognitivo diferente: a desenvoltura do indivíduo que tem Sol na Sétima é uma desenvoltura que o encaixa facilmente na expectativa alheia enquanto a desenvoltura do indivíduo que tem Sol na Primeira é uma desenvoltura de quem não precisa ter prestado atenção num outro qualquer. Ou seja: são modos de desenvoltura qualitativamente diferentes. A desenvoltura de um Sol na Sétima só pode ser a do indivíduo que se move facilmente num meio social que ele compreende; portanto, é sempre uma desenvoltura harmônica com o ambiente. A desenvoltura do indivíduo que tem o Sol na Primeira é uma desenvoltura mais espontânea ainda: é a desenvoltura de um bebê que ignora a situação onde está e age como se fosse o centro.

...

A ausência de planetas numa casa nada significa, assim como a ausência de uma palavra num texto não poderia ser interpretada. Se bem que a última moda em estudos literários seja você pegar os manuscritos e ver precisamente as palavras que foram eliminadas. Isto é a última moda: a obra não-escrita, a obra recusada. Não precisa nem dizer que, na minha modesta opinião, isso aí é demência. Isso aí não quer dizer absolutamente nada - tal como os planetas ausentes. Portanto, fiquem sabendo que não ter planetas em determinada casa significa que as perguntas referentes a esta casa não são motivos determinantes da sua conduta: as suas ações, neste setor, são determinadas por motivos de outra casa. Se você tiver outros planetas diferentes nesta mesma casa, então, esta casa, este tipo de assunto é determinante no seu comportamento - mas por outras vias. Por exemplo: se você tem a lua ou vênus na Casa VII, não se trata mais de você conseguir captar aquilo para se orientar, para você enxergar, mas trata-se de uma reação mais diretamente valorativa, ou seja, gostar ou não gostar, desejar, temer e etc. Mas isto é mais complicado.

Bem, espero que vocês tenham entendido que a similaridade e a diferença não se dá ao nível da conduta mas ao nível da explicação da conduta, da explicação motivacional da conduta. Vejamos outro exemplo.

Os livros de astrologia sempre assinalaram a existência de dois tipos polares, ou melhor, polarmente opostos de Saturno na Casa X, que são o do trabalhador ambicioso e o do vagabundo marginal. Eles assinalam essa diferença mas o que eles não explicam é como é que a mesma coisa pode causar resultados tão diferentes, como é que comportamentos tão diferentes podem resultar do mesmo fator planetário. Mas nós podemos achar essa resposta na medida em que entendemos que os fatores planetários nada tem a ver com a conduta, exceto muito indiretamente, e que o fator planetário é um dos componentes da motivação que, por sua vez, é um dos componentes da conduta. Em suma: nós entendemos que o segredo do acerto na astrologia é limitar o seu alcance. Na realidade, o astrólogo deve falar do que é acessível ao estudo astrológico e ficar quieto quanto ao resto. Ou seja: não podemos, por uma posição planetária, prever a conduta, exceto um leque de condutas possíveis, entre as quais alguma que é o próprio exemplo fornecido.

Isto é a mesma coisa que dizer que, sabendo que o indivíduo tem Saturno na Casa X - e se eu quizer dar uma interpretação ao nível da conduta - que ele será trabalhador ou preguiçoso, ou talvez nem uma coisa e nem outra, e talvez até mais ou menos. Sendo assim, fechamos a lógica "abolística": tem o sim, o não, o sim-e-não e o nem-sim-nem-não. Ao nível da conduta, todas as predições astrológicas serão exatamente assim mas, ao nível da EXPLICAçãO DA CONDUTA, não: o negócio muda. Aí é o contrário: encontramos uma unidade, uma univocidade do motivo. O motivo que leva um indivíduo com Saturno na Casa X a ser um trabalhador ambicioso é exatamente o mesmo que faz com que um outro indivíduo com

Saturno na Casa X seja um vagabundo, um marginal. Mas qual é o motivo?

O motivo é que a estrutura da sociedade humana, a ordem das instituições nas quais ele deverá se encaixar no curso da sua vida lhe parece muito complicada. Isto porque não basta para ele - o que já ocorre com o indivíduo de Sol na Casa Dez - se encaixar harmoniosamente na situação do momento. A Casa Dez, sobretudo, é a hierarquia social; já não é a bilateralidade, a relação cara-a-cara, mas a relação de autoridade e poder. E o poder no seu sentido mais amplo e não no sentido somente institucional como, por exemplo, a relação entre um indivíduo que tem mais força de vontade e o que tem menos. Neste mundo da estrutura do poderio social, o indivíduo com Sol na Casa Dez se limita a jogar bem o jogo; a cada momento ele capta a situação de quem manda e de quem obedece aqui e agora, não tirando conclusão alguma. Por quê? Porque uma outra situação pode ser completamente diferente, e as regras aprendidas na experiência anterior nada significarão. Mas, para o indivíduo com Saturno na X, não: cada experiência que ele tenha com relação ao mundo do poder pode e deve servir para ele de amostra de uma regra geral, de uma lei sociológica. Assim como a Casa Sete é a Casa da moral e do direito, a Casa Dez é a Casa da sociologia e da política, da história.

Então, em última análise, o sujeito que tem Saturno na Décima está permanentemente tentanto abstrair leis políticas, ou seja, as leis do poder. Se ele obtém sucesso nos primeiros passos, ele se tornará um sujeito trabalhador e ambicioso porque ele desejará subir dentro de uma escala que ele compreendeu; mas, se a experiência em questão se complicou muito, ficou muito difícil e não está se entendendo nada, ele pode ou se esforçar mais um pouco ou sentir aquele imenso peso da dificuldade e voltar pra trás, concluindo que o melhor é ficar fora disso aí. Ou seja: o motivo que levou o indivíduo a lutar pela ascensão social ou abdicar dela é exatamente o mesmo. Ao nível da motivação, existe unidade de interpretação de Saturno na Décima; ao nível da conduta, nada se pode dizer, a não ser que o indivíduo será trabalhador ou preguiçoso.

Estão entendendo como esse negócio de descrição das posições planetárias é um negócio que tem de ser feito com extrema delicadeza? Também é bom entender que não é legítimo dar interpretações de tipo emocional ou energético quando se tratar de Saturno ou Sol. Eles exigem uma interpretação puramente intelectual, propriamente cognitiva. É claro que isto influencia na parte emocional. Mas influenciar é uma coisa e se identificar com ela é outra completamente diferente. Também é claro que, sem se considerar a faixa da compreensão que equivale a Sol e Saturno, o que sobra é grego. A regra aúrea da interpretação é não procurar o perfil nos comportamentos e nem nos adjetivos descritivos mas nos fundamentos motivacionais do comportamento.

Esses fundamentos são de três tipos:

1) intelectuais;

2) volitivos;

3) afetivos.

Entretanto, devemo-nos lembrar de outras regras que foram dadas inclusive no começo do curso, ainda mais aquela em que concluímos que cada posição planetária teria de poder ser interpretada isoladamente das outras - o que não quer dizer que, no comportamento, todas elas não vão aparecer juntas. É lógico que vão! Assim como no bolo que você faz tem farinha e ovo, tudo junto, antes disso todos eles eram isoladamente o que eram: farinha e ovo. Estes traços cognitivos que nós estamos associando a presença de Sol e Saturno nas Casas Cardinais são reais independentemente da posição de outros planetas, apenas o comportamento concreto e real do sujeito é que vai resultar da mistura deles; mistura que implicará outros problemas. Mas não é bem uma mistura: é uma resultante que aparece de uma combinação cujas regras veremos muito mais tarde. Primeiro, estamos tentando compreender quais são esses elementos, e nada do que viermos a aprender sobre outros elementos alterará uma única vírgula do que estamos dizendo sobre eles - mas vai mudar a resultante, e não o elemento em si. A farinha, quando misturada ao ovo, dá bolo; porém, neste bolo existem qualidades e propriedades que derivam da farinha e outras que derivam do ovo, ou seja: mesmo na totalidade já concreta, toda misturada, as várias qualidades são identificáveis separadamente e cada uma proveniente da sua própria fonte, sem confusão. Afinal, não é a farinha que adoça o bolo... No momento em que você come o bolo, você está comendo farinha, ovo e açúcar ao mesmo tempo; porém, se você examinar, verá que a consistência vem da farinha e do fermento e que a

doçura vem do açúcar - e não do ovo - e assim por diante. Do mesmo modo, o comportamento de um indivíduo e cada ato seu é uma totalidade, mas essa totalidade é compreensível como composta de elementos cujas fontes são distintas. Então, no mesmo comportamento, existe um componente intelectual, outro volitivo e outro afetivo, sendo as fontes desses componentes diferentes.

Por exemplo: se o indivíduo tem Saturno na Casa Dez e a Lua na Casa Sete; então, haverá um componente intelectual neste comportamento que vem da Casa Dez e um componente afetivo que vem da Casa Sete. Entretanto, esses componentes não se confundem, são perfeitamente distinguíveis. Isto vocês verão mais tarde. Essa idéia holística de que tudo está em tudo não é bem assim: tudo está em tudo, de fato - mas não de qualquer jeito. Tudo está em tudo, é certo, mas NUMA RELAçãO PRECISA COM outras coisas. Por exemplo: se você coloca a farinha no ovo, ela vai agir sobre este de uma certa maneira, que é diferente da maneira do ovo agir sobre o açúcar. Isto quer dizer que, mesmo na totalidade composta, a estrutura é discernível, isto é, a relação entre as várias partes é discernível. Desse modo, tudo fica perfeitamente arrumadinho. É isto que faz com que o bolo seja uma totalidade identificável porque, se todos os elementos fossem misturados anarquicamente, não poderíamos discernir nem mesmo nenhuma qualidade. Isto é o que ocorre, por exemplo, com o corpo humano: ele é uma totalidade. Notem, entretanto, que ele é chamado de organismo, e isto porque ele é uma totalidade organizada, onde cada parte desempenha a sua função e tem uma relação muito precisa com as outras partes; relações, estas, que não se confundem pois, se confundirem-se, o organismo entra em colapso. O que ocorre, por exemplo, se penetrar uma quantidade de ar no coração? O indivíduo morre, é lógico. Isto quer dizer que a relação da circulação com a respiração é uma relação precisa, que não é de forma alguma trocável por outra relação - por isso, nada de pastiche, nada de confusão! No estudo do comportamento humano, há mais necessidade ainda de tomar cuidado para que esses elementos não se confundam.

Voltemos ao Sol e Saturno. Eles são os elementos intelectuais da motivação que, por sua vez, é um dos elementos da conduta. Vimos que condutas diferentes podem ser explicadas pela mesma motivação; porém, é a mesma motivação inserida em situações existenciais diferentes. Pelo mapa, não podemos saber se o ambiente no qual o indivíduo desenrolou a sua vida foi propício ou não, e se facilitou ou não a alteração daquelas faculdades - e é por isso mesmo que indivíduos com mapas semelhantes podem ter destinos completamente diferentes. É claro que se estudarmos todos os trânsitos, veremos que há um certo sincronismo entre eles; porém, é um sincronismo simplesmente temporal - qualitativamente, as vidas serão completamente diferentes. Com isso, entendemos que o indivíduo com o Sol na Décima se adapta intantaneamente e momentaneamente - isto é, provisoriamente - a situações de Casa Dez, isto é, a situações onde seja identificado uma situação de poder, que é muito diferente de uma relação de bilateralidade.

Mas... o que é o poder? Poder é um conceito-chave de todas as ciências humanas, tanto das ciências sociais quanto da psicologia. Poder significa o livre exercício da vontade. Poder significa fazer o que quer, quando quer e como quer. Vocês poderiam dizer: " isto aí não existe! " Porém, esta é apenas a essência intemporal do poder. Todo poder que existe é limitado, a não ser que seja um poder absoluto. Mas o " poder absoluto " nós concebemos como existente em Deus, isto é, como um ser que seja absoluto e que tenha poder absoluto. Por isso, o fato do poder ser mais limitado ou menos limitado não muda a sua essência: ele é sempre o livre exercício da vontade.

Ora, a primeira coisa que limita a nossa vontade é a vontade mesma. Então, precisando um pouco mais a noção de poder, diríamos que " o poder é a capacidade de fazer com que os outros cumpram a nossa vontade ". Isso significa que, se as relações de casa Sete - as relações morais e jurídicas - são sempre vistas como bilaterais, as relações de poder não o são; na verdade, são unilaterais. Um ato de poder desencadeia uma linha de causas que prosseguem numa direção só, e que idealmente não tem retorno: se mando alguém fazer algo, isto não significa que um outro vai me mandar fazer a mesma coisa. Esta linha de Casa Um - Casa Sete é a linha da bilateralidade. Entretanto, as relações de poder não são bilaterais. É evidente que a maneira de conhecê-las também não é a mesma das relações bilaterais; portanto, essa linha de Casa Quatro - Casa Dez surge como determinante do comportamento, sendo entretanto esta completamente diferente da de Casa Sete.

É claro que Casa VII todos temos, já que as doze casas representam as direções da atenção, portanto direções da atuação humana. Todo mundo atua nas doze casas: basta existir para você estar colocado no

espaço e no tempo, e poder ser representado por um círculo de relações possíveis. Porém, se não há planetas na Casa VII ou na I isto significa que esta linha não representa motivação direta pro indivíduo,e o que ele fizer com relação ao tema destas será determinado por outras motivações. Ou seja: o contato dele com este setor é valorizado indiretamente. Isto significa que, para um indivíduo que tenha planetas na Casa VII, a imagem que ele transmite para os outros no seu ambiente imediato é um dado fundamental do seu comportamento enquanto que, para um indivíduo que não tenha nenhum planeta aí localizado, esse dado é secundário. Por isso, se não houver planetas na Casa Sete e sim na Casa Dez, o fundamental não será as relações bilaterais e sim as relações de poder.

Ora, as relações de poder repercutem sobre as relações bilaterais. Mais concretamente, vamos supor o seguinte: se minha vida está se desenrolando em termos de Casa VII, eu vou querer saber o que você acha de mim para poder adequar o meu comportamento ao seu, ou o seu ao meu; entretanto, se tratar-se de Casa IV ou X, será o contrário, isto é, os outros serão instrumentos ou de exercício ou de padecimento do poder - Casa X - ou do atendimento de desejos - Casa IV -, sendo que nenhum desses implicará em bilateralidade. Ou seja: aquele que atende um desejo meu, não necessariamente tem de receber algo em troca - aliás, é o contrário. Notem que pai e mãe vivem atendendo os desejos da criança e esta não diz nem obrigado. Aliás, nem se espera que ela diga obrigado. Do mesmo modo, o indivíduo que se sente carente de algo, fraco, pequenininho e desamparado deseja receber algo, uma ajuda ou um socorro, um conselho que precisamente não implique bilateralidade alguma pois deseja receber de graça. Este desejar receber ou dar de graça é Casa IV. Ela implica em relações de desejo, que são contrários e complementares as relações de poder e que, ao mesmo tempo, são semelhantes a ela por não serem bilaterais e sim unilaterais, apesar de ainda assim serem diferentes. E isto porque o poder é o livre exercício da liberdade própria, ou a imposição da vontade alheia à minha; portanto, ele implica essa noção de coerção. Poder sem meios de coerção é um poder inconcebível. Se eu monto num cavalo, teoricamente eu tenho poder sobre ele mas, se eu não tenho meios de castigá-lo caso ele não ande para onde eu desejo, então não tenho poder algum.

As relações pautadas no desejo também podem ser coercitivas, mas não ostensivamente. Eu posso forçar uma pessoa a atender um desejo meu - mas forçar mediante o quê? Mediante persuasão sutil, chantagem emocional; mediante uma espécie de anzol que eu jogo dentro da alma dela e faço ela desejar o que eu desejo. Percebam a diferença que existe entre o que é uma relação de poder e uma relação de desejo: para que eu faça o cavalo me obedecer, é indiferente que o cavalo goste disso ou não; mas se eu for capaz de fazer ele gostar - quando lhe dou um torrão de açúcar toda vez que ele fizer o que eu quis - então eu exerci o poder através do desejo dele. Mas, se eu uso simplesmente um chicote, estou pouco ligando para o desejo dele. Na realidade, estou usando o contrário do desejo, que é o temor. O poder em si mesmo é independente do desejo porque ele pode ser atendido mediante o desejo ou mediante o temor; porém, a relação pura de desejo não necessita ser atendida por temor: a pessoa simplesmente deseja que um outro deseje atendê-la. Sendo assim, ela pode exercer uma coerção ou um poder. Mas tem que ser um poder disfarçado em amor, simpatia ou atração - muito mais em atração, diríamos. O poder está presente na questão do desejo, porém sempre de modo indireto e disfarçado, não podendo ser ostensivo. Vejamos, por exemplo, que poder tem um bebê: nenhum. Você pode jogá-lo pela janela. Entretanto, como é que ele consegue impor o que ele quer? Pois este é um poder típico de Casa IV: é o poder de fazer você querer atender um pedido, o poder de criar um desejo em você.

Veja que, a cada momento, assim como temos uma relação conosco mesmo, isto é, uma auto-imagem que está em mudança - Casa I - e um conjunto de relações bilaterais - Casa VII - ,também temos uma avaliação do nosso poder de coerção ou de outro sobre nós, e do nosso poder de atração. Nós sempre contamos com isso. Entretanto, a quase totalidade das condutas dos indivíduos do Eixo IV - X será determinada por motivos ligados a avaliação do seu poder de coerção ativo ou passivo, isto é, do seu poder exercido ou padecido, e do seu poder de atração exercido ou padecido - e não pelo julgamento que faz sobre a auto-imagem ou a bilateralidade. Além do quê, esse julgamento que faz sobre o seu poder de coerção e de atração será diferente conforme a presença ou do Sol ou de Saturno.

Se o indivíduo tem o sol na Casa IV, isso significa que ele tem instantaneamente, intuitivamente e sem dificuldades uma visão de qual é a atração exercida ou padecida. Quando a atração exercida falha, ou quando a atração padecida é rejeitada, nós temos uma substituição da relação de desejo por uma relação de temor. O temor é uma introdução indesejada do elemento de poder coercitivo nas relações de desejo. E

isso é uma regra. Vou detalhar: o indivíduo com Sol na IV tem o conhecimento instantâneo e intuitivo da atração exercida e padecida a cada momento. É como se disséssemos que ele sabe o quanto consegue atrair os outros para fazerem o que ele deseja, ou seja, para que os outros o tornem feliz, atendendo o seu desejo, e o quanto que os outros o atraem para que realize o desejo destes, tornando-os felizes. Porém, esta relação só dá certo se o outro responde na mesma medida. Entretanto, se o indivíduo sobre o qual eu exerço uma atração rejeita essa relação,muito embora padeça dela, ele não quer de modo algum que essa atração determine a sua conduta. Por exemplo: o bebê está chorando e, com isto, faz a sua mãe querer lhe dar mamadeira. Porém, a mãe pode estar pensando em outra coisa e fechar a porta a esse apelo, ou melhor, gritar ou reagir com indiferença. O que foi que aconteceu aí? Entrou um elemento de poder coercitivo, isto é, a criança apelou num determinado plano e foi respondida em outro. Isto chama-se temor. O temor é quando a relação do apelo do desejo é respondido no nível do poder coercitivo - é isto e somente isto. Do mesmo modo, a relação de poder pode ser atenuada pela introdução do elemento desejo, como, por exemplo, quando um homem, que tem poder formal sobre outro, transmite uma ordem e este outro, pressionado, chora, põe o rabo entre as pernas e dá um sorrisinho para se disfarçar de simpático - o que atenua a relação de poder coercitivo, passando então esta relação para a esfera do desejo. Quando se tratar de Casa IV - Casa X, sempre haverá esta espécie de jogo entre elas. Em contrapartida, o que o indivíduo que tem Sol na X percebe instantaneamente é a quantidade, a dosagem e o equilíbrio dos poderes coercitivos em jogo, ou seja,o quem manda e quem obedece, sendo que na mesmíssima medida a sua percepção do elemento desejo não será tão clara.

Mas e se você tivesse Saturno na Casa IV? Ocorreria-lhe simplesmente a tentativa de codificar num sistema compreensível as relações de desejo - o que daria um trabalho miserável, não? Essa é particularmente uma posição infeliz: quanto tempo e quantas experiências infelizes o indivíduo não precisará ter para conseguir descobrir alguma lei constante sobre a felicidade humana? Muitos astrólogos dizem que as pessoas com esta posição são pessoas apegadas ao passado enquanto outros dizem também que estas pessoas se separam frequentemente dos seus pais - mas, se elas são apegadas ao passado, como é que se separam dos pais? Por quê? Pelo mesmíssimo MOTIVO. O importante não é se eles se separam ou ficam juntos. O importante não é a conduta - mas a motivação da conduta. Podemos dizer que o sujeito permanece apegado ao passado porque ele pensa muito no asssunto. Onde você tem Saturno, você tem que pensar muito, senão não se chega a conclusão alguma. Curiosamente, ao mesmo tempo, permanece afastado, porque a atividade da razão é uma atividade crítica, ou seja, não é uma atividade que aproxime - a razão não aproxima você do objeto conhecido mas, ao contrário, o distancia do objeto, reduzindo esse objeto à espécie de um gênero, ou seja, a um exemplo dentro de um catálogo de casos semelhantes e diferentes.

A relação intuitiva coloca o objeto diante de nós como uma coisa viva, presente e única; não é uma amostra de outra coisa mas é tal como ela é em si mesma. A relação racional a aproxima das semelhantes e a afasta das diferentes; portanto, a razão sempre vê uma coisa em função de sua relação com todas as demais coisas, do seu lugar dentro do conjunto. Isto é a mesma coisa que dizer que a intuição vê de perto o que a razão vê de longe. Por isso, o esforço de compreensão racional das raízes da sua afetividade, dos mecanismos e processos do desejo - que é o processo da felicidade e infelicidade - aproxima o indivíduo das suas origens como objeto de suas preocupações. Ele pensa muito nessa questão e, por isso, se afasta dela qualitativamente, isto é, procura vê-la e avaliá-la de longe. A intuição sempre tem essa aceitação do objeto como real em si mesmo. Ela não discute. Ao passo que a razão faz exatamente o contrário: discute, relativiza o objeto e o reduz a uma amostra. É facil você ver que, com base nessa mesma motivação de Saturno na IV, o individuo pode permanecer grudado na saia da mãe até os oitenta anos ou pode se afastar dela aos treze, pelo mesmo motivo. É evidente que a mãe, a origem, o lar será objeto de pensamento dele porque, entre outras coisas, ele quer saber porque ele deseja aquilo que ele deseja, isto é, porque ele deseja isto e não aquilo, já que outras pessoas desejam outras coisas. Portanto, Saturno na Casa IV pressupõe uma desidentificação do indivíduo com seus próprios desejos - mas desidentificação crítica. Porém, desidentificação não significa que ele deixe de desejar pois não se deseja com a razão: a razão apenas opõe a inteligência ao desejo. O indivíduo continua a desejar mas a sua inteligência, de certo modo, se opõe ao desejo para poder vê- lo de longe e compreendê-lo racionalmente.Sendo assim, sempre existirá essa alternância para o indivíduo: ser arrastado pela força irracional dos seus desejos ou fazer o esforço de compreender e dominar os seus desejos racionalmente - eis a problemática de Saturno na IV.

Dificílima. A pessoa sofre. É um problema, quer dizer, um problema a ser resolvido, talvez, na velhice. Talvez o sujeito precise da experiência de uma vida inteira para resolver isso. O Saturno na Casa IV nos aproximará sempre dos problemas das origens e das causas do desejo. O indivíduo sempre conviverá com o problema da memória, onde aparecerá melhor toda a dimensão da HISTãRIA. O que é a História? É você compreender os motivos das ações antigas, das ações passadas, que lhe são estranhas. Do mesmo modo, será também a Casa onde você encontrará a Psicologia. Existe um certo número de disciplinas e ciências que são uma espécie de ampliação de motivações humanas, ou melhor, de motivações intelectuais. Por exemplo: a moral e o direito são uma ampliação do desejo humano de ordenar as suas relações com o próximo. Entretanto, todo mundo tem isso e não somente os filósofos morais e os juristas; na realidade, eles são apenas os sujeitos mais especializados no assunto e que formalmente, por ofício, se dedicam a pensar sobre isso. De fato, todo mundo pensa sobre isso, pelo menos um pouquinho.

Espero que tudo isso que eu esteja falando sobre cada uma dessas posições planetárias seja considerado como um exercício. Eu vou dar tudo isso desordenadamente e, depois, vocês vão separar e fazer uma espécie de catálogo, como se fosse uma fichinha pra cada posição. Isso é responsabilidade de vocês. Entretanto, isso não é para apenas uma única pessoa fazer - todo mundo terá que participar. É isso aí que vai habilitá-los a uma leitura eficiente do mapa, mais tarde.

Após esses exercícios, vamos apelar aos indivíduos que sejam amostras vivas dos casos mencionados para que se coloquem. O ideal seria que um indivíduo com determinada posição planetária, e que conhecesse um outro com a mesma posição, procurasse identificar as semelhanças e as diferenças de comportamento entre eles para, por detrás dessas, identificar a similaridade ou a unidade da motivação. Peguemos, por exemplo, uma dupla de pessoas que se conheça. De certo modo, vocês terão que ser sinceros e simplórios. Evidentemente nós não vamos fazer confissões - mas não queremos também explicações. Nós queremos descrições. Você terá que descrever o outro. É certo que esse tipo de estudo sempre implicará em algumas situações um pouco constrangedoras; porém, quem se mete nesse negócio de astrologia e psicologia terá que perceber que se saiu na chuva foi para se molhar mesmo. É claro que nós não vamos nos deleitar morbidamente com essa tarefa, nos constrangendo. Esses são os ossos do ofício.

Que se apresentem as duas cobaias. Bem,vejo que tanto a Stella quanto o Joel tem Saturno na Sete, muito embora não tenham o Sol no mesmo lugar. Procurem diferenças óbvias na sua conduta com relação aos outros, isto é, aos seus iguais. Mas diferenças e semelhanças ãBVIAS. Comece por você, Joel.

- Acho que até pelo mesmo motivo, ou seja, por ter Saturno na VII, a Stella tende a se aproximar das pessoas para conhecê-las enquanto eu tendo a me afastar. Esta é uma diferença óbvia que noto entre nós dois.

(Stella confirma).

- Quem ouviu esse depoimento e os conhece concorda?

(A turma diz que não. Todos riem).

- Vejam, eu não sei se perguntei uma bobagem, não sei. Mas uma coisa é fácil de observar: a Stella é alguém mais pessoal e amigável do que o Joel. O Joel é mais formal. Isso é óbvio ou não?

(Todos concordam).

- Mas uma coisa que acontece a mim é que eu começo com uma relação pessoal que se torna, aos poucos, formal; me parece que com o Joel ocorre o contrário.

(Joel concorda).

- Entretanto, há uma outra coisa que eu reparo, e que é uma diferença entre os dois: a Stella, quando se decepciona com uma pessoa, se decepciona profundamente. É o tipo Meu Mundo Caiu. Se alguém falha na expectativa, cai tudo. Mas o Joel não é bem assim, quer dizer, ele resiste mais às decepções, em parte porque o julgamento que faz das pessoas aparece um pouco negativo ou mais negativo do que o normal. É como se ele já não esperasse muito da pessoa, a ponto de se surpreender de uma maneira positiva com uma atitude alheia. Ou seja: o Joel se surpreende positivamente e a Stella se surpreende negativamente. Mas isso ocorre em função de uma expectativa, ou seja, o Joel tem uma expectativa baixa com relação às pessoas enquanto a Stella tem uma expectativa extremamente alta. A que poderíamos, então, atribuir essa

diferença de expectativa se a posição de Saturno é igual?

- à posição da Lua.

(O restante da turma discorda).

- Mas pode ser um motivo tanto de ordem astrológica quanto extra-astrológico. Porém, para saber se é um ou se é outro, você deve verificar se a Lua ou se esse outro planeta que você está levando em consideração está no mesmo eixo de casas ou se está em outro; se está em outro, não tem nada a ver com a história. Mas eu acho que seja um motivo de ordem extra-astrológico, tal como formação, família e etc.

- A minha biografia é bem mais doce do que a do Joel.

- Exato, Stella! É isso: o Joel já teve a "decepção" e formou a jurisprudência - ninguém presta. Consolidou, assim, uma espécie de juízo: ninguém presta. E esta passa a ser uma regra.

- Enquanto a Stella, não - comenta a Sílvia - pois ela fez o contrário...

- Que nada - interrompe o Joel . Ela está se decepcionando agora!!

(Todos riem).

- Vejam: a Stella está relutando em tirar essa conclusão. Entretanto, você percebe que o julgamento do outro é uma coisa extremamente importante para os dois. Mas porque é que você tem que chegar a uma conclusão se as pessoas prestam ou não prestam? Por que é que você não pode passar a vida inteira sem saber disso? Ou seja: isto depende de você ter Saturno na VII ou algum outro planeta aí que torne isto uma motivação importante para você. Eu posso lhe assegurar o seguinte: eu, que não tenho Saturno na VII, antes dos trinta e cinco anos, nunca me preocupei se uma pessoa era boa ou ruim. Sabe o que é isso ? Isso aí é o milésimo item do meu programa. Entretanto, isso aí é fundamental para a orientação da conduta dos dois, ou seja, há uma preocupação de ordem moral e jurídica no fundo. As condutas poderão ser muito diferentes mas, no fundo, o problema que o sujeito estará tentanto responder será sempre o mesmo.

E o que ocorre com os indivíduos com o Sol na VII? O tema seria o mesmo, ou seja, o moral-jurídico, mas qual seria a diferença fundamental? É claro que os indivíduos com o Sol na VII não estão tão conscientes dessa motivação quanto os de Saturno na VII. Isso é óbvio. Por que, a quem tem Saturno na VII, é só perguntar: aonde dói? Mas, onde não dói, onde o problema aparece resolvido, é difícil de você perceber. O indivíduo com Sol na VII, para cada situação de vida, concreta, percebe imediatamente se o outro é suficientemente bom ou mal para aquele momento e, portanto, dificilmente ele meditará profundamente sobre a bondade ou a maldade dos indivíduos que com ele convivem.

Percebam, por isso, a atitude de confiar e desconfiar. Para um indivíduo com Saturno na VII, isto é um dos pilares da sua conduta, e qualquer postura que ele assuma sempre se revelará inadequada. Por quê? Porque se o indivíduo faz como o Joel, que abaixa uma jurisprudência da ordem do " ninguém presta ", haverá uma certa rigidez na avaliação do próximo. Os outros dirão que esse sujeito é orgulhoso, ou coisas do tipo. Isto é o que a gente chama de inadequação objetiva - e objetiva porque aparece fora. Mas pode ser uma inadequação subjetiva, no sentido de que o sujeito percebe o erro de suas relações. Por outro lado, se não fechou a jurisprudência ainda, está continuamente pensando se este merece ou não a sua confiança. Sendo assim, só tem essas duas alternativas, e dá trabalho do mesmo modo: baixar sentenças desde o início ou deixar a situação em aberto.

Deixem-me fazer uma outra pergunta: entre a Stella e o Joel, qual dos dois vocês acham que comete mais injustiças? Percebam que, se você deixa o julgamento em aberto, você fica baratinado - mas não comete injustiças. Ou seja: quem não sentenciou não pode cometer injustiça. Se não houve sentença, isto é, se um processo ainda está em discussão, não pode haver julgamento; e se não houve julgamento, não ocorreu justiça e nem injustiça. Por isso é que a Stella está continuamente em dúvida sobre esse julgamento, continuamente com medo de se equivocar, enquanto o Joel, do mesmo modo, tem medo de se equivocar sobre o julgamento alheio pois, apesar de já ter baixado uma sentença, está incerto quanto ao julgamento que fez. Ele está continuamente refletindo sobre o julgamento já feito.

Mas tudo isso me é facilmente explicável: o Joel é pai de família, tem um emprego e uma situação definida e, assim, tem que ter uma conduta definida - não pode ter tanta coisa em aberto. Isto é uma diferença de

natureza social. Seria difícil ele poder sobreviver na vida civil se já não tivesse chegado a uma conclusão mesmo que falsa a respeito das relações das pessoas para com as outras. Ele não poderia continuar eternamente em dúvida pois isso seria lesivo para a sua vida civil, ao passo que a Stella ainda mora com a mãe, é estudante e etc; pode ter um monte de coisas ainda em aberto porque a situação social em que vive não exige que se feche o processo. Entretanto, qualquer que seja a decisão que tome, sempre haverá uma outra chance, enquanto o Joel tem apenas uma outra: a de descobrir que julgou errado. O Joel teve que se definir prematuramente na vida por condições sociais e tudo isso obriga o sujeito a tomar uma atitude com relação ao próprio Saturno. Eis, pois, uma diferença fundamental a se observar em pessoas que tenham Saturno na mesma Casa: constatando em que estágio está o problema. Ainda está em aberto, ainda existe aquela hesitação, aquela agonia de ficar pensando no sim e no não ou, ao contrário, o indivíduo já procurou se safar, consolidando uma posição? Se ele já consolidou uma posição, certamente vai errar. Por quê? Porque ninguém aos sete anos de idade pode fazer justiça. É impossível. É como se fosse um sujeito obrigado a julgar os outros numa idade em que é impossível julgar. Por outro lado, se ainda não consolidou, continua então incerto, o que é um obstáculo à consolidação da sua posição na vida civil. Se consolidou, certamente fez injustiça; e se não consolidou, continua em aberto, continua pressionando, existindo uma grave incerteza quanto às relações que mantem com os outros, sendo esta incerteza um obstáculo à consolidação da sua posição na vida civil. Esse indivíduo pode voltar atrás no seu julgamento mas isto daria um trabalho miserável. Com o tempo, ele iria procurando uma adaptação prática mas certamente não iria rever toda a sua jurisprudência de uma única vez porque senão iria cair novamente na incerteza - o que não dá. Nào dá porque já tem inúmeros comprometimentos de ordem social. Então, se eu fiz injustiça, que se dane a injustiça!!

Mas isso quer dizer que essa situação fica então como matéria para reflexão a ser realizada na velhice? Eu acho que não. Eu acho que essas questões nunca tem solução porque este é o limite da razão humana: qualquer solução que você achar sempre será provisória, vacilante - sempre. Mas essa vacilação pode ser subjetiva ou objetiva. Subjetiva quer dizer: quando o sujeito se sente vacilante. E objetiva quando, por dentro, ele não vacila mais, muito embora os efeitos das suas ações sejam contraditórias. Isso é uma coisa que vocês observarão facilmente entre a Stella e o Joel, ou seja, a ação da Stella é conscientemente mais vacilante do que a do Joel. Ela vacila, sabe que vacila, está na incerteza e sabe que está numa tremenda confusão. Por quê? Porque não sabe como julgar as pessoas: confia e não confia, aposta e deixa de apostar no outro. Isto é uma vacilação subjetiva. Mas toda essa problemática nós não observamos no Joel, que age de uma maneira mais firme; porém, os efeitos reais obtidos não são tão lógicos e coerentes quanto à ação. E é isto que quer dizer uma vacilação objetiva. A Stella vacila no julgamento, sabe que vacila, sente que vacila e portanto sofre subjetivamente a dificuldade de traçar uma conduta por causa da dificuldade de julgar as pessoas; o Joel, como já baixou uma jurisprudência, não tem mais que pensar nisso aí pois age coerentemente com a jurisprudência que baixou. Mas como o mundo é muito mais complicado do que isso - pois as vezes as pessoas prestam - ele, o Joel, pode se surpreender pois nem tudo ocorre da maneira que ele pensava. As consequências objetivas da ação, de uma ação conduzida logicamente não são consequências lógicas porque a rigidez da conduta se choca com a complexidade do mundo em torno. Já presenciei situações em que o Joel agiu da maneira que considerou mais correta e impecável, enquanto o outro absolutamente irado com a atitude tomada por ele. Ou seja: a sua conduta é lógica, porém rígida, deduzida logicamente de um preceito já baixado de antemão.

As situações e as cabeças humanas são infinitamente variadas. Num caso, existe aquilo que podemos chamar de uma incerteza subjetiva, que faz o indivíduo sofrer; e num outro, existe uma vacilação, uma incerteza objetiva que, se causar sofrimento psicológico, causa desajustes sociais. As ações da Stella são incoerentes também - só que ela sabe que são incoerentes. Ela vivencia esta incoerência, isto é, existe uma demora no julgamento das pessoas, e é capaz de ficar anos pensando: presta ou não presta? E não chega a se posicionar. Então, ela passará uma imagem da vacilação dela. Já a ação do Joel, não; porém, os efeitos obtidos exteriormente podem ser tão incoerentes e muito diferentes do que ele estava esperando. Você frequentemente verá ele dizendo que agiu certo, muito embora alguém tenha ficado irado. No caso da Stella, existe um sofrimento psicológico; no caso do Joel, existe um sofrimento sociológico, que se traduz depois numa ineficácia da ação.

Qualquer que seja a posição de Saturno, essas duas alternativas sempre existirão: onde existe a consolidação numa atitude, existirá essa vacilação e essa incoerência no externo, nas consequências da

ação; porém, onde não houve essa consolidação, onde não se fechou ainda a sentença, existirá uma vacilação interna. Por exemplo, vamos perguntar aos dois: quando é que você deve tratar uma pessoa como amiga e quando é que você deve tratá-la como cliente?

- Isso é um drama - diz Stella.

- Com certeza - diz Joel.

- Agora - sugere o Olavo - façam essa mesma pergunta às pessoas com Sol na Casa VII.

- Não consigo nem imaginar - diz o Edil.

- É claro! Você não sabe nem do quê nós estamos falando!

- Bem, até agora eu não entendi nada...- retorna o Edil.

(Todos riem).

- Pois é: a casa onde você tem o Sol é a Casa onde você enxerga tudo mas é aonde você não se enxerga. Isto não significa que esta posição indica a ausência total dos seus problemas, de jeito nenhum. Na casa onde você tem o Sol, você enxerga um monte de coisas, mas não tem consciência do seu ato cognitivo. Você não tem consciência de si. É como eu disse: onde não dói, você não enxerga. Você se espanta: afinal, que raios de problema é esse, de não saber se deve tratar uma pessoa como o próprio cliente ou como amigo? Para pessoas com Sol na VII, acho que isso deve ser algo muito esquisito porque cada pessoa lhe tratou de um jeito, conforme o momento, e elas nunca pararam para pensar nisso aí.

- Eu consigo entender isso - diz o Edil - como possibilidade, ou melhor, a sua estrutura lógica, a dinâmica: mas só consigo entender isso. - É claro! Você entende só logicamente mas vivencialmente, não. Você nunca viveu isso. Você não sabe do QUE nós estamos falando. Mas isto não quer dizer que todos sejam considerados como amigos e sim que nunca pensou sobre isto, existindo uma adequação sua para com os outros, isto é, joga bem o jogo sem saber as regras. Você nunca pensou em codificar as suas relações com os outros porque não precisa disso. Entretanto, com relação a um indivíduo com Saturno na VII, podemos dizer que há vezes que ele acerta na mosca e há outras que ele erra terrivelmente - mas ele sabe quando errou ou acertou. E o indivíduo com o Sol na VII sabe? Ele não sabe se acertou ou errou porque não existe uma consciência crítica debruçada sobre essa experiência. A intuição é rápida e momentânea, você esquece; quando você teve uma intuição, você sacou, agiu certo e nem lembra do que fez - deu certo como que miraculosamente. Os outros é que enxergam. Lembrem-se de que todos tem uma Casa Sete; porém, os indivíduos que tem Saturno localizado aí consideram a questão da bilateralidade como motivo central da sua existência. É o pilar da sua visão do mundo, é o fundamento de toda a sua conduta. Ele não pode esquecer o assunto um único dia. Mas, se você observar um indivíduo com Sol na VII, ele não perderá um único minuto de sono por conta dessas coisas, a ponto da sua reação ser bem característica: ele nem saberá do quê se está falando.

Em geral, o problema de você julgar ou a conduta alheia ou a sua conduta perante o outro não é, de maneira alguma, um tema predominante pro indivíduo que tenha o Sol na VII, mas é pro indivíduo que tem Saturno na VII. Com o Sol na VII, isso aí já está resolvido de antemão: o sujeito saca a situação do momento, resolve e toca em frente. É claro que ele pode ter um interesse cognitivo por isso aí também; entretanto, não por ser fundamental para determinação da sua conduta. Isto não será um problema pessoal para ele.

O que deve ficar claro é o seguinte: onde está Saturno há uma pergunta fundamental cuja ausência de resposta abala todo o resto, sendo toda a estruturação do seu mundo dependente dessa pergunta. E a pergunta é a mesma para os indivíduos com Saturno na mesma Casa; porém, a resposta é diversificada, a conduta é mais diversificada ainda e não adiantará você procurar, então, constantes de conduta. Assim como podemos dizer que um indivíduo com Saturno na X será trabalhador ou vagabundo, podemos dizer que um indivíduo com Saturno na VII será rígido no seu julgamento alheio ou será benevolente para com outros, por vacilação - e, assim, não teríamos dito nada.

- Deixa eu comentar - disse a Bia - uma coisa curiosa. O Odair trabalha com Engenharia. Durante uma construção, ele mantém relações desde o setor administrativo até o operário. E eu já vi, no mesmo dia, o Odair tratar ambos de maneira surpreendentemente diferente, mudando até o tipo de fala! Eu chegue até a

comentar sobre alguns inconvenientes dessa atitude mas ele nem percebeu... E o curioso é que ele consegue uma simpatia muito grande dos outros.

- Muito interessante essa sua observação, Bia. Ele tem uma plasticidade na conduta social - mas uma plasticidade inconsciente.Ele faz isso e pode perceber, mas não precisa perceber. Se não perceber, vai fazer isso do mesmo jeito. - Os meus familiares - interrompe o próprio Odair - sabem com quem estou falando ao telefone, e a minha briga é porque eles acham que eu fico mudando o modo de me expressar por ...

(Não consegue nem acabar de falar: todos riem).

- É claro! No contato com o outro, o sujeito instintivamente modula o seu discurso, a sua voz, a sua pose e gestos, e faz isso por um ato intuitivo de percepção do que cabe naquela situação. Depois, não precisa nem lembrar. Geralmente a intuição não lembra - se vocês se lembrassem de todas as intuições que tiveram, vocês seriam um gênio. Aliás, todo mundo é gênio na intuição.Mas o problema é pensar que tem que desenvolver a intuição - que nada! Todo mundo tem intuição o tempo todo - o que tem que desenvolver é a memória!

- A respeito de tudo isso que está sendo falado - disse o Edil - eu me lembrei de um episódio que me aconteceu quando morei uns quatro anos numa cidade do interior de Minas. Nela, as pessoas acabam formando pequenos grupos. Quando me ausentei de lá, comecei a receber cartas das pessoas onde elas me perguntavam a respeito de outras que, apesar de continuarem lá, eram de outro grupo, de um grupo com que deixaram de conviver. Achei muito curioso quando constatei que eles não conversavam mais e se cumprimentavam de qualquer jeito.

- Veja: a própria adequação do indivíduo às circunstâncias favorece o relacionamento. Onde você tem o Sol, ou seja, essa capacidade invisível, você age de sobremaneira eficiente. E se o indivíduo é eficiente na relação social, ele não é eficiente só pra si: ele é eficiente para quem está em torno. Entretanto, o indivíduo com Saturno na VII, tentando conscientemente unir as pessoasm as vezes obtém um resultado terrível pois consegue deixar miraculosamente todos contra todos! É como se a vida, naquele ponto onde temos Saturno, te perseguisse para mostrar que você não é tão inteligente o quanto pensa. É essa a desgraça humana: a gente consegue ter conhecimento intuitivo de quase tudo; só que, depois, não se lembra de mais nada. Por outro lado, consegue-se ter um conhecimento racional e organizado, porém sempre parcial, ou seja, não se aplica aos casos seguintes. Entretanto, quem conseguir juntar essas duas coisas será um gênio.

Durante os próximos meses, nossa atividade vai ser praticamente esta aqui, que vai exigir muita paciência até completarmos não o catálogo inteiro mas, pelo menos, o suficiente para que vocês possam continuar deduzindo.

AULA 53

O procedimento habitual dos astrólogos, quando pegam um mapa, consiste em desencadear uma tempestade de analogias. Cada signo, cada casa, cada planeta, cada aspecto é uma matriz que contém muitos símbolos análogos, formando aquelas cadeias de analogias, de onde se vão tirando os vários significados que os astrólogos atribuem a cada coisa. Por exemplo, a casa 2 é a garganta, é o dinheiro etc. A ligação entre esses vários planos, às vezes, é bastante tênue, porque analogia é, no fundo, uma semelhança.

O raciocínio analógico é coisa extremamente fácil; uma vez que a imaginação pegou o fio da meada, ela produz analogias com tanta facilidade, que é como a vaca produzindo leite.

O procedimento habitual de interpretação dos astrólogos é uma espécie de dança entre muitos símbolos, onde muitas analogias são possíveis. E elas são produzidas de maneira improvisada e com uma velocidade tal, que o astrólogo não saberia justificar o porquê de ele estar dizendo isto ou aquilo.

Cada posição poderia ser interpretada de uma pluralidade de maneiras, segundo as cadeias analógicas similares. O único controle do raciocínio analógico que o astrólogo tem é a presença do freguês ou a situação de consulta. O simples fato do astrólogo conhecer bem as situações já faz com que ele encaminhe esta sequência de associações de idéias, num sentido que tenha a ver com o assunto. Porém, há vários inconvenientes: 1o.) este controle é racional, (?) onde ele possa trabalhar com segurança do que está

dizendo (?); 2o.) você forçar o raciocínio analógico é uma das coisas mais estupidificantes que pode existir, porque toda a sua imaginação fica trabalhando direitinho, segundo as cadeias de associação de idéias da astrologia; e você simplesmente não imagina mais nada fora daqui. É como se você prendesse a imaginação dentro de um código. A facilidade que o indivíduo tem para fazer associação de idéias vem junto com o empobrecimento do imaginário do astrólogo.

Se, por um lado, há uma inflação psíquica (a imaginação está o tempo todo trabalhando, produzindo analogia), por outro lado, há um empobrecimento: praticamente qualquer símbolo, qualquer situação de vida será vivida dentro desses padröes astrológicos.

A astrologia é um sistema de interpretação do mundo, como se fosse um código classificatório universal. De tanto interpretar situações à luz desse código classificatório, o astrólogo fica com a impressão de que ele está enxergando o mundo na sua totalidade. Isto é impossível sem uma depressão do senso crítico. Então, a astrologia, tal como é interpretada, faz mal, em primeiro lugar, para o astrólogo. Por outro lado, sabemos perfeitamente bem que, para a imaginação, não existe a menor distinção entre o real e o possível. Ou seja, aquilo que é captado como simples potencial de uma situação, o astrólogo toma como se fosse uma situação real, efetiva. Cada situação implica um monte de situações análogas, possíveis. Por exemplo, esta situação de aula: quantas analogias podemos fazer na situação de ensino? Ensinar pode ser um conduzir, levar: atividades que seriam de casa 3. É por isso que na casa 3 você coloca os professores e os motoristas de táxi, pois "ambos te conduzem". Ou seja, o motorista te conduz, como eu os estou conduzindo; astrologicamente, não há a menor diferença. Por isso, André Barbault dizia que o mapa astrológico é como se fosse a planta da casa onde você tem apenas as proporções entre os cômodos, mas não tem a escala total. Você não sabe se aquilo é um castelo ou uma casa de bonecas. Apenas as relações entre as partes estão dadas de maneira identificada.

O mundo da analogia é o mundo das semelhanças. Para estar correta uma analogia, basta ser um pouco parecida.

O pensamento analógico é o começo do conhecimento. Sem pensamento analógico, não há conhecimento. Mas ele mesmo ainda não é um conhecimento. Por exemplo: quando você ouve um ruído de madrugada, dentro da sua casa, aparece um monte de conjecturas: "é um ladrão? é um rato? é algo que caiu? etc." Você faz uma cadeia de associações de idéias. E é a partir dessas associações de idéias que você vai investigar para saber o que é. Se você não fizer associação nenhuma, é porque aquilo não mexeu com você. A primeira reação da inteligência é produzir analogias, mas, se parar aí, não gera conhecimento.

Nosso procedimento aqui é justamente o contrário. Nunca vamos fazer associações de idéias. Nem é para interpretar usando a imaginação. Iremos interpretar de maneira racional e classificatória, porque a astrologia, pela sua forma, é racional, é classificatória, tipológica. Porém, o que ela classifica são as imagens, é o domínio da imaginação. A astrologia como classificação das imagens, símbolos, ritos, mitos, etc. é uma outra coisa, é a astrologia como sistema de pensamento; não é disto que trata este curso.

Iremos tratar da astrologia como técnica diagnóstica. A astrologia corrente faz uma confusão entre duas coisas: a astrologia como sistema de pensamento, e como técnica diagnóstica. É uma confusão mais ou menos do seguinte tipo: tudo que falamos, falamos de acordo com as categorias gramaticais. Estou incessantemente falando verbos, advérbios, pronomes, conjunções, etc. Porém, se lhe pergunto: - o que é isso? E você responde: - É um substantivo! Não está errado, mas está inadequado à situação; eu não posso fumar um substantivo, embora, gramaticalmente considerado, o cigarro seja um substantivo. Quando o astrólogo aplica as categorias do simbolismo astrológico para diagnosticar um indivíduo, ele está fazendo exatamente a mesma coisa.

Se interpreto o seu mapa e expresso símbolos do que lhe acontece, símbolos do que você é, não estou dizendo nem o que você é, nem o que lhe acontece; estou encontrando os seus análogos, dentro de um determinado sistema de categorias. Ou seja, estou trocando a pergunta; desloquei de um plano a outro.

A astrologia como código classificatório é algo como a gramática, um conhecimento de tipo formal, que não tem a ver como a individualidade real dos homens, não tem a ver com os acontecimentos concretos.

É lógico que, para estudar e aplicar bem a astrologia, você precisa conhecer bem a simbologia, pelo menos intrinsecamente, assim como para o sujeito escrever, ele precisa de um conhecimento pelo menos

intrínseco de gramática. Não precisa conhecer terminologia gramatical, mas precisa conhecer as estruturas e saber manejá-las. Porém, quem escreve, escreve a respeito de algo. E esse algo não pode ser dado pela gramática. Quem diagnostica por um mapa, diagnostica um mapa de algo, e o conhecimento deste algo não pode se dar pela própria astrologia, enquanto código simbólico. Por exemplo: eu nasci no dia em que a questão palestina surgiu na ONU. Sou gêmeo da questão palestina. Astrologicamente, posso ser descrito nos mesmos moldes da questão palestina; mas só astrologicamente. E realmente? O esquema simbólico que serve para diagnosticar a questão palestina é o mesmo que serve para me diagnosticar. Isto não quer dizer que seja a mesma coisa.

O horóscopo, como técnica diagnóstica, diagnostica alguma coisa, que em si mesma não é astrológica. Assim como para você escrever, você vai usar as regras da gramática, para escrever algo que não é dado pela gramática.

Astrologicamente, não existe como distinguir eu da questão palestina, porque essa questão não diz respeito à forma da estrutura simbólica do horóscopo, mas à matéria real, concreta que estamos tentando catalogar, classificar, através desta estrutura.

A todos esses erros o indivíduo é levado, por acreditar que o raciocínio analógico é suficiente. Mas o raciocínio analógico é suficiente para você poder traduzir uma linguagem simbólica em outra linguagem simbólica, é só. E o que vamos fazer aqui não é isto. Vamos fazer um catálogo de correspondências que não são analógicas, porque toda correspondência analógica é plurívoca, pode ter muitos significados e muitos planos diferentes. E o astrólogo não diz em que plano está falando e troca de plano com a maior facilidade; e é isso, justamente, que dá a impressão de um raciocínio tremendamente profundo, quando, na realidade, é apenas um automatismo imaginativo.

O quadro de correspondências, que nós estabeleceremos, não será de tipo analógico, será de tipo biunívoco. Sabemos qual é o nível de interpretação: é o psicológico, caracterológico. Não estamos falando do destino do indivíduo, não estamos falando das qualidades morais dele e, sobretudo, não estamos falando do que nele não é caracterológico. Ou seja, tem um nível de interpretação perfeitamente definido e fixo. Fixado este nível, podemos estabelecer as tabelas de correspondência. A cada posição planetária corresponde um, e somente um, traço caracterológico. A interpretação já não se forma num procedimento imaginativo, mas declaradamente classificatório.

Nosso intuuito é reduzir drasticamente o trabalho imaginativo do astrólogo que, se for seguido muitas horas a fio, por muitos anos, produz um estado permanente de inflação psíquica. O indivíduo fica realmente um pouco demente, fora do ar.

Recordando a aula passada, vamos diferenciar o Sol de Saturno nas casas.

O assunto em que o Sol está colocado leva o sujeito, nas situações em que aquele assunto está presente, a captar a situação intuitivamente, rapidamente, e não necessariamente levando a uma conclusão; é suficiente, para ele, se adequar àquela situação dada.

Saturno leva a uma necessidade do indivíduo, naquela casa, de retirar uma conclusão que permita não só fazer uma avaliação de situações similares passadas, como também tirar uma regra geral, que permita a ele estabelecer uma conduta.

Aí tem uma diferença importante, porque onde está o Sol, a apreensão intuitiva não recorre necessariamente à memória, mas, ao contrário, a maior parte das intuições que o indivíduo tem entra e sai na mesma hora, não é gravada na memória; cada situação é vivida como se fosse nova, você não apela à memória. Na verdade, não é assim, isto é apenas a impressão que o indivíduo tem. A memória está funcionando tanto num caso como no outro, apenas não existe um apelo consciente à memória. Ao passo que na casa onde está Saturno, para que o indivíduo possa ter conclusão da situação, é necessário que o ele compare com as anteriores. Portanto, a casa onde está Saturno faz constantemente apelo à memória para poder estabelecer comparação e tirar conclusões, como um procedimento científico. O sujeito está tentando tirar de várias situações o que existe de comum e separar do que existe de diferente. Existe uma busca do homogêneo -- através do heterogêneo.

Sendo assim, como ficam os dois eixos? No eixo 1-7, você, tendo Saturno na 7 tem necessidade de

sistematizar suas relações, as relações bilaterais que ocorrem na vida. Ou seja, em todas as situações ele vai buscar essa bilateralidade, enquanto que o Saturno na 1 faz com que o sujeito busque tudo aquilo que possa responder acerca da sua auto- imagem.

O Sol na 1 vai fazer com que o sujeito tenha consciência plena do que ele é; não tem a menor dúvida da sua fachada, quanto à sua auto-imagem. E isso ele nem leva em consideração, posto que é um dado.

Com o Sol na 7, as relações bilaterais de indivíduo para indivíduo, de indivíduo para um grupo, vão ser encaradas como um dado, no qual ele não precisa se deter, não precisa racionalizar, será uma coisa fácil, simples, ele vai lidar com isso com desenvoltura, com espontaneidade.

No eixo 4-10, você sai do terreno da bilateralidade e entra no da unilateralidade. O indivíduo com o Sol na 10 vai ter desenvoltura e uma facilidade de captar as situações e relacioná-las com situações de poder, de hierarquia, de estrutura social. Quer dizer, não terá dúvida quanto a isso e nem vai pensar sobre isso. Já o Saturno na 10 terá uma preocupação extrema com situações de autoridade, de poder. Tem consciência de estar por cima ou por baixo, e isso poderá desencadear dois comportamentos inversos: lutar para subir, ou ficar esmagado sob o peso de todo mundo que está por cima. Nesta última hipótese podem haver duas saídas: 1a.) sofrimento; 2a.) esquecimento. E onde você vê o esquecimento da problemática de Saturno, você sempre verá uma conduta ou artificial, ou ineficaz, ou trágica etc.

Se o homem não conseguir uma resposta racional a um problema que ele mesmo colocou, ele acaba sendo esmagado pelo próprio mecanismo da sua racionalidade. A razão se volta contra ele; ele pensa contra ele mesmo. Fica pensando contra si mesmo e procura fugir do próprio pensamento; quer dizer, este indivíduo estará cada vez pior.

Saturno na X pode gerar um comportamento ambicioso ou conformado; o que, no fundo, são o mesmo, é a mesma atitude, tanto que você verá frequentemente os indivíduos com Saturno na X, que estão por baixo, terem uma visão muito clara do que se passa em cima. Eles estão sabendo de tudo que se passa acima deles, e não gostam. E, inversamente, você verá indivíduos que subiram muito na vida, que frequentemente passaram por situações exatamente inversas. Por exemplo: Hitler chegou a ser mendigo; Gandhi, mesmo nunca sendo mendigo, viveu como se o fosse.

Várias condutas são adotadas como respostas sempre provisórias, sempre parciais, sempre falhas, a um problema que no fundo é de natureza intelectual, que é a compreensão da estrutura do poder vigente, no lugar em que você vive, e do seu lugar dentro dela.

O problema colocado na casa onde está Saturno não pode ser respondido nem pelo pobre, nem pelo rico, nem pelo ambicioso, nem pelo desambicioso, nem pelo bom, nem pelo mau, nem pelo esforçado, nem pelo preguiçoso; só pode ser respondido pelo homem, enquanto animal racional, e só.

Quando a atividade intelectual do indivíduo está dirigida para aquela casa, você vê que aquele traço caracterológico desaparece da conduta.

A partir do momento em que a própria razão é colocada para resolver um problema que a própria razão colocou, este problema passa a ser o assunto dela; portanto, está dentro da atividade dela. Neste sentido, aquele traço de caráter desaparece, ele é engolido pela razão, ele não é percebido na conduta do indivíduo. Mas quando a atividade intelectual é colocada num outro setor, completamente diferente, então aquele traço é ressaltado. Não quer dizer também que os indivíduos são mais inteligentes ou produzem mais quando se aplicam aos assuntos daquela casa. Isto lhe fará bem enquanto ser psíquico. Dedicando sua inteligência ao estudo daquele assunto, vai, de certo modo, aliviar o conflito dele, mas não quer dizer que ele será um gênio. Szondi dizia que o trabalho é a maneira de legitimar nossa demência - você pode arrumar uma profissão onde seja solicitado justamente naquilo, e você até acaba ganhando dinheiro com a sua loucura.

A razão é universal, e daí a inadequação que existe, sempre, entre o nosso organismo psicofísico - que é um, é individual, singular, que tem suas próprias necessidades - e o funcionamento da razão. Nós nunca estamos perfeitamente adequados à razão. A razão só trata de generalidade, ela nunca é adequada para compreender nenhum caso singular e muito menos o nosso.

O estudo de disciplinas afins pode transferir as preocupações de uma escala pessoal, na qual ele não vai

encontrar resposta nunca, porque não tem, para uma escala onde é possível encontrar resposta. Mas o indivíduo precisa fazer um sacrifício, que é se desinteressar, por um tempo, pelo problema dele, para se interessar por um problema análogo, numa esfera mais universal.

Onde você tem Saturno, surge, algum dia, um grande desafio à sua inteligência, uma pergunta irrespondível, onde você naturalmente empaca, e permanece com aquela pergunta. Quanto mais o sujeito detesta aquele assunto, mais ele o persegue. Se você conseguir parar de pensar naquele seu problema pessoal e se dedicar a estudar a questão analógica, de ordem universal, você vai acalmar, vai melhorar. Mas acontece que este passo as pessoas não dão, não acreditam que seja possível. Por exemplo, o indivíduo com Saturno na 1 é preocupado com sua auto-imagem, com o papel que ele está representando. Como você poderia compreender o seu papel individual, exceto dentro de uma galeria de todos os papéis possíveis? Para você compreender a galeria de todos os papéis possíveis, você precisa parar de perguntar sobre o seu um pouco e levantar a questão num nível mais genérico. Se você der este salto, a sua vida irá bem, você não é mais inimigo da sua razão e, portanto, ela não o persegue mais e começa a ajudá-lo.

A razão é a cruz que o homem carrega. Em geral, a urgência daquele problema pessoal que foi colocado impede o indivíduo de olhar a coisa mais de cima. Se o indivíduo, confrontado, no limite da sua inteligência racional, perante um problema que ele não conseguiu resolver - um problema pessoal - conseguir deixar este problema seu de lado e prosseguir no seu processo de educação, ou seja, (no processo de se transformar num membro da humanidade, um cidadão), o destino é um (se ele proseguir), mas se ele empacar, o destino é outro. Só que isto não dá para se saber pelo mapa. Pelo mapa só dá para saber qual é o problema com que o indivíduo se defrontou, mas onde ele está no momento, só pela biografia.

Isto é um instrumento diagnóstico eficacíssimo, pode-se medir se o indivíduo é neurótico ou não por esse ponto. Por isso todas as teorias da neurose que tem por aí... menos a de Freud, que estava na pista, porque ele viu que a neurose é inadequação entre o nosso organismo psicofísico e as exigências da cultura e o restauro da razão. Também estava certo no sentido do que ele dizia: que a cultura e a razão já tinham ganho a briga de antemão. Não adiantava querer se livrar dela, ou seja, o caminho do homem é de fato tornar-se racional, entrar na sociedade, entrar na história, não tem jeito.

...

Não é impossível que quando fizeram o hieróglifo de Saturno tenham pretendido fazer uma coisa em cima de um capricórnio. Existe uma série de caracteres gráficos da língua chinesa que säo parecidos com o desenho de Saturno e eles representam, por exemplo, o homem que tenta saltar o obstáculo e não consegue, o homem entrevado, amarrado à cama, tudo isso é uma cadeia simbólica muito interessante.

Veja, não estou criticando tudo o que falei no começo, não quero dizer que sou contra o simbolismo astrológico, ao contrário, temos que estudá-lo, é uma coisa muito bonita, muito interessante; apenas não é para aplicá-lo e transpô-lo indevidamente ao plano da astrologia como técnica diagnóstica. Não se faz a interpretação astrológica com base no simbolismo astrológico, na base de fazer analogia. Se Saturno é o homem entrevado, entäo na casa onde tem Saturno, esse alguém está entrevado e Saturno na casa 2 significaria que a sua grana está lá, entrevada, amarrada pelo Collor. Näo é isso! Se tem Saturno na casa 3, sua fala näo consegue transpor o obstáculo da língua e você gagueja. Também näo é isto.

Estas interpretações às vezes podem até dar certo, mas uma em um milhäo, e quando dá certo é sempre na base da analogia. Quer dizer, você tem um problema e o astrólogo fala sobre outro bastante parecido, mas não é a mesma coisa. Assim, se eu tenho uma dívida para com um sujeito, adianta eu dar a grana para outro parecido? Claro que näo adianta. Se você está procurando uma rua com seu automóvel, adianta você entrar numa outra rua parecida? O parecido é a coisa mais perigosa que tem; a gente só se engana porque as coisas säo pareceidas. O análogo näo é verdadeiro; análogo é o análogo. Ele é mais ou menos parecido. O análogo näo é idêntico. O simbolismo astrológico tem que ser fundado porque ele tem um monte dessas sugestões. Ele tem que ser educado, mas näo aplicado.

Se a interpretação de mapa é uma aplicação da astrologia a um domínio psicológico em particular, deve haver um código explícito, um código literal da correspondência, o que estamos tentando fazer aqui.

P: Se intuição é razäo, eu acho que há momentos em que ela desaparece da inteligência. Como é que uma

pessoa poderia fazer com que a coisa sem o Sol se guiasse?

Não pode, porque este é um problema completamente diferente. A intuição pode substituir a razão em alguma circunstância? Por exemplo, se você está tentando demonstrar um teorema, você, por intuição, sacar o problema e pronto? É isto o que se pede para você fazer no exame? A não ser que você confie na sua intuição. Mas confiar na intuição é uma coisa que o homem não pode fazer, porque a intuição é singular. Posso confiar que numa outra situação diferente terei uma intuição; isto pode até funcionar, mas nunca lhe dará segurança sobre tudo. Não posso transferir este conhecimento a uma outra pessoa, como foi dito anteriormente. Se você retivesse todas as intuições, você seria um gênio. Mas se você retivesse todas as intuições, acabaria as transformando em imagens, depois em memória, e depois em conceito. O mundo intuitivo de todos é muito rico, mas de tudo o que você capta pela intuição nada sobra para que este material possa ser aproveitado. Seria necessário reter na memória, dar-lhe uma forma e transformá-lo em conceito ou em expressão artística. Não há como desenvolver a intuição, ela já é eficiente. Talvez melhorar a atenção, a memória, o uso da memória. Isto como condição preliminar para você poder desenvolver a razão. Por isso, Aristóteles dizia: "Todo conhecimento começa com a memória".

Por exemplo, percepção sensível todos os animais têm, alguns retém um pouco mais na memória. Algo sempre se retém na memória. Quanto mais retém, mais fácil é para tirar conclusões que se apliquem às situações seguintes. Quanto mais memória, mais previsão. O animal com maior memória é o homem. A memória organiza o conhecimento e prepara o trabalho da razão.

A intuição é muito boa em quase todas as pessoas. O indivíduo intui, mas perde aquilo tão rapidamente que é como se não tivesse intuído. A memória e a razão são hostis ao caso singular. A memória funciona por analogia, ela busca o parecido. A experiência singular, irrepetível, não se memoriza, senão desarticularia a pessoa. É preciso ampliar o número de escaninhos na memória, e na medida do possível substituir o esforço da memória pelo da razão, porque a razão, numa única fórmula, guarda uma infinidade de experiências diferentes. Desta forma, você descarrega a memória. O problema é a memória e a razão. A intuição já é boa, é sempre consciente, mas durante muito pouco tempo ela fica no consciente. É preciso também melhorar a capacidade de permanecer em dúvida, reter os dados duvidosos. Isto será o espírito de ciência, de investigação. O homem investigativo, quando não entende algo, guarda na memória -- mesmo que isto lhe cause um desconforto - - até que possa compreender. O cidadão comum ignora o que não entende. A lei do menor esforço é o principal inimigo da inteligência. Os dados da intuição são inquestionáveis, é algo do real.

O indivíduo precisa ter um domínio consciente de sua ignorância, transformá-la em dúvidas. É condição primordial para o aperfeiçoamento da inteligência.

Voltando ao assunto, a casa onde está Saturno no mapa expressa uma pergunta que, nem uma atitude, nem uma omissão podem jamais apaziguar. A grande dificuldade é esta: o homem comum é pragmático, requer muito pouco o uso da razão. Se a vida do sujeito se esgota num nível pragmático, as perguntas que solicitarem a inteligência racional ficarão de lado, não aumentarão a sua inteligência teorética e o homem é por natureza o “homo theoreticus”, o homem contemplativo que vê, interroga e sabe. Esta é a diferença específica do homem, ele é capaz e está obrigado a fazer isto. No entanto, a orientação completamente pragmática do homem não permite o desenvolvimento do homem teorético, que nada tem a ver com o mundo pragmático. O homem tem muito mais inteligência do que a utilizada para resolver seus assuntos pragmáticos. Este excedente, que continua funcionando, o oprime com perguntas irrespondíveis. O que seria a principal arma do homem torna-se seu principal inimigo. Este é o drama da casa onde está Saturno. Na casa onde tem o Sol também tem um drama. Qual é? A questão da resultante; aquilo é tão natural que você não pára para pensar no assunto, você dificilmente chega a uma consciência refletida. Fica limitado ao que já sabe naturalmente. Na casa onde está o Sol sempre existe esta inconsciência.

Outro grande problema de onde o sujeito tem o Sol: como ele olha por um ângulo, ele imagina que todos têm o mesmo tipo de visão. A pessoa com Sol na casa 1 age como se tudo que é parecido com ele não necessitasse de explicação. Sempre que ele vê uma motivação parecida com a dele, lhe parece correta e inquestionável. Ele se torna o padrão. Onde o sujeito tem o Sol, ele tem a facilidade de intuir as situações reais, mas não tem, geralmente, consciência crítica. Ele não sabe avaliar corretamente o valor do que se sabe. Dá-lhe uma grande auto confiança. E a pessoa não percebe esta inadequação.

Ao contrário da casa onde tem Saturno, em que a pessoa é a primeira a saber. O drama da casa onde está Saturno é o drama do indivíduo que não consegue arcar com a sua condição de animal racional... Ele está tentando dar uma solução na esfera animal, na esfera da ação, da vida, dos sentimentos. É uma coisa que não se coloca ali. Para que a inteligência racional funcione, ela precisa de uma certa imobilidade, tranquilidade, mas de certo modo, a tranquilidade forçada. A maior parte das pessoas não atina com isto. Quando cessa a atividade, a agitação psíquica, a pessoa sente cansaço e dorme. A inteligência racional tem atividade mínima. Cessar todo o resto, mas manter o mínimo desperto, acertar com este ponto é condição necessária para a inteligência racional. A maior parte das pessoas está tão arrastada no fluxo de imagens, sentimentos, que quando o fluxo pára, estão cansados. É próprio do indivíduo que tem a racionalidade desenvolvida a igualdade de ânimo, não muda muito de estado de ânimo. O contrário de quem tem a racionalidade atrasada. Quem tem a racionalidade desenvolvida tem menor instabilidade emocional. Se não, não consegue. Isto é muito difícil de se conseguir, e é este o problema da concentração, que quer fazer você continuar pensando no mesmo assunto, seguindo um fio de raciocínio. O sujeito desconcentrado é desviado deste fio, seja por uma imagem, seja por um sentimento.

Na casa onde está Saturno, eu preciso pensar, me desinteressando de resolver do meu caso pessoal imediato, e dando algo de mim para a minha própria evolução como ser inteligente. A tragédia humana é que o homem se recusa a fazer uso da razão. Quando os problemas são de ordem psíquica dele, ele é o culpado. Nada tem a ver com o karma.

Os quatro tipos já estão descritos no seu ponto de partida, que é a interrogação da casa, e no desenrolar do drama, que é o leque de condutas possíveis, que vão de um extremo a outro.

Quem tem Sol na Casa IV tem uma autoconsciência, capta instantaneamente os desejos dele e do outro. Capta a relação de desejos e manipula isto. Sabe como o desejo age nele e no outro. O desejo é o faltar algo, é o anseio por um preenchimento. Atender o desejo é colocado como uma condição para a felicidade, a homogeneidade interna. A todo momento, desejamos algo. O desejo é que coloca o homem em movimento, cria um certo clima de desconforto momentâneo, que visa atingir um estado de conforto. A relação do quanto do desejo é que marca a "temperatura" emocional do sujeito. Este aspecto do homem é que o indivíduo com Sol na casa IV capta intuitivamente. Para o sujeito com Sol na casa IV também é fácil identificar o estado emocional das pessoas. Existe o caso onde a relação de desejo se transforma na relação de temor; é quando entra o elemento coercitivo. A relação de desejo é de agradar e ser agradado, e não de impor. Então o desejo é acompanhado de uma expectativa de que o outro deseja atender. O atendimento do desejo só é perfeito quando espontâneo, quando não existe choque. É pedir e ser atendido. Mas às vezes o desejo tem uma força coercitiva psicológica muito mais forte que qualquer poder, mesmo assim aquele que atende o outro pela força do desejo dele frequentemente não sabe que está sendo coagido, ao contrário, gosta de ser levado. A linguagem do desejo consiste em fazer com que o outro queira fazer aquilo que quero que ele faça, e não obrigá-lo. É induzi-lo a querer. Onde o sujeito tem o Sol, ele tem uma aptidão, percebe as coisas, mas não se enxerga, a não ser que reflita sobre uma conduta sua anterior, daí identificará uma constante. Quem tem Sol na IV, consegue que os outros geralmente queiram fazer o que ele quer que façam. Deste modo, não há choque. A casa onde está o Sol é o meio natural onde o indivíduo se move; é muito difícil transcender isto porque é tão natural você enxergar daquele jeito que você pensa que todos enxergam por ali também, você não está consciente de enxergar por ali. Está apenas consciente do que vê como se não existisse outra coisa.

A adequação do sujeito com Sol na IV em torno do emocional é uma adequação automática e sem choques. Isto é uma intuição psicológica. A intuição demarca o quadro de tudo que nós enxergamos: tudo o que sabemos é por intuição. Só sabemos que isto tem limites por causa da existência de Saturno no mapa, que mostra algo que não enxergamos. Mas o tipo intuitivo do indivíduo delimita gravemente o que ele é capaz de enxergar ou não. Só adquirimos uma auto-consciência ali à custa de uma trabalhosa comparação com outras pessoas. O sujeito com Sol na casa IV sabe o que sente, tem um perfeito entendimento no seu mundo interno. Sol na IV e Sol na I têm mais dificuldade para perceber que as outras pessoas não enxergam um mundo da mesma forma que eles. Quem tem Sol na VII não vê os estados emocionais dos outros projetados nele, ao passo que Sol na IV sim. Sol na VII, para enxergar a si, olha o outro. E Sol na IV, para enxergar o outro, olha para si, -- não para o seu estado emocional, mas para o papel que está representando no momento. Para pessoas com Sol na casa IV, as outras pessoas parecem

mais estáveis emocionalmente. O mundo para quem tem Sol na VII é um mundo onde cada pessoa representa um papel diferente. O mundo de quem I tem Sol na IV é um mundo de sentimentos e forças que está sempre mudando, composto mais de estados que de pessoas. Quem tem Sol na I vê o mundo como uma coleção de papéis, estes organizados por ele. Para este sujeito, todos à sua volta são expectadores, o papel dos outros não lhe interessa muito. É como se a pessoa se visse de vários lados. Praticamente, a única coisa que o indivíduo com Sol na I percebe nos outros é se agradou ou não. Quem tem Sol na I é auto referido, todos os papéis que ele representou, tudo em que participou funciona para ele como a chave do mundo. Sol na I é auto referido e não satisfeito, pois satisfeito é um traço emotivo, enquanto que referido é um traço cognitivo. A interpretação de Sol e Saturno é cognitiva, intelectual, não é afetiva. Nenhum traço afetivo traduz perfeitamente de que se trata, apesar de nossas deficiências de linguagem que nos obrigam, às vezes, a usar um vocabulário afetivo ou volitivo para designar isto, mas, neste caso, nós estamos falando impropriamente. O indivíduo com Sol na I pode se adorar ou se desprezar, isto são posturas afetivas ou valorativas, em parte. O ponto chave é que o indivíduo com Sol na I considera, por assim dizer, a sua biografia, a coleção de papéis como sendo a chave do mundo. Só pode ser compreensível aquilo que se refira a algo que lhe aconteceu, nunca chegando a fazer o raciocínio inverso, de estranhar um comportamento próprio e ter que compreendê-lo através de outra pessoa. Ele não entende. Para entender a situação, ele precisa se colocar no papel principal e ver o que faria ali. As outras pessoas nunca são objeto de intelecção, diretamente. Elas são apenas, por analogia consigo mesma, objeto de intelecção. O indivíduo com Sol na I nunca usa outro como medida.

...

POSIÇÄO DO SOL

É através do Sol que o indivíduo intui o que ele é. Sabe que está vivo e que existe. Através dele que o sujeito recebe informações de si mesmo.

A posição do Sol é justamente uma janela para a autoconsciência. Através das outras casas esta visão não é possível, a não ser por um esforço não natural, que é a aprendizagem, como estamos fazendo aqui.

Quanto mais o indivíduo tiver ciência da casa onde está o Sol mais ele estará reforçando sua perspectiva individual. Torna-se difícil ter autoconsciência de seu próprio Sol, pois o Sol é por onde o indivíduo enxerga. Isto é o mesmo que o olho querer enxergar o próprio olho.

O Sol é a luz através da qual enxergamos todas as coisas, mas é a única coisa que não podemos enxergar. Para identificar o Sol temos que criar artificialmente uma dificuldade. Contrastar o que ele está enxergando com algo que ele não vê, porque não sabe quais são as outras formas de se enxergar.

Identificando os dados que são retidos na memória identificamos mais facilmente onde está o Sol. A memória só retém o que o indivíduo capta.

Conservamos na memória aquilo que intuímos. Como o indivíduo sempre presta atenção num mesmo tipo de coisa, automaticamente é aquilo que ele vai guardar. E como não guarda outra coisa além disto, pensa que isto é tudo. Somente contrastando com outras pessoas é que isto aparece e ele percebe. Normalmente o indivíduo caminha naturalmente na direção onde está o seu Sol.

Todas intuições possíveis das outras onze casas, onde não se tem o Sol, estão operando no indivíduo também, mas de modo implícito, subconsciente. Por exemplo: tenho o Sol na III, recebo uma pergunta de um aluno e procuro captar a sequência das idéias que o levou a uma conclusão qualquer para que fizesse aquela pergunta. Esta é a forma de captar do indivíduo com Sol na III. É claro que o tempo todo estou recebendo o dado sensorial da situação, pois não sou surdo ou cego, mas estes dados ficam a nível subconsciente.

POSIÇÄO DE SATURNO

Para explicar a posição de Saturno tudo fica mais fácil. O Saturno é seu grande questionamento de vida, portanto não há necessidade de forçar nada, nem comparar com nada.

A educação nunca irá mudar estes aspectos, só irá lhe dar uma capacidade extra, que habitualmente não irá exercê-la. Por exemplo: eu tive educação visual, estudei pintura, sou desenhista, mas nem por isso penso

como um pintor ou intuo como pintor.

A arte da pintura consiste em ver os elementos sensoriais separados de seu contexto histórico. Isto não quer dizer que não possa existir pintores com Sol na III ou em qualquer outra casa. Existem pintores que fazem pintura de uma maneira mais intelectual.

Outro exemplo: se um indivíduo com Sol na III vier estudar letras, isso pode aumentar seu talento, pode lhe dar capacidade profissional, mas não estará acrescentando nada nele. Somente estará desenvolvendo algo que já estava nele.

Nenhuma posição planetária significa conduta, mas sim motivo da conduta. Se não sabemos o motivo, isto é, o que está por trás da conduta, não teremos com o que comparar a posição planetária. Como consequência não iremos entender a conduta.

SOL NA I

O indivíduo com Sol na I tem um mundo constituído por um monte de papéis e funções suas. Ele é uma espécie de humanidade, desempenha todos os papéis, é o herói e o bandido também. É como se visse o mundo nele mesmo. Este indivíduo se recorda dos dados situacionais a respeito dele mesmo. Para este indivíduo, a diferença entre o modo de perceber dele e do outro é a última coisa que ele consegue enxergar. Esta auto-referência não lhe permite se medir com outros. Para ele na verdade não existem outros, os outros são apenas exemplos dele.

Percebe o mundo da seguinte forma: tal coisa existe em mim, tal coisa não existe em mim. Tenta compreender os outros comparando consigo mesmo. Mas o problema é que não existe um indivíduo com padrão certo para podermos compará-lo com todos. Sua atitude é como a de alguém que tem uma régua de centímetro e quer medir tudo com ela: temperatura, peso, pressão. Isto não é possível, nem tudo dá para ser comparado consigo mesmo porque existem aspectos que não estão no sujeito, e existem aspectos que estão nele e no outro, porém não de maneiras iguais.

Para o indivíduo com Sol na I demora um grande tempo para que os outros se tornem para ele tão reais quanto ele mesmo. Para um conhecimento tipológico só poderíamos tomar nós mesmos como padrão comparativo para compreender o todo, se tivéssemos a certeza de termos a amplitude para isso, mas nimguém tem.

Sabemos que determinada característica existe no outro e não em nós não porque comparamos o outro conosco, mas porque comparamos os dois com um terceiro. É a visão deste terceiro que falta para o indivíduo com Sol na I.

SOL NA II

O indivíduo com Sol na II vive num mundo de coisas. O mundo corporal é um dado fundamental para ele. É o dado pelo qual ele se orienta. Mesmo a visão das pessoas é um dado sensorial. O mundo para ele é constituído de formas, pesos, cheiros, inclusive as pessoas são isto.

Bastaria para este indivíduo o ambiente físico para que estivesse relativamente situado. Ele precisa estar ciente do que tem a sua volta, do que toca. Mesmo que não tenha ninguém. É claro que não vamos relativizar a posição, pois nenhum homem nasce sozinho. E mesmo o ambiente físico tem marcas da cultura.

Este indivíduo olha sempre para o mundo exterior. Logicamente ele percebe muito mais coisas do mundo externo do que as outras pessoas. A memória dele é carregada de dados sensoriais. Ele pode não se lembrar das coisas que ele fez, mas se lembra das coisas que viu, do que captou pelos sentidos: tato, audição, visão, olfato. Por ser atento a estes dados sensoriais, normalmente ele se recorda de mais sabores do que consegue nomear.

SOL NA III

O indivíduo com Sol na III irá reter a história, o relato lógico-temporal dos fatos. Para ele é fácil reconstituir o encadeamento lógico das idéias. Conclui um monte de coisas levando em conta somente os dados que habitualmente intui. É evidente que existe um encadeamento lógico implícito em tudo, mas para o Sol nas outras casas não é este dado que será retido. Por exemplo: quem tem o Sol na IV é capaz de

perceber os estados de ânimo que se passam a sua volta, mas não reconstitui o encadeamento lógico dos fatos que levou àquele estado de ânimo; para o indivíduo com Sol na III isto é mais fácil.

SOL NA IV

Com o Sol na IV o indivíduo é capaz de identificar os estados de ânimo fundamentalmente, ou seja a atmosfera, independentemente das referências sensoriais ou históricas do que estava acontecendo.

Para este indivíduo é fácil entrar na atmosfera sentimental quando ele a recorda. Existe uma diferença entre revivê-la e reatá-la. Por exemplo: o indivíduo com Sol na III vai se recordar mas não irá entrar na mesma atmosfera novamente.

Marcel Proust, por exemplo, tinha o Sol na IV e, quando foi escrever suas memórias, que nada mais eram que suas memórias com nomes trocados, não descreveu acontecimentos, mas sim estados afetivos. Em Proust não fica claro se o estado que ele descreve era o que ele sentia, se era o estado que estava no ar ou se o sujeito que lê é que está sentindo aquilo na hora que lê.

Ele dissolve a noção de personagem e os próprios estados passam a ser as personagens. Fica difícil neste caso delinear os personagens de Marcel Proust como fazemos por exemplo com os personagens de Balzac, onde podemos identificar um trapaceiro, um avarento, um esforçado. O personagem não tem um delineamento porque a sucessão de estados torna-se a aventura, e a unidade psicológica dos personagens fica no fundo.

SOL NA VII

O indivíduo com Sol na VII tem como referencial as outras pessoas. Se retirarmos todas as comparações possíveis entre ele e os demais e lhe perguntarmos "quem é você para você mesmo", provavelmente o indivíduo terá dificuldade de se definir. Outros indivíduos podem se definir em face do ambiente físico em que se colocam, e não em face dos outros, como é o caso de Sol na II.

Um dado importante de você mesmo é possível ser obtido independentemente da referência de outras pessoas. A verdade é que o homem é um ser social e político, como já dizia a Bíblia: "Não é bom que o homem viva só." Portanto uma dimensão social todos têm. Mas acontece que esta não é a única dimensão que ele possui. Qualquer uma destas dimensões pode servir de janela para sua autoconsciência.

Para a pessoa com Sol na VII é comum a seguinte questão: fazer algo para quem? Em função de quem? Este indivíduo pode perfeitamente ignorar o ambiente físico à sua volta sem que isto apague sua autoconsciência o que não seria possível com Sol na II.

O indivíduo com Sol na VII pode jamais ter reparado mais seriamente no ambiente físico sem que isto o torne desorientado. Basta para ele olhar para as pessoas e saber o papel que representa ali, e estará suficientemente orientado.

SATURNO NA II

O indivíduo com Saturno na II tem a assiduidade crítica e organizadora da razão diretamente voltada para os dados sensíveis. Por exemplo: se sente gosto de abacaxi se perguntará: É gosto de abacaxi mesmo? Por que sinto gosto? São questões paradoxais. Ele duvida da existência do mundo exterior. Os indivíduos que têm Saturno nas outras casas podem um dia se questionar a respeito da existência do mundo externo, mas este não será um fator determinante de sua conduta, como o é para quem tem o Saturno na II. Este indivíduo tem necessidade de se certificar do dado sensível, de senti-lo. O sujeito acaba testando os dados sensíveis na tentativa de obter maior clareza, mas isto pode confundi-lo mais ainda.

Tem o desejo de suprir a informação sensorial como se tivesse um buraco nos sentidos. É uma sensação terrível de falta, como se o mundo desfarelasse à sua frente. O questionamento racional do dado sensível persegue este sujeito e este questionamento não tem resposta desta forma. Porque a razão não pode operar diretamente sobre os dados sensíveis.

Quanto mais a razão critica os dados sensíveis, mais ela cai no famoso problema cartesiano, a existência do mundo. Por exemplo: "Estou vendo você, mas será que você existe mesmo?" Isto é um hábito, não tenho nenhuma prova racional de que aquilo que vejo existe. Toda a prova que se oferece a nós para provar que um dado sensível é verdadeiro, se baseia na crença neste mesmo dado sensível. Então se a

razão critica um dado sensível, o máximo que ela consegue fazer é negá-lo. Ela não consegue encontrar outro fundamento a não ser ele mesmo.

A relação deste indivíduo com dinheiro também é muito complicada, mas não sabemos exatamente por que. O indivíduo nestes casos pode ser avarento ou simplesmente não dar a menor importância para dinheiro. Na verdade o problema não está exatamente aí, pois o dinheiro entra na vida do indivíduo mais tardiamente. É um símbolo de quantidade que permite uma operação, não dá para perceber numa criança, portanto não é um dado cognitivo.

O problema na verdade começa na apropriação do mundo sensível, isto é, na relação de seu corpo com o mundo externo. Por exemplo: quando comemos uma maçã, em seguida ela deixa de existir, ou seja a satisfação que obtivemos foi a custa da destruição do objeto desejado. Então o indivíduo com Saturno na II irá questionar: em que sentido a maçã é minha? Se como a maçã, como não pode ser minha?

Existe aí uma ambiguidade na noção de propriedade e assimilação. Normalmente é ambígua para todos os seres, mas para este indivíduo será motivo de entraves, e ele não conseguirá sair dali.

Uma coisa que olhamos estamos assimilando, porém a assimilação por olhar é tênue pois não tocamos o objeto com o olhar. Então aquilo que olhamos por um lado está assimilado mas por outro continua fora de nós mesmos. Quando procuramos assimilar mais para torná-lo nosso, passamos a não enxergá-lo mais. Quando vejo é porque não comi, quando como não vejo. Nunca coincide a posse com a visão e todos nós passamos por isso, mas para o indivíduo com Saturno na II isto será fator determinante de sua conduta.

Existem muitas pessoas com Saturno na II dilapidadoras de patrimônio. Mas antes de serem dilapidadoras de patrimônio foram dilapidadoras de sensações. Isto é, ao mesmo tempo que você nega uma sensação, você a destrói. Por exemplo: na hora que estou comendo algo eu quero raciocinar e encontrar o fundamento racional desta sensação. Isto não é possível. É possível pensar a respeito das sensações antes ou depois, mas não durante. O sujeito destrói a sensação a custa de criticá-la.

Não é possível ter razão e intuição ao mesmo tempo, porque a razão não opera pela matéria intuitiva, mas sim pela memória. Opera pela forma de intuir depositada na memória. Tentar fazer isto é o mesmo que tentar digerir a coisa antes de comê-la.

A razão opera uma abstração de 2o. grau. A abstração de 1o. grau é operada pela memória. A memória retém a forma da coisa sem o seu conteúdo e sem a sua existência atual. Por cima desta abstração vem uma segunda que é operada pela razão. Então o negócio é fazer Saturno na II compreender que o certo não é raciocinar sobre a sensação que ele está tendo no momento, mas sim sobre sensação em geral. Se o sujeito conseguir entender isto estará bem.

A razão transforma tudo em conceito e em esquemas lógicos e cataloga este esquema dentro de um quadro imenso. Dentro deste quadro não existe nenhuma sensação, sentimento, só existe conceito. Mas qual é o gosto que existe no conceito? A palavra cão não morde e a palavra maçã não tem gosto. A alteração conceitual tem que ser posterior à sensação.

AULA 54

Vamos retomar as regras que estamos seguindo:

1o.) As posições planetárias não são interpretadas como equivalentes a condutas, a comportamentos ou atos.

2o.) As posições planetárias (Sol e Saturno) não são interpretadas como traços afetivos ou volitivos.

3o.) A interpretação tem de ser de natureza cognitiva (pois estamos interpretando Sol e Saturno).

Sendo assim, as posições planetárias expressam a luta entre a forma, a estrutura cognitiva daquele indivíduo em particular e o meio onde ele está, meio este onde existem pessoas que enxergam de maneira diferente.

O indivíduo, com sua forma de perceber, entra em choque, de um lado, com o mundo físico -- que não foi moldado para ele em particular, mas para todos --, e por outro lado entra em choque com o meio social,

onde também as pessoas não são feitas de modo a enxergarem as coisas pelo lado dele.

4o.) A posição de Saturno expressa a primeira questão que toma conta do indivíduo, expressa sua dúvida fundamental que coloca em movimento a razão.

Ou seja, quando é dito que Saturno é a razão, isto deve ser entendido de maneira metafórfica. Ele apenas assinala uma das doze direções da atenção que dá o motivo do espanto, o qual coloca em movimento a razão.

De outro lado o Sol, na medida que expressa a faculdade intuitiva, expressa uma maneira de conhecer bem diversa daquela da razão, porque o que é intuído não é conhecido como algo construído, mas nos parece a tradução do próprio real, e não elaboração de nossa mente.

O conhecimento racional é sempre reflexivo. Quando estamos raciocinando fazemos uma hipótese, que tomamos como real, ao lado de outras que tomamos apenas como possíveis.

Portanto o exercício da razão sempre implica uma consciência da relatividade do conhecimento. Com a intuição não, o dado intuitivo é tomado por nós como absoluto, inquestionável. De fato assim é, sob certo aspecto. Mas ele é limitado; embora a intuição nos dê um dado seguro do real, nada garante que a situação que estamos captando se esgota naquele dado captado. Por outro lado não está garantido que o ângulo pelo qual captamos é o mais adequado. É como se a intuição me desse dados que, se por um lado são inquestionáveis, por outro lado não vêm com uma indicação de qual o seu lugar no conjunto.

Quer dizer que o indivíduo que intui um aspecto lateral, insignificante de uma situação, está intuindo tanto quanto outro que intui o "miolo" do assunto. As duas intuições são válidas. Somente a atividade da razão é que vai criticar, localizar e relacionar as intuições entre si.

Por isso mesmo, as limitações mais graves da inteligência não surgirão na Casa onde está Saturno (porque é nesta Casa que há o máximo esforço para transcender esses limites), porém essas limitações aparecerão na casa onde está o Sol, que indica uma espécie de "vício da atenção", que olha as coisas sempre por um tal lado, de modo que este lado é como se fosse a realidade mesma no seu todo.

A intuição tem esse problema, de ser barbaramente convincente. Ela faz com que você se identifique com o que você vê. Tudo aquilo que é intuído passa a ser um elemento do seu mundo.

A intuição não deixa de ser um critério de veracidade, porque ela equivale à evidência -- se você intui é evidente, se é evidente é certo. Só que essa evidência só pode ser tomada como válida se for criticada pela razão, e delimitada por ela.

Enquanto isolamos o conteúdo do que foi intuído sem tirar nenhuma conclusão, estamos em terreno seguro. O problema é quando interpretamos toda uma situação por ela, tomamos a intuição como chave para tudo.

Não existe intuição do conjunto, ela é parcial por definição. O todo só nos é conhecido de modo potencial, não atual. Se pudéssemos ter uma visão atual, efetiva do todo, veríamos o universo inteiro, todo o seu desenvolvimento desde o início dos tempos até o fim; isso não existe. Um conhecimento destes não pode ser intuitivo, isto é, atual e efetivo, mas apenas potencial, como um esquema de possibilidades concebido racionalmente.

Aí está o absurdo das afirmações tais como: "a intuição unifica tudo; a razão separa". É exatamente o contrário: a razão articula as coisas no todo, e a intuição afirma as partes, os seres e as situações singulares.

Já vimos que é mais difícil fazer o indivíduo enxergar qual é o traço de caráter equivalente à sua posição de Sol do que a de Saturno. A posição de Saturno é o órgão que dói. Já a maneira de intuir parece tão natural ao sujeito que o indivíduo nunca a questiona, não experimenta enxergar de outra maneira.

Somente através da razão podemos conceber outras maneiras de ver. Para chegar ao ponto de captar intuitivamente o que o outro enxerga, eu preciso conhecer profundamente este indivíduo, ter uma longa convivência.

Vale lembrar que, na explicação dessas diferenças cognitivas, existe a dificuldade do uso das palavras. Não podemos esquecer que o mundo linguístico do indivíduo também depende do mundo intuitivo dele.

Nunca haverá uma expressão plena e segura de todas essas diferenças cognitivas. Haverá sim uma expressão técnica, mais ou menos convencional (ou seja, que apenas designe um conteúdo que é dissertativo). Nós vamos ter de encontrar um esquema descritivo aproximativo, e convencioná-lo, para cada uma das posições planetárias.

Eu não consegui até hoje expressá-las numa linguagem inteiramente conceptual. Sempre tenho que recorrer a imagens, a exemplos, o que torna este estudo um pouco deslizante. Precisamos chegar a uma fórmula interpretativa de cada posição, numa expressão consistente, uniforme, e de interpretação unívoca (de consenso).

Casa VIII:

A oitava casa é a percepção do potencial de ação de cada momento, não como expressão do próprio eu (como na Casa V), mas como expressão da situação mesma. Ou seja, a Casa VIII são as ações que a situação requer, ou seja, o que é preciso fazer neste momento. A Casa V é o que eu posso fazer neste momento em termos de demonstração de minha capacidade criativa.

A diferença é o seguinte: a Casa V é o que eu quero fazer agora; a Casa VIII é o que a situação requer que eu faça. Portanto a Casa VIII é o aspecto da urgência, do ato necessário em vista de uma situação. Por exemplo, se aparece um touro feroz na minha direção, todo mundo sabe que eu tenho que correr. A percepção desta necessidade implícita de ação em dada situação, isto é o Sol na Casa VIII.

Para o indivíduo com o Sol na VIII o mundo é constituído de um monte de estímulos à sua ação. As possibilidades de ação que cada situação sugere surgem para este indivíduo de maneira imediata. Não é raro que por isso estas pessoas pareçam irrequietas aos outros, e permanentemente dispostas a fazer o que é preciso. São os primeiros que percebem o que é preciso fazer.

Isto quer dizer também que, quanto mais a situação sugere ações, mais claro o indivíduo vê. E se a situação não sugere nada, ele nada vê. A atenção do indivíduo está voltada para as oportunidades de ação, ou de reação, colocadas pelas situações.

Passando para as condutas possíveis, dizemos que estes indivíduos enxergam melhor nas situações de emergência, de urgência. Ou seja, enxergam mais nas situações anormais, de precipitação de acontecimentos, do que nas que transcorrem num ritmo normal. O personagem Sherlock Holmes parece que foi concebido para isso mesmo, não como caricatura, mas como comportamento característico. Não é que ele comece a agir na hora que é solicitado, mas começa a pensar, a intuir, a prestar atenção a partir do momento que lhe acontece algo. Não é uma mente contemplativa; é uma mente que só liga quando há um estímulo do mundo exterior.

Inversamente, o indivíduo que tem Saturno na VIII, para ele as situações que solicitam uma decisão imediata desencadearão nele o senso da crítica, do paradoxo. Desencadeará uma sequência de pensamentos que contradizem esta possibilidade de ação, que a problematizam e rejeitam criticamente.

Para Saturno na Casa VIII as situações de emergência, que o solicitam, surgem para ele como oportuidades de operar uma abstração sobre elas, e tentar achar uma regra geral de conduta que solucionem todas as emergências de um mesmo gênero (por exemplo, a estrutura de uma UTI).Este indivíduo gostaria de estar sempre prevenido, com um conjunto de esquemas que lhe permitissem dar conta de todas as emergências que surgissem. Mas isto é impossível.

Dentro das condutas possíveis, este indivíduo pode se tornar perplexo, paralisado perante as situações de emergência, ou, ao contrário, nas situações emergenciais nas quais já tenha refletido e se sinta preparado para enfrentar, pode mostrar uma eficiência fora do comum.

Com o Sol na VIII o que existe é uma adaptação simples e imediata a qualquer situação do momento.

Existe um aspecto subjetivo, um aspecto afetivo na relação de Sol e Saturno:

Geralmente, onde o indivíduo tem o Sol, ele gosta de permanecer olhando as coisas desde aquele ângulo, parece-lhe natural estar vendo as coisas daquele jeito. Ao passo que na Casa de Saturno é o contrário, são situações que incomodam o indivíduo, e que ele procura dominar precisamente porque não gosta (considerações como estas devem ser feitas com cuidado).

Um caso dramático de Saturno da VIII visto recentemente foi o de José Sarney. Sempre que as situações engrossavam ele ficava em dúvida, paralisado.

Mas para conduzir um processo racional, com decisões a longo prazo, o indivíduo com Saturno na VIII é bastante adequado.

Um mecanismo frequentemente observado nas Casas onde está Saturno, é que nestas o indivíduo se resguarda atrás de uma atitude profissional, impessoal, social, de modo a poder dizer: "Näo sou eu que estou fazendo isto, é a lógica mesma, ou a força das circunstâncias que me obriga." Isto é sempre um alívio na Casa onde está Saturno.

Isto funciona até certo ponto. Porque pode ser também um princípio de falsa consciência, porque o indivíduo pode sempre se resguardar atrás disso e achar que não tem responsabilidade pessoal alguma no que fez.

No setor intelectual e artístico podemos tirar uma constante de conduta de indivíduos com Sol na VIII. Não encontraremos indivíduos que tenham uma obra planejada de antemão. Tende a uma série de rupturas, como Sartre, que mudava de idéia toda semana, conforme a situação requeresse uma resposta dele.

As pessoas com Sol na VIII são consideradas irriquietas intelectualmente, näo fisicamente. Vamos ver maior predomínio de ação física quando há Marte ou Júpiter na VIII. Lincoln, por exemplo, ficou famoso primeiramente como lenhador, depois como lutador e mais tarde como orador. Imitava os gestos dos adversários, mimetizava, era um ator. Tudo isto é ação muscular; se tirarmos, abstrairmos tudo isto de sua personalidade, ele näo será mais o mesmo personagem.

No indivíduo com Saturno ou Sol na VIII a ação física pode estar totalmente ausente. Ela é irrelevante, o que interessa é a resposta intelectual.

Casa III:

Com o Sol na III acontece uma inteligência intelectual muito peculiar. Ela sempre desliza do significante para o significado. É uma inteligência na qual tudo é sinal de outra coisa (esta é a característica mais marcante).

Tem um contraste marcado com o Sol na II. Este intui diretamente uma sensação. O indivíduo com Sol na III desliza sobre esta sensação para ver de onde isto veio e aonde vai. Ele se interessa pelo antes e pelo depois. Por isso dizemos que é uma inteligência interpretativa (hermenêutica), embora interpretar seja uma postura racional, e näo intuitiva. O Sol na III tem como que uma intuição de significado (a expressão é meio paradoxal); é uma inteligência que está sempre pronta a buscar atrás de uma coisa uma outra coisa, e geralmente percebe este fundo primeiro.

Por exemplo, na linguagem, quando falamos, acontece uma estimulação sensorial: produzimos sons, entonação, voz, etc. Estamos tão acostumados a comunicar- nos que saltamos diretamente deste sinal físico para a intenção significada. Porém fazemos isto com maior ou menor velocidade.

Podemos fazer a seguinte pergunta: "Se entender a linguagem é interpretar, e interpretar é ver uma coisa atrás da outra, quantas coisas você interpreta?"

Uma pessoa com Sol na III interpreta tudo, tudo para ela é símbolo de outra coisa, mesmo as impressões sensíveis. É natural ela prestar pouca atenção no estímulo isoladamente; desliza rápido para as suas conexões e significações de causa, etc Não se trata de estabelecer relações e conexões -- isto é atividade racional --, trata-se de trocar um conteúdo intuitivo por outro que também é intuído.

Por exemplo, você vê uma vaca. A primeira coisa que você vê é a aparência da vaca; mas você sabe também que a vaca dá leite. O indivíduo com Sol na III é como que näo visse a vaca, mas visse diretamente o leite; a vaca é como que um pretexto para enxergar algo mais. Cada informação interessa pouco em si mesma, porque o indivíduo quer outra e mais outra.

Isto é distinto da atividade conceptual, onde há a substituição de um dado por um conceito (näo de um dado por outro dado). Isto só pode ser feito pela razão.

A memória do indivíduo com Sol na III vai ser uma memória de histórias, de nexos, de interligações.

No caso do indivíduo com Saturno na III, esta passagem, este deslizamento, é obstruído pela pergunta: "por quê?" A situaçäo mais incômoda é quando o indivíduo fala "banana", e pára pra pensar o que o som " banana ?" tem que ver com a banana propriamente dita. Esta pergunta só será respondida quando ele se tornar um linguista. Ele entenderá que os sons individualmente näo correspondem a nada, mas que apenas a coleçäo de sons, na sua totalidade, é feita para ser um sistema das diferenças das percepçöes de coisas. As palavras näo säo coisas, säo diferenças entre coisas. Esta resposta pode acalmá-lo.

O processo da significação vai ser questionado, e nesta hora ele pára de enternder o que é banana, e vai tentar raciocinar sobre a teoria da significaçäo já aos cinco anos de idade.

Passando para o plano da conduta, este indivíduo nos dará uma idéia de extrema inteligência e burrice ao mesmo tempo. É uma inteligência profunda, mas ineficaz, sem flexibilidade. Demora para entender as coisas porque fica meditando sobre coisas mais profundas, fora da capacidade dela no momento. Isto pode ser a causa de fracasso escolar.

Toda interpretaçäo baseia-se num código. Então ela tem um elemento arbitrário. Portanto näo dá segurança ao indivíduo, que passa a questionar a interpretação espontânea que ele mesmo está fazendo. Isto pode fazer com que a linguagem, o esquema de grafismos, os sons e sinais fiquem separados da realidade, do mundo da percepçäo, e para Saturno na III isto torna-se o grande dilema -- o abismo entre o mundo dos sinais e mundo das percepçöes.

Em termos de conduta, podemos constatar a dificuldade do indivíduo em articular o que está falando, com a situação que está intuindo. Pode agir como um mentiroso: "Se posso falar qualquer coisa e isto näo tem conexäo com o mundo percebido, posso combinar as palavras do jeito que quiser, tudo é falável. Onde está a diferença entre mentira e verdade?"

A posiçäo de Saturno sempre coloca um desconforto, e o indivíduo vai ter de se posicionar em face deste desconforto. Alguns podem tentar apagar o problema, e tendo Saturno na III pode se transformar num mentiroso inconsciente, que näo sabe que está mentindo e nem quer saber. Ou pode duplicar o esforço para entender o problema. Nenhuma dessas posturas resolve inteiramente o problema, porque se trata de um problema cognitivo.

Se você levantou o problema do que é a linguagem, qual sua relação com o mundo percebido, então você mesmo terá de responder.

Todo ser humano tem perguntas que só podem ser respondidas com o conhecimento. Mas nem todos väo dedicar seu tempo à procura dessas respostas; elas querem uma solução prática para alívio do desconforto. Então dividimos as pessoas em dois grupos, as que querem a verdade, e as que querem alívio. Estes últimos näo o encontrarão; a nível puramente pragmático o problema näo tem solução.

Isto é a marca de que o homem é um animal racional, um ser feito para investigar a verdade. Ele é capaz disto, e se näo atende a isto fica deficiente. Näo é concebível que a natureza produzisse um animal täo complicado e complexo em seu sistema nervoso só para trabalhar e sustentar a família.

Toda e qualquer verdade "pronta" faz mal para o homem. Ele tem que usar a cabeça para saber o que é verdade ou näo.

A religiäo sem a tensäo religiosa só serve para corromper o sujeito, usada como "alívio". A tensäo está exatamente entre a fé e a dúvida. Onde näo existe dúvida, a fé é um analgésico da consciência. E como as pessoas buscam a fé para näo terem dúvida, então ela é um analgésico na quase totalidade dos casos.

Entre o homem que busca a verdade (consciente de sua natureza racional) e o que näo a busca (o homem pragmático), a diferença é a mesma que existe entre um ser humano e um animal.

Hoje em dia a racionalidade, inclusive a científica, tem sido mais um instrumento da animalidade, com finalidades apenas pragmáticas. Fazer ciência, curar doenças, etc., deixa de ser uma finalidade em si mesma, mas uma atividade instrumental apenas, que se esgota no atendimento de necessidades animais. Além da racionalidade científica, a razäo mesma é uma finalidade do homem. E a espécie humana é particularmente infeliz porque näo vive segundo sua finalidade. O homem é o animal que pode, portanto deve, conhecer a verdade. Ele é como um tigre; deve caçar a verdade por si mesmo, sem esperar que alguém lha traga. Acho eu que isto resume o pecado original. O que é a árvore do bem e do mal (a árvore

proibida)? É o gostoso e o desagradável. O que é a árvore do conhecimento? É da busca da verdade. Dessa o homem pode comer, da outra não. A primeira é a das necessidades meramente animais, a segunda a das necessidades humanas.

...

É feita diretamente para o homem pragmático. Ela é uma resposta no campo existencial. Não eram os caras que eram melhores alunos, mais aplicados, nem os caras cultos, não foi assim. Mas foram aqueles que na juventude tiveram experiências profundas e marcantes. Por exemplo, o pessoal que fazia política estudantil, que corria riscos, etc. Estes se tornaram mais inteligentes. O aprendizado intelectual na adolescência e perda de tempo, claro que existem exceções, que são exceções vocacionais. Então, aquele indivíduo tem jeito para aquilo. Mas em geral o aprendizado intelectual na adolescência é perda de tempo, ele vai esquecer tudo, tudo. Agora, uma outra coisa em contraste com o que estou falando, o único aprendizado que é bom na infância e na adolescência é o aprendizado de línguas. Nunca mais você vai encontrar tanta facilidade quanto na infância e na adolescência. Mas o resto, por exemplo, você aprender matemática aos 12 anos de idade, me explica para que serve isto? Você vai começar a entender este negócio quando tiver 30, 40 anos. Então você vai decorar um monte de bobagens, carregar aquela carga imensa de coisas, sem entender. Você estudar história, por exemplo, é quase impossível.

Bom, o Sol na casa IX se caracteriza pelo seguinte: existe um momento no processo intuitivo onde uma percepção, uma intuição vem acompanhada de uma crença muito profunda. Se nós pegarmos esse processo do Sol na III, que é de varar o dado e ir um pouco mais atrás; se no momento onde esse processo pára e o indivíduo tem a impressão de que viu a verdade, isto é o Sol na casa IX. Ou seja, o que ele enxerga coincide perfeitamente com a sua expectativa e com a sua crença. Ou, dito de outro modo, coincide com o que ele quer. Nem sempre nós temos a capacidade de enxergar as coisas como nós quereríamos que fosse. Não é isto? Por exemplo, se eu estou contra um indivíduo, eu detesto aquele indivíduo e, no entanto, eu o vejo em certos momentos como uma luz favorável, então eu fico dividido. Entre o que eu quero, o que eu creio e o que eu enxergo tem um hiato. Se eu conseguisse olhar aquele indivíduo sempre como uma luz desfavorável, então a minha crença coincidiria com o que eu estou enxergando. Isto é a casa IX, capacidade que o indivíduo tem de ver as coisas de maneira que coincida com a sua vontade. Então, isto é que vai dar a experiência subjetiva da certeza. O sujeito só vê o que ele quer, mas ele não está falseando, embora aquilo possa ser objetivamente falso. É a adequação da intuição com o restante da personalidade, e ele enxerga as coisas de uma maneira que é harmônica com o que ele mesmo é. Onde existe a coincidência entre a intuição que o sujeito tem e o que ele deseja ser, isto é casa IX. Então, isto é o dom da certeza. Nós podemos isto negativamente: é a capacidade de não prestar atenção naquilo que contradiz o seu modo de ser. O Sol na casa IX sempre vem junto com uma certa dificuldade de você aprender a perspectiva de um outro. Em termos de conduta, as pessoas que têm o Sol na casa IX não são, por exemplo, boas alunas, difícil serem, podem ser pessoas muito inteligentes. Isto não é dogmatismo, porque dogmatismo é quando uma conduta é tomada como molde; o fato de o sujeito ser assim não quer dizer que ele proclame que todo mundo deva ser assim. Dogmatismo não é um traço de inteligência, é um traço de conduta apenas.

Dito de outro modo, nem sempre nós concordamos afetivamente ou volitivamente com o que vemos. A casa IX é um ponto de acordo entre o enxergar e o concordar, entre o intuir e o concordar, a casa IX em si mesma. O Sol na casa IX destacará esta possibilidade. Dizendo ainda de outra maneira, um ponto de coincidência entre o verdadeiro e o certo. Seria próximo de Sol na casa I, apenas com a diferença, (?) que essas três casas estão relacionadas com o símbolo do fogo, que são a I., a V, e a IX., são casas onde existe um comportamento auto referido.

Apenas na 1a. casa ela é referida à sua figura; na 5a. é referida às suas forças, ou capacidade de ação; e na 9a. é referida às suas crenças ou preferências. É como se você dissesse que esses três indivíduos que têm o Sol na I, na V e na IX, têm a capacidade de enxergar só aquilo que lhes interessa. É o que vai fazer deles pessoas onde o ser visto, ou seja, onde o existir predomina sobre o inteligir. Existir é ser visto, se manifestar para fora. Exemplo, um ator no palco. Se o ator no palco deixar de prestar atenção no que ele mesmo está pensando e prestar atenção na platéia, o que acontece? Acabou. Isto se refere a Sol naI, V e IX.

Outro exemplo, se o sujeito que está executando uma música parar de prestar atenção nele mesmo e

começar a prestar atenção ou na platéia ou numa inadequação qualquer de um instrumento, o que acontece? Pára a música, ele erra. A capacidade de näo ver, de näo enxergar, é, às vezes, necessária para que a conduta seja inteiramente pessoal. Então, esta coisa autocêntrica aparece nestas três casas. Só que ela aparece de uma maneira direta e espontânea, quando tem o Sol e de uma maneira problemática, confusa e auto contraditória quando tem o Saturno na casa. Parece assim, o sujeito que tem o Sol na Casa IX tem a capacidade de só saber o que ele quer saber, de só enxergar o que concorde com o que ele já pense. De certo modo, ele é um cego. Mas o curioso é que isto näo fará falta, na conduta dele ele näo precisa entender o que o outro pensa, basta entender o que ele mesmo pensa. Quer dizer, é como se nós disséssemos que as funções receptivas são todas conscientes nessa pessoa.

É claro que se eu estou conversando com um sujeito com o Sol na casa IX, é lógico que ele está percebendo o que estou falando, só que a atenção dele näo se volta para este ponto, a atenção se volta para o que ele mesmo pensa. E a faculdade receptiva é totalmente inconsciente. Assim como, por exemplo, vamos fazer uma analogia com o Sol nacasa V: se você tem dois jogadores, o mais importante näo é você perceber a jogada do adversário, mas você manter a iniciativa na sua mäo, näo é isto? Portanto, essa parte que emite informações é muito mais importante que a que recebe. Talvez o segredo de Sol nas casa I, V e IX seja nunca ficar na defensiva, e sim sempre na ofensiva, no ativo e deixar o defensivo para o subconsciente. Todas essas diferenças de que estamos falando näo são diferenças no sentido absoluto, mas diferenças do atual e do potencial, do consciente e do inconsciente. Por exemplo, se você disser assim: o indivíduo que tem o Sol na casa VII está consciente das outras pessoas, mas isso näo quer dizer que ele näo esteja consciente dele, apenas o controle que ele faz da sua própria conduta é um controle automático e incosnciente, ele näo precisa pensar nisso, näo precisa prestar atenção nisso. Quer dizer, é como um palco giratório, tem o que está na frente do palco, e tem o que está no fundo, mas as duas coisas estäo lá. Então para o indivíduo que tem o Sol na I, quem está na frente do palco é ele mesmo e a percepção dos outros é jogada para o fundo, é automatizada. Portanto, ela é rudimentar, isto é, ela é reduzida ao mínimo, mínimo indispensável para poder continuar a agir. Então este mesmo traço que nós vemos com Sol na casa I também existe no camarada que tem o Sol na IX, apenas transferido para o setor intelectual, näo existencial.

Pessoas com Sol na casa IX, no plano das condutas, säo pessoas que se näo descobrirem as coisas sozinhas näo väo descobrir de forma alguma. Agora, inversamente, a posição de Saturno torna problemática esta admissão que o sujeito faz daquilo que ele mesmo crê. Quer dizer, qualquer coisa na qual ele tenha um sentimento de certeza e automaticamente problematizada. É como se dissesse, é um indivíduo que näo pode realmente crer em nada. É por assim dizer, impedido de sentenciar. No plano da conduta, isso aí pode encontrar um monte de saídas, uma delas é o indivíduo ficar cético e debutativo, quer dizer, colocar tudo entre parênteses. A outra seria a de ele aderir arbitrariamente a qualquer corpo de crenças que lhe pareça ter consistência lógica e afirmá- lo fanaticamente para aliviar a dúvida, isto é a repressão da razão. A repressão da atividade crítica da razão é um dos fundamentos da neurose. O indivíduo faz a crítica racional, mas, ao mesmo tempo, ele se impede de ver que está fazendo isto, näo quer saber.

Eu acho que a repressão da razão é muito mais grave do que a repressão do sexo, por quê? Porque o homem pode viver sem sexo, mas e viver sem razão? Você näo pode viver cinco minutos sem a razão. Portanto, se você reprime, por exemplo, o instinto sexual, no máximo o que você pode ter é um desequilíbrio energético que, aliás, como já demonstrou o Dr. Freud, resolve-se facilmente no sonho, você sonha que fez as coisas que näo fez e fica tudo resolvido. Se você sublimar no sonho, está resolvido, mas como vamos sublimar a razão? Do mesmo jeito que sublimamos o sexo, ou seja, os conteúdos críticos negativos da razão são passados para o sonho, para a atividade inconsciente. Acontece, pelo fato da razão ter uma coerência, dela acabar, de uma maneira ou de outra, presidindo o seu comportamento; então você começa a agir de acordo com uma lógica interna que você desconhece que está no seu subconsciente. Basta seguir um pouquinho nesta direção para chegar à demência. Qualquer sujeito que seja obrigado, por força do seu cargo, posição social, a defender sempre uma mesma posição, das duas uma, ou ele vai ter que crer realmente naquilo ou então ele vive em permanente perigo para a sua integridade. Por exemplo, a razão exerce a sua atividade crítica, quer você queira, quer näo. Portanto, aquilo em que você crê hoje, você pode duvidar, a razão pode colocar aquilo em jogo. Mas e se o sujeito tem que comparecer perante o público reafirmando a mesma coisa? Por exemplo, eu sou um pastor protestante, um padre ou qualquer coisa e eu tenho que continuar reafirmando aquela mesma verdade da qual, por dentro, estou duvidando.

Então eu posso assumir o meu estado de crise, ou posso reprimir a atividade crítica, chutando para o inconsciente. Se eu chuto para o inconsciente, eu mantenho a coerência aparente do campo consciente, mas a minha conduta acaba saindo, por baixo do pano, levada para direções que eu não quero. Por isso que a grande divergência a partir das posições de Saturno é esta: existe um comportamento que a gente diz crítico. Então, o homem que está dividido é que sofre. Ou seja, ele está conscientemente dividido, é consciência cindida, é consciência que luta contra si mesma. Essa é uma das possibilidades, isso equivale ao homem que sofre. Por outro lado, tem o homem que puxa o conflito para fora da consciência e que conscientemente não sofre, mas cuja conduta é incoerente, então este é o homem ineficiente. Isto é a quase totalidade da humanidade. Quer dizer, a capacidade de sofrer conscientemente de uma dúvida muito pouca gente aguenta. Então, por exemplo, no caso de Jimmy Schwagart (?), um grande pastor protestante, um homem de uma eloquência fora do comum, que arrebatava multidões e convertia todo mundo e que depois foi descoberto num bordel, descobriram que ele era um voyer, as prostitutas mantinham ato sexual e ele lá observando, vendo, como o personagem do filme "Sexo, mentiras e videotape". Bom, isto evidentemente não é uma consciência cindida, mas é o caso de um indivíduo que tem uma conduta que nega tudo em que ele acredita. Certamente esta conduta era chutada para baixo do pano. Na hora de fazer a pregação, ele não se lembrava de pensar: "bom, estou pregando uma coisa, mas na verdade quero outra". Então, estou com um problema, porque estou pregando que todo mundo deve abdicar do pecado etc, etc, mas eu estou ao mesmo tempo praticando aquelas mesmas coisas que eu considero pecado, então das duas uma, eu vou ter que dar um jeito. Posso ir para o lado da consciência cindida, que seria o melhor. Mas, bom, tenho aqui um problema, acredito intelectualmente numa coisa, mas existencialmente não acredito nela, porque se digo uma coisa, mas faço outra, então é porque não acredito inteiramente naquilo. Então, das duas uma, ou vou ter que mudar este corpo de crenças, fundamentar a minha conduta, defender a minha conduta, ou vou ter que abdicar dessa conduta, vou ter que dar um jeito, vou ter que fazer uma psicoterapia, tenho que parar com isso de algum modo. Ou paro com isso ou mudo minhas crenças. Porém, a segurança com que ele pregava todas essas coisas no protestantismo contrasta violentamente com a conduta, portanto, não é o caso de consciência cindida. Ao contrário, consciência tem uma certeza em bloco, apenas ele estava fora de foco.. (FIM DO LADO A)

.....É puxar para dentro dela, puxar para dentro da consciência todas as divisões e todas as contradições. Consciência cindida é quando você sabe que você está dividido. Por exemplo, eu sei que desejaria acreditar numa coisa e prefiro fazer outra, então eu tenho que usar a inteligência para ir trabalhando aquilo até achar uma solução, nem que isto dure até o último dia da minha vida. Então esta solução preserva a inteligência, mas a custa de muito sofrimento, o homem dividido sofre. Eu, pessoalmente, acho que ter consciência é ter consciência culpada, portanto, é ter consciência dividida. Porque se o indivíduo não tem a consciência culpada, não tem a consciência dividida, das duas uma, ou ele é santo ou chutou a divisão para debaixo do tapete. Então sofrer na inteligência é próprio do homem inteligente e consciente, ou seja, do homem que deseja a coerência, deseja o bem e, não obstante, compreende as divisões, as contradições da vida, os paradoxos em si mesmo. Ou seja, ele sabe que não é um tratado de lógica, ele sabe que não é uma edição do evangelho. Então, seria o caso também do sujeito pensar assim "mas se eu sei todo o certo e só faço o errado, então esse certo não pode ser tão absolutamente certo. Uma coisa que é irrealizável por si mesma não pode ser certa, ela é certa apenas em teoria, então temos que repensar isso de alguma maneira. Pensar essas coisas, sofrer intelectualmente essas coisas e tentar resolvê-las é carregar cruzes e isto é enfrentar a realidade. Então a saúde da inteligência é o sofrimento da própria inteligência, a inteligência saudável sofre. Ela tem consciência culpada porque tem consciência. Isto só é possível para o homem que deseja fundamentalmente a verdade. Agora se ele deseja o alívio e o conforto, ele vai chutar essa divisão para debaixo do pano. Então eu divido os homens em dois tipos: os que carregam as contradições e os que as escondem. Não precisa mostrar para todo mundo também, dizendo "Ah, eu estou dividido, eu estou com problemas, não estou entendendo nada, estou maluco". Também não é assim; mas para si mesmo. Tem que saber todas as suas contradições, uma por uma e fazer da consciência que você tem dela uma parte da sua visão do mundo. Se nós formos conversar em termos de psicopedagogia, psicoterapia, eu acredito na possibilidade do desenvolvimento humano uma terapia centrada nisto aí, fazer o indivíduo arcar com a razão, portanto, arcar com a contradição, ou seja, transferir o sofrimento dele do aspecto existencial para o aspecto intelectual. A inteligência aguenta tudo, é a parte mais forte do homem. O homem aguenta viver em dúvida a vida inteira. Por exemplo, se você vir o sofrimento intelectual de Santo Agostinho, de Pascal, é uma coisa fantástica, são problemas que se você transferir para a esfera existencial, você morre. Como

diz São Paulo Apostolo, "não faço o bem que quero, faço o mal que não quero". Eu estou pregando o bem, eu sei o que é certo, mas na verdade, o que é que eu faço? Eu faço o mal , estou consciente da minha contradição. A obra de São Paulo Apóstolo é toda contradição para cima e para baixo, cheia de paradoxos.

Se o sujeito for sincero, ele não dará esta divisão, esta coisa cindida como provisória, dizer "Ah, estou errando, ainda; mas serei santo". Esta divisão faz parte da natureza humana. Mas São Paulo Apóstolo não diz: "faço por enquanto, mas vou continuar tentando, eu vou ser um cara legal". Eu vou errar até o último dia, tenho o espinho da carne, não tem jeito, tenho consciência culpada, sei o que estou fazendo e é assim que tem que ser, e saber isto é o certo. Agora, você colocar o mal, o pecado como estágios a serem superados, isto é o supra sumo da hipocrisia, isto é errado, não pode ser verdadeiro. O homem vai ter esta contradição até o último dia, porque é um animal racional. Ele é contradição. Ele é um ponto de naturezas adversas entre si. Estar consciente disto é carregar a condição humana, o que importa não é a resultante que você obtem na conduta.

Pode ter um sujeito que, por um esforço brutal, vai na direção do bem, uma conduta mais ou menos boa, fazendo um esforço brutal aqui. O problema não é conduta, é o que está na consciência dele, porque ele pode ter uma conduta boa e até santa, mas apagando a contradição, então ele perdeu o melhor da história. Ele sabe que não pode ser nem um pouco santo, não dá para ser nem um pouquinho. Quanto mais você tenta fazer o certo, mais você carrega a carga do errado. Então o importante não é fazer o certo, mas carregar a carga do errado, ou seja, padecer na sua consciência, isto que é importante. Mas fazer o certo, qualquer imbecil com medo pode fazer o certo. Quer dizer, se você aterroriza o cara, ameaça-o, o sujeito faz tudo certinho. Mas isto melhorou o sujeito? Não, melhorou a conduta dele, mas a conduta é apenas o elemento social desse ser. Então, você obtém uma conduta melhorzinha de maneira que ele incomode menos o próximo. É bom para nós isto, é bom para os outros, e para ele mesmo? Ele mesmo não melhorou em nada nisto. O homem não pode melhorar, a não ser na consciência, e a consciência dele melhora à medida que ele é capaz de arcar com a contradição. Se der para ele melhorar a conduta também, é melhor para os outros, ele vai encher menos o saco. A contradição não diminui, ela diminui na hora em que você morre, suprime a parte animal e fica só a racional. Quando você morre, acabou o problema. A eliminação das contradições é o supra sumo da covardia. Não, nós vamos aguentar a contradição, carregar a cruz até morrermos; esta é a mensagem do Cristo, quando ele parou de sofrer? Quando morreu.

[É interessante que esta expectativa da eliminação da contradição, como é que ela perpassa a pessoa ... Então, esta expectativa de que é uma condição provisória, que a partir de um determinado momento acabou, bom, não haverá mais contradição, isto é uma coisa que perpassa a cabeça do pessoal em geral. Eu tive um professor que dava testes. Então, ele era especialista em testes de Zulliger (?). Ele tinha um amigo que era padre, e ele viu o padre praticar alguns atos que ele julgava bondosos. E ele aplicou o teste do Zulliger (?) no padre. Então, só que a análise que ele fez disto, até como se ele tivesse decepcionado um pouco com o fato disso, assim julgava-se que o cara que era padre, teria que já ter eliminado, por exemplo, essa tensão, essa contradição. E essa contradição é que se manifesta].

Você veja, entre a conduta boa e a conduta má, você pode passar uma para a frente do palco e chutar outra para o fundo. Então, sua cabeça vive cheia de males, mas você só faz o bem. Então você se torna uma pessoa falsamente melhor, você incomoda menos o próximo e até o ajuda. Isto, sem dúvida, é um progresso, mas acontece que isto não é um ponto decisivo. O ponto decisivo não está na conduta boa ou má, o ponto decisivo está na consciência do sujeito. Se ele fez isto aí, parou de fazer o mal, está fazendo o bem, em prejuízo da sua consciência, ele é apenas um idiota piedoso. Ele está redondamente enganado sobre si mesmo, ele tem uma falsa consciência e é fundamentalmente um mentiroso. Agora, se o indivíduo fez isto pensando em procurar fazer o bem, escondendo o seu mal, está consciente de que o esconde porque tem vergonha dele, mas o carrega consigo. Esconde dos outros, mas não dele. Mas ele pode ser traído. O homem de falsa conciência faz o mal sem perceber, ele faz o mal com uma tremenda boa consciência. Este é o pior tipo; ao meu ver, está na mais baixa escala da moral, o indivíduo faz o mal e não percebe. Geralmente a conduta moral e religiosa do homem vulgar é assim, porque o homem vulgar está atuando na esfera do prazer e dor. No fundo, ele é um epicurista sem saber. Agora, existe a possibilidade também: o indivíduo faz o bem, esconde o mal e carrega a má consciência, tipo São Paulo Apóstolo, mas este é um herói; e existe o caso contrário: o indivíduo não consegue parar de fazer o mal e deseja fazer o bem e carrega a consciência dolorida. Este também é bom. Então, o homem mau que sofre, sofre

conscientemente, ele arca com a carga do seu mal; e o homem bom, que esconde o mal, mas que arca com a carga dele, säo bons; isto no meu ver.

Na doutrina católica o mal existe e você näo se livra dele em nenhum minuto, ela é fundamentalmente pessimista. Agora se começar com esse negócio de otimismo cósmico, dizer que o mal näo existe, näo pode haver o mal, isto já é espiritismo, isto é outra coisa. A doutrina cristä é profundamente pessimista contra a natureza humana, porque diz que o mal está na raíz da existência humana, o mal está no pecado original, você näo pode apagá-lo. Você já nasceu estragado, nada vai te consertar, mas isto é o realismo, livra de direito mas näo de fato, livra em termos de juízo final e näo em termos de sua conduta neste mundo. E daí vai entrar outra doutrina que vai dizer: "bom, mas se você puder se livrar do mal e ser bom então näo precisa mais de graça divina", você se apresenta no juízo final carregado de direitos. Mas a doutrina verdadeira diz o seguinte: "näo adianta todo o bem que você fez, você já chega lá com o pecado original, já chega estragado, já está ferrado, você näo tem direito a nada". Eu pessoalmente acho que a quantidade de pecados, de erros, tem menos importância que a qualidade da consciência.

- Já na Acese? Islâmica, essa consciência que pode estar, num certo sentido, ligada ao aspecto racional, quando se chega nesta esfera de Saturno você entende o bem que havia no mal que você fez. A contradição sempre pode ser absorvida num outro ponto, o ponto de vista humano é perene. Mas está ligado no racional, esse aspecto da razäo é aquele responsável pelo enquadramento de toda conduta numa direção onde o mal e o bem estäo, näo aduladas, mas estäo no sentido existencial, encaixadas em planos onde a contradição é sempre absorvida num outro ponto. O ponto de vista humano é perene. A medida que você vai passando do código epicurista, do prazer e dor, para o código da verdade e erro, a sua preocupação com o mal e o com o bem que você faz, diminui formidavelmente, já näo se interessa tanto em saber se você é bom ou mal, você já sabe que é mal mesmo. Existe um mérito na admissão da verdade, o amor à verdade é uma virtude fundamental. Se além de ter amor a verdade dá para você ter uma conduta um pouco melhor, para encher menos o saco, melhor para nós, mas é somente isto, uma conduta melhor só serve para os outros. Eu creio que este seja o sentido de dizer que Deus te julga pelo o que está dentro e näo pela sua conduta, quer dizer näo é a conduta mas a chave da conduta, näo é o que você fez mas porque o fez. Por exemplo, existe uma estória islâmica que acho muito bonita, o Islä condena o suicídio, mas tem uma estória do indivíduo que se suicidou de medo do juízo final, e foi absolvido por isto; o que importa näo é a conduta mas o fundamento da conduta. Agora, isto só Deus pode julgar porque a gente nunca sabe, a nossa investigaçäo sobre o fundamento da conduta alheia vocês estäo vendo aqui como ela é problemática, as ocasiões onde você consegue realmente captar os motivos da conduta alheia säo raríssimas, requerem uma investigação desgraçada. Como é que você poderia julgar todas as pessoas assim? Então julgamos provisoriamente näo pessoas mas apenas atos, ou seja, condutas, tomadas isoladamente. Agora, julgar pessoas é absolutamente impossível, porque precisaria julgar pelos motivos da conduta. E para conhecer os motivos da conduta de um nós já ficamos pulando como um cabrito, então fica igual a justiça brasileira, leva dez anos para cada processo. Então, por isto mesmo é que julgar pessoas näo é próprio do homem. Seus próprios motivos nem sempre säo claros para você, se você conhecer seus próprios motivos você já é quase um gênio. Então por isso o homem näo tem capacidade para julgar o homem, mas ele tem capacidade para julgar atos humanos isoladamente, do ponto de vista exclusivamente jurídico. Quer dizer, a condenaçäo jurídica näo implica um julgamento do indivíduo mas julgamento dos efeitos sociais daquela conduta, o sujeito pode até ser um santo mas näo é isso que vem ao caso, é um julgamento meramente pragmático, isso é máximo a que o homem pode chegar.

Tudo isso nós falamos a propósito da dupla conduta: uma conduta afirmada e outra praticada, uma regra de condutas que é pregada e outra que é seguida na prática. Quem faz isto nós dizemos que é um hipócrita, um indivíduo que é bom para fora mas que por dentro é ruim. O que importa näo é exatamente isto mas saber se o indivíduo sabe que está fazendo isto e esta divisäo, se esta dicotomia dele faz parte da sua consciência ou se ela foi jogada para baixo do tapete, de maneira que ele agindo detestavelmente tem, näo obstante, uma detestável boa consciência, uma consciência tranquila.

Então, o indivíduo que pratica o mal com consciência tranquila é o pior de todos; isto está colocado em um dos primeiros diálogos de Platäo, onde Sócrates contesta a idéia de que o mal que é feito inadvertidamente é menos grave que aquele feito propositalmente. Do ponto de vista jurídico, sim; mas ponto de vista jurídico é uma coisa, ponto de vista moral é outro. Do ponto de vista jurídico, o crime cometido com

intenção é mais grave que o cometido acidentalmente. Por exemplo, se eu mato um indivíduo com um tiro porque eu quis matá-lo: isto é um crime doloso. Se eu o atropelo inadvertidamente é um crime culposo, menos grave. Mas isto é do ponto de vista jurídico. Do ponto de vista da moral, nem sempre a gente pode aceitar este ponto de vista da intencionalidade. Se o indivíduo faz o mal, mas sem ter consciência ... Só que ele tem a obrigação de estar consciente de seus atos, ou seja, não ter consciência deste mal que fez já é um crime maior do que o mal mesmo.

Então, por exemplo, o sujeito atropelou fulano porque quis matá-lo e o outro atropelou porque não sabe guiar. Como você se mete a dirigir um ônibus se não sabe guiar? Isto é um crime muito pior, porque você está expondo todo mundo, toda a sociedade a um perigo, é um crime muito mais grave do que atropelar uma pessoa só; e porque você quis.

Isto quer dizer que a inconsciência, em grande parte dos casos, é um agravante do mal, não atenuante, se bem que a ética da nossa classe média é: (mandamento número 1) "não sei de nada, não fui eu que fiz".

Por exemplo, a minha filha, Leila, se derruba alguma coisa, ela fala: "não fui eu, foi o bicho papäo", porque ela só considera que foi ela se ela jogou (aí, sim, foi ela). Se caiu da mão, então não foi ela. Quer dizer, entre a ausência de intenção declarada e a inexistência do ato, ela não percebe a diferença.

Agora, quantos adultos não são assim? Eu posso te assegurar que na classe média brasileira, da média para a alta, quase todo o mundo é assim: "Não fui eu! Bebi, estava bêbado, cheirei a coca e então joguei a dona do décimo andar. Não fui eu, estava fora de mim". Foi o "bicho-papäo"? E quem foi que cheirou a coca, então? Foi o "bicho- papäo"?

P: {...}

Eu digo que toda a classe média brasileira é assim, primeiro porque é a classe que eu conheço mais, e eu acredito que, para a pessoa subir na vida e manter uma posição alta, frequentemente ela precisa ter uma boa consciência, senão ela cai. Se ela começar a ficar muito dividida, ela cai, vai pro brejo. Então frequentemente o "beautiful people" (as pessoas que estão bem na vida) são felizes etc, é porque tem falsa consciência. E tão logo a consciência é dividida, a pessoa não aguenta e cai socialmente.

Então, também esse é um problema da falsa consciência. Sobre esse assunto tem que se estudar Marx e Nietzsche. Veja que existe sempre a tendência de você explicar o próprio sucesso pelas suas qualidades e o próprio fracasso pelas forças das circunstâncias.

Por exemplo, se eu tive sucesso e fiquei rico é "porque eu sou bom, sou inteligente, porque Deus está ao meu lado"; todo o mundo explica assim. Ninguém chega pra você e diz: fiquei rico por acaso, não fiz nada. Mesmo que o sujeito tenha herdado uma fortuna, ele acredita que herdou por seus méritos; e se ele perde tudo e fracassa, a culpa não foi dele, foi do "bicho papäo".

Então, essas justificativas aparecem mais nas pessoas bem sucedidas que nas mal sucedidas, evidentemente. O sujeito mal sucedido geralmente tem má consciência, ele tem consciência cindida porque ele sabe que ele é mal sucedido. Eu já vi mais pessoas arrependidas porque não têm dinheiro para dar um presente para seus filhos, do que pessoas arrependidas de terem prejudicado outras pessoas. As pessoas se arrependem dos seus fracassos, não dos seus pecados. Isso é o que Proust chamava de arrependimento econômico, o sujeito não se arrepende ter assaltado um banco, mas se arrepende de ter assaltado num dia errado, porque retiraram todo o dinheiro do caixa. Quer dizer, o ato mau, bem sucedido, não causa arrependimento; você roubou um tio e deu tudo certo, está com a consciência tranquila. Bem, e o ato bom mal sucedido? Aí o cara se arrepende. Tudo isso é falsa consciência. E observamos a falsa consciência, com mais frequência, nas pessoas bem sucedidas do que nas que estão por baixo.

P: {...}

As classes superiores, o fato delas serem corruptas, mentirosas, isto é um fato universal; agora, quando o próprio povo fica assim, aí, então, acabou. O povo sempre foi o reservatório das qualidades morais, mas se ele também não tem, daí, acabou. Mas eu vejo mais pessoas mal sucedidas se acusando do que pessoas bem sucedidas. Você nunca ouviu falar que o homem mau dorme bem? É o filme do Akira Kurosawa.

Portanto, quem está no ramo psicológico precisa apagar de vez o discurso róseo, senão você nunca vai entender o ser humano; a gente tem a obrigação de ser pessimista. Psicólogo otimista é o fim da picada.

Quer dizer, você conhece o ser humano e, quanto mais você o conhece, mais você tem que ser pessimista. Você pode ser otimista com relação à natureza, a Deus e a alguns muito raros homens, mas em geral você tem que ser pessimista.

P: {...}

Mas não confunda: caráter em si não é mau, o ser humano é que é mau; um caráter não é pior que outro.

P: {Como é que você separa um do outro?}

É que este é um ato livre. Por exemplo, a escolha entre a razão ou a animalidade é uma escolha livre. Nada no horóscopo do sujeito ou no caráter dele permite a você antecipar se ele fará uma escolha ou outra. A liberdade humana existe, infelizmente existe. Ou seja, liberdade também quer dizer imprevisibilidade, não dá para saber que lado o sujeito vai escolher; o fato é que a maioria sempre escolhe a animalidade: prazer e dor, que ele chama de mal e bem. Entre a busca do prazer e a fuga da dor e o que os indivíduos já chamam de moral eu não vejo distância alguma, é a mesma coisa. Só pode saber mais ou menos o que é moral o homem que busca a verdade. Aí, sim, se ele saiu do plano do prazer e dor, portanto, saiu do plano do bem e do mal. Daí, desde o ponto de vista da verdade, ele enxerga um outro bem e mal, referidos à verdade e a ele, aí sim.

Tudo isto é a problemática que aparece na sua vida através da casa onde está Saturno. Se não houvesse este limite à intuição humana, nós ficaríamos seguros como um bebê: aquilo que nós intuímos nos parece ser a verdade universal, nós nunca erramos, temos a segurança de um bebê no colinho da sua mãe.

...

[...] O dever de conhecer a verdade, não é isto?

Por exemplo, se o Marquês de Sade estava convicto de que tudo aquilo era bom (é bom, ele coloca aqui a cabeça da moça, no torniquete e aperta, aperta, aperta e acha que isso é o bem, porque isso lhe dá prazer), nós podemos dispensar o Marquês de Sade dessa informação? Ele não tem obrigação de saber que isto é prejudicial à saúde? Ele tem obrigação.

Então, é assim: o bem e mal só existe em face da consciência. Se tiramos a consciência, bem e mal vira só um discurso ideológico pra justificar a própria conduta.

Então, a consciência existe e se fortalece na medida em que existe a busca da verdade. Se não existe a busca da verdade e existe apenas a busca da vida, que importa o que você acha que é o bem e o mal? O bem que você vai fazer é tudo mentira e o mal também. Se você abdicou da verdade, você abdicou do bem. A verdade é coextensiva com o bem, ela é o bem mesmo.

P: {A busca da verdade é uma negação do lado vital?}

Não, é apenas um reconhecimento da limitação. Porque um bebê está na verdade universal, tudo o que ele sente, quer, deseja, tudo aquilo é universal. Se ele continuar assim, evidentemente ele não estará na verdade; a verdade só serve para bebês. A razão nos coloca na posição crítica de saber a limitação das nossas intuições, de nossos desejos, das nossas inclinações. Mas, em princípio, a posição natural do homem é de achar que tudo aquilo que ele quer é bom. Exemplo, se eu quero aqui dar três tapas na cara do Joel, acho uma maravilha, porque me satisfaz; se eu quero meter a mão no bolso do Edmilson e tirar toda a grana que ele tem, pra mim é bom, me dá um prazer desgraçado. Então, tudo o que me agrada é tido como bom, um bem universal. Bem mais tarde eu descubro que não é assim: ah! É bom pra mim, mas é ruim pra ele. Então, precisamos tirar uma média.

Veja, nada que o homem faz é univocamente bom ou mal, esse que é o problema. Então, ele precisa ter consciência, precisa examinar cada caso, precisa pensar, gastar a cabeça para ele achar qual a atitude precisa em cada circunstância. E se o sujeito não quer fazer isso, se ele já não quer pensar, então ele não quer ter consciência moral, ele não quer ter consciência alguma. Se abdicou da consciência, abdicou da vida humana! Mais ainda: a indiferença pela verdade é dito no Cristianismo que é o pecado contra o Espírito Santo. Todos os pecados podem ser perdoados, mas o pecado contra o Espírito Santo não é perdoado nem neste mundo nem no outro. Então cometa todos, mas não cometa este, não é? A abdicação

da verdade! Esse aí não pode. Mas e o resto? Ah, bateu na mãe, bateu a carteira, em tudo isto pode se dar um jeito. P {...}

Aulas de junho de 1991.

AULA 55

Vamos aprofundar um pouco mais as possibilidades de desenvolvimento que o indivíduo tem, a partir das posições planetárias. É óbvio que, se aquilo que aparece no mapa é o caráter, então é evidente que o caráter nunca aparece na nossa frente. O que aparece é a pessoa, composta de caráter e de mais uma multidão de coisas que, somando com a biografia, vão compor no fim o que entendemos por sua personalidade. Se bem que aquilo que captamos no contato direto com o indivíduo também não é a personalidade, mas uma espécie de resumo dela, a que nós poderíamos talvez chamar a sua "presença". A pessoa tem uma presença que reflete algo da sua personalidade, e desta personalidade, uma parte se chama caráter. Ou seja, nunca toparemos com um caráter na nossa frente.

Por causa disso, a pura e simples descrição do caráter sempre pode parecer um pouco abstrata e genérica; o que nós de fato encontramos na vida real são comportamentos. E comportamentos repetidos são traços de personalidade. Quer dizer que a simples repetição de um comportamento não o torna um traço caracterológico, no sentido de ser inerente àquele indivíduo; apenas lhe dá uma importância estrutural maior -- então dizemos que é um traço de personalidade. Isso quer dizer que, observando uma pessoa pelo seu comportamento repetido, conseguimos delinear alguns traços de personalidade. Os traços de caráter se transformam em traços de personalidade pelo seu enxerto com a biografia. Isso quer dizer que o mesmo traço de caráter, dependendo de dados biográficos diferentes, pode tomar diferentes evoluções, diferentes desenvolvimentos, de acordo com determinado jogo de composição, um jogo de confronto dialético entre o que é caracterológico e o que é biográfico. É disto que nós vamos falar agora.

Antes de estudar o que foi a vida do indivíduo, para que nós possamos captar como ele foi evoluindo a partir do seu caráter, ou seja, antes de nós entrarmos numa narrativa real -- ele se torna assim ou assado por causa disso ou daquilo que ele aprendeu -- seria bom nós fazermos um quadro geral das possibilidades dessa evolução. Ou seja, cada posição astrológica, correspondente a um traço de caráter, pode evoluir num certo número de direções básicas, formando uma espécie de segunda combinatória. O caráter já é resultante de uma combinatória das posições planetárias: vários traços de caráter se combinam, formando um todo chamado caráter. Cada um desses traços, por sua vez, tem um certo número de possibilidades de desenvolvimento, que nós tomamos como as mais prováveis.

Por que as tomamos como as mais prováveis? Porque conhecemos este meio social onde estamos, os valores vigentes, os sentimentos vigentes, os hábitos em matéria de educação, de convivência, etc., então supomos que existe um certo número de "dados na praça", que mais provavelmente entrarão em combinação com os dados caracterológicos. Isso não quer dizer que esta segunda tipologia -- que seria a tipologia dos desenvolvimentos possíveis a partir do caráter, que eu vou esboçar aqui -- possa abarcar todos os casos, nem que esses casos tenham que ser os mais significativos. Porém, no meio onde nós estamos (vamos tomar esse meio como sendo mais ou menos a classe média paulista e carioca), as possibilidades de desenvolvimento a partir do caráter são em número mais ou menos limitado.

Quer dizer que, quando você se defronta com duas, ou três, ou quatro pessoas que têm posições planetárias semelhantes, nós sabemos que para cada uma dessas posições existe um certo número de evoluções possíveis que esses indivíduos devem ter percorrido. Como aquilo com que nós nos defrontamos quando vamos ler o mapa é uma pessoa inteira, uma pessoa já pronta, e não apenas o seu caráter, se não tivermos uma idéia desses esquemas de desenvolvimento possíveis, não saberemos aí voltar desde a personalidade, que está mais ou menos aparente, até o caráter, que está mais ou menos oculto.

A evolução do caráter à personalidade se dá por uma dialética. Dialética quer dizer um conflito mais ou menos criador, onde dadas duas forças ou duas tendências, elas podem se anular mutuamente, elas podem

se reforçar, elas podem entrar numa síntese, e assim por diante. Quando digo dialética, näo deve ser necessariamente no sentido hegeliano, onde, dados dois elementos, se formará um terceiro, que é uma síntese. Nem sempre existe síntese, às vezes a contradição se perpetua num antagonismo que näo se resolve, näo se sintetiza, passando a ser, ele mesmo, um traço de personalidade.

O elemento mais fácil a partir do qual nós podemos estudar a evolução do caráter à personalidade é precisamente a posição de Saturno. Por motivos óbvios, por ele representar algo de uma faculdade que é particularmente difícil de o ser humano carregar, que é a razäo. Quando descrevemos o traço de personalidade correspondente ao traço de caráter, correspondente, por sua vez, à posição de Saturno, o que nós estamos tentando fazer é captar a dialética pela qual, partindo de um traço de caráter referente à razäo, o indivíduo chega à idade adulta - suponhamos, trinta anos - com um certo arranjo de soluções que ele conseguiu montar. Quer dizer que, entre as exigências inatas de seu caráter, as exigências do meio, as exigências dos fatos da biografia, etc., esquematizou um conjunto de soluções que se tornaram habituais para ele. E, tendo se tornado habituais, elas marcam a maneira daquele indivíduo pensar e esquematizar o mundo. Näo propriamente pensar; cada indivíduo tem um certo grupo de procedimentos pelos quais ele esquematiza a sua experiência, e esse conjunto de procedimentos e critérios resulta, em parte, do caráter, em parte de elementos adquiridos e em parte dessa dialética entre inato e adquirido.

Quais são as possibilidades desse desenvolvimento? Nós podemos partir da idéia, do próprio Max Weber, do Tipo Ideal. O Tipo Ideal seria o desenvolvimento da razäo sem obstáculos. Vamos supor então que o indivíduo, tendo o planeta Saturno em tal casa, e tendo portanto a sua curiosidade, o seu dom de espanto despertado por um certo tipo de acontecimento diferente dos acontecimentos que atrairiam a atenção dos outros, começa, a partir deste evento, o desenvolvimento da sua racionalidade, ou seja, da sua capacidade de esquematizar conscientemente a totalidade da experiência.

Então, como seria o desenvolvimento ideal? Seria um desenvolvimento onde nenhum outro elemento, nenhuma outra força, viesse perturbar o crescimento da capacidade racional. Como é que ela cresceria? O que é a razäo?

A razäo é a capacidade de dar forma coerente à totalidade da experiência. Como essa capacidade de coerência poderia crescer? O que seria o crescimento da capacidade de coerência, o desenvolvimento da razäo?

Esse desenvolvimento teria que ser em dois sentidos: Primeiro, no sentido de que essa razäo teria que ser capaz de ir abarcando áreas, domínios de informação cada vez maiores - seria um crescimento, por assim dizer, horizontal. Porém, só esse crescimento näo basta; é preciso que, internamente, as estruturas da razäo do indivíduo se tornem também mais complexas, isto é, que ele seja capaz de abrir novas chaves, que estabeleçam novas modalidades de relações entre os dados. Ou seja, que ele vá captando novas categorias, novos conceitos, nos quais ele possa resumir domínios cada vez mais amplos de experiência, com uma experiência crescente.

Então, a razäo se desenvolveria no sentido da extensäo do continente abarcado; esse continente seria, idealmente, idêntico ao conteúdo da memória, ou seja, idealmente, tudo aquilo que está dentro da memória do indivíduo é - ou pode ser - colocado dentro do mesmo esquema racional. Por um lado existe, então, esse crescimento quantitativo e horizontal, e existe, por outro lado, o crescimento da integraçäo. Então, esse duplo processo, da extensäo do conhecimento e da integraçäo, cada vez mais perfeita e mais organizada, se daria no sentido de uma abstraçäo cada vez maior, num processo indutivo. Ou seja, cada vez que se vai ampliando a experiência do indivíduo, mais facilmente ele classifica essa experiência dentro de conceitos abstratos mais abrangentes. Se existe o crescimento, ao mesmo tempo, da extensäo e da integraçäo, existe uma simplificaçäo cada vez maior.

Quer dizer que a razäo, idealmente, procura abarcar toda a experiência e resumí-la em três ou quatro princípios básicos, convicçöes básicas, certezas básicas, sendo capaz de referir a elas toda a experiência que lhe acontece. Isso seria o desenvolvimento ideal. Se näo houvesse nenhum obstáculo, a razäo prosseguiria abarcando tudo aquilo que vai, através da intuição, penetrando na memória; ela vai abarcando, classificando e integrando, de uma maneira cada vez mais coerente, até que todo o edifício da experiência possa facilmente ser resumido em um, ou em alguns princípios básicos.

A razão procura reduzir a um mínimo o trabalho do pensamento. É por isso que pensar não é a razão. Na verdade, quanto menos racional é o indivíduo, mais ele vai ter que pensar. Porque se o mundo da razão estiver de fato organizado, a maior parte da experiência ele já sabe o que é, ele já cataloga facilmente nos gêneros, espécies e princípios já conhecidos, e aquilo não requer um novo exame. Ou seja, a razão opera no sentido da economia do indivíduo. Então, o máximo de perfeição da razão seria o máximo de economia do pensamento. Não haveria, idealmente, casos omissos. Dentro do campo de princípios que fundamenta a atividade racional daquele indivíduo, ele tem os princípios suficientes para explicar racionalmente toda a experiência que ele já tem, e mais a experiência vindoura. De maneira que, à medida em que esta vai entrando, ele simplesmente vai reclassificando dentro das mesmas chaves.

Esse processo é descrito por Piaget. Vamos dar uma chave: Quando você é criança, você vai captando, no mundo que o rodeia, certas regularidades, ou seja, coisas que acontecem da mesma maneira, e você atribui a essa constância um valor causal, um valor explicativo; você explica os acontecimentos de uma certa maneira, você hierarquiza os acontecimentos. Quer dizer, um acontecimento está vinculado a outro, de maneira que quando acontece um, vai acontecer o outro. Por exemplo, o pai, quando sai para trabalhar, traz um doce para o filho; então, o filho acredita que o pai está saindo para lhe trazer um doce. De maneira que, se o pai sai e não traz doce, então falhou a explicação: então foi alguma outra coisa que o pai foi fazer. Demora para a criança chegar a esta conclusão, para ela derrubar o falso princípio que já estava estabelecido. E é esquematizando princípios cada vez mais abrangentes, isto é, que deem conta da veracidade dos fatos, que a razão vai progredindo. É claro que de vez em quando ela dá saltos tremendos. Neste processo de indução, ela não vai por uma indução estatística; se fosse, nunca passaríamos da inteligência de um garoto de três anos, pois nunca teríamos dados suficientes. Mas acontece que a razão tem alguma iniciativa, ela se antecipa aos fatos, criando novas chaves, novos princípios, que às vezes são de um acerto maravilhoso.

Mas o que importa é saber que a razão, à medida em que coerencia os dados da experiência vivida, os dados da memória, ela simplifica o trabalho do pensamento, ela diminui a área de experiência pessoal, ou seja, o indivíduo não precisa experimentar mil vezes a mesma coisa para saber no que vai dar - ele experimenta duas ou três, e já faz a indução, imediatamente - portanto ela economiza tempo e energia. Então, a razão está ligada diretamente ao instinto de auto-conservação do indivíduo. Comparando com os animais, a razão é, para o homem, aquilo que um princípio de auto-regulação instintiva é para os animais; a razão é uma auto-regulação do homem.

Se a razão funcionasse de uma maneira ideal, se funcionasse exatamente como tem de funcionar, em todos os casos, teríamos que ter um indivíduo que, ao alcançar a idade adulta, tem um esquema racional suficiente para enfrentar todas as situações que lhe são pelo menos rotineiras, como o animal crescido tem o domínio de todos os processos que ele necessita desencadear para a sua subsistência. Por exemplo, um lobo crescido deve saber caçar; para saber caçar ele tem que entrar numa comunicação funcional com os outros membros da alcatéia, ele precisa saber cheirar a pista dos animais, da caça, e localizá-la. Ou seja, ele tem um conjunto de procedimentos que permite a sua subsistência, pelo menos no meio onde ele está habituado a viver. Claro que, se você o transportar para um meio completamente diferente, ele pode ter problemas, no sentido em que os fatos com que ele se defrontará ali não estão previstos no seu código.

Se o animal crescido tem esta auto-regulação suficiente para assegurar a sua subsistência no meio no qual foi criado, idealmente, a razão no homem adulto deveria ser suficiente para ele dar conte de todos os novos problemas e todas as novas situações que podem surgir, dentro de uma certa regularidade, no seu meio. Ora, nós sabemos que isso não acontece. Sabemos que pessoas crescidas, de vinte, trinta ou quarenta anos, estão geralmente abaixo das solicitações do meio. Ou seja, não conseguem dar conta da sua própria vida. Por quê? Porque houve algum obstáculo. Se o animal adulto não atingisse o nível de auto-regulação necessária à sua subsistência, ele morreria. Mas o ser humano não o alcança. Então, o que acontece? Ele se socorre da razão comunitária, da organização da comunidade. E a comunidade, por sua vez, como comporta muita gente, e uma variedade muito grande de tarefas e atividades, ela sempre acaba mais ou menos socorrendo o indivíduo. Mas é evidente que o indivíduo necessita de tanto mais socorro, quanto menos ele está estruturado. É só vocês verem o número de psicoterapias, trabalhos de auto-desenvolvimento que, em grande número de seres humanos, a razão não alcança um desenvolvimento suficiente, nem mesmo para as necessidades do indivíduo num meio costumeiro, no mesmo meio onde

foram criados. Porém, nós também podemos contar com a hipótese de mudanças repentinas desse meio, como uma crise social, uma revolução, uma crise econômica, uma guerra, ou um fenômeno natural que perturbe a organização social. E neste caso os indivíduos se mostram ainda menos aptos a enfrentar emergências.

Um animal adulto não só está pronto a executar as tarefas de rotina para a sua subsistência, mas ele tem uma infinidade de esquemas para enfrentar emergências. Por exemplo, os animais sabem fugir de caçadores, mesmo aqueles que nunca foram caçados. Quando o primeiro caçador branco chegou na Africa com a espingarda, os animais rapidissimamente aprenderam o que era espingarda, e bolavam esquemas incríveis para fugir. Os caçadores de urso, por exemplo, relatam que um urso chega a enganar caçadores, ele premedita falsas pistas. Isso quer dizer que o seu esquema de auto-regulação é mais do que o suficiente para as suas necessidades rotineiras, já que ele abarca necessidades surgidas de situações inéditas, e de emergências. Claro que existem seres humanos capazes de enfrentar quaisquer emergências; mas a maioria não é nem capaz de enfrentar situações de rotina, e vive, então, escorada no apoio de outros seres humanos.

Podemos dizer, então, que no ser humano acontece um desnível: alguns seres humanos vão muito além das necessidades rotineiras, e conseguem até mesmo enfrentar as emergências mais esdrúxulas. Ou seja, alguns têm muito a mais, e outros têm muito a menos. Isto não acontece em nenhuma espécie animal. Numa espécie animal, a capacidade de auto- regulação de todos os membros é mais ou menos homogênea, não existe nenhum que seja muitíssimo mais hábil do que os outros. Claro que existem diferenças de habilidade entre um urso e outro urso, entre um lobo e outro lobo, entre um tigre e outro tigre, mas são mínimas se comparadas às diferenças entre seres humanos.

Por exemplo, quando vemos a habilidade de um sujeito como o Luis Carlos Prestes, que foi perseguido pelo exército pelo país inteiro, fugindo, saiu do norte, foi para o sul, ninguém o pegava, como se fosse um urso. Este homem é muito mais hábil do que os outros, muito mais hábil que os seus perseguidores.

Um homem pode, então, ser infinitamente mais hábil do que os outros, em situações inéditas. Por outro lado, há pessoas que, diante da urgência mais elementar e mais rotineira, se revelam incapazes. Não parecem ser membros da mesma espécie. A espécie humana não tem um nível de capacidade que nós possamos dizer médio ou normal, não existe. O ser humano pode estar muito abaixo, ou muito acima, e será considerado normal, nos dois casos. E, mais ainda, graças ao apoio da comunidade, a maioria de incapazes não será destruída, será protegida. Isso quer dizer que alguns seres humanos exercem sobre os outros, uma infinidade de outros, uma função protetiva, que nenhum animal exerce para todos os membros do seu grupo. Você pode procurar, numa alcateia de lobos: existe um lobo que tenha que ser protetor de todos, enquanto os outros fogem? Não acontece isto. Ou seja, o nível de resposta de todos os animais àquele meio é mais ou menos semelhante. Ao passo que, na espécie humana, o desnível pode chegar quase ao incomensurável.

Por que é que isso acontece? Por uma infinidade de causas, mas, sem tentar abarcá- las nem tentar oferecer uma resposta suficiente à pergunta, dá para vocês entenderem já que essas diferenças de capacidade de auto-regulação são diferenças na capacidade racional entre um indivíduo e outro. E essas diferenças devem surgir, ou do fator inato, biológico, - não referido ao caráter - ou do fator biográfico. Ou seja, nos mapas astrológicos não veremos esta diferença. Portanto nós deveremos procurá-la, ou na hereditariedade, ou na biografia.

As diferenças ocasionadas pela interferência de fatos durante a biografia podem aumentar as diferenças entre seres humanos, nesta escala que eu estava lhes dizendo. De maneira que, entre dois indivíduos com o mesmíssimo traço de caráter, nós podemos ver diferenças de capacidade que vão do retardado mental ao gênio. Sem contar que o indivíduo pode ser gênio setorialmente, e retardado mental setorialmente - ter capacidade para certas coisas e situações, e outras não.

Como se dá esta dialética? O começo da formação da razão é igual para todos: o processo da razão é desencadeado pelo espanto. Claro que existe no ser humano, logo que ele nasce, um princípio de auto-regulação animal. Nem todo aprendizado que o indivíduo faz já tem relação com a razão. Por exemplo, o garotinho que está aprendendo a andar, está aprendendo uma auto-regulação, e isto já é análogo à razão.

Quando é que o indivíduo passa da pura auto-regulação animal para a razão propriamente dita? Eu tenho a impressão de que este ponto de passagem se marca no instante onde o indivíduo faz uma pergunta a si mesmo, ou seja, onde entra uma dúvida consciente. A dúvida consciente pressupõe o conhecimento da linguagem; então quer dizer que a razão, neste sentido que estamos falando, só começa efetivamente a se desenvolver depois que o indivíduo tem uma linguagem suficiente para poder fazer uma pergunta a si mesmo. Quando ele faz uma pergunta a si mesmo, isso quer dizer que ele tem consciência de que é possuidor de conhecimento, e de que um determinado conhecimento lhe falta naquele momento. Então é claro que isso não acontece a um garotinho de seis meses.

O desencadear do processo racional é uma espécie de salto qualitativo em relação ao puro e simples aprendizado. O aprendizado começa desde que o indivíduo nasce, e vai prosseguindo, e encontra obstáculos não ao nível da dúvida, mas ao nível do erro. Por exemplo, o sujeito vai tentar andar e cai. Ele se corrige. Isto ainda não é uma dúvida; houve uma tentativa e erro. Muita coisa pode ser aprendida por tentativa e erro, e enquanto o método de tentativa e erro lhe basta, esse aprendizado ainda não tem nada a ver com a razão. Porém, chega um momento em que o indivíduo sente necessidade de algum conhecimento, de alguma resposta que ele não obtém por tentativa e erro. Então, ele tem a admissão consciente de uma falta, ele conscientemente admite que lhe falta algo, e que esse algo é muito importante. Ou seja, ele tem consciência de si como detentor de conhecimento, e tem consciência de si como detentor de um conhecimento insuficiente e falho. Insuficiente e falho em função de necessidades que ele sente como reais e urgentes. Surge na cabeça dele uma pergunta grave e urgente. Não quer dizer que ele saiba expressar essa pergunta perfeitamente, porque senão ele poderia fazê-lo em voz alta a alguma pessoa.

Note que a pergunta que desencadeia o processo racional pode surgir sob formas muito variadas e disfarçadas. Por exemplo, os psicólogos conhecem bem a infinidade de perguntas diferentes com que as crianças enfeitam e variam a pergunta "de onde vêm os bebês?" Eu não lembro bem, mas havia um psicólogo que, assediado por um menino que vivia lhe fazendo perguntas e perguntas, um dia ele perguntou ao garoto: "de onde vêm os bebês?" O garoto lhe respondeu "eu não sei". Aí ele explicou, e o garoto nunca mais fez pergunta alguma. Quer dizer, era esta a pergunta, mas ela não aparecia com esta forma. Porque, se o indivíduo soubesse formular perfeitamente sua pergunta, encontraria a resposta.

Porém, nós só podemos formular perguntas a partir dos conceitos e das palavras que nós temos. Mas a dúvida e a interrogação vêm da experiência real, intuída, e não temos certamente nomes para tudo aquilo que nós intuimos. Quando você não sabe o nome de uma coisa, como é que você a designa? Quando você não sabe o seu nome particular, você designa pela sua espécie; se você não sabe, designa pelo gênero, e se não sabe o gênero você designa como "coisa", ou ser, que é o gênero mais amplo, pois tudo o que existe é uma coisa ou ser.

Isto quer dizer que conhecemos, pela intuição, e temos na memória uma infinidade de seres e coisas cujos nomes nós não possuimos. Ou seja, eu conheço uma forma de imagem de vida, a imagem está dentro de mim. Como é que eu posso transmitir a uma outra pessoa a imagem de uma coisa cujo nome eu não sei?

Veja o que é a diferença entre você ter um conhecimento, e você ter uma representação: Por exemplo, algo que eu vivi pode ter me escapado da memória, ou seja, me lembro partes, nebulosamente. Tenho a recordação, mas não tenho a representação, nem para mim mesmo. Posso possuir uma representação subjetiva, ou seja, sou capaz de relembrar aquela coisa na minha memória, mas não sou capaz de transmití-la, de objetivá-la, ou seja, de torná-la um objeto de conhecimento para os outros; não sou capaz de ter, portanto, uma percepção inter-subjetiva, de compartilhar da mesma experiência subjetiva, porque me faltam os nomes. Basta isso, para você ver que quase todas as perguntas são formuladas com outros nomes. Coisas que você conhece por experiência pessoal, por intuição, cujos nomes ou sinais você não possui, você possui de maneira muito imperfeita; você não consegue manipular aquele conhecimento.

Isto com relação a objetos do mundo exterior. O nosso conhecimento do mundo exterior já é quase totalmente incomunicável, pois você se referirá às coisas que não consegue denominar de maneira genérica, não especificamente, e muito menos particularmente. Embora essa experiência venha do mundo exterior, ela, tão logo se deposita na nossa memória, nos isola dos outros seres humanos. Só nos comunicamos com eles - e, na verdade, conosco mesmos - quando sabemos os nomes ou temos algum sinal. É a partir do momento em que temos sinais que podemos manipular esta informação, trocando-a por

outra informação, ou complementando- a, mediante perguntas, enfim, agir sobre ela. Tudo aquilo que se deposita na nossa memória, que nós näo conseguimos manipular, representam sedimentos, um sedimento que pesa. Pesa porque, de um lado, está na nossa memória, faz parte, portanto, da nossa visão de mundo; mas não podemos trabalhar com aqueles dados. É como a moeda sem liquidez: você tem um montão de moedas, mas elas não podem ser trocadas, ou seja, elas não servem para nada. Mas elas atravancam a sua memória.

Imagine que, dessa experiência depositada na memória, uma parte seja enigmática, dolorosa, traumática, etc. Você näo pode esquecer dela, porque ela te incomoda; por outro lado, você näo pode manipulá-la. Ou seja, você näo pode objetivá-la para encontrar uma solução qualquer e resolver o problema. Isso quer dizer que a insuficiência da linguagem do indivíduo já é um primeiro obstáculo para que ele se domine a si mesmo. Porque se ele näo pode objetivar, ele também näo pode pensar sobre aquilo.

Tudo isso que eu disse se refere ao conhecimento do mundo exterior, a coisas vistas. Agora, se não temos nomes sequer para as coisas vistas fora, você imagina para as coisas sentidas e criadas dentro de você mesmo, para descrever os seus estados, as suas imaginações, os seus sentimentos, etc. Ou seja, você está isolado dos outros seres humanos por uma infinidade de memórias incomunicáveis, não trabalháveis, não-pensáveis, näo-manipuláveis, de maneira alguma. Se somarmos tudo aquilo que você criou dentro de você, e que você também näo sabe expressar, nomear, e portanto você näo pode manipular, näo pode pensar, você imagina o peso de recordações näo-manipuláveis que cada um carrega! Toda essa área da experiência fica fora do mundo da razäo. A razäo só pode classificar, catalogar e enquadrar dentro de uma moldura racional aquilo que ela é capaz de designar, de sinalizar, de simbolizar ou de nomear de alguma maneira.

Este, então, é o primeiro passo da dialética do desenvolvimento do traço caracterológico para o traço de personalidade - esta separação entre o que será racionalizável, e o que näo será. A razäo do indivíduo só pode operar com uma parte mínima da sua experiência, aquela cujos nomes ele conhece, que ele tem sinais para designar, e aquela que a sua linguagem abarca.

E a outra, onde é que fica? Fica fora do mundo racional dele. Essas coisas que ficam fora do mundo racional do indivíduo näo precisam ser irracionais, por si mesmas; são irracionais para ele. Näo são manipuláveis racionalmente por ele; para outro aquilo pode ser uma banalidade. Acontece que as questões mais profundas, mais dramáticas, mais radicais do indivíduo podem estar colocadas justamente neste sedimento, näo-utilizável pela razäo. Por quê? Porque pode acontecer que as experiências que suscitam em você a interrogação sejam justamente essas cujo nome você näo tem, e, quando você formula a pergunta, acaba formulando outra pergunta, com outros nomes, e recebe portanto outra resposta.

A partir daí, cinde o mundo da experiência e o mundo da razäo. Isto acontece em quase todos os seres humanos.

A partir dessa cisäo, a razäo do indivíduo opera numa direção, e a sua existência opera em outra. A razäo já não funciona direito, porque só funciona para resolver uma parte muito insignificante, e essa parte pode não ser a mais relevante para aquele indivíduo.

Como é que o indivíduo reage, então? Não podendo trabalhar racionalmente com dados que lhe são importantes, ele às vezes trabalha com os seus análogos, com seus símiles, como eu disse, trocando a pergunta. Você quer saber como nascem os bebês, mas você pergunta de onde vem a espiga de milho, e você continua operando com a resposta a esta pergunta. Isso é muito comum. Então, como é que você faz? A questäo verdadeira, que está no fundo de você, mas que você näo conseguiu expressar, é, por assim dizer, devolvida ao sub- consciente. Ela pode ser esquecida. E ela é jogada para o sub-consciente para ser respondida mediante a auto-regulação animal espontânea, a qual, evidentemente, näo está capacitada a lidar com estes problemas. A auto-regulação animal espontânea näo pode responder perguntas humanas.

O indivíduo pode esquecer a pergunta, simplesmente, porque ele pensa que foi respondida. A razäo foi enganada, ela só recebeu uma parte dos dados, a parte mais significativa está lá na memória, e vai ser trabalhada pela memória, e näo pela razäo. A memória funciona fundamentalmente por analogia, ela também opera uma classificação dos dados, mas é uma classificação puramente analógica, aproximando o similar com o similar näo por um processo racional, mas por um processo de simbolismo. O indivíduo fica funcinando, a partir desse momento, com duas mentes: uma mente racional, que tenta organizar o todo da

experiência, e uma mente simbólica analógica que opera na memória através de uma outra classificação. Ora, o simbolismo, a mente analógica, opera por similitudes mais ou menos aparentes. Então, como se vê no Dr. Freud, um cano de ferro pode significar o pênis do sujeito, embora o indivíduo cujo pênis funcionasse como um cano de ferro precisasse de socorro médico. Ou seja, logicamente, racionalmente, uma coisa não tem nada a ver com outra. Mas, se o indivíduo não conseguiu formular a pergunta a respeito do pênis, racionalmente, a sua memória e imaginação continuará fazendo perguntas a respeito do cano de ferro, e fará analogia entre ele e o cabo de vassoura, a mangueira, etc; chegando a conclusões perfeitamente estpafundias, que terão que ser mais tarde interpretadas no divä do psicanalista.

Então, ocorre a coexistência dessas duas metades, que estão normalmente superpostas, mas que se comunicam muito mal entre si. Essa é a origem do mau funcionamento da razão. Ou seja, tudo começa porque o homem "possui" a linguagem. Mas quem possui a linguagem é a espécie humana, e não o indivíduo. O indivíduo a possui, conforme a linguagem que o seu grupo lhe ensinou, e o grupo pode ter ensinado muito pouco.

Foi colocado na lousa o seguinte esquema:

RAZÄO

AÇÄO LINGUAGEM

N MEMORIA

A

T

U

R

A INTUIÇÄO

L

M

E

N

T

E PERCEPÇÄO

Então, da entrada da informação até o seu processamento na memória, o processo decorre naturalmente. Do momento da percepção, uma parte se torna consciente - essa parte é chamada de intuição - e essa intuição naturalmente se deposita na memória. Porém, para passarmos isso para a razão, que vai inserir esses dados de memória num quadro de conjunto coerente, a passagem não se dá naturalmente, mas se dá pela intermediação da linguagem. E como a linguagem do indivíduo pode ser muito limitada, estando muito abaixo das suas necessidades reais, uma parte vai de fato até a razão, e vai ser catalogada, classificada segundo conceitos, princípios, chaves e categorias que a razão possui. Porém, uma parte é rejeitada de volta para a memória.

Não é por um processo freudiano, não foi rejeitado porque havia um mecanismo repressivo que impedia o indivíduo de perceber e aceitar aquilo. Isto é somente uma parte do que estou falando. O inconsciente freudiano é formado apenas pelos conteúdos que foram rejeitados por motivos de impedimento moral. Porém, uma parte muito maior do que essa é rejeitada por falta de nomes. Se o inconsciente fosse só aquilo que o Dr. Freud fala, ele seria muito menor.

A ação, o comportamento do indivíduo, será um amalgama daquilo que é compreendido pela razão - sendo que a razão nunca funciona sozinha, ela funciona por um esforço de vontade - e uma parte vem diretamente da memória. Ou seja, o indivíduo está funcionando com dois cérebros: um que funciona pelas categorias lógicas, e outro que funciona por categorias analógicas. Um que lhe diz, por exemplo, que o

pênis é o membro viril que serve para a procriação, o outro que lhe diz que o pênis é um cano de ferro. E ele acredita nas duas. Quanto maior a limitação da capacidade expressiva do indivíduo, mais ele tem que confiar nesse computador analógico que funciona no ardar de baixo.

A razäo opera simplificando, reduzindo tudo a espécies e gêneros, traduzindo as leis, as regras, em outras mais abrangentes, até articular tudo em três ou quatro princípios, de maneira que, sabendo esses princípios, o resto pode ser deduzido automaticamente. Porém, a memória näo; quando a memória opera uma simplificação errônea, porque ela aproxima só por analogia. E analogia é uma síntese do semelhante e do diferente. A razäo separa o semelhante do diferente, segundo conceitos das várias essências, que catalogam os seres, enfim, segundo o sistema das categorias. Esse sistema pode ser descrito de muitas maneiras; o sistema das categorias de Aristóteles é uma das maneiras de dizer como o cérebro humano cataloga as coisas, em substância quantidade, relação, etc. O cérebro humano faz isso com relativa facilidade, ele opera logicamente porque ele é lógico. A ciência da lógica apenas verifica o que o cérebro já está fazendo, como ele já está catalogando e procura expressar isso. A lógica näo visa ensinar ninguém a pensar, simplesmente expressa como já se pensa, ou como você pensa quando näo há interferência da percepção, da memória, etc. Ou seja, o pensamento puro, sem outras interferências. Porém, na prática näo se pensa assim, porque você pensa ao mesmo tempo com a parte lógica e com a parte analógica. Para piorar ainda mais as coisas, nós já vimos, numa aula anterior, que a razäo näo pode operar diretamente sobre a experiência dos sentidos. Ela necessita de uma primeira filtragem, operada pela memória. A memória forma figuras das espécies e as submete à razäo; a razäo, por sua vez, critica este material proveniente da memória, introduz nela as distinções lógicas e recataloga de maneira lógica. Porém essa passagem só é possível através da intermediação da linguagem.

..

...Para você conseguir encontrar um esquema que resuma ..... ou seja, se eu racionalizo, se a razäo opera essa simplificação , ou me lembro apenas do esquema e a memória faz o resto.

Quer dizer, quanto mais racionalizado está o conteúdo, mais dócil é a memória (racionalizado quer dizer simplificado, reduzido à sua essência; agora, quanto menos racionalizado, mais comprida, mais extensiva tem que ser a recordaçäo, e mais difícil. Ou seja, a impossibilidade ou a dificuldade de transferir o conteúdo da memória para a razäo também torna difícil a recordaçäo, que é o uso da memória. É mais fácil você se lembrar de uma coisa simples do que de uma coisa complicada, näo é? Portanto, nós conseguimos recordar facilmente episódios, situações, coisas lidas etc. na medida em que esquematizamos de uma forma simples; esta esquematização é a razäo que faz.

Por exemplo, eu te dou uma aula. Se você reduz esta aula a um esquema, isto é, em vez de você tentar recordar sensorialmente palavra por palavra, com todos os seus sons, com a reconstituiçáo do momento concreto que você viveu, se em vez de você fazer isso, você reduzir isto a um esquema lógico, você se recorda muito mais facilmente do desenrolar da aula e basta você puxar da sua memória o esquema, que a memória facilmente contribui com o restante. Ou seja, a memória obedece a razäo. Deu para entender? Quanto mais esquematizado o conteúdo, mais fácil é recordá-lo.

Isto quer dizer que se o conteúdo da memória näo chega a ser racionalixado, dificilmente ele é recordado, porque a sua recordaçäo teria que ser extensiva e näo apenas intensiva.

{P: quer dizer que prejudicaria o próprio funcionamento da memória?} A própria utilizaçäo da memória, que é a recordaçäo.

{P:... mais tarde venha a ter uma linguagem ...} Pode, claro. É o que se faz quando o sujeito faz análise. Na análise ele tenta expressar e expressa de maneira inadequada. O que faz o analista? Ele critica a sua expressão; o analista näo interfere, näo coloca nada, só critica. Ele pode dizer: "näo é bem isato, eu comparei com outra coisa que você falou ontem" ou "näo pode ser isso que você está falando porque na semana passada você disse que estava outra coisa" e vai espremendo, espremendo e espremendo até que o sujeito fala o português claro. Na hora em que ele fala o português claro, ele intui, ele entende. Então, esta dificuldade de você expressar pode vir ou por impedimentos morais, como no caso daqueles a que Freud se referia, ou simplesmente por uma dificuldade de expressão,por uma incultura do sujeito.

Quer dizer que o domínio insuficiente da linguagem também é um mau conhecimento de si mesmo; é uma

limitada capacidade de auto-expressão, portanto, uma pequena capacidade de auto-domínio.

Então este é o primeiro obstáculo que surge ao pleno desenvolvimento da razão. O mapa astrológico dá uma indicação preciosa: ela nos diz qual foi o tipo de pergunta que desencadeou o processo racional, quer você se lembre desta pergunta, quer não lembre. Não existe nehuma outra maneira de você descobrir isto a não ser pelo mapa astrlógico. A outra maneira é você continuar interrogando o sujeito por dois ou tres anos, até que ele consiga se expressar. O mapa dá este ponto e serve exatamente para isto, que já não é pouca coisa, não é?

{P: o gênero...} O gênero por exemplo, o assunto sobre o qual foi feita a pergunta, se foi sobre você mesmo, sobre sua aparência, se foi sobre sua origem, se foi sobre sua forma, sobre a forma do seu corpo, se foi sobre o que os outros pensam de você e assim por diante; em algum lugar começou o processo racional. Se esse processo desenvolveu melhor ou pior, isso só podemos saber pela biografia do sujeito, porém "onde ele começou" isto o mapa nos dá. Comparando o estado atual com o "por onde ele começou" então podemos saber mais ou menos como foi o desenrolar do processo.

{P: isto tem a ver com Saturno?}. A posição de Saturno no mapa do sujeito?.

Bem o primeiro obstáculo que surge é este; quer dizer que setores que deveriam idealmente ser abarcados pela razão são devolvidos à memória e passam a operar subconscientemente; ora, tudo o que é feito subconscientemente é muitíssimo mal feito a não ser quando a atividade subconsciente é dirigida conscientemente. Por exemplo, (como a gente faz isto?) você quer resolver um problema de matemática, então você pega todos os dados que existem sobre o problema e os decora: vai dormir e no dia seguinte você tem a solução. Aí você dirigiu, quer dizer, você faz a parte da razão e a memória sozinha faz o resto, mas se você não fizer a partre da razão, a memória não funciona. Quer dizer que esse negócio (por exemplo) das inspirações que vêm do subconsciente: a inspiração vem do subconsciente quando você esquematizou o problema. E somente quando existe um interesse efetivo em resolver o problema e quando o trabalho da razão e da consciência estão completos que, daí, o subconsciente consente apenas o toque final.

{P ?}. Quando você construiu a estrutura completa, durante o sono não precisa trabalhar. {P: É o contrário do que se oferece na [prática, na praça}. E na prática, o pessoal está tentando inventar um jeito de o subconsciente funcionar sozinho, sem você precisar esquematizar; isso aí é a mesma coisa que a vaca dar o leite sem nunca comer, você não alimenta a vaca e ela produz leite do nada. O inconsciente também não produz do nada; o inconsciente é um depósito de um milhão de imagens, bilhões e trilhões de imagens, todas confusas. Mas como ele funciona por analogia, é daí mesmo que nós tiramos vantagens, porque quando nós damos uma estrutura que é análoga a algum dado que ele tem lá dentro, ele puxa o dado e nos oferece, ele é atraído, por assim dizer, pela estrutura que você lhe forneceu. Ou seja, a pergunta estruturada, formulada claramente atrai a resposta, por iso mesmo que vale mais a pena você deixar o subconsciente trabalhar do que você forçar a resposta, porque na resposta pode vir combinatória enormemente variada da memória e às vezes a consciência não é capaz de perseverar a este ponto. Então basta esquematizar a pergunta e deixar a resposta {?}. Mas esta esquematização tem de ser feita; claro que de vez em quando pode haver uma esquematização que você fez sem perceber; e daí o subconsciente te dá a resposta e você pensa que saiu sozinho dele. Não saiu. Na verdade, você estava pensando no problema há vários dias.

Então o processo de desenvolvimento da razão encontra nesta cisão entre razão e memória o seu primeiro grande obstáculo; e esta cisão vem de duas fontes e não de uma. Ela vem, por um lado, da repressão e da rejeição pelo inconsciente, como dizia o Dr. Freud, mas, de outro lado, ela vem da pobreza de meios de expressão. Não pensem que a linguagem serve para nos comunicarmos com os outros. A linguagem serve, em primeiro lugar, para você se comunicar com você mesmo. Mas se o indivíduo não tem meios de expressão, ele não tem meios de atuação.

{P:?} Ela planta na deficiência individual. Ela proíbe determinada palavra , por exemplo. Quer dizer que se não houvesse a deficiência de linguagem, a formação de subconsciente, como Dr. Freud diz, seria impossível. Ou seja, o fundamental, não é o processo repressivo, mas a deficiência dos meios de expressão, está é a origem do inconsciente. Então, idealmente não existe nenhum inconsciente com uma força autônoma (prestem atenção); idealmete o inconsciente todo trabalharia docilmente no sentido pela

razão, ou seja, ele seria um respondedor de perguntas. Se o homem fosse capaz de dirigir as perguntas certas, à sua memória, cada um veria que é quase um gênio, porque a experiência de cada ser humano é enormemente variada e, dadas as perguntas estruturadas certinhas, a memória faria o restante do serviço e concorreria docilmente para as finalidades conscientes, ou seja, eu me lembraria das coisas que desejo lembrar, eu teria as intuições na hora em que desejo tê-las, eu teria as inspirações na hora em que preciso delas.

Isto não quer dizer que um homem idealmente desenvolvido não tivesse um subconsciente. Todo mundo tem que ter um subconsciente, porque somente um idiota completo quereria ter tudo diante da consciência a todo o momento; não precisa, uma boa parte pode ficar guardada no inconsciente, mas o inconsciente deve servir à finalidade do consciente, como a vaca que vem quando o garotinho a puxa pela argola.

Porém nesse processo quando uma parte das perguntas é rejeitada para o subconsciente e este começa a trabalhá-las autonomamente, o inconsciente se transforma numa força independente, que tem suas próprias leis e que não obedece ao intuito consciente do indivíduo e que pode, ao contrário, em certas circunstâncias (que são muito frequentes), asumir ele o comando da conduta, no sentido contrário ao conscientemente desejado.

{P:?} Descobri que quem inventou o negócio da função arcaica não fui eu. Isto é uma coisa esplêndida, hem. Foi um historiador, Jaco Boffet(?). Ele no século passado, disse que as funções que não são atuadas conscientemente se tornam arcaicas e grosseiras e passam a atuar inconscientemente. Esta sentença de Boffet, eu desenvolvi esta teoria a partir daí. (sic Jung)

Então aí é que começa a se tornar complexo o desenvolvimento da razão, ou seja, começa a se afastar do modelo ideal. No modelo ideal, a razão idealmente comanda e esquematiza todos os conteúdos da memória, não quer dizer que eles têm que permanecer na consciência, mas, estando organizadinhos e guardados lá no fundo, eles afluem à luz da consciência tão logo necessários, tão logo convocados. Esses conteúdos referem-se tanto aos dados de natureza intelectual e cognitiva quanto aos dados volitivos e emotivos, ou seja, na hora em que necessito ter vontade de fazer algo, bastaria esquematizar a questão e a motivação surgiria facilmente em mim. Mas vocês sabem que na prática não é nada disso que se dá Eu conscientemente quero fazer uma coisa, mas é como se o corpo resistisse. Não é corpo que resiste, ele é sempre dócil e indócil, é a memória e a imaginação.

Quando a imaginação escapa totalmemte do domínio da vontade, ou seja, quando ela não responde mais às perguntas convocações da vontade, então o sujeito está louquinho da silva; ele está possuído pela memória. É o esquizofrênico é a memória que fala por ele, por assim dizer. E os conteúdos da memória vem conforme um jogo puramente analógico e não faz o menor sentido interpretar isso, porque qualquer coisa pode ser analogada com qualquer outra coisa.

{P: E essa coisa de exaltar aqueles quadros, o pessoal de arte nas peças ...}

Isso tudo é bom quando o louco não é nosso parente. Quando é parente e está na sua casa, tem que ter saco, não existe ninguém mais monótono do que louco.

Isso não impede que certos indivíduos, ao mesmo tempo onde estão enlouquecendo, possam estar paralelamente desenvolvendo alguma outra aptidão, isso acontece. Tem o famoso poeta Hug(?)... Ele ficou louco de pedra, mas acontece que foi justamente no período em que ele estava ficando louco que ele escreveu os melhores poemas. Então o pessoal acha que é porque ele ficou louco que ele escreveu os poemas. A prova contrária é que quando a loucura se instalou mesmo, ele parou de escrever, ficou quarenta anos parados, era louco manso. Quer dizer, quando a loucura venceu a , o dom poético acabou. Era coisa da mente reativa que, apesar da loucura ou tomando a sua loucura como matéria, dava forma poética a experiência; a loucura por si não faz isso. É o mesmo caso do atleta que, apesar de alguma doença, continua progredindo, por assim dizer, na medida em que luta contra esta doença para vencer, mas a doença mesma não pode favorecê-lo, a não ser motivacionalmente, o desejo de vencer a doença pode se tornar uma motivação muito forte. Mas dizer que a loucura pode enriquecer a criação poética, isto é que é loucura mesmo. Isso é a mesma coisa que dizer o seguinte: no caso de um sujeito muito endividado, as dívidas podem motivá-lo a ganhar dinheiro (para pagar as dívidas); mas daí a dizer que as dívidas enriquecem e que a melhor maneira de enriquecer é contrair dívidas ... é a mesma coisa que você dizer que

a loucura aumenta a sua inspiração.

{P?} As pessoas fazem isso porque elas têm medo de ficarem loucas e elas já querem, de certa maneira, dizer que näo vai ser tão ruim assim, näo é? É como se dissesse: olha, se eu ficar louco, näo me mande para o hospício, daí vou ser um cara legal, criativo, afinal de contas, você vai ter mais prestígio por ter um louco dentro de casa. Mas tudo aquilo que é muito horrível a gente procura embelezar de alguma maneira, não é ? As pessoas näo dizem que a morte é apenas uma transformação? Eu nunca vi nenhum sujeito transformado, andano por aí, vocês já viram ? ou todo fim é um começo, mas eu sei que quando o meu dinheiro acaba, eu olho a carteira e näo tem dinheiro algum; ah! agora acabou, mas amanhä vai ter de montão. Que dizer, tudo isso são palavras que consolam. Millor Fernandes tinha antigamente uma seçao que se chamava "Palavras que consolam" onde apareciam essas coisas. Então tudo isso está confundindo uma relação motivacional com uma relação causal

{P: a linguagem se sente exigida como necessidade da razäo? A linguagem obedece a uma dinâmica da razäo?} Näo. Existem duas coisas que impulsionam o indivíduo ao domínio cada vez maior da linguagem: é o desejo de poder sobre si mesmo, sobre suas circunstâncias, e o amor pelo semelhantes; o impulso de se comunicar, de compreender e ser compreendido. Se falhar uma dessas duas, a linguagem näo se desenvolve mais.

{P: poder?} Você näo quer ter poder sobre o que acontece, por exemplo, dentro de você? E se você fica repentinamente triste, você näo quer o meio de acabar com a tristeza? Ou quer que ela tome conta de você e näo vá embora mais? Quer dizer, o desejo de dominar-se e de dominar as circunstâncias é natural ao homem, assim como o amor por seus semelhantes, o desejo de compartilhar. Mas essas duas motivações fortíssimas podem se tornar deficientes por um montão de coisas. Porém, também, sem que elas sejam deficientes, a linguagem pode näo se desenvolver simplesmente porque näo tem meios de fazê-lo. Ou seja, eu insistiria mais no papel de limitação cultural, a limitação do meio: você näo aprende as palavras que o meio näo sabe, isso é inevitável, näo é ? Portanto, ele tem o desejo do poder e tem o impulso do amor pelo semelhante, ele tem essas duas coisas normalmente, portanto, isto é o motor que impulsiona o desenvolvimento da linguagem. Porém, o meio näo tem os recursos linguísticos de que ele necessita, então ele näo os terá em tempo. Agora, pode acontecer por outras, por exemplo, o desejo do poder; se você pegar um garoto uma hora e tentar [?] até os dois anos o desejo de poder e você faz cucuia, tá certo, ele näo tem mais, ele pifa.

Então, a linguagem é um dos meios de poder fundamentais, porque sem ela näo pode você objetivar os seus estados, vocë näo pode dizer para si mesmo o que se passa dentro de você, portanto, você näo pode se dominar, você näo pode nem planejar uma ação, por mais simples que seja.

Por exemplo, o bebê, quando quer mamadeira, simplesmente chora; chorar näo é uma expressão linguística, porém, vai chegar um ponto em que ninguém lhe dá a mamadeira se ele chora, porque esperam que ele diga o que ele quer. Toda criança por volta dos três anos tem um problema terrível, um dos piores dramas da humanidade, que é a necessidade de comunicar coisas que ele näo sabe comunicar. Por que ? Porque ele tem intuição e pela, intuição ele sabe de um monte de coisas, ele capta os objetos de fora, capta os seus estados de dentro, de certo modo ele está consciente de tudo isto , porém näo pode objetivá-las.

Por exemplo, se uma criança sente o desejo de uma coisa que ela näo sabe o que é; quantas crianças näo chegam para você e dizem "eu quero aquilo" (não é aquilo roxo"; se fosse , já dava para entender, mas nem roxo); nem especifica, é genérico: " aquilo". Vocês nunca viram criança chorando, dizendo que querem aquilo ? Eu já vi criança desesperada.

{P: às vezes ela fala a palavra errada} Se tiver algum nome, já melhorou, mas às vezes, näo tem nem nome. Então, suponhamos que toda vez que ela quer "aquilo" ela simplesmente näo é ouvida, porque as pessoas também näo sabem o que é aquilo e näo podem dar. Assim, acham que a criança é chata, e mandam-na calar a boca, parar de chorar ou tentam agradá-la. Depois que ela pedir "aquilo" uma, duas, três, quatro, dez vezes sem ser atendiada, ela chega a conclusão de que "aquilo" näo pode. Näo pode, näo existe, é inviável etc...

Portanto, a primeira obrigação de um pai ou de uma mäe é ajudar o seu filho a expressar-se, mesmo que você tenha que interrogá-lo durante uma hora, porque ele näo tem obrigação de expressar uma coisa que

ele não sabe expressar, então quem tem que expressar é você. Ou seja, ele vai participar da linguagem passivamente. Ora, se você prefere ou mandá-lo calar a boca ou dar um agrado ou dar outra coisa qualquer, você vai tentar fazer dele um imbecil. Vamos supor que ele quer um par de tamancos e você lhe dá uma balinha; você está ensinando- o a ser confuso.

Bem, prestem atenção, que aqui tem mães e são principalmente as mães que ficam em contato com as crianças. Em geral, as pessoas pensam que os grandes problemas das crianças vem da esfera puramente afetiva. Mas isto aqui é muito mais grave; pode gostar do seu filho quanto você queira, mas se você o está pressionando numa comunicação deficiente, ele não tem jeito, ele está lascado. Quer dizer que falar, compreender a criança, fazer um esforço monstro para compreender o que ela está querendo dizer e não pode é o dever número um. Tão logo a criança começa a falar, você tem que ajudá-la a falar. Mas em geral a preocupação com o bem estar físico, a higiene, a saúde física e, no máximo com o emocional tomam uns 99% a 100% de interesse das mães. Isso está errado. Tudo o que a criança quer na vida é deixar de ser criança, esse ímpeto de progredir, de aprender é feroz, o ímpeto de se superar numa criança é violentíssimo, é a coisa que ela mais quer, e você tem que ajudar nisso, ela não pode ir sozinha, de jeito nenhum.

Então, veja que se a criança está suja, não almoçou na hora certa, tudo isso não vai fazer mal a ela, isso é mais uma questão de imediatismo, de comodidade às vezes da própria mãe, que quer, talvez, que ele coma na hora certa, porque ela não quer fazer o almoço depois e acha que a criança vai compreender essas rotinas. Ela vai ter tempo para aprender tudo isso, mais tarde, por exemplo, você quer fazer com que a criança coma quando todos sentam-se à mesa; bem, se você deixar a criança sozinha, mesmo que ela não queira no momento, mais dia menos dia, ela acaba comendo aquela hora, é inevitável, não precisa fazer esforço para que ela coma na mesma hora que os outros.

Mas este outro negócio requer esforço, um esforço de interpretação, de complementação da linguagem da criança. Por exemplo, eu acho que, muitas vezes, quando a criança faz um esforço para dizer algo que ela quer e finalmente consegue, ela deve ser premiada. Ela deve receber um prêmio para que aprenda a falar,ao invés de gritar ou chorar. Forçá-la assim: "diga o que você quer; ela fala de um jeito e você reponde "não entendi, explica de novo" ; na hora em que ela consegue, você se compromete a lhe dar o que ela pediu, por menor que seja, uma folha que seja, senão, de todo este trabalho de opinião de ferro, não valerá a pena eu me comunicar, evidentemente. Então você está ensinando o sujeito a continuar berrando, em vez de tentar falar.

Mas geralmente é o contrário, quando a criança pede educadamente, ela ainda não encheu o saco suficientemente e então o pai e a mãe negam, e quando ela berra e se joga no chão eles dão para que ela pare de berrar, êpa! Estão entendendo ? Você está descivilizando a criança. Então, a norma deveria ser ao contrário: aos gritos, nunca, nada. Nunca ceder perante o grito, mas sim perante uma palavra, mesmo que ela esteja deitada: deitou, mas falou.

Então, esta cisão de razão e memória é o primeiro desvio. Bem, a partir daí, nós vamos ter que interpretar o funcionamento da razão do indivíduo, levando em conta esse duplo discurso: onde existe um discurso racional, na superfície existe um discurso analógico, simbólico, verbal e aí a coisa complica formidavelmente. Isto quer dizer que, tendo à sua frente um mapa, um horóscopo, e você vendo uma posição do planeta Saturno, o mundo racional do indivíduo pode estar organizado a partir daquele ponto de uma maneira inteiramente irracional, inteiramente analógica. E daí, só vai restar interpretar o comportamento do indivíduo, interpretar como psicanalista interpreta sonhos, aí entramos no mundo mágico onde os canos de ferro são pêndulos etc... É o mundo da loucura, evidentemente.

Então, por exemplo, para o indivíduo que tem Saturno na 4 é muito natural que o problema das suas origens, o problema de ele um dia não ter sido nada e um dia ele ter surgido para a existência é um problema grave; este sujeito talvez chegue aos 40 anos pensando de onde vêm os bebês. Porém, ele não fez esta pergunta e, sobretudo, não sabe que é com ela que ele está preocupado agora. Ela pode ter uma infindade de outras perguntas e sobretudo pode ter maneiras analógicas, simbólicas de atender a pergunta; uma delas é ele permanecer apegado ao passado, porque é lá que está a pergunta. Veja, um indivíduo com Saturno na 4 não precisa ser mais apegado ao passado que qualquer outra pessoa, apenas que o fio da meada está lá. Assim como um indivíduo com Saturno na 1 pode olhar no espelho, muitas vezes, estranhar

a sua cara, não porque goste dela, mas porque é lá que está a pergunta. as qual é esta pergunta ? Você já não lembra mais, você já fez uma confusão monstro em cima desta raíz de todas as perguntas. E sobretudo quanto mais o assunto foi transferido da esfera da razão para a esfera da memória, mais indiretas vão se tornando as maneiras de tratá-las e respondê-las e, sobretudo, cada vez menos vão sendo maneiras intelectuais e cognitivas e cada vez mais vão sendo necessidades existenciais e se expressam ao nível do comportamento.

Portanto, nós podemos concluir que numa pessoa onde o desenvolvimento da razão seguiu mais ou menos quanto possível a linha ideal, a posição de Saturno não deverá indicar comportamentos muito significativos; onde o dilema da razão seguiu a linha ideal, a posição de Sturno não indicará tanto comportamentos externos, mas comportamento. {Fim do lado A}...

Da memória, aí então pode ter sido trabalhado de maneira simbólica, carregada de uma carga afetiva, perfeitamente extemporanea, e se traduzindo em comportamentos mais ou menos compulsivos.

Por exemplo, se o sujeito tem Saturno na 1, e aos 30 anos de idade permanece tímido, ainda não tem naturalidade nos seus gestos, no seu comportamento, então é sinal de que ele está buscando uma resposta no campo existencial, está buscando ser ou fazer alguma coisa e não saber. O que quer que você faça, sinta, experimente, vivencie, não lhe responderá a pergunta nenhuma, porque responder perguntas é uma atividade da inteligência, atividade cognitiva e só pode ser atendida na esfera cognitiva.

Então, quanto mais próximo da linha ideal está o desenvolvimento da razão, menos ele equivale a comportamentos na esfera existencial (emocional, etc.) e mais equivale a traços intelectuais daquele indivíduo.

Normalmente, a posição de Saturno deveria apenas interesses intelectuais predominantres, sem se repetir necessariamente em comportamentos muito marcados. {P:} Um ato não responde a uma pergunta, somente uma resposta responde a uma pergunta, não é ? Quer dizer, o agir é o contrário do padecer, é o contrário do não agir, mas não é o contrário do não saber. Assim, nunca insistiríamos demasiado neste ponto: a casa onde está Saturno é a casa onde se faz uma pergunta formidavelmente estranha. Esta pergunta é para você a pedra angular em cima da qual você constrói a sua imagem racional como uma esquemática vazia. Para ela começar a operar, tem que operar em cima de alguma coisa concreta, real; ou seja, a descrição do mundo tem que começar por algum pedaço do mundo. É este pedaço que está indicado pela casa onde está Saturno.

Porém, a coisa complica porque, em primeiro lugar, uma parte da pergunta é devolvida à memória e é trabalhada de maneira analógica, simbólica; como dizia Freud, ou seja, existe o inconsciente freudiano, o inconsciente que é fruto não simplesmente da ignorância, (como é esta outra parte que nós estávamos falando) , mas é fruto da repressão. Não acredito que esta repressão vise somente a esfera instintiva, sexual; se abrangesse só isso seria uma moleza tratar, porque todos os conteúdos do inconsciente você já saberia mais ou menos de que natureza são, é só você procurar lá a chave sexual no fundo e mataria a charada. Mas eu acho que não é assim, eu acho que muito mais conteúdos, além dos instintivos, sexuais, podem ser repelidos para o subconsciente, por motivos puramente casuais, como por exemplo estes que eu estava citando, no caso da criança que começa a falar e que uma certa pergunta, uma certa palavra se torna, por assim dizer, proibida, por uma contingência, por uma casualidade; a partir daí, quando (e isto aqui é um ponto também decisivo) a pergunta fundamental é jogada para a memória e continua a ser tranbalhada analogicamente.

E é aí que a própria razão como função adquire uma personificação mitológica na cabeça do sujeito. A partir do momento onde o conteúdo da razão é devolvido para a memória, começa a ser trabalhado pela imaginação e memória; a partir daí, a própria razão se torna um personagem no subconsciente. Que personagem ? Muito simples, a razão vai representar a minha capacidade de auto-regulação, portanto representa a minha auto-conservação, a minha defesa, a minha capacidade de me defender e representa o meu poder.

E a partir do momento onde o sujeito não consegue desenvolver normalmente o seu poder que ele começa a operar em nível subconsciente os símbolos de poder, os símbolos da razão. Compreenderam a importância terrível desse negócio ?

{P: atribui a um outro..} Exatamente, (a potência que está nele) Claro, projeta esta potência num indivíduo, em símbolos colocados fora dele, por exemplo o pai. Eu näo tenho o poder de auto-regulação suficiente para eu fazer o que eu quero, não é isto ? Eu me sinto impotente perante o mundo exterior e perante os meus próprios estados interiores, näo me governo a mim. Porém, existe um outro sujeito que está colocado lá fora e que näo parece ter esses dramas que eu tenho, ele parece dominar as circunstâncias perfeitamente e tanto domina as circunstâncias que domina até a mim e me dá ordens. Portanto, ele é a razäo, ele é a auto- regulação, ele é a auto-conservação, ele é o poder. E aí surge, então, todos os símbolos saturninos do pai.

Veja, pai é uma coisa que entra na vida da criança relativamente tarde; a mäe já entra na história dele antes dele nascer, ele já está na barriga da mäe e nasce. Se o pai gerar o filho e for embora, ele não faz a menor falta, a mäe näo precisa do pai para continuar a gestação. Portanto, o pai gera e pode, na prática, voltar. Agora, se ele não tiver a mäe que o carrega durante nove meses, ele não nasce. Então, o pai gera e sai da história e vai voltar mais tarde, porque durante o primeiro ano de vida a criança praticamente nem sabe que isso existe. O pai volta a entrar em cena quando começa o aprendizado da linguagem e logo ele se transforma no símbolo da razäo e do poder.

Então, näo sendo capaz, eu mesmo, de resolver o que eu preciso resolver, de obter por minhas próprias forças o que eu quero, aprendo que existe um outro sujeito poderoso, racional, fora de mim, que domina as circunstâncias e me domina a mim mesmo e passo a temer a ele. Mas note bem, o pai não é a sua razäo, ele não é a sua auto-regulação, ele não é o seu poder, ele apenas o simboliza dentro de você.

Porém, para o indivíduo, que já se inibe em ver o pai, que tem no andar de cima um computador lógico e embaixo um computador analógico, (para ele) a confusão entre a razäo e o pai pode continuar por longos anos a frente. E este indivíduo se tornará incapaz de colocar os problemas da sua auto-regulação sem referência do pai. Mas e se ele näo tivesse o pai ? Você foi criado só com a sua mäe numa ilha deserta. O que você iria fazer? {P: uma tempestade...} Não, a sua auto-regulação vai prosseguindo, a mäe não impede isto, ela não pode fazer isto. Por que a mäe não pode ? {P: ele representa o poder numa outra coisa ...} Que outra coisa ? A mäe não pode. (talvez introjetasse algum elemento da natureza) Mas a tempestade não parece agir logicamnete. Bem, depois de longos anos de experiência, talvez ele conseguisse, por abstração, captar algo vago, como a ordem natural. Mas é muito mais difícil você perceber a ordem natural do que a presença de seu Fulano, seu Ciclano que você chama de pai. Portanto, o padräo de racionalidade do mundo, das duas uma: ou virá simbolicamente através do pai, ou ele terá que encontrar esse padräo.

{P: por que a mäe não pode ?} A mäe não pode porque é o próprio sujeito. A ligação dele com a mäe é muito íntima, é de ordem física. A mäe não é um elemento exterior. Não é elemento estranho. (Ela não se ausenta). Ela não está fora do sujeito: não é porque ela não se ausenta, vocês não estäo entendendo, você veio do corpo de sua mäe, é um pedaço do corpo de sua mäe, é e será sempre, não existe alteridade, mesmo que ela se ausente, não é um problema da frequência da presença. O pai pode estar mais frequente que a mäe, ela sai para trabalhar e o pai fica em casa, nos EUA isso acontece muito. {... por questões biológicas}. Sim, você não pode mamar no seu pai. Mas não é por um fator posterior ao nascimento, você veio do ventre de sua mäe, você continua a funcionar no rítmo orgânico da sua mäe. Longos anos à frente; as suas necessidades, os seus sentimentos säo mais ou menos concomitantes com os dela. Qualquer mudança tipológica da sua mäe se reflete na sua cabeça imediatamente, mesmo que ela esteja a kilômetros de distância, você funciona que nem um relógio sincronizado com a mäe. Portanto, não existe alteridade. Se a mäe pudesse algum dia representar a razäo, seria muito mais tarde, porém, se a mäe fizer isso, ela terá que representrar uma duplicidade de papéis: ela representa, de um lado, a sua origem, ou seja, você mesmo, e, de outro lado, a ordem externa. até aqui

O que caracteriza o pai é que ele não tem esta ligação orgânica com a criança, e que ele vem de fora. Ele é um outro, a sua mäe não é um outro. {dúvidas}. A primeira coisa que você repara no seu pai é que ele domina a situação, esta não é a primeira coisa que você repara na sua mäe. O caráter específico que marca o pai é o primeiro dado importante que você fica sabendo a respeito dele, é que domina a situação, domina a sua mäe, domina você, pelo menos você ele domina. A sua mäe também pode te dominar, pode dominar muito mais do que o pai, pode até dominar o pai, mas não é por aí que você a viu primeiro. Antes de você saber isso a respeito dela, você ficou sabendo um monte de outras coisas, você sabe até o gosto dela, você mamou nela, você se alimentou no corpo dela, não é isto? Veja quanta coisa você já sabe da mäe, antes de

você saber que ela domina a situação, que ela organiza a casa etc, etc. Você vai saber disso muito mais tarde. E do pai? Você näo sabe nada. O primeiro dado a respeito dele que você toma conhecimento já é um dado que não é biológico, mas é sociológico. Por isto que ele entra muito mais facilmente como símbolo da razão do que a sua mäe, por mais racional que seja a sua mäe e por mais irracional que seja o seu pai. Por que? Você tomará conhecimento dos seres pelo impacto que eles tiveram em você; e a sua mäe, antes dela ter esse impacto sociológico, já teve um impacto biológico muito mais intenso. Nenhuma impressão que você tenha da sua mäe conseguirá se superpor, por exemplo, à impressão do cheiro, do gosto que está cravado fundamente na sua memória. Esse contato físico profundo com a mäe, mesmo que você seja separado da mäe no instante do nascimento, esse já é o primeiro dado que você tem a respeito dela, você já conhece a sua mäe nove meses antes de você nascer, de muito perto. Por isso, então, ela já tem uma outra função; e o pai näo, o pai sempre teve nenhum contato mais profundo. A primeira coisa que você repara nele já é o que? Uma função dentro da família. Por causa disso, então, é normal que o sujeito projete no pai essa sua auto-regulação. Portanto, você está acostumado a lidar com a sua mäe em todos os pontos onde você não tenta uma auto- regulação. Assim, primeiro existe a mamäe, depois existem os meus primeiros passos no sentido de uma auto-regulação, que começam, por exemplo, quando você aprende a andar, aprende a ir sozinho ao banheiro etc, etc. Esta auto-regulação fracassa em certos pontos onde näo é suprido pela mäe. Por exemplo, você deseja pegar algo que está no alto do armário e não consegue de jeito nenhum. Este não é um caso como o de você chorar só porque está com fome e sua mäe te dar mamadeira. Você não precisa fazer um esforço consciente para obter a mamadeira. Isto quer dizer que a sua mäe entra mais como um símbolo da sua dependência, não do seu poder. Ou seja, a mäe não entra como centro de poder alheio.

O pai, ao contrário, a primeira coisa que você fica sabendo dele é que ele tem algum poder sobre você. Por isto mesmo, veja, o indivíduo tem um princípio de auto-regulação com ou sem pai, ele näo precisa de pai para ter auto-regulação. Ele poderia se desenvolver racionalmente sem pai. A orfandade näo traz a irracionalidade. Ao contrário, tem muita gente orfã que depois virou matemático, filósofo. {dúvidas}. Bem, você não precisa de pai nenhum, poderia teoricamente desenvolver a sua auto-regulação copiando, por exemplo, o padrão da causalidade natural e acompanhando e tentando se adaptar às situações e aprendendo, aprendendo e aprendendo e, no fim, você formaria um quadro racional. Poderia até levar mais tempo. O pai lhe dá, em parte um sistema racional pronto, na medida em que ele lhe dá ordens e mantém essas ordens com uma certa regularidade; isto é o máximo que ele faz. Porém, näo é por isto que ele se torna importante. Ele se torna importante porque você, sendo insuficiente, você imagina que ele é suficiente. Tudo aquilo que você näo consegue fazer ele consegue. O domínio, que você desejaria ter, ele tem.

Isto significa que daqui por diante existem duas razöes entre aspas operando no sujeito. A razão efetiva, que está na consciência dele, e o símbolo da razão, que está na memória e imaginação. Daí para diante, ele muitas vezes esperará do símbolo algo que somente a razão pode fazer tudo isso do qual lhe falei. Por exemplo, quando um indivíduo achar que ele ser bonzinho, obedecer ao pai pode desencadear um efeito físico, por exemplo, "eu quero obter algo, mas ao invés de eu fazer um esforço racional, eu vou fazer um esforço afetivo, vou agradar o meu pai", e aí o indivíduo aprende a obter as coisas por mágica e näo pela razäo. Todos gestos, figuras, as expressöes etc, etc, que ele copiar do pai representa o que? Uma tentativa de parecer racional e poderoso a seus próprios olhos, mas não de sê-lo efetivamente. Na casa onde está Saturno, portanto, você verá um monte de cacoetes de imitações de racionalidade, de imitações de poder. Ou seja, o indivíduo tentará imitar esta figura, imitá-la positiva ou negativamente, pouco importa, de maneira a sentir que tem o poder. Mas justamente na medida em que ele faz isto, ele está abdicando do seu próprio poder.

{P: ....} Não pode, é o pai; não interessa se é o pai de carne e osso ou se é alguma pessoa que desempenha o papel de pai, mas na melhor das hipóteses se näo houver uma figura paterna nenhuma, nenhuma, o indivíduo terá que, por abstração, se for um gênio, captar algo como sendo a ordem cósmica, a lei, Deus, qualquer coisa assim; é muito mais difícil.

Porém, a razão está presente no indivíduo, está presente como potência, e ele supöe que existe alguma outra instância, alguma outra figura a qual näo existe como potência, e sim como ato. Então, o pai tem efetivamente a racionalidade, o poder de auto-regulação que eu tenho em potência. Na hora em que o

sujeito capta isso, ele não está na falsidade, o pai, de fato, é mais racional que ele, o pai, de fato, tem mais auto-regulação e mais poder do que ele; porém, o impacto desta figura sobre ele se deposita, por assim dizer, na sua memória, e a memória e a imaginação confunde o que que é a imitação e o símbolo da racionalidade com o exercício efetivo da racionalidade.

Isto é a origem de todas as piores qualidades do ser humano, quando ele tenta parecer Deus, ou parecer pai, e acredita que fazendo assim ele está adquirindo algum poder. Na verdade, ele está se afastando da razão e está seguindo o procedimento de ordem mágica, imitativa, onde pela imitação de uma figura, procura desencadear um efeito externo. {...} Não, aí é que ele estaria muitíssimo enganado, porque a razão é uma só para todos os seres humanos, 2 + 2 dá 4 para todos os seres humanos, a razão é impessoal e é justamente esta impessoalidade, universalidade que ele deveria copiar e não o seu próprio pai, não a figura do pai. O pai, cada um tem um, algum tem dois ou três, mas sempre será um número finito, limitado, igual uma figura concreta e particular. A imitação de uma figura concreta e particular jamais ligará você com a universalidade da razão. Por isto mesmo, a função educativa do pai consiste em ele ser a ponte entre aquele indivíduo e a universalidade da razão, em apagar seu (rudimento?) por trás da razão e da lei universais, ou seja, impor a sua figura como modelo.

Quer dizer que o pai está ali para o garoto como um representante da razão. Note bem, eu represento a razão para aquele moleque que está ali, faça eu o que eu fizer, por mais irracional que eu seja, para ele eu sou o símbolo da razão. Ora, ser o símbolo da razão não é pouca coisa, pois é um poder formidável, porque sua vontade é lei. O que quer dizer que a vontade do pai é lei? Significa que ele funciona para todo garoto como uma máxima universal, válida em todos os casos. Por exemplo, se um dia o pai disser "comer sorvete faz mal", isso significa que se a criança ver qualquer pessoa, em qualquer lugar, situação ou instância, comendo sorvete passará mal; a criança politiza as ordens do pai, porque ela não o ouve como a um indivíduo, mas ouve como se fosse a voz da razão. Portanto, nesse sentido, o que cabe ao pai? Cabe ser de fato racional, ser universal. Por que? Porque se ele impõe ao filho regras arbitrárias, por exemplo, essa do sorvete, todas as regras serão universalizadas na cabeça do garoto. Se ele disser que 2 + 2 é 5, 2 mais 2 passa a ser 5. Aí mais tarde ele pode odiar que seja cinco, mas ele vai continuar acreditando, não racionalmente, mas na memória e imaginação, que é o decisivo. E ao pai que eles obedecem; se o pai é racional e lógico, e é racional e lógico para e naquilo que transmite à criança, tudo bem, a criança também será, e a ponte dela entre a sua situação de criança e a razão universal está facilitada. O pai é uma ponte, o pai é como se fosse o guru, o guru inicia-a apenas, leva a criança através das várias etapas até a conquista da razão universal. Mas na posição de guru, ele pode iludir a criança e de fato ele o faz sem perceber, não sabendo que ele é um guru, não sabendo que o que ele fala é lei. Então daí, o primeiro conselho para os pais: dê o número mínimo de ordens, mas mínimo, não de ordens ocasionais, só de ordens constantes, refletidas e que possam efetivamente funcionar como máximas. Se você falar "não faça isso", virará uma máxima, será generalizada, e você é a razão e a razão é a generalidade, razão é universalidade, você baixa leis, você não dá ordens particulares, como a mãe, você forma a jurisprudência. Então, o pai é como um tribunal de segunda instância, que deve ser consultado raramente, só em ações importantes. Ele deve falar pouco, porque, aquilo que ele fala tem muito peso, ele deve estar presente, mas deve ordenar pouco, deve dar poucas ordens, nunca deve voltar atrás e não deve impor o seu estado emocional à criança. Quer dizer, nunca é quase impossível, sempre escapa alguma coisa, mas o pai deve estar consciente da posição elevada que ele ocupa perante a criança.

A mãe da criança é como se fosse o seu próprio corpo, ela mesma; então, por isso mesmo as ordens da mãe não tem tanto valor porque não são ordens; as ordens da mãe são sempre vistas como desejos de uma pessoa mais forte, não tem valor de lei, nunca tem para a criança, porque ela está demasiada ligada com a mãe. Então, se a mãe quer uma coisa e ela quer outra, a criança sente isto como uma divisão de vontades dentro dela mesma, um conflito emocional; por isso mesmo que a palavra da mãe nunca tem tanto peso, porque se a mãe diz não, é como se um pedaço da criança mesma dissesse não, então ela está dividida, está com problemas; mas se o pai fala não, aquilo é uma ordem que veio de fora, veio de cima, é uma ordem cósmica que está falando com ele; então ela vai o que? Ela vai absolutizar este não. Se ela concordar com o não, muito que bem, se não, significa que ela já está condenada pela ordem cósmica, a partir desse momento; por isso mesmo que a interferência do pai não sabe o desastre que está fazendo. A criança não vai aguentar, vai ficar cheia de jurisprudência na cabeça; então, crianças criadas sem pai, às vezes, são crianças desordenadas, são rebeldes, e as criadas sem mãe são fracas e covardes. A mãe dá a energia para a

criança, dá a vida, a coragem de viver vem dela; então, é como dizer "você será tão corajoso quanto a sua mäe e tão inteligente quanto o seu pai".

Então, por que a criança criada sem pai fica desordenada? Porque nem todo mundo é gênio para captar uma ordem cósmica abstrata, você precisa de algum símbolo para passar por esta; então todo homem precisa de um pai, precisa de um símbolo, mas a função do símbolo, o que é? Torna-se transparente. A função do símbolo é anular-se, enquanto símbolo, para deixar vir por trás de si a coisa que ele simboliza. Eu estou aqui como seu guru, o seu guru transmite o que? A lei universal.

...

A função do pai é a mesma de um professor, que tem que transmitir algo que näo é ele mesmo, mas algo que está atrás dele. Um professor de Matemática, por exemplo, está lá para ensinar a Matemática que ele quer, do jeito que ele gosta, ou a Matemática como ela é? O professor de Biologia tem que ensinar o que säo os seres vivos, animais, plantas, e näo ensinar ele mesmo.

É a função de um guru, ou seja, a função de símbolo, de transparência. O pai deveria ser transparente, de maneira que por trás da personalidade dele se visse a lei, a ordem social, a ordem cósmica.

A mäe, ao impor algo à criança, impöe um desejo, que pode ser um desejo contrário ao da criança. Mas isso será sentido pela criança como um conflito de desejos dentro dela, como se fosse a natureza se voltando contra ela mesma. Porém, um conflito com o pai näo é um conflito dentro dela, mas um conflito entre ela e o real, entre ela e o mundo, entre ela e a ordem, entre ela e a lei. Somente o pai condena, somente ele julga. O julgamento da mäe näo pesa para a criança como julgamento, mas apenas como uma adversidade. Quando a mäe se opöe a você, é como se o pneu do seu carro estivesse furado. É algo que naturalmente se opöe a você, mas näo tem valor de lei. Por isso mesmo é que a criança gosta muitas vezes de discutir com a mäe. Ela sente um certo prazer nisso, é como um exercício. Agora, se ela sentisse aquele "näo" como uma lei, ela teria medo de discutir. Qualquer criança, de qualquer sexo, geralmente tem muito medo de discutir com o pai, e näo tem tanto medo da mäe. Se ela tiver medo da mäe está "lascada", pois medo da mäe faz mal, e medo do pai, näo. Aliás, medo do pai é natural, faz parte das relaçöes com o pai.

Tudo isso é natural e säo. O que näo é tão natural e säo é o indivíduo continuar apelando para o símbolo da razäo, ao invés de desenvolver a razäo. Ou seja, continuar imitando, seja de maneira positiva ou negativa - porque você rejeitá-la ou lutar contra ela também é imitá-la - a imagem paterna, ao invés de desenvolver a razäo.

Quanto menos racional for o pai nas suas relaçöes, quanto menos ele transmitir objetivamente, transparentemente, a idéia de uma lei social externa, de uma ordem cósmica, e quanto mais ele impuser a sua figura, mais confuso você vai estar entre seu pai e a razäo. Então você vai achar que sendo bonzinho, por exemplo, você pode fazer dois mais dois dar cinco, porque você obedece ao papai. Mas você está obedecendo àquele papai concreto que você teve, e näo à razäo, e näo ao real.

Mais tarde, isso vai tingir, "borrar" todas as suas relaçöes com a ordem social, com a lei, com o aprendizado. Você escapou pelo caminho da irracionalidade. As consequências podem chegar ao nível da monstruosidade, porque, se o pai representa a razäo, a ordem, a lei, e se ao mesmo tempo a sua relação com ele é negativa, ou seja, o medo predomina muito sobre a confiança - isto aqui é fundamental -, se na relação com o pai o medo predomina muito sobre a confiança, acontece que mais tarde você só confia naquilo de que você tem medo. Aquilo que lhe pareça maligno, destrutivo, que lhe pareça dotado de um poder enigmático, feroz, destrutivo, que se volta contra você, lhe parecerá a própria encarnação da razäo.

É assim que as pessoas se tornam discípulas do Rejneesh, do Reverendo Moon, do Hitler, etcétera. Tornaram-se discípulas e confiam neles, porque näo os entendem e porque eles as atemorizam.

O Gurdjeff coloca o pai dele como o protótipo do educador, e a educação consistia em, por exemplo, jogar uma aranha no bercinho dele quando ele tinha três anos, fazê-lo correr pelado pela neve com vinte graus abaixo de zero, e assim por diante. E ele fala do pai como um grande educador, com humor diabólico. É possível que isso seja tudo mentira, que ele esteja montando uma imagem do que seria ser educado pelo Diabo. O Diabo, então é uma das figuras do pai. É o pai que näo fornece uma imagem da ordem, da lei universal. Ao contrário, é uma imagem do absurdo, do terror, do incompreensível. Porém, você só confia

neste, é só este que lhe parecerá racional.

Não adianta na esfera de cima, no "computador do andar de cima", você saber que tal coisa é irracional ou errada. Porque a sua razão individual lhe diz que dois mais dois é quatro, mas se o símbolo da razão, depositado no andar de baixo, lhe diz que dois mais dois é cinco, é muito difícil você acreditar que é quatro.

Desligar-se desta imagem de pai, substituindo-a pela imagem verdadeira de pai, é uma das tarefas mais difíceis. A noção de bem e de mal é colocada ali na imagem de pai. O indivíduo somente se livrará da falsa imagem da razão na medida onde ele mesmo obedeça à razão. Isso significa tomar a autoridade desse falso pai. Para colocar aonde? Nas mãos do seu dever? Nas mãos do seu sentimento? Não, nas mãos da sua razão. E a razão significa também ordem e disciplina. Ou seja, somente o indivíduo capaz de ordenar-se a si mesmo, disciplinar-se a si mesmo mais duramente do que lhe exige o próprio pai, se livrará dele.

Todo esse processo é vivenciado na casa onde o indivíduo tem Saturno. É esse o drama que ali se desenrola, e a interpretação do mapa é uma pista para você saber aonde foi perdido o fio da meada, e aonde é que você tem de continuar a raciocinar para exorcisar esse falso pai. Os traços disformes observados na casa onde o indivíduo tem Saturno estão todos referidos a isso, e só podem ser corrigidos se a pergunta for recolocada na linha cognitiva, saindo da linha existencial e emotiva.

Isso aqui é todo um sistema de Psicologia Genética, de Psicologia Evolutiva, e também o princípio de uma Psicopatologia, formada a partir da idéia do Trauma da Razão em determinado estágio do desenvolvimento.

Dá para entender, então, qual é a origem do fascínio pelo guru, o mago, aquelas figuras enigmáticas, maquiavélicas. Um cara como o Gurdjeff puxa as pessoas por este ponto: ele veste a figura do "pai malvado", aliás, do pai irracional. O pai autêntico pode ser até mais malvado, bater às vezes, exigir muita coisa, e ele pode até ser bonzinho, mas a sua especialidade é ser incompreensível, irracional. Na hora em que ele exerce a autoridade de pai irracional, você se joga de joelhos diante dele. É assombrosamente fácil dominar as pessoas assim. O que ele quiser virará norma. Você não pode voltar a sua razão crítica contra o símbolo da razão, você está de desarmado. Você não pode raciocinar contra ele, porque ele é o fundamento da razão.

Não se pode fazer nada, nem pelo método analítico. Tal método só funciona porque entra um pai substituto, o analista. Na medida em que você vai conversando com ele, ele vai reordenando a sua psique, ele assume a autoridade do pai. Mas pode ser que ele também seja um "guruzão", e aí é uma tragédia.

Você tem que dizer adeus ao pai de carne e osso e, se não houver um outro pai melhorzinho para idealizar, você tem que começar a se referir a Deus-Pai, ou ideal do pai, a uma figura mitológica, divina de alguma maneira. Todas as figuras mitológicas que representam uma força positiva não são nada mais do que o impulso do ser humano de reencontrar uma figura simbólica que neutralize o pai maligno, ou Satanás. A razão em si mesma teria força para isso, mas nós não temos, porque não nos motivamos por idéias abstratas, mas por imagens. A imagem atrai o desejo, e o desejo atrai a vontade. Para o indivíduo ser racional, ele precisa ter uma imagem de racionalidade que possa copiar. Ele tem que ter vontade de pensar. É por isso que você não pode voltar a sua razão crítica contra o pai maligno, porque só ele coloca a sua razão em funcionamento, no sentido que ele quiser. É por isso que pessoas que caem nas malhas desses gurus nunca conseguem se libertar dele, nem que pensem tudo contra ele. Você pensa, mas é a sua razão individual que pensa, e ela não tem a força da autoridade. A sua é uma razão potencial; a dele é vista como atual.

Uma das técnicas usadas pelo guru pode ser a de desacreditar as imagens paternas autênticas, os sábios. O sábio é um indivíduo que ensina a razão universal, é uma figura transparente. Se a imagem do sábio for tirada ou apagada de uma sociedade, ocorre a perda de uma poderosa defesa contra o mal. Entretanto, a nível individual geralmente nem é necessária essa técnica, pois o sujeito já está fixado na imagem do pai mau, e é só a ele que obedece. O indivíduo já se prosternará ao guru na primeira ocasião, sem que seja preciso fazer mais nada.

Ao contrário do que dizem todos os autores religiosos, eu não acredito que a prática da religião defenda contra isso. Nada defende contra isso, pois isso é o imprevisível, o incomensurável. Pode acontecer de toda

uma casta religiosa incorporar o pai maligno. Não só pode acontecer, como de fato aconteceu muitas vezes na história.

"... a dureza do coração; os movimentos da Graça; as circunstâncias externas". (Pascal)

Até hoje eu penso que frase Pascal queria concluir com esses três elementos. Mas é a solução para este problema todo: A dureza do coração é justamente o fechamento do indivíduo para a razão universal. Os movimentos da Graça é aquilo que Deus resolver fazer por sua própria conta, o que é absolutamente imprevisível. E as circunstâncias externas é o que aconteceu na biografia do sujeito. É isso o que vai decidir a parada.

A melhor defesa contra tudo é uma boa imago paterna. Imago é uma imagem carregada de afetividade positiva ou negativa. Uma boa imago paterna é tênue, não ocupa muito espaço, é transparente e deixa ver as coisas como são. O pai deve, assim como o professor, procurar ser o canal neutro por onde passe o objeto, o soberano deve ser o objeto. Quanto mais precocemente ocorrer essa distorção da racionalidade, mais difícil é o indivíduo se encontrar depois.

Na interpretação da casa onde está Saturno há uma elasticidade que ocorre dentro de uma determinada linha de desenvolvimento que, ou foi bem, ou foi mal, ou foi mais ou menos. Existe uma sequência de interpretações possíveis dentro de uma única linha de desenvolvimento, com três extremos: Primeiro, o desenvolvimento ideal. Segundo, o pior desenvolvimento possível. Ou seja, aquele Saturno que está inteiramente projetado no papai, que nada tem a ver com a ordem cósmica, nem com a razão. Terceiro, o caso intermediário. Vocês verão que todas as interpretações possíveis estarão ao longo desta linha. E toda essa problemática será vivenciada pelo indivíduo na linha daquela casa, é ali que aparecerão os sintomas, os talentos, os benefícios ou malefícios.

Numa sociedade mais homogênea, onde as regras são conhecidas por todos, é mais fácil o indivíduo ser pai. Ele se torna transparente, as regras da sociedade passam mais facilmente através dele. Numa sociedade mais complexa, onde existe a coexistência de códigos morais diferentes, o pai teria que usar o seu discernimento pessoal para alcançar essa universalidade nos valores que transmite. Isso é dificílimo, pois os indivíduos neste sentido são proverbialmente burros. Por isso é que sociedades estáticas, que não progridem, produzem às vezes mais pessoas saudáveis do que sociedades que progridem. Isso não quer dizer que eu prefira sociedades estáticas. Não tenho esse saudosismo. Apenas é mais fácil ser pai nesses contextos, pois um faz igualzinho ao que o outro faz.

E aqui? Aqui o pai tem que tomar uma infinidade de decisões pessoais na educação de seus filhos, para as quais não está absolutamente preparado. A sociedade é mais complexa, em cada bairro, cada família, você tem dez ou quinze códigos morais diferentes. Para o pai educar o filho, é necessário que primeiro ele mesmo se ache no meio dessa confusão.

Por tudo isso, todas as interpretações do tipo "mágico", maligno, dadas ao planeta Saturno, não deixam de funcionar, pois a humanidade é muito burra. "Saturno é o carma" - não deixa de ser, porque você é um cretino. Isto é gravíssimo.

AULA 56

A interpretação quanto à posição de Saturno deve ser um processo regressivo, no qual você parte do estado atual de -- traços de personalidade -- e vai remontando até o traço de caráter. O traço de caráter é o que você, astrólogo, vê no mapa; se você o disser ao indivíduo, tal e qual, dificilmente ele vai se reconhecer. O que você vai ter que pegar é um traço de personalidade que o indivíduo reconheçe em si, que ele saiba e que é. Este traço de personalidade não é o que aparece no mapa, mas uma redução do cruzamento entre o traço de caráter e a biografia. Você tem que fazer uma decodificação dessa biografia, remontando até o traço de caráter. Por isso mesmo a técnica de entrevista é uma coisa muito complicada e não sei se vou conseguir ensiná-la. Na verdade, como transmitir isso àquele indivíduo em particular, não tem como ser explicado; nenhum curso pode dar isso. No máximo, dou a teoria e a técnica, porém a prática só vem com a prática.

A nossa técnica é de tal maneira que, você lendo o horóscopo ou para um outro técnico da mesma coisa ou

para um observador isento, ele reconhece o que você está falando. Mas para o próprio indivíduo se reconhecer nisso é às vezes um pouco difícil. Funciona um pouco ao contrário da técnica astrológica corrente, que tem grande credibilidade para o indivíduo. Tudo o que o astrólogo fala é parecido com o que o sujeito é, no que ele se reconhece, o que é algo enganoso. A interpretação astrocaracterológica pura não se parece com o que o indivíduo sabe de si, mas se parece com o que os outros sabem dele. Se você descrever seu mapa para dez testemunhas que o conhecem, essas pessoas dirão que ele é realmente assim e o indivíduo somente concordará com isto, se reconhecerá naquele desenho, se estiver disposto a se examinar, a contar a sua própria história e assim por diante.

Toda esta dialética deve ser usada por vocês não para repetirem isto para o cliente, mas para vocês remontarem a corrente em sentido inverso. Isso é para orientação sua, para vocês saberem o que está se passando e como o indivíduo se transformou desde o traço de caráter até o traço de personalidade que você enxerga nele agora. Vocês que terão que decodificar tudo isto em sentido contrário.

Falamos já da ruptura inicial entre razão e memória. Ao longo de uma vida, esta ruptura pode se acentuar mais ainda, devido à educação e devido ao desenvolvimento de aptidões "racionais", por assim dizer, especializadas, que são efetivadas somente pela parte racional sem nenhuma referência à memória e à experiência real do indivíduo. Por exemplo, o indivíduo entra na escola e vai aprender matemática. A matemática é uma disciplina que em si mesma é racional; na sua estrutura interna ela é racional. O que não quer dizer que ela vai ocupar uma função racional dentro da estrutura do indivíduo. Se a mente já está cindida -- a parte de baixo, memória e imaginação e a parte de cima, a razão; se já estão, uma indo para baixo e outra indo para cima -- o ensino de matemática vai fazer a parte de cima se afastar mais ainda, afastando mais ainda o indivíduo da sua experiência própria. A matemática vai aumentar o poder estruturante do indivíduo. A razão é a estruturação da experiência. Ela é como uma forma que vai colocando, ordenando a matéria que está na experiência e na memória. Mas chega um momento onde a forma vai para um lado e a matéria vai para outro. Se, pelo ensino da matemática, você aumenta o poder de formalização e estruturalização do indivíduo, não quer dizer que ele vai aplicar isto sobre os conteúdos da memória.

Alquimicamente falando, essas coisas correspondem ao que se chamaria o enxofre e o mercúrio. O mercúrio, na alquimia, representa um caos de possibilidades, um caos de potencialidades, que equivaleria à memória. Mas aí entra um elemento que tem poder estruturante, que dá forma, estrutura, e que é o enxofre. A mistura desses dois dá o sal - como se fosse o cristal. Se o enxofre não entrar em contato com o mercúrio, não adianta aumentar a quantidade de enxofre; se a mente está cindida, se a maior parte da experiência do indivíduo já não está sendo organizada pela razão, se a atividade desta já está dissociada da experiência real depositada na memória, então não adianta aumentar a quantidade de recursos, de instrumentos racionais que o sujeito tenha.É até o contrário: uma educação que fosse realmente séria deveria não puxar pela racionalidade do indivíduo muito além da sua experiência real. Isto quer dizer que só quando o indivíduo demonstrasse o domínio da esfera de experiência que ele já tem que você daria a ele um pouco mais de elemento racional.

Por exemplo: um garoto de 12 anos, que não tem os instrumentos linguísticos para expressar sua experiência interna, e você enche a cabeça dele de matemática. O que vai acontecer? A parte racional vai se estruturar a si mesma, ficando cada vez mais independente da experiência e, no final, a razão só servirá para ele estudar matemática e tirar dez na prova. Mas, para ele pensar a respeito do que lhe acontece, não servirá - é assim que você faz o esquizofrênico. Então, o que importaria, no caso, seria você ir ajudando o sujeito a estruturar a experiência que ele já tem. Dito de outro modo: o aumento das aptidões racionais do indivíduo deveria ser precedido de uma ampliação de um recurso linguístico. Se dependesse de mim, o que eu ensinaria a garotos de 12 anos? Só literatura e história, e linguas, durante bastante tempo. Na hora em que o sujeito soubesse umas seis línguas, fosse capaz de se expressar e dizer o que se passa, contar os episódios, adquirir a aptidão narrativa, aí, sim, poderíamos ensinar um outro negócio.

É a linguagem que vai fazer essa transição do imaginário para o racional. Mas, se a linguagem é pouca e você vai ensinar uma outra "língua", uma língua racional e especializada, que não serve para a expressão da experiência real tal como a matemática, então você dançou: a parte do raciocínio lógico-matemático é o último que deve ser ensinado. Deveria ser ensinado, por exemplo, música, línguas -- artes, de um modo geral, mas principalmente a linguagem. Porém não a linguagem especializada, como a geografia, história,

matemática, mas a linguagem com a qual os indivíduos se comunicam o tempo todo (ao contrário da música, por exemplo, que é uma linguagem especializada, com a qual alguns indivíduos se comunicam com alguns outros em certos momentos). O fundamental é ensinar a falar, ler, escrever e ouvir. Quando o indivíduo estivesse estruturado, haveria uma ligação entre seu mundo racional e sua experiência. Pois seria muito difícil, partindo de estudos especializados (como a Física, por exemplo), conseguir sintetizá-los com a sua experiência subjetiva, pois näo há transição entre essas duas coisas.

É muito difícil ir para frente nesses estudos, isso em geral ocorrendo quando o sujeito tem uma aptidäo excepcional para alguma dessas matérias. Como é dificil haver um progresso uniforme em dez disciplinas, o jeito é ensiná-las em série, puxando uma outra, por assim dizer: no ensino da língua, você tira a poética; desta, os meios de expressäo (a língua e a organização puramente imaginativa da experiência); daí você tira a lógica, como crítica da experiência; e da lógica, você puxa a matemática.

Mas isto são coisas que jamais serão postas em prática: agora, não dá mais tempo. Faz pelo menos 500 anos que esse negócio está assim. Acho que ninguém, nunca, foi ensinado direito: o ensino sempre foi uma coisa desprezada. Você vê que até as maiores mentalidades nunca se ocuparam de ensino.

- Mas, para Platão, a criança com sete anos deveria ser ensinada em matemática e lógica.

O que posso dizer é que Platão era doido! Ele dizia que aos trinta anos você deveria começar a estudar filosofia mas, para que você a estudasse, já deveria ter dominado antes, extensivamente, matemática, ginástica e música - o que é uma coisa de doido. Creio que a matemática é a última coisa que se deva estudar. Por isso mesmo que a escola platônica não foi pra frente: não dá pra ir pra frente! Platão tem muita coisa de maluco: ele é grande - mas é metade, metade de um filósofo. E a metade de cima. Platão é a mistura de um filósofo com um sujeito iluminado, místico, meio louco, que tinha umas sacadas geniais mas, ao mesmo tempo, tinha cada asneira do tamanho de um bonde. Por exemplo, com relação à própria Doutrina das Idéias, ele mesmo não sabia se as idéias eram substâncias ou um negócio metafórico. É uma doutrina bonita pra caramba: só que você não sabe exatamente o que ela quer dizer. Até hoje ninguém sabe.

Mas todos os filósofos pelo menos concordam que a poesia e o mito são a linguagem originária da humanidade. Isto quer dizer que a humanidade foi fazer lógica e matemática muitos milhões de anos depois dela já saber fazer poesia: então , por que que com o indivíduo não deveria ocorrer a mesma coisa? Nós vemos que, na criança, a conquista do raciocínio lógico é uma coisa que começa aos poucos e vai se desenvolvendo penosamente, e que só se desenvolve a medida que a outra, a linguagem analógica-simbólica, já está sendo dominada. Tudo deve se encaminhar desse modo para que não se fique como uma estátua sem pés, ou seja, como um edifício sem fundamento.

Mas ouçamos as anotações de Stella Caymmi sobre a aula anterior, para posteriores comentários:

(TEXTO RESUMO: STELLA CAYMMI)

(Texto resumo: Stella Caymmi)

"O que aparece na nossa frente -- uma pessoa -- não é o caráter, mas a pessoa com seus inúmeros traços acrescidos do caráter. E com isso você tem uma presença que vem refletir (?) a personalidade e dessa personalidade, só um pedaço é o caráter."

Comentário: Presença, personalidade, biografia, caráter. É nesta ordem que vamos conhecer alguém: temos a presença, depois, pelos atos repetidos mais ou menos a imagem da personalidade; a partir da personalidade vamos conhecendo a biografia, indo de trás para diante e, no fim, pegamos o caráter.

"Na vida real encontramos comportamentos que, quando repetidos, säo os traços de personalidade. O traço de caráter se transforma em traço de personalidade com o enxerto de dados biográficos. Assim, no estudo do mapa astrológico, deve-se fazer o quadro geral de possibilidades da evolução dos traços de caráter."

Comentário: Näo no estudo do mapa. Nós devemos fazer isso aqui, no estudo da Astrocaracterologia, não para cada mapa que você for estudar.

"No meio onde estamos -- classe média paulista e carioca -- as possibilidades de evolução percorridas pelo sujeito säo em número limitado."

Comentário: Este repertório de possibilidades nos é conhecível porque temos uma referência do meio mais ou menos homogêneo.

"Essa evolução se dá por uma dialética, um conflito entre dois traços. A posição de Saturno é mais fácil de estudar porque ela é uma dificuldade patente, difícil de o sujeito carregar - - trata-se da faculdade da razão."

Comentário: O conflito é entre o traço de caráter e o meio, não entre dois traços. O traço de personalidade vem dessa dialética, da solução ou ausência de solução deste conflito.

"Partindo da posição de Saturno -- partindo da razão -- temos condições de captar a dialética que levaria o sujeito, na idade adulta, a um certo arranjo habitual, ou seja, um conjunto de procedimentos com que o sujeito esquematiza o mundo. O método de estudo, aqui, é o de Max Weber, o tipo ideal, que seria o de considerar o desenvolvimento da razão sem obstáculos, o desenvolvimento ideal da razão onde nenhuma outra força viesse atrapalhar o seu crescimento. Este desenvolvimento ideal teria que se fazer em dois sentidos: o primeiro, o sujeito ser capaz de ir abarcando domínios de informação cada vez maiores. Este seria o crescimento extensivo, quantitativo, por assim dizer um crescimento horizontal."

Comentário: Se já viram uma aranha fazer uma teia, o procedimento é o mesmo: você lança um fio em volta e depois vai amarrando dentro. Quanto maior vai ficando a teia, mais pontos de ligação interna ela vai estabelecendo. Assim crece a razão: à medida que amplia a experiência, ela vai estabelecendo mais conexões internas.

"O segundo sentido do desenvolvimento ideal da razão é que ela seja capaz de abrir novas chaves, novas categorias e conceitos de modo a poder integrar os diversos domínios. Este seria o crescimento vertical, o crescimento da integração da experiência do sujeito nas chaves já existentes. A razão simplifica o trabalho do pensamento e diminui a área de experiência. Saturno está ligado também ao instinto de conservação. A razão é uma autoregulação no homem: seu ideal é o indivíduo chegar à idade adulta capaz de compreender e abarcar a sua experiência. Idealmente a razão deveria ser suficiente para o homem dar conta de tudo que possa acontecer no seu meio e não é o que acontece."

Comentário: A razão é inicialmente uma autoregulação no mesmo sentido da autoregulação instintiva dos animais. Podemos perguntar: um conhecimento especializado que o sujeito adquira na idade adulta (matemática ou física, por exemplo), para que que serve quanto à sua autoregulação, para a autoregulação do indivíduo? Para nada. Serve para a regulação da sociedade. Esta é uma parte que dizemos especializada, ou seja, que não é mais genérica. Estas habilidades só servem para o desempenho de uma certa aplicação, por assim dizer, da razão. Se esta parte acaba se desenvolvendo mais do que a razão nas suas tarefas fundamentais, então a espécie comeu o gênero.

"A razão, idealmente, deveria ser suficiente para o homem dar conta de tudo que se passa no seu meio. Não é o que acontece. As pessoas geralmente estão muito abaixo das solicitações do meio. Isso significa que houve obstáculos e o homem acaba apelando à razão comunitária para resolver seus problemas. Nem num meio costumeiro, hoje em dia, a razão dos indivíduos está apta a enfrentar as emergências. A maioria não está apta nem para as situações rotineiras."

Comentário: Comparando com o animal: todos os animais de uma dada espécie, ao chegar à idade adulta, estão aptos a resolver todos os problemas rotineiros que surjam para qualquer animal daquela espécie. Vamos supor que antes de um cachorro ser capaz de se virar nas tarefas rotineiras de um cachorro, você lhe ensina uma habilidade especializada, como equilibrar uma bola na ponta do nariz. Isto não serve para ele viver como cachorro, mas apenas para ele trabalhar em circo, como uma habilidade que ele desenvolve que só lhe serve numa certa circunstância específica. É como o garoto que, antes de ter o esquema racional pronto, começa a estudar física e matemática. No caso do cachorro, que aprendeu uma atividade específica e não aprendeu nem a demarcar seu território, ele terá que ficar sob a proteção de algum ser humano pois, no meio dos da sua espécie, ele estará em desvantagem.

"Enquanto uns não estão nem aptos para situações rotineiras, temos outros seres humanos muito mais aptos que os demais. Isso não acontece entre membros de qualquer espécie animal; essa elasticidade, disparidade, é própria da espécie humana. Existe ainda um outro elemento, que é a função protetiva, que também não existe no mundo animal com a elasticidade com que existe na espécie humana, em que alguns

protegem hordas de pessoas insuficientes, incapazes. Essas diferenças de capacidade de regulação são diferenças de capacidade racional e nos mapas astrológicos nós não veremos essas diferenças. Elas estarão nas biografias ou na hereditariedade. Como se dá essa dialética, uma dialética do traço com o meio? O começo da formação da razão é igual para todos: começa com um espanto; começa quando o indivíduo faz uma pergunta a si mesmo, onde entra a dúvida consciente. A dúvida consciente pressupõe, primeiro, o conhecimento da linguagem e pressupõe que o sujeito tenha algum conhecimento. Não se deve confundir dúvida com o método de tentativa-e-erro, que nada tem a ver com a razão ainda. A dúvida é uma admissão consciente de uma falta; o sujeito tem consciência de ser um detentor de conhecimento, mas consciência também de ter um conhecimento falho e insuficiente. A pergunta aparece de muitas maneiras e disfarçada, assim como as crianças perguntam de diversas maneiras de onde vêm os bebês. As dúvidas, elas vêm de coisas intuídas e nós nem sempre temos nomes para tudo o que intuímos. Na memória temos coisas cujos nomes desconhecemos. Como comunicá-las? Essa é a diferença entre percepção e representação. A representação já é uma intersubjetividade."

Comentário: Havendo percepção de muitas coisas mas não suas representações, não há conhecimento.

"Quase todas as perguntas são formadas por coisas e sinais cujos nomes não possuímos. O nosso conhecimento do mundo exterior é incomunicável, porque nos referimos a coisas genericamente e não especificamente ou particularmente. Tudo depois fica na memória e o que não conseguimos manipular ou representar vira sedimento, que não serve para nada, mas atravanca a memória. E se parte desses sedimentos for enigmático ou doloroso, isso significa que o sujeito não conseguirá esquecê-lo ou objetivá-lo. Então podemos considerar que o primeiro obstáculo na formação ideal da razão, do desenvolvimento ideal da razão, é a linguagem. Imagine que, se é tão complicado para as coisas do mundo exterior, como não será para o nosso mundo interior? Existe um peso incalculável de experiências não manipuláveis que o sujeito carrega dentro de si e essas experiências estão colocadas fora da esfera de atuação da razão."

Comentário: O sujeito não consegue pensar sobre aquilo que não tem representação.

"Existe uma cisão, uma separação, entre o que é racionalizável e o que não é. O que não é fica fora da atuação do mundo racional. Esses elementos não precisam ser propriamente irracionais, mas o são para o sujeito, que não consegue nomeá-los, os quais para outro sujeito podem ser banalidades. Ocorre que as perguntas mais profundas ou fundamentais podem estar justamente depositadas nesses sedimentos, no lugar onde você não tem nomes para nomeá-las. O sujeito acaba formulando perguntas erradas e encontrando, obviamente, respostas erradas. A partir daí a razão não funciona mais direito, porque funciona em assuntos insignificantes e às vezes irrelevantes para o sujeito. O sujeito acaba devolvendo esse material sedimentado na memória para a autoregulação animal, que não pode dar conta desses problemas, pois eles são propriamente humanos. O sujeito acaba funcionando com duas mentes, uma que opera racionalmente e outra que é simbólica, que opera com os signos, com a imaginação. E essas duas mentes se comunicam muito mal.

Os conteúdos entram através da percepção (são intuídos) e vão se depositar na memória. Até a memória, o processo ocorre fácil, o processamento da informação ocorre naturalmente. Porém, da memória para a razão, que vai inserir a informação num quadro de representação coerente, a passagem se dá pela intermediação da linguagem. Como a linguagem está muito abaixo das necessidades reais, uma parte desse conteúdo volta para a memória porque não encontra um nome."

Comentário: Nós só conseguimos pensar porque estabelecemos uma relação de significação: uma coisa funciona como signo de outra. O que quer dizer que nenhuma imagem solta, sozinha, é em si mesma compreensível. Pensar é estabelecer ligações. Se você não tem nada que represente a outra coisa, que possa entrar no lugar dela, você não pode continuar pensando. Você pára com aquela imagem mesma; ela fica diante, na sua frente, e você simplesmente não tem o que fazer com ela.

Quando a linguagem não é suficiente para dar conta das imagens, elas adquirem um poder hipnótico sobre você. Na tentativa de escapar disso, a memória e a imaginação geram os seus próprios signos, trocando uma imagem por outra, estabelecendo analogias. O sujeito passa a pensar por imagens, e o pensamento por imagens já é alguma coisa; mas ele leva a equívocos. Ou a imagem vai ficar diante de você como uma coisa parada, hipnótica, ou você vai trocá-la por outra imagem, ou vai trocá-la por uma palavra. Não havendo palavra, vai trocá-la por outra imagem, criando uma ideologia, raciocinando como se fosse uma

linguagem de sonhos, que já é algum movimento -- você sonha justamente para se livrar de imagens obsessivas, você converte uma coisa em outra. Já é um rudimento de pensamento. Só que, no sonho, o pensamento é de tipo analógico, uma imagem sucedendo a outra por um critério de semelhança entre as imagens. O que já é melhor que estar com uma imagem parada, sendo hipnotizado por ela.

O sonho faz parte também da autoregulação biológica e não deixa de ser uma forma rudimentar de racionalidade. Se o indivíduo não sonhar, as imagens que tem das experiências ficam paradas e não são integradas de jeito nenhum. Porém, o processamento de imagens que se faz no sonho é muito rudimentar e não serve como uma adaptação eficiente ao mundo. Se o sonho fosse a sua única forma de regular o seu comportamento, você nunca iria para diante. Nas circunstâncias habituais, a memória, a imaginação e o sonho são por demais exigidos: o número de coisas que o sujeito não pensa e que "chuta" para a imaginação resolver sozinha, é muito grande.

"A ação do indivíduo será um amálgama do que é produzido pela razão e do que é produzido pela memória, enquanto que na razão, o que funciona, funciona por categorias lógicas e o que está na memória funciona por categorias analógicas. É como se o sujeito tivesse duas mentes, duas cabeças. A razão necessita de uma primeira filtragem na memória e para isso ela precisa de uma intermediação da linguagem, pois sem a expressão, esses conteúdos não chegam à razão. O subconsciente se forma pelo que é rejeitado por questões morais, como Freud explica -- mas isto é muito pouco em relação ao conteúdo total do subconsciente, que é formado pelo que não consegue ser expressado conscientemente. As dificuldades de transformar o conteúdo da memória em dado de razão, é o que nos impede também de recordá-los, o que é também uma função da memória. (essa não-transformação acaba prejudicando o funcionamento da própria memória). Além disso, um domínio insuficiente da linguagem é um mau conhecimento de si próprio e uma autoregulação insuficiente. O mapa astrológico dá um sinal de qual foi a pergunta que o indivíduo se fez para desencadear o processo racional. Na verdade, não a pergunta, mas o gênero de pergunta, ou, ainda melhor, o assunto da pergunta onde começou o processo racional e, a partir daí, a sua evolução e os seus percalços. O subconsciente trabalha muito mal. Ele só trabalha bem quando é dirigido para isso, quando o trabalho racional e consciente já está pronto. Na verdade, ele só funciona bem quando a pergunta já está bem formulada e bem preparada.

A cisão causada pela repressão moral à qual o Dr. Freud se refere e, principalmente, pela pobreza dos meios de expressão, é o primeiro obstáculo ao desenvolvimento da razão."

Comentário: Os estudos sobre o inconsciente tomaram os seguintes rumos: primeiro, Freud viu o inconsciente como uma espécie de "lata-de-lixo" do consciente -- tudo o que o consciente rejeita, por motivos morais, ele joga para o inconsciente. Depois, Adler insistiu mais ou menos no mesmo conceito de inconsciente, só que ao invés de conteúdos de tipo sexual, eram conteúdos de tipo social (desejos e impulsos de autoafirmação). Depois, Jung viu o inconsciênte como um "depósito da sabedoria universal", depósito dos arquétipos que vinham desde o tempo de Adão. Acho estranho que ninguém se lembrou de dizer que a pessoa joga para o inconsciente simplesmente aquilo que ela não consegue trabalhar conscientemente, o que seria a explicação mais óbvia e fácil de inconsciente. O que vai para o inconsciente é tudo aquilo que o sujeito não consegue trabalhar conscientemente, sejam impulsos sexuais, sejam impulsos de autoafirmação ou mesmo uma frase que o sujeito ouça mas que seja dita numa língua estrangeira. O sujeito, não tendo o que fazer com ela, "chuta-a" para o inconsciente. É só você perceber que os indivíduos não têm uma consciência ilimitada que você percebe qual é a origem do inconsciente. O erro desses primeiros estudos relativos ao inconsciente foi que tiveram uma noção muito especializada dele; destacaram aspectos do inconsciente. O que Freud diz que está no inconsciente, lá está; o que Adler diz, também, assim como o que Jung diz também está. Cada um falou de alguma coisa que efetivamente está lá -- pegaram as espécies e não o gênero. Cada um como que falou de uma espécie diferente de inconsciente. Estando tudo isto no inconsciente, basta considerar que tudo que não estiver na consciência está no inconsciente. Partindo desta definição, você vê o inconsciente não pode ser nem só o que Freud, Adler, Jung, dizem, mas deve ser tudo isso e mais alguma coisa. Inconsciente não é tudo que você ignora, mas tudo que, tenho passado pela sua consciência, náo é trabalhado mais ao nível consciente. O que você esqueceu, está no inconsciente; o que você nunca soube, isto não está no inconsciente. Inconsciente não é sinônimo de ignorância, mas de esquecimento. É a parte mais ineficiente, inoperante, da memória. (Para o estudo da memória, v. Proust e Bergson. Quanto mais se estuda a memória, mais se vê que Bergson estava

certo, e este se baseava em Proust).

...

... e dessa superfície escura e móvel pula-se para uma outra sensação similar que ele teve na infância - e que está tendo exatamente igual, agora. E daí esta puxa a outra - ele vai descrevendo como é que se monta isso. Isso aí não tem muito mais que teorizar: tem mais que descrever. Se não fosse a descrição dada por Proust, não sei como se conseguiria fazer uma teoria da memória. É certo que o conhecimento perceptivo, imaginativo, precede o conhecimento racional- científico. Toda teoria tem que ser através de alguma coisa, e esta alguma coisa tem que primeiro entrar pelos olhos, pela percepção e depois ser então depositada na memória. Daí, tem que ser recordada. E, depois de recordada, tem que ser representada. E depois de representada ela é conceituada - e assim por diante.

A razão, em princípio, tem que abarcar tudo. Ela pode abarcar tudo mas ela não pode dar os materiais para ela mesma. A razão tem que abarcar tudo numa explicação universal; é evidente que ela tem que fazer isso. Vemos o exemplo de Werner Heisenberg que, de passagem, teve uma educação muito mais completa: com 16 anos ele já conseguia ouvir aquela composição de Bach e perceber, ali, um modelo cósmico, ou seja, um modelo racional do mundo. Este sujeito tem uma visão muito mais elástica da razão; ele está profundamente interessado na integração de toda a experiência. Isto é, de fato, uma personalidade mais integrada - mas qual de vocês teve essa educação? Heisenberg, com 16 anos, estava lendo Platão em grego e ouvindo Bach embora economicamente estivesse muito pior do que os aqui presentes. Aqui as pessoas acham que só vai dar pra fazer isso quando forem milionárias. Entretanto, algumas gerações atrás receberam uma bruta educação que permite ter essa visão da razão. Você vê que aquelas discussões entre a filosofia de Mallebranche e a música de Bach, para um garoto de 16 anos, demonstram que ele tinha um conhecimento muito profundo daquelas coisas. Se fosse assim, se gradativamente você fosse ensinado com poesia, música, e se gradativamente fosse tirado destas os princípios da razão, haveria um elemento harmônico extraordinário.

Mas a maior parte das pessoas não tem idéia que a razão é a equilibração de toda experiência, e acha que se pode viver aplicando a razão somente em alguns departamentos. Conforme o estudo que o indivíduo faça, essa razão vai se tornar ainda mais especializada e mais limitada. É como um indivíduo que vai ser físico mas, nas horas de folga, é pai-de-santo. A matemática é uma especialização da razão lógica: então, se você vai matematizar a sua experiência interior, você endoidece. Se você fosse Deus, você conseguiria matematizar a sua experiência pois Deus construiu o Cosmos numa linguagem matemática: não tem a menor dúvida de que ele fez isso. Só que isso, para o ser humano, é perfeitamente inacessível. As áreas da experiência que nós conseguimos matematizar são muito pequenas, e dá um trabalho miserável. Você vai querer usar a razão matemática para estruturar sua experiência? O último que conseguiu matematizar toda a experiência foi Deus. Não adianta: você vai ter que usar outras formas da razão que sejam mais flexíveis.

Essa intuição de uma totalidade ordenada que Heisenberg narra que teve ao ouvir a Chacona de Bach: em algum momento o sujeito precisa ter isso, quer a visualize sob uma forma musical ou arquitetônica - em algum modelo cósmico, por assim dizer - de modo que esta imagem se imprima profundamente na sua alma, mas que ele continue sabendo que isso é só uma imagem. Mas as leituras que as pessoas fazem nos dias de hoje, tais como Borges, Pessoa, Lautréamont e Rimbaud, são coisas que jamais vão te dar um modelo cósmico. Nunca. De fato, os poetas são os guias: é neles que você vai encontrar algo. Mas as poesias que as pessoas lêem hoje em dia não dão esse algo. Entretanto, os poetas fazem isso quer você queira ou não: na hora em que você se encanta com aquela imagem poética, na hora em que você a acha de extrema beleza, aí está o seu modelo - e é atrás disso que você irá a vida inteira. Então, para se educar alguém, deve-se dar a esse alguém a grande arte de primeira qualidade. Você quer modelo cósmico? Então, vá ler Dante e Homero. Todo objeto de beleza é modelo cósmico, e é isto que você sempre irá encontrar na arte, querendo ou não. Não existe uma idéia de beleza que seja separada da idéia de forma: na hora em que você achou uma coisa "bela" é porque você viu nela uma harmonia, uma totalidade.

Mas acontece que isso pode ser uma arapuca. Se você quer saber, Borges e Pessoa eram uma arapuca. De fato, os poetas são os gurus da humanidade e são por isso mesmo a coisa mais perigosa deste mundo pois essas imagens de beleza que você vislumbra através deles têm o poder de puxar toda a sua imaginação e fazer com que tudo se encaixe dentro do seu modelo. Entretanto, o modelo de Borges é um labirinto que

não leva a parte alguma; o modelo de Rimbaud e Lautréamont é uma espécie de buraco negro e, se você quer saber, é uma espécie de "cu cósmico" - e eu não estou brincando. Certamente, este é um universo bastante diferente do de Bach, Shakespeare, Dante; se você quer ter uma imagem do mundo bastante fidedigna, leia- os. Só assim você perceberá a diferença. Veja: qualquer pessoa que tenha visto um urso, sabe distinguir entre o que é um urso e o que é um cachorrinho miniatura Pincha; mas, quem nunca viu, se admira e se espanta. A juventude de hoje lê Pessoa, Borges e etc e acha tudo uma verdadeira maravilha. Mas ela nunca viu outra coisa, não é? Entretanto, se o impacto que você recebe é de algo verdadeiramente grande, nunca mais você liga para essas coisas. Nunca mais!

O que importa é o seguinte: que a formação artística do sujeito seja algo capaz de dar a ele o que esta Chacona de Bach, naquele momento, deu a Heisenberg. Quem leu Fernando Pessoa e crê que teve isto, caiu num engodo. Na hora em que você se comove com essas coisas, elas tem mais importância e mais influência sobre você do que qualquer livro de filosofia que você leia. Quer dizer: uma única obra poética tem cinquenta filosofias dentro. Os maiores sábios são os poetas, são eles os gurus da humanidade. Você não pode conceber Platão, Aristóteles, Sócrates sem Homero: não dá. Homero é o guru de todos eles. Ou seja: os primeiros poetas que você lê serão os seus gurus por muitos anos. A formação literária de todos aqui é deficiente porque a formação literária brasileira é deficiente; a não ser que um sujeito tenha a preocupação explícita de procurar saber o que foi uma educação literária em outras épocas e cidades. Ao sabor das leituras, ninguém vai adquirir isto aí.

Para vocês terem uma idéia, o "fenômeno poético" começou como oráculo. O oráculo é um transmissor de uma revelação. Os primeiros poetas tem, então, autoridade de oráculos. A linguagem do oráculo tem uma característica mágica: ela une a experiência externa com a interna, ou seja, ela salta sobre a distância sujeito-objeto e une os dois numa sentença que pode ser interpretada tanto psicologicamente, objetivamente quanto naturalmente, que dá certo do mesmo jeito. Tudo o que a humanidade sabe foi transmitido por meio desses oráculos. Depois, a humanidade obteve outros meios de adquirir conhecimento; mas, na mesma hora em que obteve esses outros meios, a função da linguagem pode ir mudando, mudando e mudando, até que no fim ela se transformou numa espécie de inversão de oráculo: parece um oráculo, mas não está dizendo lhufas. A poesia de Borges e de Pessoa é exatamente isto: um pseudo-oráculo. Essa experiência que Heisenberg teve com a Chacona de Bach significa que ele pode, durante dez ou vinte anos pela frente, experimentar estruturar toda a sua experiência do mundo na forma daquela peça musical - o que deu relativamente certo. Ao passo que, se você pegar uma peça de Pessoa e for fazer o mesmo, tudo o que você estruturar vai dar zero. O Borges, mais ainda: tudo vira um buraco negro. Isto é magia negra da brava!! O indivíduo não sabe que é - mas está fazendo. Praticamente, tudo o que a juventude está lendo nesses dias são coisas desse tipo; então, o sujeito com 22 anos já emburrece, já não é mais nada. Isto é um amputador de inteligência.

Mas nós estávamos dizendo o seguinte: a razão vai abarcando a totalidade da experiência; essa totalidade, por sua vez, cresce e, quanto mais cresce, mais integrada está. Ela mantem-se dentro de um sistema de crescimento orgânico. E desenvolvimento orgânico é a noção-chave de toda educação. Na verdade, noção-chave da biologia. Essa noção foi descoberta por Aristóteles. É uma coisa que cresce para fora, aumenta de volume e, ao mesmo tempo que aumenta para fora, está cada vez mais estruturada por dentro.Ela aumenta o território, e aumenta o domínio sobre esse território: é como um país que fosse ocupando territórios vizinhos e, a medida que os ocupa, não se limita a invadir com os exércitos mas estabelece uma administraçào, coloca uma rede de água e esgoto, uma prefeitura e etc, de maneira que, quanto mais se alastra, mais vai mantendo uma rede de conexões com o governo central. Se você simplesmente ocupa um território, você faz como Napoleão: ocupa a Rússia inteira e, depois, por não ter o que fazer com ela, joga-a fora. O "modelo cósmico" é, então, como o esquema administrativo de uma potência imperialista que fosse invadindo territórios e implantando administrações nestes lugares.

Cada um de nós é uma espécie de potência imperialista com relação ao mundo exterior - e potência imperialista no sentido cognitivo e não no sentido de poderio externo pois nosso poderio externo aumenta em quase nada. O nosso conhecimento, sim, aumenta e, a medida que ele aumenta, você vai instalando órgãos administrativos que lhe permitem manter o poder sobre tudo aquilo. Qual é o esquema, então, no qual você se baseia para implantar essa administração? Qual é o código? Pois saiba: uma grande obra de arte te dá o código disto. E esse código dura por muitos anos. Se a influência artística fundamental sobre

você é como se fosse a de um Fernando Pessoa, isto significa que é mais ou menos como você tentar administrar o mundo com a constituição da Zâmbia - que não funciona nem mesmo no seu próprio território. Isto tudo quer dizer que, quanto mais você alarga o seu conhecimento, menos você teme. Ou seja: essas formas tem a virtude de tirar a inteligibilidade do que quer que elas toquem. E o sujeito que faz isso está cultivando a sua própria impotência cognitiva. Ele pode estudar e ler e, quanto mais ele lê, menos entende. Isto ocorre porque o indivíduo não tem um esquema anterior, não tem uma personalidade que possa ir abarcando tudo aquilo e administrando as novas informações a medida em que lê. Lembra das invasões de Gengiskan, dos Bárbaros? Eles tomaram o mundo inteiro: cinco anos depois não tinham mais nada. Tal como o Império Português: dominou o mundo inteiro - mas depois veio a Inglaterra e se apossou de tudo. É mais ou menos assim. Por quê? Porque a organização interna de Portugal não permitia que ele se alastrasse. Para tal, seria preciso mudar o padrão dessa organização interna - e é isto que eu estou chamando de "modelo".

É necessário que a educação artística do sujeito imprima nele desde novo certos modelos que tenham o potencial de crescer indefinidamente e que dêem força de expansão e de integracão. Se a sua educação musical é feita na base de Debussy e Ravel, pode ser que você não vá longe e, do mesmo modo, se você for educado na base de Pessoa e Borges. Mas... e se o sujeito se encheu dessas leituras e quer comecar tudo de novo? Então, primeiramente, nós vamos ter que invadir a caaba e derrubar os ídolos. Depois, vamos ter que colocar uma outra coisa lá dentro. A analogia com religião funciona: uma religião, para se expandir, precisa ter um potencial de universalidade; já pensou se os habitantes primitivos da Austrália decidissem invadir o mundo e implantar a sua religião? No mundo inteiro passaria a ter o culto de divindades locais que só existem lá, na Austrália, como por exemplo o canguru. Este rito está muito ligado a uma circunstância específica, a um momento e lugar: não tem plasticidade, não tem elasticidade. E, por isso, não pode se expandir. Como é que você poderia, por exemplo, expandir a religião japonesa? Não pode: ela foi feita pra japonês, pelo imperador japonês, só serve para este cidadão - não dá para expandir. Mas o cristianismo pode se expandir, o islamismo pode e o budismo também, porque têem esse potencial de universalidade. Tem religiões, entretanto, que são estritamente locais, onde participam apenas cem indivíduos e, para eles, tudo é inteiramente válido. E tem religiões que, ao contrário, fazem mal para os seus próprios praticantes - nunca dão e deram certo. Um exemplo disto é a religião dos astecas. As culturas do México nunca duraram mais de cem anos: aquilo era um rito de convocar o diabo, e o diabo vinha; vinha sob a forma de uma outra tribo que matava todo mundo e implantava então um novo rito que, por sua vez, chamava também o diabo. E, assim, existem mais de cem culturas superpostas umas as outras - o que é um suicídio. Isso aí é bruxaria. Eles faziam bruxarias para acabar com eles mesmos - e acabavam. Funcionava. Se você estruturar a sua mente na base do Borges e do Pessoa, é isso aí que vai acontecer; você está pedindo para não entender nada e, de fato, você não vai entender nada mesmo. Tem muitos esquemas que se voltam contra o próprio indivíduo assim como tem certos tipos de organização nacional que se voltam contra o próprio país. Se nós entramos numa dessas vias, entramos num buraco. Existem muitas arapucas para o ser humano: religiosas, artísticas, culturais e etc. Geralmente, quando se vê uma estética que leva o artista ao suicídio, se você adotá-la muito provavelmente você vai chegar a mesma conclusão. Se é isso que você quer, ninguém pode impedi-lo. Mas isto não tem nada a ver com artistas que ficaram loucos pois isto aconteceu por causa de outros motivos: sífilis, porrada na cabeça e etc. Mas existem alguns casos de demência que estão intrinsecamente ligados a própria estética do artista, que é uma espécie de auto-bruxaria. Veja o próprio Artaud: não é difícil você perceber que ele se enlouqueceu a si mesmo. Em especial, essas coisas levam tudo para o buraco - é preciso ter muito cuidado com elas.

Analisemos, por exemplo, "Wether", que foi um erro da juventude de Goethe. Ele voltou atrás, depois de tê-lo escrito.Sabemos que o enredo do livro termina com o suicídio do artista. Na realidade, Goethe se apaixonou pela noiva de um amigo; ele quase ficou louco, e não se suicidou porque escreveu um romance onde ele contava essa mesma história, na qual o herói se suicidava, ou seja: ele se suicidou literariamente. Daí o livro vendeu horrores pela Europa inteira. Mas todo mundo começou a meter a bala na cabeça. Daí Goethe percebeu que estava entrando numa errada, que não era nada disso, e renegou o princípio dessa estética e partiu para um outro. Eis, então, os princípios de uma estética errada, que qualquer um pode fazer - até Goethe entrou nessa. Entrou mas saiu, né? Ou seja: os princípios filosóficos e estéticos também levam a demência. O que se deu com Fernando Pessoa? Quanto mais ele entendeu, menos ele se entendia; ficava cada vez mais louco a ponto de, no fim, estar pedindo socorro. Se você lê Fernando Pessoa, é assim

que você termina: igualzinho. Mas quando você lê Goethe, não: você vê uma auto-construção que, partindo do "eu", partindo do verdadeiro lar, o sujeito vai crescendo, crescendo.

Esse vasto parênteses não é despropositado porque a sua aptidão em compreender a personalidade alheia depende da amplitude e da integração da sua personalidade. E esse parênteses sobre a educação não é alheio também ao assunto. Mas é claro que, no Brasil, somos todos um pouco aleijados e teremos que tocar o bonde assim mesmo. É muito difícil você encontrar nesse país uma personalidade completa. Todos os grandes personagens da história brasileira tem sempre uma coisa de "pedaço faltando". Creio que foi o Oswald de Andrade quem disse que o Brasil é "pedaços de gênio". Acho que a única personalidade completa que teve aqui foi José Bonifácio da Silva; o resto, é tudo pedaços. E ele foi o primeiro e último, um homem grande em todos os sentidos. É personalidade universal, que tem valor para o mundo, que você pode apresentar ao mundo como modelo: Ecco Hommo - esse é o homem. É um tipo para ser imitado, um tipo ideal. Mas essa idéia do que é verdadeiramente um homem : quando falo isto, vocês têm essa idéia? Por exemplo: o que é um cavalo? Quando você vê um cavalo de raca, de alta qualidade, você sabe distingui-lo embora nem tenha estudado o assunto. Ou seja: pela perfeição exterior você reconhece alguma coisa de valor, não? E o homem?... A educação que não dá isso, não dá nada! Você sabe reconhecer um cavalo, um cachorro; você sabe distinguir um cão dinamarquês de um vira-lata: mas, e o homem? Essa imagem precisa-se ter, ou seja, de alguns indivíduos que chegaram a desenvolver plenamente a possibilidade do Homem. Plenamente quer dizer: até o limite do imaginável, em várias direções. Precisa-se ter essa idéia para que se tenha um padrão que esteja dentro de uma "normalidade ideal"; caso contrário, você vai ter uma idéia de uma "normalidade" apenas estatística, ou seja, nivelada por baixo. Mas se José Bonifácio da Silva pode ser e fazer isto e aquilo, devemo-nos perguntar: se ele pode, por que nós também não podemos? Qual é o problema? Veja: entre um cavalo de raça e um pangaré, a diferença não é tão grande como a que existe de um indivíduo para outro indivíduo - esta é fantástica!! O que parece ser também uma característica da espécie humana: muitos podem ficar muito abaixo do potencial da espécie - inclusive abaixo do nível animal - como podem também subir muito acima. Mas que ser esquisito é este, o ser humano... Notem que, no caso do animal, mesmo ele sendo treinado, adestrado, não vai passar de um certo ponto pois o que se vai fazer com ele é aumentar certos pedaços - mas você não vai ver um cachorro com uma aptidão que seja completamente ausente em um outro. Por exemplo: a santidade de São Francisco de Assis é completamente ausente no Dr. Anibal Lecter, ou seja, um tem uma coisa que o outro não tem, nem potencialmente.

Em suma: o indivíduo tem essa chave estética, ou seja, ele "estetiza" tudo aquilo que lhe toca. Isto quer dizer que - voltando aquele negócio de "modelo" - o indivíduo introjetou um determinado modelo e ele, dentro desse modelo,absorve toda a experiência de maneira que ela seja transfigurada pela força dessa coerência estética. Isto aí é exatamente o que a educação deveria dar. Mas você não precisa ser um artista para ter isso pois esse modelo tem que ser assimilado pela arte, em primeiro lugar.

Mas voltemos a astrologia. Peguem uma posição de saturno, suponham a linha de desenvolvimento ideal, ou seja, se esse desenvolvimento tivesse seguido sem obstáculos, como é que ele seria, e depois comparem com a história real do indivíduo que está do outro lado. As coisas que você pode localizar são: qual é a pergunta fundamental? Qual é o grande enigma do qual o indivíduo partiu ? Aí, você pensa assim: se ele continuar raciocinando sobre esse mesmo enigma desde pequeno até a idade adulta, ele deverá ter adquirido uma montanha de conhecimento e de experiências naquele setor, ou seja, ele saberá um montão de coisas sobre aquilo e terá toda uma estrutura racional para se adaptar àquilo; portanto, será um conhecedor profundo daquele assunto - mas tudo isso na hipótese de um desenvolvimento sem obstáculos. Porém (vamos fazer a outra hipótese: o desenvolvimento com obstáculos) a interrogação logo pára e, no lugar da elaboração racional, entra o símbolo da razão: a autoridade do pai. Portanto, existirá um temor naquela região, e é nesta região que o indivíduo estará desarmado perante a imagem do poder e da astúcia.

SATURNO NA CASA V

O que é a quinta casa? É a demonstração de uma capacidade numa circunstância presente. Qual é o segredo que torna o indivíduo hábil e dominador numa determinada situação? Este é o enigma de indivíduo com saturno na quinta casa. Por exemplo: diante de uma situação montada, o que é que eu faço agora? Como é que eu faço para sair bem daqui? Então, esse indivíduo sabe que algumas pessoas sabem fazer isto mas que ele mesmo não sabe. Qual é o segredo da habilidade? Qual é o segredo da vitória? Esta

seria a pergunta do saturno na cinco. Como é que a gente faz para ganhar a parada? Veja que a diferença desta casa com a casa oito é que esta última significa "sair de uma emergência", ou seja, se livrar de um aperto, de um perigo eminente - e não por um espírito de competição e por auto-afirmação: é por necessidade. É por uma necessidade natural, não forçada. Por exemplo: o sujeito que entra numa competição. Ele entrou no aperto - mas entrou porque quis. E a casa oito, não; a casa oito é: como resolver uma situação de emergência? E a casa cinco é: qual é o segredo da vitória? Porque uns vencem e outros perdem? Parece que, mais ou menos, é esta a pergunta da casa cinco. Suponha, então, que o indivíduo tenha feito esta pergunta e que o desenvolvimento da sua razão tenha seguido a linha normal, que ela tenha se desenvolvido sem obstáculos. Aonde este indivíduo chegaria? Que tipo de conhecimento ele poderia adquirir para regular a sua adaptação no mundo? Por exemplo: o indivíduo que sabe a técnica de um esporte sabe disso. E o indivíduo que sabe a técnica de subir na vida também.

SATURNO NA V

O indivíduo desenvolveria o conhecimento, ao longo do tempo, das técnicas necessárias para competir e vencer nos setores que lhe interessam. Quando chegasse à idade adulta ele teria um conhecimento acumulado sobre estas técnicas e habilidades. Este deveria ser o desenvolvimento normal. Ele teria o conhecimento técnico refletido, não espontâneo, de todas as áreas onde ele precisasse atuar. Seria o "como ser bem sucedido no que faz". Não só profissionalmente mas em todas as áreas onde se sentisse desafiado ele aprenderia a tecnologia necessaria. Saberia o que precisa para adquirir uma performance razoável nas suas áreas de atuação.

Sendo um conhecimento técnico evidentemente não é intuitivo; não é limitado ao caso dele. Ex.: o sujeito que sabe mecânica de automóveis não quer dizer que saiba consertar somente o defeito ocorrido. Ele tem que saber todos os defeitos possíveis. Para cada um dos setores de atuação o indivíduo teria um leque de conhecimentos técnicos que por um lado bastaria para resolver os seus problemas e por outro ultrapassaria muito a esfera destes problemas.

Há uma série de coisas que precisamos saber que não representam áreas de atuação específicas mas são habilidades genéricas, que servem para a atuação profissional ou não. Por exemplo: saber falar, saber dançar, saber se vestir, etc. São técnicas na luta pela vida que não tem a ver diretamente com a profissão.

O que importa é que o indivíduo com Saturno na V não seja desafiado em coisas que não conhece. Se a pessoa não tem esta posição planetária e é desafiada em algum setor ela poderá improvisar; já quem tem Saturno na 5a. não. Ele tem que ter o conhecimento técnico. Se ele não souber dançar previamente ele não vai dançar na hora, se ele não tiver estudado a técnica do futebol não irá jogar e assim por diante.

Idealmente o Saturno na V teria uma série de técnicas desenvolvidas para todas as circunstâncias que o desafiassem. Naturalmente, como qualquer indivíduo, ele não seria desafiado em tudo. Mas nas áreas onde fosse solicitado se aplicaria.

É evidente que, como o aprendizado de uma técnica não é só para um caso mas para uma série de casos, ele teria mais conhecimento do que precisa. É a idéia de estar preparado para tudo. E com este conhecimento "sobrante" ele poderia vir a ensinar, como um de vocês sugeriu. Um lutador de boxe sabe muito mais do que vai aplicar na luta e chegará um momento em que, com a sobra, pode se tornar um instrutor.

Aonde o desenvolvimento ideal poderia empacar? Poderia empacar aonde o sujeito se sentisse incapaz de aprender uma habilidade e apelasse então para quem soubesse, para quem tivesse o domínio da situação. Transferiria então o seu poder para um "pai", ficando ao seu lado e passando a contar com a proteção mágica da sua imagem. Ela seria um meio de desenvolver suas habilidades. O que uma imagem faz? Persegue, condena, humilha; dá um atestado de incapacidade. Ela será tão mais dominadora quanto menos transmitir este conhecimento. Ela se coloca exatamente na situação de um pai: eu posso o que você não pode. Perante que tipos de pessoas um Saturno na V seria servil? Diante de um competidor, um jogador bem sucedido, por exemplo, aquele que parece ter o segredo da vitória. O outro não é a causa do sujeito se submeter mas o motivo, como ele se explica interiormente. Ele pode ter visto casualmente o outro se saindo bem; é só uma idéia que faz do outro e fica então hipnotizado, numa tentativa de adquirir o conhecimento por osmose. Mas isto não existe. E como vai sair disto? Não adianta um ato de coragem.

Tem que voltar ao ponto onde parou e começar a desenvolver as atividades que o desafiaram.

No desenvolvimento não ideal há uma síndrome de incapacidade, de impotência, uma espécie de impossibilidade de se colocar em condições de competir com quem acha que é muito melhor. Mesmo que adquira a técnica, se ficar se medindo com quem a própria pessoa colocou acima de si, quando chegar lá o outro estará metros à frente e assim nunca alcançará. A solução é o indivíduo não se comparar com o outro mas com sua própria necessidade. Ou seja, näo interessa fazer tal coisa täo bem como fulano faz mas fazer o quanto é preciso para resolver um problema presente.

Joel: é uma questão de inveja ou admiração. Olavo: Claro. O invejoso inveja algo que não vai poder ter nunca. Ele inveja por imperícia. Ao passo que a admiração não contém uma oposição em relação ao outro e sim uma graduação.

Na verdade você está competindo com uma imagem abstrata de perfeição que é como uma regua de borracha que no fundo é um conceito quantitativo do domínio. O problema é que há uma imagem maligna do pai misturada à imagem da razão. Se não houvesse esta mistura era só formar uma outra imagem benigna ou imagem nenhuma.

Se você mede sua performance com alguma coisa que você viu na infância e que é esmagadoramente superior a você nunca se sentirá superior àquilo ou àquela pessoa: por definição você não pode chegar lá. Stella: Mas não pode funcionar como um estímulo? Olavo: As vezes sim. Você se supera, se supera e continua sentindo interesse. Este é o outro lado do Saturno na V a compulsividade. P. ex., há muitos jogadores de xadrez com esta posição planetária. O xadrez é um jogo enigmático. Ele tem uma espécie de segredo matemático que nunca pode ser desvendado. Por mais domínio que se adquira sempre ele tem um segredo mais fundo. A vitória no jogo de xadrez na verdade dá uma sensação de impotência; pior se jogar com o computador. Você está apostando sua capacidade contra um inimigo indefinidamente maior. Não dá satisfação competir com quem não se pode ganhar.

SATURNO NA XI

A pergunta é: "quando é que eu vou ser gente grande?" Gente grande quer dizer gente que tem importância. As pessoas são nada, são apenas sujeitos empíricos mas às vezes elas representam, significam algo. A casa XI se refere a isto. É o típico problema da Mafalda: "o que me adianta ser grande quando eu for grande, quero ser grande agora!!"

Idealmente um Saturno na XI desenvolveria um conhecimento sobre as matrizes da fama e da significação da vida. Buscaria formas de adquirir uma vivência significativa cuja importância transcendesse a esfera puramente pessoal, como ampliar a vida, como ter repercussão. Dito de outro modo, como integrar a vida pessoal na sociedade, na cultura, na História.

A fama é o que falam de você. A motivação da fama é o mais legítimo desejo do ser humano. Não há ninguém que queira ser absolutamente obscuro, que queira significar nada. Falem mal mas falem de mim! É como você querer adquirir em cima da sua personalidade uma outra, pública.

Um Saturno na XI quando chegasse à idade madura saberia como as pessoas se tornam famosas. Saberia também que a vida humana cresce através da participação na sociedade.

Consequentemente teria a arte de integrar os indivíduos na corrente social através de movimentos coletivos que os indivíduos isolados não podem alcançar. Dito de outro modo, fazer com que eles participem da fama, esta no seu sentido mais elástico de repercussão da vida.

O indivíduo às vezes abdica da recompensa material da fama mas quer, se é normal, que seus atos proliferem. P. ex. Gandhi renunciou à sua vida pessoal mas quis que suas ações reverberassem numa esfera muito maior.

Há também indivíduos que querem o aplauso sem ter feito nada. Isto seria um simulacro de fama. Na fama verdadeira há uma repercussão efetiva.

Com SOL na XI a pessoa já tende a conceber seus atos como algo que reverberam por si. Ela se acha naturalmente importante. Com Saturno na XI a pergunta é: "como é que eu vou fazer para isto reverberar?"

No desenvolvimento não ideal o ídolo é justamente quem lhe parece famoso. A tendência é se achar fraco

e covarde perante quem lhe pareça deter a fama. Qualquer sujeito que reverbere na sua frente parece que tem o que você não tem. É como a figura do papai: ele adquire poder sobre você.

Idealmente o Saturno na XI é o sujeito que sabe no fundo fabricar a fama mas paradoxalmente pode, no meio do caminho, conferir este poder a outro.

SATURNO NA VI

Eu achava o máximo o burocrata, por exemplo, o gerente de banco. O tecnocrata domina näo só suas qualidades pessoais mas também sua inserção dentro de uma estrutura. Ele sabe se colocar corretamente no sistema. Mas näo raciocinem em termos de profissões porque cada tipo de profissäo é exercida dentro de uma multiplicidade de situações que näo é redutível a tipos astrocaracterologicos.

Aos 17 anos fui ser arquivista. Foi uma chave. Mas a partir do momento que se percebe como funciona a coisa ela nos desencanta. Este é o segredo: tem-se que exorcizar os fantasmas. Transferir-se da esfera imaginativa - onde você cultua o poder que ignora - para a esfera da razäo, onde você vê que aquele poder näo é täo grande assim. É neste sentido que você tem que "engolir" a imagem do pai. Quando engolida e assimilada você a domina. Näo tem outro jeito. Se você näo adquirir aqueles conhecimentos - que säo poder - que inveja e teme você vai continuar a invejar e ter medo. Na verdade esta é uma problemática infantil e é ridículo que você possa sofrer por causa disto - mas sofre.

Idealmente, o Saturno na VI estaria livre quando aprendesse o controle "cósmico" das situações, mesmo não gostando de fazer isto mas é a partir daí que ele iria montando a sua imagem de racionalidade do mundo. Um exemplo infantil que acontecia comigo: quando meu quarto estava em desordem eu olhava a meia, os papéis, os brinquedos, os livros, e me dizia que era evidentemente impossível por em ordem aquelas coisas. Porque para arrumá-las eu precisaria de um sistema de classificação que era justamente o que eu näo sabia - mas queria saber. Se eu näo pensasse eu faria a arrumação como qualquer um. Mas antes de arrumar o quarto eu tentava conceber na minha cabeça tudo classificado. O problema vem porque você coloca a questäo teórica antes da questäo prática. Evidentemente é mais fácil você resolver um problema prático sem pensar nele, do que você saber a teoria geral. Só mais tarde eu vi que aquela questäo de ser necessário um lugar adequado para cada objeto na sua casa era impossível de se resolver aos 12 anos de idade. Para quem näo tem este tipo de preocupação colocaria as coisas em qualquer lugar e depois veria o que fazer. A questäo é que a pessoa com Saturno na VI "bola" um sistema muito maior, muito mais geral do que precisa. A soluçäo teórica é genial mas se torna inviável na prática. A soluçäo é resolver cada problema prático que se apresenta por vez porque se você näo resolver este näo resolverá os outros. A pergunta para Saturno na VI é: "qual é o código?" Porque se näo se sabe o código näo dá para saber nada e consequentemente näo dá para agir.

SATURNO NA XII

Aqui o problema é inverso: "como eu saio daqui de dentro?" "Como eu me oriento näo dentro de um sistema fechado, descritivo, mas no totalmente indeterminado? Por exemplo, um barquinho no meio do oceano sem nenhuma orientação: no céu nenhuma estrela, você näo sabe aonde está o Sol portanto näo sabe o horário, se à esquerda ou à direita ... este é a questäo do Saturno na XII. É uma espécie de sentido de direçäo näo determinado.

Todos nós somos colocados em situações aonde näo há parâmetro algum. E surge uma mäo que lhe tira do aperto. O Saturno na XII quer saber qual o segredo desta mäozinha, qual o segredo da Providência. Para se saber sobre isto é necessário conhecer o sentido da Existência, qual o sentido último da finalidade cósmica. Näo busca o nexo entre as partes (Saturno na VI) mas o nexo do Todo com um acontecimento, um tópico em particular. Neste sentido qualquer coisa pode ter sentido com qualquer coisa, independentemente de qualquer código determinado. Bem, mas isto tudo é analógico, impreciso. O único nexo que diretamente há entre parte e Todo só pode ser o seguinte: ou o nexo analógico, tipo macrocosmo/microcosmo ou seja tudo que está no Todo se refletirá (?) nas partes, ou o nexo da finalidade onde tudo e cada singularidade tem um fim. Estou falando de sentido último, independentemente de qual seja a ordem. Por exemplo, suponhamos que eu sou um soldado que me desgarrei do exército. Eu posso tentar recompor o seu caminho através do conhecimento que eu tenho da estrategia adotada, etc., ou posso entender assim: o que é o exercício? É aquele cuja finalidade é matar o adversário. Entäo por via das dúvidas quem eu encontrar

pela frente é para matar ... (continua na fita seguinte)

SATURNO NA VII

O indivíduo segue quem é moralista. Qualquer pessoa que julgue, mesmo que mal, é uma autoridade.

A pergunta do Saturno na VII é: "como é que eu vou fazer para ser aceito pelos outros?" "Como eu vou fazer para as pessoas gostarem de mim?"

E quem tem a chave, quem representa a autoridade para tornar as pessoas aceitas ou rejeitadas? Quem se coloca como o dono da moral. Com Saturno na VII há sempre um critério moralista para saber quem vale e quem não. Sua preocupação é saber o código moral pelo qual está sendo julgado e depois refletidamente proceder ao julgamento.

Mas geralmente acontece que o sujeito com Saturno na VII acabe pelo mesmo processo descrito nas outras posições aderindo ao julgamento moral que mais o convém. O efeito é a prosternação frente ao adversário. Quando seu julgamento se tornar objetivo, isento, tranquilo, não mais auto-defensivo, ele estará livre. Mesmo assim estamos sempre sujeitos a nos enganar. Até hoje, se alguém vier a mim com uma conversa administrativa muito complicada eu fico com medo. Eu tenho que pensar um pouco. Então, se me pega desprevinido é capaz de ter uma autoridade sobre mim pelo simples fato dele saber que eu custo um tempo para digerir algo mais complicado. Isto é perigosíssimo. Pode vir o vendedor do "baú da felicidade" e eu o acabar comprando. Temer e odiar é a marca registrada da casa onde se tem Saturno.

AULA 57

O que vocês têm de saber detalhadamente é a dialética da passagem do traço de caráter para o traço de personalidade.

O caráter é como uma forma vazia, é um esquema de relações entre partes; ele não tem nenhum traço material, nenhum conteúdo. O conteúdo só pode ser dado pela experiência, pela educação, pela biografia enfim. Atribuir traços materiais ao caráter -- gostos, inclinações profissionais, etc. -- é erro grave.

O caráter se define como uma forma vazia que distribui a atenção do sujeito por um certo número de direções. O que ele vai ver nessas direções depende do que estiver lá. Tentar descobrir traços materiais no caráter é a mesma coisa que, pela descrição da estrutura do binóculo, tentar descrever o que se pode ver do outro lado. Isso não faz parte do binóculo, é o seu objeto. A planta do binóculo não diz se o que se está vendo é um elefante ou uma nuvem. Do mesmo modo, a descrição da estrutura do caráter não diz qual é o conteúdo da personalidade. Por isso mesmo o caráter é tão difícil de descrever, e só pode ser descrito através da personalidade. E essa descrição deve remontar do estado atual até a forma inicial do caráter, através de um caminho ideal de desenvolvimento da personalidade em questão, caso não tivesse encontrado obstáculos. Esses obstáculos são de duas ordens: um de ordem geral ou antropológica, isto é, um desvio que se introduz na formação da personalidade em todo ser humano; mas podem haver outros.

P. - A imagem paterna?

Esse desvio da imagem paterna, creio que é universal. Ele vem daquilo que falava René Descartes, ou seja, todos nossos problemas são originados pelo fato de que antes de sermos adultos nós fomos crianças. No processo de formação do adulto é que se introduzem desvios, distorções etc. Dessas distorções, pelo menos uma parece inevitável, que é a que mencionamos.

Com o que nós falamos nas duas aulas anteriores dá para vocês entenderem também o que eu quis dizer com o trauma da emergência da razão. O homem carrega a sua razão como quem carrega uma cruz (na língua árabe a palavra que significa cruz é a mesma que significa espinha dorsal, çulb). A mesma cruz que o mantém de pé é ela mesma que o derruba. Dito de outro modo, somente aquilo que lhe dá poder pode destruí-lo, ou como no ditado muçulmano "só quem pode ajudá-lo pode atrapalhá-lo".

Não confundam, porém, o planeta Saturno com a faculdade da razão. A ligação de Saturno com a razão é simplesmente como dos outros planetas com as demais faculdades. Eu já dei a vocês a hipótese que tenho em torno disso: o desenvolvimento das faculdades se apóia na estrutura corporal do homem. Existe uma ligação muito íntima entre anatomia e fisiologia do homem e este esquema das faculdades. Será através de

alterações na percepção do próprio corpo humano que os planetas podem exercer um papel qualquer no desenvolvimento das faculdades. Tudo isto está na esfera da hipótese e faz parte da astrologia pura.

Para efeito de astrocaracterologia, a única ligação entre Saturno e a razão é que a sua posição no mapa indica qual é o enigma fundamental a partir de cuja resposta o indivíduo começa a ter uma coerência em sua imagem do mundo. Para a interpretação correta de Saturno no mapa basta saber este ponto.

Em princípio uma visão coerente do mundo pode ser desenvolvida a partir de qualquer um dos doze temas das casas. O sujeito começa a estruturação do seu mundo a partir de alguma coisa que lhe chamou a atenção. Ele faz esta pergunta, antes de fazer outra. Considero isso empiricamente verificável pelo estudo das biografias, ou seja, se você estudar com cuidado muitos casos, verá que sempre esta pergunta, esta área, exerce uma espécie de dominação, de fascínio para aqueles indivíduos com Saturno em determinada casa. O indivíduo sente o problema como muito difícil, e de cuja solução dependeria sua segurança, seu bem estar no mundo.

A ação consequente, racional, segundo fins, pressupõe a construção prévia de uma visão racional. Por isso mesmo entendemos que o esforço de racionalização aparecerá na casa onde está Saturno, tanto mais pronunciadamente quanto mais fortes forem os dois impulsos que já mencionei, o ímpulso pelo poder e o amor aos semelhantes, os quais podem ser deprimidos no começo da vida.

O indivíduo pode se desinteressar de exercer qualquer poder. O que é poder? Poder significa desencadear os efeitos que lhe interessam. É a produção voluntária de efeitos. Hoje é moda todo mundo dizer que não quer poder, mas é uma cisma, como antigamente não se podia falar palavrão. Para ver como isso é mentira basta inverter a pergunta, ou seja, você prefere o não-poder? Você quer poder ou não poder? Esse impulso pode ser bastante deprimido no ser humano e ele pode desistir de ser ele mesmo a causa dos efeitos, numa atitude conformista.

O segundo impulso, o de amor pelos semelhantes, pressupõe interesse, curiosidade, desejo de conhecer, desejo de convivência, o que também pode ser, e é, bastante deprimido nos seres humanos. Então, quanto mais fortes forem esses dois impulsos, mais intensa será a luta do indivíduo pela construção de um esquema racional do mundo.

Se, contrariamente, os impulsos são deprimidos, provavelmente a luta pela razão será internalizada, chutada para o inconsciente, e fica então difícil descobrir o que aconteceu de fato. Mas será sempre possível reconstituir a biografia e ver onde o indivíduo desistiu de ter um domínio racional da situação e onde passou para o comportamento mágico, ao culto do pai.

Esses antigos mitos que falam que as pessoas se reuniam e comiam o próprio pai talvez não devam ser interpretadas de maneira tão literal, mas talvez num sentido freudiano, porque você comer uma coisa é incorporá-la a si. A partir do momento em que o portador da razão, o portador do poder passa a ser você e não seu pai, você "comeu" seu pai. Assim, todo mundo, de certo modo, "come" o próprio pai.

Do mesmo modo, e num curso como este, o papel paterno é desempenhado pelo professor, mas o professor dá aula para que você mesmo passe a pensar e conceber. Você tem que "comer" esse conteúdo; se você não o faz sua relação com o professor continua sendo uma espécie de símbolo da sua razão, e você imagina que convocando esta imagem ela o socorrerá, resolverá todos os problemas, demonstrará todos os teoremas.

O exercício da razão é uma atividade voluntária, porém existe também um automatismo da razão, uma espécie de simulação da razão que, ao nível imaginativo, continua "pensando" e montando os dados mais ou menos segundo uma estrutura que parece racional. Isso quer dizer que só existe a operação da razão mesma quando é voluntária. Isso parece contraditório com o que eu falei a uns meses atrás (que a razão funciona até quando você está dormindo). Temos que fazer uma meditação sobre essas duas afirmações. Quando existe um esforço voluntário de racionalização da experiência, é lógico que este esforço prossiga um pouco involuntariamente também, como uma espécie de movimento de inércia. Quer dizer que se estou fazendo um esforço para montar um esquema racional, eu continuo montando esse esquema até quando eu não estou pensando nisso. A atividade do consciente puxa a do inconsciente. Então, nesse sentido é que podemos falar que existe uma operação inconsciente da razão. Você coloca o problema matemático,

organiza os dados e o inconsciente faz o resto.

Com isso espero que vocês possam captar a diferença entre a interpretação puramente astrocaracterológica do Saturno no mapa, e os traços de personalidade que de fato você encontra. Dos traços de personalidade você tem que fazer uma hermenêutica, uma interpretação, até você remontar ao traço de caráter. Agora, eu gostaria de saber se vocês encontram isso nos próprios mapas.

De várias pessoas com Saturno na mesma casa você vai encontrar uma espécie de parentesco entre as várias soluções a que os indivíduos chegam. Essas fórmulas que definem a personalidade podem ser catalogadas em doze espécies. Para Saturno na I você vai ter um certo leque de possibilidades. Não é um leque tão grande assim. Eu acho que valeria a pena vocês se esforçarem para fazer uma lista, casa por casa. Por exemplo, sabendo qual é o ponto de partida - - Saturno na I, II, III etc. -- conjecturarem algumas das evoluções possíveis para não serem pegos desprevenidos. Mas sem o intuito de esgotarem o assunto. Mas eu acredito que essa conbinatória não vai tão longe assim.

Ontem fizemos um exercício sobre os tipos de atração mórbida a que as pessoas são submetidas de acordo com a posição de seu Saturno. A resposta a essa questão se tornará patente por esta vulnerabilidade do indivíduo a um tipo de "capeta" em particular. A pergunta é: A quem você confere poder sobre você? A quem, e por que? O que é necessário alguém fazer para fazê-lo de trouxa? Cada um é vulnerável num ponto completamente diferente. Isso é facílimo de verificar nos biografados. Vocês devem ter percebido nas biografias que estudaram que sempre os seus personagens são profundamente vulneráveis a alguém ou a algo que os dominam. Você tem que ver por onde esse dominador domina. Você pode descobrir essa vulnerabilidade primeiro e conjeturar a posição possível de Saturno para aquele indivíduo, tentando fundamentar essa hipótese. Tentem fazer isso agora com seus personagens. P. - A grande falha de Mussolini (Sol na IX, Vênus e Júpiter na VIII, Saturno, Lua e Marte na VII) foi ter se aliado a Hitler. Tinha uma profunda admiração pelo jeito germânico de ser e pela disciplina férrea dos exercícios nazistas. Tentou impor isso na Itália e passou ridículo.

Mussolini é o protótipo de alguém que foi dominado por outro.

O ponto fraco aparecerá na vida sob a forma de uma ou uma série de falhas, sob a forma de uma vergonha muito profunda, e sob a forma de uma fragilidade que os outros saberão ver e saberão facilmente apontar onde está. Geralmente o indivíduo é condenado e criticado justamente por isto. Partindo do princípio que nós estamos o tempo todo tentando dominar os outros, nós também somos pagos pelo ponto fraco. Quando chegam a te criticar em voz alta já não é tão ruim assim porque pelo menos estão indicando qual é o defeito, mas às vezes não fazem isso, se aproveitam daquilo. Muito menos farão o que estou fazendo aqui, ou seja, explicar o ponto fraco.

Vamos ver um outro exemplo: Hitler tinha Saturno na X. Não é de estranhar que desde pequeno tivesse uma única preocupação. Qual era? Fazia discursos patrióticos desde dezoito anos. A idéia mais fundamental de Saturno na X é o de ser, por assim dizer, comido pela sociedade, assimilado e identificado com a sociedade. Qual a diferença entre essa atitude e a de Luiz XIV, que dizia "l'État c'est moi"? Um tem o Estado, o outro, o Estado o tem. No caso de Luiz XIV ou no caso de Napoleão, uma personalidade imprime sua marca sobre toda uma sociedade; no outro caso é exatamente o contrário, a personalidade do indivíduo que é comida pela sociedade. Ela incorpora todos os valores daquela sociedade. Para Napoleão e Luiz XIV a França é que "se virasse" para ficar igual a eles.

E Lincoln? Coloca sua marca nos EUA ou, ao contrário, incorpora os valores nacionais e faz deles parte de sua personalidade. Incorpora. Ele se nulifica perante o espectro da pátria. A pátria o come vivo, por assim dizer.

Se você pegar governantes com o Sol na X ou Saturno na X você verá essa diferença gritante na expectativa deles. Você pode ver um ditador e imaginar que é a sua vontade pessoal que esteja sendo imposta, mas é a sociedade, a nação, que pode ser vista como o fator estruturante da personalidade. Esse fator estruturante pode ser duplo para indivíduos com o Sol e Saturno na X.

Outra pergunta: Ele se entende como molde do país ou ele quer que o país o molde? O sonho de Hitler era ser alemão até o fundo d'alma. Queria incorporar todos os povos alemães à Grande Alemanha. E Napoleão? Não era nem francês, era italiano ... Hitler era sensível à história do país, às instituições, valores

nacionais, etc.

Em muitos indivíduos com Saturno na X esse desejo de ser moldado pela sociedade, pelos valores da sociedade, pode ser perfeitamente inconsciente. Ele pode ser moldado por alguém que para ele representa a sociedade. Por exemplo seu emprego, a autoridade do pai e assim por diante. Isso depende da amplitude intelectual do sujeito (que não aparece no mapa).

Hitler e Lincoln conheciam suficientemente a história das instituições nacionais para conscientemente desejar incorporá-las. A sua identificação com o país é um traço consciente da personalidade, mas em muitos indivíduos não será.

A autoridade pública pode ser vista pelo indivíduo de muitas maneiras conforme sua inteligência, cultura etc. Isso não dá para saber pelo mapa, mas que essa autoridade da sociedade é que vai, como quer que o sujeito a veja, ser o poder diante do qual o indivíduo se ajoelha, isso de qualquer modo.

Outro exemplo de Saturno na X: Marcel Proust. Nele era notável a ausência de personalidade própria. Incorporava efetivamente o meio social onde estava, consciente e voluntariamente também.

A seguir Olavo procurou saber dos alunos se estavam na pista certa para a localização do Saturno de seus personagens. Procurou levantar com os alunos quais seriam os pontos onde cada personagem poderia ser subjugado. Observou que esses pontos são os mais apontados pelos estudiosos que escrevem e falam do personagem e não tanto pelos próprios personagens. Henriete colocou que acabou chegando ao Saturno de Lincoln porque estudou sua história a partir de um escritor que virou sua vida de alto a baixo, e que partiu da pergunta: Como foi possível aquele João Ninguém, sem estudo, virar presidente da república?

Outro personagem citado foi Trotsky. Olavo propôs a seguinte reflexão: Qual foi o ponto onde Trotsky foi mais criticado? Onde ele errou, teve vergonha de errar, onde nunca pode se levantar? Qual a diferença fundamental entre Trotsky e Stálin? O que fez com que Stálin ficasse no poder e Trotsky caísse? O que todos dizem a respeito de Stálin e Trotsky, a coisa mais patente que aparece são as diferentes superioridades de cada um. Houve uma diferença decisiva que selou o destino dos dois. Dos dois o mais inteligente era Trotsky. E por que Stálin ganhou a parada? Trotsky era muito mais inteligente, mas era muito teórico. Stálin era menos inteligente, mas sabia responder às coisas na prática.

Existem personagens que são uma dificuldade analisar a biografia, por exemplo, os indivíduos muito mitificados. Existem personalidades em que se tem interesse de descobrir as falhas, outros não. Sobre Einstein e Gandhi, por exemplo, ninguém escreve coisas ruins. Stálin e Trotsky já recebem ataques; Jung não é atacado, mas é sincero em sua biografia. !!!?

Outro exemplo que elucida a relação entre uma acusação e a posição de Saturno é Goethe, que tinha Saturno na primeira casa. As pessoas o acusavam de não ser gente, de ser uma estátua. Diziam que ele era um mito, não uma pessoa. É algo paradoxal, porque ele estava sempre preocupado com isso, com a busca de uma conduta cada vez mais correta, fazer as coisas de uma maneira mais correta. Mas qual era o correto para ele? Qual o padrão? Ele se baseava em grandes personalidades, filósofos. Ficava, portanto, acima da população comum, se destacava.

As pessoas o acusavam de ser uma estátua dele mesmo. Se eu vejo a minha vida e digo: este é um lado que não serve, está ruim, vou modificar, tornar perfeito e o faço, quando mostro isso, o que acontece? As pessoas admiram, mas não gostam, porque é bom demais para ser gente. É um tapa na cara. O que todos dizem a respeito de Goethe, qual foi sua obra-prima? Ele mesmo. Ele não fez nada mais que estivesse à altura dele mesmo, a não ser sua própria personalidade. Ele constrói a si mesmo, refere-se a si mesmo, e é egocêntrico neste sentido, e chega a ser tão egocêntrico que para que sua imagem ficasse perfeita, supera o próprio egocentrismo. Daí ninguém aguenta mais. A vida de Goethe é isto, uma linha só. Ele começou como ator, acreditanto numa vocação teatral que depois viu ser falsa. A vida dele era uma longa auto-elaboração. Tanto que nós podemos dizer que de fato a questão que foi colocada para ele é um enigma a respeito de si mesmo, e podemos dizer que neste caso a razão seguiu quase uma linha normal de desenvolvimento. P. - A linha de desenvolvimento normal de um indivíduo com Saturno na I seria se reformar?

Claro, fazendo uma imagem para si. E se ele não tivesse feito isto? O sujeito quer ter uma imagem

perfeita, quem é que o derruba? Quem vê a imperfeição da imagem, não quem a tem perfeita, mas quem consegue furar a imagem construída. E isso ninguém conseguiu fazer com Goethe. As pessoas podem ficar bravas, mas têm de admitir que Goethe ganhou. Isso é uma coisa que raramente acontece. O indivíduo com Saturno na I dificilmente chega a este ponto.

P. - Qual seria o desvio disso se não desse certo?

Não dar certo é uma coisa, agora o sujeito não atinar direito qual é a pergunta é pior ainda. Nós supusemos dois estágios anteriores. O primeiro o sujeito tentou e não conseguiu, e o outro nem chegou a elaborar a pergunta conscientemente. Qualquer pessoa que nega a perfeição da sua imagem já tem poder sobre você. Você é escravo do mau-olhado. Quanto mais a razão incomoda, mais vulnerável vai estar frente aqueles que vêm seus defeitos.

É muito comum no Saturno na I querer parecer-se com aquilo que mais odeia. É uma forma de neutralizar essa vulnerabilidade, para tentar exorcizar o mau-olhado. O desejo de se parecer com o que você mais odeia e mais teme, evidentemente aparecerá com Saturno em todas as casas. Apenas que, com Saturno na I, isso se torna mais evidente para quem olha o sujeito, na primeira. Por isso as pessoas com Saturno na I são, às vezes, presenças desagradáveis. As vezes a imagem do indivíduo não é ele, às vezes é o inverso dele. Pode ir para o lado pernóstico, para o lado tímido, ou para o lado que tenta parecer ruim, parecer impessoal. Na quase totalidade dos casos o resultado que dá é isto: o indivíduo tenta parecer aquilo que ele mais odeia porque somente isto é digno de respeito, somente isto que tem autoridade. Então ele parece com o capeta dele, não é? Bastaria observar a questão de Saturno na I para as pessoas entenderem que algo há na astrologia. É só você fazer uma coleção de pessoas com Saturno na I, olhar para a cara delas. O sujeito está procurando uma imagem que seja adequada a ele mesmo, mas não acha. Pode parecer falso, pode parecer franco demais, de uma franqueza forçada. Todas essas possibilidades existem. O que há de comum entre todas elas é uma inadequação profunda entre a imagem que o sujeito procura passar e o que ele realmente pensa dele mesmo. E isso é consciente nas pessoas, sabem que têm isso e geralmente sofrem com isso. Todo mundo pode ter tido isso na adolescência, mas depois esquece, mas com Saturno na I continua.

A hora em que você conseguir localizar as posições de Saturno e Sol, somente aí é que as outras posições se tornarão significativas. As posições de Sol e Saturno darão a escala dentro da qual você deve medir o resto. Portanto desista dos outros planetas. Só na hora que Sol e Saturno saltarem aos olhos -- o que evidentemente não conseguiremos fazer em todos os biografados, por falta ou excesso de dados -- é que é hora de pesquisar os outros planetas.

O ponto fraco de Nietzsche (Saturno na II Sol na XI) é fácil de pegar, porque ele só se ocupou de pontos fracos a vida inteira. Onde ele via uma coisa em pé, ele ia lá derrubar. É só você virar a máquina ao contrário que você enxerga direitinho onde estava o ponto fraco dele. É só ser nietzscheano contra Nietzsche. Nietzsche "filosofava a marteladas". Então você vira o martelo e diz: vamos derrubar essa coisa aí, no que ela se assenta. Nietzsche tinha um ponto fraco muito evidente na sua personalidade. O que Nietzsche idealiza e não tem?

P. - Certeza?

Não, ele estava pouco ligando para a certeza, ele não a tinha e não a idealizava. Idealizava a força, o poder, a vitalidade. A vitalidade no sentido animal. A pista está em algo que ele idealiza, que vê como um valor legítimo. Porque todos os valores para ele são ilegítimos, mas tem um que ele legitima, e este justamente, como indivíduo, ele não tem, é totalmente destituído. O que ele idealiza é o que ele chama vontade de potência, a vontade de poder. É a vida que quer ser mais vida. Esse é o único valor maior para ele. No fundo é um valor biológico, a reprodução em si. Ele destrói todos os valores à luz da vontade de poder. Assim, automaticamente, a vontade de poder é afirmada como valor, quer ele queira, quer não queira. Isso ele não questiona, é o ponto que deixa intacto. Se raciocinarmos nietzscheanamente, o que tem por trás dessa vontade de poder? Impotência. Impotência de viver. A filosofia de Nietzsche é uma brutal ampliação invertida da sua impotência de viver. Essa é a pista: Quais são os dois maiores prazeres da vida? O sexo e a comida. É isso que Nietzsche não tinha. Ele deu uma trepadinha na vida, pegou sífilis e morreu disso. Você vê aquele monstro destruindo a marteladas toda a civilização, mas no fundo o problema dele é este. Nietzsche não é um grande homem. Qual é a chave de toda a sua psicologia? O ressentimento. Ele foi

professor de filosofia, sucessor de Jacob Burckhardt na principal universidade de Basiléia, Suíça. Tudo isso ele teve, mas houve algo que ele näo teve, algo que qualquer moleque tem. Esta é a pista. Pouquíssima gente lembrou de aplicar a psicologia nietzscheana a Nietzsche. Aplicada a ele mesmo sua filosofia diminui de importância formidavelmente. Isso não acontece por exemplo com o dr. Freud; se você psicanalizasse Freud, parece que o resultado confirmaria o valor da psicanálise.

Toda a obra de Nietzsche é uma auto-biografia às avessas. Ele reclama contra tudo, exceto contra aquilo que lhe dói. Um sujeito poderia tomar uma atitude exatamente contrária; tendo esse mesmo drama, poderia partir para a negação da vida biológica, a negação da vontade de poder, a negação dos prazeres primários e a afirmação dos valores abstratos, valores da civilizaçäo etc. E essas duas atividades estariam ligadas à mesma motivaçäo. Mas de qualquer modo, vê-se que aquilo é um ponto anormal na vida daquele indivíduo. A hora que vocês começarem a montar o caráter de seus personagens verão que coisa maravilhosa, que chave que este instrumento pode ser para o conhecimento da biografia dos indivíduos.

E Mozart? (Sol na V - Saturno na V) Na verdade nada derrubava Mozart. Acho que ele nunca teve um momento de dúvida sobre si mesmo desde que se entendeu por gente. A vida dele é como uma flecha que é disparada numa direçäo e rapidamente atinge seu alvo. Mozart é um caso onde a razão desenvolveu-se mais ou menos normalmente, näo por esforço mas por ter tido a educaçäo conveniente, por sorte. Mozart foi educado para ser o quê, especificamente? Foi treinado para ser um pianista. Para ser um executante, um concertista, e era isto que ele fazia. A primeira coisa que ele fez foi tornar-se um concertista brilhante. Ele recebeu uma educação que lhe deu exatamente o que ele precisava para se virar na vida. Se você pensar bem, é uma vida besta, mas é uma vida feliz. Mozart era feliz, com miséria e tudo, nunca se sentiu abatido. Vivia rindo e fazendo piada. É um caso raro, onde por sorte o sujeito obtém exatamente aquilo que ele precisa para resolver o problema exato que ele tem.

Uma vida que durou trinta e poucos anos, o indivíduo fez a mesma coisa a vida inteira desde que nasceu até morrer, näo pensou em absolutamente nada, näo se atormentou com nada; no fim da vida tem algumas preocupaçöes de ordem maçônica, mas simplesmente porque o levaram à Maçonaria. Quando ele estava cansado de simplesmente fazer música boa e decidiu fazer música para alguma coisa, essa alguma coisa já estava lá. Ele era um cara sortudo. Só näo teve dinheiro, mas näo precisava, ele tinha todas as mulheres que queria, tinha honras, tinha tudo. Qual a falha dele? A falha fica latente, näo aparece, mas é explorada no filme "Amadeus". O que está lá poderia ter acontecido, mas näo aconteceu. Você teria de supor o que aconteceria com Mozart se sua educaçäo fosse falha; aí ele falharia em algum ponto, mas näo falhou. Por isto mesmo a sua vida parece não ter conflitos. Ela tem dores, problemas, mas não tem contradição. Sua vida parece que escorre naturalmente; vai numa só direçäo como uma flecha que nada segura. A vida dele era uma sucessão de trabalhos criativos e divertimentos, só isto. Apesar de sua passagem pela maçonaria, acho que ele não pensou nele mesmo um único minuto, não deu tempo, morreu com trinta e quatro anos. O segredo de Mozart está na educaçäo que o habilitou a fazer exatamente o que tinha de fazer, que resolveu exatamente os problemas que ele poderia vir a ter, quando muitas vezes a gente é educado para resolver outros problemas. Talvez se vivesse mais viesse a mostrar algum conflito interior, mas Mozart sempre dá a impressão de uma notável objetividade, um indivíduo voltado fundamentalmente para fora, adequado às situações. Uma pessoa com um esquema de personalidade muito simples e muito eficiente. O conflito interior reduzido ao mínimo, de tal forma que ele pôde se entregar totalmente ao que estava fazendo. Näo tinha que prestar atenção em si mesmo, não tem que voltar para trás e corrigir alguma coisa.

Recapitulando tudo que nós falamos em todos esses casos: A posição de Saturno é onde o indivíduo necessita de um determinado poder, esse poder só pode lhe ser dado pela educaçäo, pela sociedade humana. Ele não pode inventar por si mesmo, náo é algo que brota naturalmente no indivíduo. É algo que tem que ser adquirido, algo que tem que ser introjetado. Se fossemos fazer um paralelo com o que diz Jean Piaget da assimilação e acomodaçäo, diríamos que este é o ponto da acomodação, porque é o ponto onde o indivíduo se transforma, onde ele muda seu esquema para adaptar-se a uma ordem do mundo para poder exercer o seu poder nele. A asimilação é o contrário, o indivíduo torna os dados similares a ele. Eu acho que näo seria errado dizer que o ponto onde está o Sol é o ponto da assimilaçäo, onde tudo fica igual ao indivíduo, e Saturno o ponto da acomodaçäo, onde ele tem que se tornar igual a algo que está fora dele e só pode fazê-lo com a ajuda da educação e da cultura. Isso quer dizer que o esquema racional do indivíduo nunca é construído inteiramente por ele mesmo, mas é uma adaptação à racionalidade do próprio mundo.

Existe uma luta pela adaptação. Essa adaptação evidentemente pode ser bem sucedida ou mal sucedida, dependendo da educação, da família, da sorte. Nós vimos aqui alguns casos onde uns foram bem sucedidos e outros não, como Nietzsche, que foi educado não para resolver o problema que tinha, e, assim, sua biografia não concorreu para a resolução daquele seu problema fundamental.

Podemos então dizer que uma vida será mais, ou menos coflituada a partir deste ponto: se a sociedade lhe dá a resposta que você necessita, ou se não lhe dá nem ao menos os elementos para perceber qual é o problema. No segundo caso, mesmo que o homem seja talentoso e inteligente, seu nível de autoconsciência será muito baixo e sua vida expressará um ponto cego.

Na vida de René Guénon não há propriamente um ponto cego, mas uma parte amputada, conscientemente amputada, uma incapacidade reconhecida e aceita como tal. Isto faz com que certas áreas da personalidade ampliem formidavelmente e outras fiquem atrofiadas. O caso de Guénon pode ser o de um indivíduo que alcançou certas perfeições intelectuais e espirituais antes de alcançar uma perfeição humana. No caso de Nietzsche é notável que ele nunca parou para se examinar ou se corrigir em determinado ponto, ele é inconsciente dos próprios defeitos, mas muito consciente dos alheios, o que faz dele um grande mentiroso. Em Guénon você também tem uma deformidade mas, aceita a título sacrificial, ela é justificada, reintegrada dentro de uma outra coisa, assim como um padre que renuncia à vida sexual evidentemente fica um sujeito amputado de uma dimensão da personalidade. Sendo amputado, não atua naquela área, então não pode fazer o mal naquele ponto.

Para efeito de sua própria auto-educação, nunca devem tomar esses tipos disformes como mestres, nenhum deles. Vocês devem procurar o que é mais perfeito, completo. Goethe é um tipo completo.

O fato de o indivíduo num certo momento abdicar do desenvolvimento da razão é um fato antropológico, acontece em alguma medida a todo mundo. Outros tipos de obstáculos, que não são antropológicos, podem ocorrer. Mas este de que estou falando é mais abrangente que o próprio complexo de Édipo. Poderíamos chamá-lo complexo de autoridade. Ou ainda, complexo de Adão. P. - No complexo de Édipo sempre se remete à questão do sexo.

E a uma determinada estrutura familiar. Com uma família um pouco diferente não dá para haver complexo de Édipo, mas o complexo de autoridade é sempre possível.

P. - E as crianças que não tiveram pai?

Se você tinha o ídolo material para projetar nele, então achou um outro. Ou a razão seguiu seu desenvolvimento normal ou não seguiu, e surgiu um ídolo da razão. Esse ídolo ou é o pai ou é alguma outra coisa. Se não é o pai, então trata-se de outra pessoa, ou algo mais abstrato, talvez a sociedade humana. Mas não conheço um único caso onde a mãe ocupe este lugar, por motivos que já expliquei. P. - A astrocaracterologia possibilita colocar o indivíduo na pista certa?

Acho que isto é possível. Mas tenho sempre dito que antes de estender a mão para o outro é preciso ser alguma coisa. É preciso ser implacavelmente honesto na visão que você tem de si mesmo, saber contar sua própria história.

Quase tudo que nós falamos na vida diária não revela compreensão efetiva para com o objeto, é tudo projetivo, coisas que saem de dentro de nós e que colocamos em cima das pessoas. Estive lendo um livro de alquimia, e o autor colocou uma questão que me deixou perplexo. Ele diz o seguinte: todos os historiadores da química dizem que a alquimia foi apenas uma química primitiva que evoluiu para a química. (Isto é uma interpretação do que é alquimia.) Ele diz ainda: qual desses historiadores seria capaz de explicar, palavra por palavra, uma página de alquimia? O indivíduo lê uma página de uma obra e se sente capaz de fazer uma síntese histórica de dez séculos de evolução de todo um setor do conhecimento! Isto é manifestamente impossível. Isso significa o quê? Que o comportamento desses historiadores é projetivo. Ele nada tem a ver com o objeto que está diante dele. Vejam, se toda uma classe culta é capaz de fazer isso com um objeto desse tamanho, você imagina o que a gente não faz na vida diária. E em Psicologia, isto se torna um risco terrível. Aparece um sujeito na sua frente e você projeta tudo o que você sente e acha, sem prestar nem um segundo de atenção no cara. Para prestar atenção ao indivíduo é preciso durante alguns minutos esquecer de você, ficar como Mozart, pensando na música. Essa soberania do

objeto deveria ser cultivada como parte da disciplina.

Eu considero que você pode chegar a saber que compreende uma pessoa quando, como diz Honório Delgado, você consegue expressar a autenticidade da pessoa quase melhor do que ela mesma; você consegue dizer pelo outro o que ele quer, e o satisfaz plenamente. Quer dizer, é preciso muita concentração amorosa, no intuito de compreender aquele indivíduo.

Um dos grandes obstáculos para fazer isso é que somos todos caipiras, tememos as pessoas. E pessoas famosas, que viveram em outras épocas, mais ainda; tendemos a vê-las como coisas estranhas enquanto não achamos um estereótipo dentro do qual encaixá-las.

Nós temos pouca tolerância com o estado de dúvida, de perplexidade. É preciso paciência. As pessoas tentam adivinhar, quando lanço aqui as perguntas. Por exemplo, quando falamos de Hitler e perguntamos o que ele queria, logo veio a resposta: poder. Por quê? "Porque os ditadores querem poder". Dedutivamente, dada uma definição de ditador, deduziram dela uma propriedade. Mas não estamos falando dos ditadores em geral, mas deste em particular. Nós partimos para a dedução porque deduzir é mais fácil do que fazer uma indução, evidentemente. A indução pressupõe um salto, que é difícil de dar. Observando direito, vemos que Hitler tentou muito menos ter poder, do que influenciar as pessoas a favor da Alemanha, tal como ele a concebia, independentemente de ele estar no poder ou não. Era alguém possuído por uma idéia, uma ideologia, mais do que por um intuito pessoal. Na sua juventude as biografias o ilustram como um sujeito com pouca ambição, e que não faria questão de chegar onde chegou se houvesse alguém que ocupasse aquele lugar; ele ficaria contente em servi-lo, assim como ficava contente em ser soldado na Primeira Guerra.

A base, tanto do aprendizado geral como da compreensão psicológica, é você consentir na entrada de informação inteiramente nova. É o que a pura atividade dedutiva barra, porque aí você apenas repete conclusões, especificando o que já sabe. Devemos admitir que não estamos entendendo nada, até gostar um pouco desse estado de suspense, ou seja, curtir a aventura do conhecimento; e conhecer uma pessoa é uma aventura.

Quanto mais você estuda a biografia de uma vida tanto mais fica difícil reduzi-la a um estereótipo. Conhecendo bem a vida de Hitler e de Mussolini, fica claro que o conceito de ditador pouco tem a explicar sobre as carreiras e as motivações deles.

...

Comentários sobre o estudo dos biografados:

Olavo: Ghandi era um exemplo característico de imprevidência. Para um político isto é algo imperdoável, um político é responsável pelas consequências de seus atos e, não só pelas suas intenções subjetivas.

Aluno: Ele está no inferno?

Olavo: Não está no inferno. Provavelmente está no céu, mas quanto a sua inteligência podemos ter graves dúvidas.

Eistein: O caso de Eistein é muito difícil. Você não vai achar facilmente. Para você descobrir o que acontece com Eistein, você vai ter que entrar na vida pessoal dele, na convivência com amigos ... Você não vai conseguir achar só com os atos mais públicos.

Artur Koestler:

Olavo: Artur Koestler era um homem inquieto, investigativo ... Estava sempre procurando alguma coisa, em todos os movimentos de qualquer coisa no tempo em que ele viveu ele, passou por todos.

Aluno: Isso é um traço de carater?

Olavo: É um traço de carater. Esta tremenda mutabilidade, adaptabilidade à situações novas, mas isso não pode ser encarado como um ponto fraco pelo contrário, isso era o ponto forte da personalidade dele.

Nós vemos que o interesse político de Artur Koestler foi uma coisa acidental. O que ele queria fazer no começo da vida, e que depois não fez devido as circunstâncias e que no fim da vida ele retoma: Ele era fundalmentemente um homem de ciência. Os primeiros enigmas que ele encontra são de ordem cientifico-

filosófica, mas de uma questão filosófica bem determinada.

Olavo: O critério para vocês deve ser o seguinte: Não procurem a questão materialmente considerada. Procurem o que é a forma, existe sempre um elemento estruturante que vai estar presente em tudo. No caso de Artur Koestler se quizessemos dominar, envergonhar, subjulgar este indivíduo por onde nós o pegaríamos? Este é o traço que mais os outros apontam no indivíduo criticamente do que ele menos sabe do que se está falando, sabe que tem isso.

Abrahan Lincon:

Aluno: Eu tive mais sorte, porque eu peguei um trabalho biográfico do Viana Moog que, levou mais de vinte anos escrevendo sobre Lincon para desmistifica-lo. No sentido de contar a história como ela verdadeiramente aconteceu...

Olavo: O que que ele pergunta? O Viana Moog.

Aluno: Como que o Lincon virou este mito.

Olavo: Como foi possível aquele pobretão, João Ninguém virar presidente da República. Algo está errado. Aí chegamos na questão do Saturno.

Trotski:

Olavo: qual é o ponto em que o Trotsk foi mais criticado. Onde ele errou, teve vergonha de errar e nunca pode se levantar?

Qual a diferença fundamental entre Trotsk e Stalin que, fez com que Stalin ficasse no poder e Trotsk caisse?

É uma coisa que todo mundo diz de Trotsk e Stalin uma coisa muito patente que aparece.

Qual era a superioridade de um e do outro algo que no conjunto todo mundo que estuda as suas vidas diz na primeira? Uma diferença descisiva, o que selou o destino.

Trotsk era muito mais inteligente, mas era muito teórico. Já Stalin era menos inteligente, mas ele sabia resolver as coisas na prática. Isto todo o mundo diz.

Aluno: Isto parece Saturno na 8a. casa?

Olavo: Näo, o Saturno na VIII será acusado e condenado porque no instante decisivo näo soube agir, acovardou-se.

Goethe:

Aluno: O Goethe tinha um problema com a imagem dele que ele passava para outras pessoas.

Olavo: Isto mesmo. As pessoas o acusavam disto: Ele näo é gente ele é uma estátua, um mito.

Todo mundo diz que Goethe era uma estátua de si mesmo e näo ele mesmo.

Ex: Eu pego este Olavo e digo: Este Olavo aqui näo serve. A minha vida é muito ruim, este Olavo é muito ruim e eu, vou fazer um outro que seja perfeito.

Olavo: O que todo o mundo também diz de Goethe?

A obra prima dele era ele mesmo. Ele näo fez nada que estivesse a sua altura a näo ser ele mesmo. É um indivíduo que a vida inteira pensa nele mesmo, constroi a si mesmo, se refere a si mesmo...

Aluno: Egocêntrico?

Olavo: Egocêntrico neste sentido. E que chega a ser täo egocêntrico que para a imagem ficar perfeita, ele tem que superar o egocentrismo.

De fato é um caso de Saturno na casa I. Goethe começou a vida como ator, acreditando numa vocação teatral, que depois viu ser falsa e, daí decidiu fazer tudo de novo. A vida dele é uma longa auto-elaboração. Nós podemos dizer que de fato, a questão que foi colocada para ele era um enigma a respeito de si mesmo e, podemos ver que neste caso a razão seguiu uma linha normal de desenvolvimento. A linha normal de

desenvolvimento do indivíduo com Saturno na casa I, seria realmente esta. Idealmente falando: se reformar, fazer uma imagem para si...

Se Goethe näo tivesse conseguido este desenvolvimento perfeito de fazer uma imagem de si täo perfeita quem é que o derrubaria?

Quem visse a imperfeição da sua imagem.

Na casa onde o indivíduo tem Saturno ele fica escravo do mau olhado e, para neutralizar este mau olhado, o indivíduo tentará parecer-se com aquilo que ele mais odeia, mais teme pois, só isto é que tem autoridade de acordo com o seu ponto de vista.

Olavo: Este negócio do Saturno na 1 bastaria para as pessoas entenderem que: Algo há na astrologia. É só você fazer uma coleção de pessoas com saturno na 1 mostrar e dizer: Olha na cara delas. Se você näo vê, você está cego.

Aluno: A imagem do indivíduo com Saturno na 1 não se adequa ao que ele é mesmo?

Olavo: Claro. O sujeito está procurando uma imagem que seja adequada a ele mesmo. Mas näo acha esta imagem. Existe uma inadequação profunda entre a imagem que o sujeito tenta passar e, o que ele pensa de si mesmo. Entre imagem interna e externa e isso, tem mesmo, e o indivíduo, está consciente que tem isso.

Joaquim Nabuco:

Aluno: Eu vi que se acusassem Joaquim Nabuco de qualquer besteira ele, ficava irritado com isso.

Olavo: No caso de Joaquim Nabuco salta os olhos isso: Era um sujeito que suscitava a admiração de todo o mundo por ser um sujeito rico, bonito, simpático e bem sucedido na vida.

A vida de Joaquim Nabuco é bem característica do Saturno na casa onde ele de fato o têm.

Olavo: Você acusar o Joaquim Nabuco de virar casaca, de ser de uma classe de latifundiários e no entanto, você entre no movimento abolicionista etc... Isso näo teria poder sobre ele esta acusação ao contrário, ele se orgulhava disto.

Aluno: Ele tinha uma boa Fama?

Olavo: Ele tinha uma fama muito boa.

Agora se o acusassem de alguma bobagem, de superficialidade isso pertubaria Joaquim Nabuco.

Nietzsche:

Olavo: Nietzsche é fácil de você pegar o ponto fraco. Por que ele só se ocupou de pontos fracos a vida inteira. Onde ele via uma coisa de pé ele ia lá e derrubava. É só você virar Nietzsche ao contrário e você vai enxergar direito onde está Nietzsche. É so você ser nietzscheano contra Nietzsche. Ele filosofava a marteladas então, você vira o martelo e descobre Nietzsche. Vamos derrubar esta coisa, em que que ela se assenta?

Olavo: O que Nietzsche idealiza e näo tem?

A força, o poder, a vitalidade... Esta vitalidade no sentido animal da coisa. Este valor que ele considera legítimo ele näo tem. Esta vontade de poder (que é um valor biológico). Raciocinando nietzcheneanamente: O que realmente há por traz desta vontade de poder?

Aluno: Uma impotência?

Olavo: Muito bem. Uma impotência de viver. A filosofia de Nietzsche é uma brutal ampliação invertida da sua impotência de viver.

Olavo: Quais são os dois maiores prazeres da vida?

Sexo e comida. Entäo é isso aí que Nietzsche näo tinha.

É horrível. Você vê aquele monstro destruindo a marteladas todas as civilizações. No fundo o problema dele é esse. Um profundo ressentimento por näo possuir aquilo que ele mais idealiza.

(*) a mim mesmo, de maneira repetível, não posso manipular aquele dado de mamória: aquilo está sedimentado; está fechado dentro da memória e está sendo trabalhado na memória por uma espécie de analogismo louco que vai converter aquilo em coisas muito diferentes, misturar as coisas e aparecer no fim sendo uma linguagem täo disfarçada que deverá ser analisada por um analista e é aí que se forma o inconsciente.

Mas nos recordamos de uma coisa quanto mais facilmente conseguimos (*) , se leio uma página de um livro é muito mais difícil recordar o que está escrito ali se eu tiver que recordar palavra por palavra, mas se conseguimos captar a idéia que está contida na página, torna-se mais fácil.

...

Nietzsche foi sucessor de Jacob Buckardt na principal universidade da época na Suíça, em Basiléia. Tudo isso ele teve. Mas há algo que ele não teve, algo que qualquer moleque tem - esta é a pista. Na verdade, pouquíssima gente lembrou de fazer essa psicologia nietzschiana com o próprio Nietzsche. Quando você fizer, a filosofia dele diminui de importância formidavelmente. Mas isso não acontece, por exemplo, com o Dr. Freud. Se você psicanalisar o Freud, ao contrário, parece que isso confirma o valor da psicanálise. Quanto mais freudiana é a psicologia de Freud, mais razão parece que ele tem. Mas, com Nietzsche, não; essa inversão parece que o desvaloriza. Toda obra de Nietzsche é uma auto-biografia às avessas. Ele reclama contra tudo, exceto contra aquilo que realmente lhe dói.

Vamos supor que um sujeito poderia tomar uma atitude exatamente contrária a de Nietzsche, quer dizer, tendo esse mesmo drama ele poderia partir para a negação da vida biológica, da vontade de poder, dos prazeres primários e afirmar somente os valores abstratos e morais da civilização e etc. Essas duas atitudes, entretanto, estariam ligadas a mesma motivação. Mas de qualquer modo você vê que aquele é um ponto anormal na vida do sujeito. Ou seja: na hora em que vocês começarem a montar esse negócio, verão que coisa maravilhosa que é, e que negócio lindo, que chave essa dica pode ser para a compreensão da biografia dos indivíduos. De qualquer forma, a vida de qualquer biografado ficaria entre esses dois limites: sol e saturno.

E sobre Mozart, quem já leu alguma coisa? Na verdade, nada derrubava Mozart. Creio que ele nunca teve um momento de dúvida sobre si mesmo desde que se entendeu por gente. A vida dele é como uma flecha disparada em uma direção e que termina rapidinho.

- E aqueles episódios com o pai dele?

Aquilo tudo é inventado. Aquilo que apareceu no filme é inventado, ficção. Aquela possibilidade existia, poderia acontecer, mas é uma interpretação psicológica e não fatos. O filme não é verdadeiro mas é verossímel, quer dizer, ele poderia ser derrubado: poderia, mas isso não aconteceu. Nunca aconteceu porque ele tinha muita sorte. Mozart é um caso onde a razão se desenvolveu mais ou menos normalmente; não por esforço próprio - como no caso de Goethe - mas por ter tido uma educação conveniente, e por sorte. Vejam: Mozart foi educado para ser o quê? Para ser um pianista. Para ser um executante, um concertista. E ele foi ou não foi? Foi: um concertista absurdo. Ele recebeu a educação que lhe deu exatamente o que ele precisava para ele poder se virar na vida; portanto, virou-se na vida, não teve problemas. Se você pensar bem, é uma vida besta! Mas é, contudo, uma vida feliz. No fundo, Mozart era feliz, e isso é que é o pior de tudo... Mesmo com miséria, problemas e etc, nunca viu-se Mozart abatido: vivia rindo, fazendo piada. É um caso raro onde, por sorte, o sujeito obtém exatamente aquilo que ele precisa para resolver exatamente o problema que ele tem. É uma vida que durou trinta e poucos anos onde o sujeito fez uma só coisa durante toda ela, desde que nasceu até a morte, não pensando absolutamente em mais nada. No fim da vida ele teve, de fato, umas preocupações filosóficas de origem maçônica mas isso também aconteceu de graça porque levaram-no para a maçonaria. Quando ele estava cansado de só fazer música boa, ou seja, quando ele quis fazer música para alguma coisa, já tinha essa alguma coisa também, já tinha essa finalidade. É um homem sortudo. Só não teve dinheiro. Mas não precisava de dinheiro: para quê precisaria de dinheiro se ele tinha todas as coisas que ele queria? Tinha honras, tinha tudo: quê mais?

- Aonde estaria então a falha dele?

A falha fica latente. Simplesmente não aparece. Porém, é o que foi explorado no filme. O que poderia ter acontecido, por onde ele poderia ter sido derrubado se o "desgraçado" falhasse em algum ponto? Você tem que supor: o que aconteceria com Mozart se a sua educação tivesse sido falha? Se ele não tivesse recebido subsídios necessários, iria falhar em algum ponto - mas não falhou. Por isso mesmo que a vida dele parece não ter conflitos: ela tem dores, problemas, mas não tem conflito, ou seja, contradição. Tudo parece que transcorre naturalmente. Sua vida era uma sucessão de trabalhos criativos e divertimentos - era só isso. Creio que ele não pensou em si mesmo um único minuto: por que eu sou assim? o que está acontecendo? Não houve tempo para levantar essas questões.

O segredo de Mozart está na educação que ele teve e que o habilitou a fazer exatamente o que ele tinha que fazer, e que resolveu os problemas exatamente que ele poderia ter. Muitas vezes a gente é educado para resolver outros problemas. Talvez, se ele tivesse vivido mais, viesse a ter algum conflito interior. Mas Mozart sempre dá a impressão de uma notável objetividade: um indivíduo voltado fundamentalmente para

fora, adequado às situacões. Dá a impressão de uma pessoa que tem um esquema de personalidade muito simples e muito eficiente. Ou seja: este é um conflito interior reduzido ao mínimo, de maneira que ele pode se entregar totalmente àquilo que está fazendo. Nào tem que prestar a atenção em si, não tem que voltar para trás para corrigir alguma coisa. Então, procure por aí a pista: qual é o segredo do sucesso de Mozart? O segredo do sucesso de Mozart é o justamente o segredo da personalidade dele. E, se tivesse fracassado, teria fracassado exatamente por isso.

Mas não tenham tanta pressa com isso. Vamos devagarzinho. Na hora em que você pegar esse encaixe no indivíduo que está biografando, você vai pegar em todo mundo.

Recapitulando: a posição de saturno é onde o indivíduo necessita de um determinado poder. Esse poder só pode lhe ser dado pela educação e pela sociedade humana, não pode ser inventado por ele mesmo. Não é algo que brota naturalmente do indivíduo: é algo que precisa ser adquirido. É algo que tem de ser introjetado, por assim dizer. Se nós fôssemos fazer um paralelo com o que disse Jean Piaget sobre a assimilação e a acomodação, nós diríamos que este é o ponto da acomodação e não o da assimilação porque este é o ponto onde o indivíduo se transforma, é onde ele muda o seu esquema para se adaptar a uma ordem do mundo e para poder exercer, enfim, um poder nele; ao passo que a asssimilação é o contrário, é onde o indivíduo torna os dados similares a ele. Eu acho que não seria errado dizer que onde está o sol é o ponto da assimilação, onde tudo fica igual ao indivíduo, e onde está saturno é o ponto da acomodação, onde - ao contrário - ele tem que se tornar igual a algo que está fora dele e só pode fazê-lo com a ajuda da educação, da cultura e etc.

O esquema racional do indivíduo nunca é construído inteiramente por ele mesmo mas é uma adaptação à racionalidade do próprio mundo - existe uma luta pela adaptação a algo. Por isso é que saturno foge da esfera individual. Essa adaptação pode ser bem sucedida ou mal sucedida, dependendo da educação, da família, da sorte e etc. E nós vimos alguns casos onde houve até a sorte. Mas nós podemos entender que Nietzsche não foi educado para resolver os problemas que ele tinha: foi educado para outra coisa. A sua vida, a sua biografia não concorreu para a resolução daquele problema fundamental mas para outra coisa. Ao contrário de Mozart que, desde pequenininho, foi ensinado para o que ele deveria fazer. Então, pode-se dizer que uma vida será mais ou menos conflituada a partir deste ponto: se a sociedade lhe dá mais ou menos a resposta que você necesssita, melhor para você; mas, se ela não lhe dá nem mesmo os elementos para perceber qual é o problema, você vai ter um nível de auto-consciência muito baixo, e mesmo que você seja um homem muito talentoso, muito inteligente, na sua vida se expressará um ponto cego. No caso de Nietzsche existe um ponto cego: se ele percebesse qual era o problema dele, tudo o que pensava teria que mudar. Na vida de René Guénon, entretanto, não há um ponto cego: há um ponto amputado, conscientemente amputado.Há uma incapacidade conhecida e aceita como tal, o que faz com que certas áreas da personalidade ampliem formidavelmente enquanto as outras ficam atrofiadas. De qualquer modo, não são personalidades bonitas, nem Nietzsche e nem Guénon. No caso de Guénon, por ser um indivíduo que talvez tenha pulado para certas perversões intelectuais e espirituais antes de alcançar a perfeição humana - no caso de Nietzsche, acho que ele nunca pensou na perfeição humana, em se corrigir em determinado ponto. Isto, nele, é notavelmente inconsciente. Inconsciente de seus próprios defeitos, mas muito consciente dos defeitos alheios: Nietzsche é formidavelmente rude. Com o seu sofrimento pessoal intenso, ele causa uma revolta contra Deus. Ele se parece um pouco com o Dr. Anibal Lecter: sabe tudo sobre a mente dos outros mas nada sobre a própria. Não resta dúvida que Nietzsche tinha uma mente disforme como a do Dr. Anibal mas, no caso de Guénon, vemos que havia uma deformidade, aceita à título sacrificial. Ou seja: ela é justificada e reintegrada dentro de uma outra coisa, tal como o camarada que vai ser padre e renuncia a sua vida sexual - evidentemente que uma dimensão da sua personalidade ficará amputada. Por ser amputado ele não atua naquela dimensão; então, ele não pode fazer o mal naquele ponto porque não pode fazer, ali, nada. É como se você cortasse a língua de uma pessoa e ela não pudesse falar mal de ninguém. O sujeito surdo não ouve as fofocas, não dá ouvido às fofocas: é uma deformidade. Mas é um elemento técnico da via espiritual. No outro caso, não se trata de uma renúncia: trata-se de uma deformidade de base congênita.

Voltando ao assunto que nós discutimos ontem: para efeito de sua própria auto-educação, vocês não devem nunca pegar esses tipos disformes como os seus mestres - nenhum deles. Deve-se procurar o que é mais perfeito, o que é mais completo - sempre. O fato de que num certo momento o indivíduo abdica do

desenvolvimento da razão e se prosterna perante um ídolo da razão é antropológico, eu diria, pois acontece um pouco com todo mundo. O sujeito supera isto em mais ou em menos, mas pode acontecer outros tipos de obstáculos que não são antropológicos. Esses outros são obstáculos acidentais de ordem, por assim dizer, sociológica que vem, em parte, puramente daquele meio. Mas isso aí não dá nem para a gente enumerar pois pode ser uma infinidade de coisas: para cada caso é um caso. Entretanto, isso que eu estou falando é que nem o complexo de Édipo, e todo mundo tem: é o complexo de autoridade. Pode-se associá-lo até de alguma maneira ao complexo de Édipo embora eu o ache mais universal, e isto porque o complexo de Édipo sempre remete à questão do sexo e a uma determinada estrutura familiar; e se não existir esta estrutura familiar, ele não pode se desenvolver. É o que diz Malinovsky: se a organização da família é um pouco diferente não dá pra existir o complexo de Édipo - mas dá pra existir um complexo ligado a autoridade, de alguma maneira. Seria um outro complexo: o de Adão.

Das duas, uma: ou a razão seguiu seu desenvolvimento normal ou não seguiu, e surgiu assim um ídolo da razão. Esse ídolo ou é o pai ou é alguma outra coisa. Se não houve um pai, então trate de procurar alguma outra coisa, algo mais abstrato - talvez, a própria sociedade humana, se você conseguir. Entretanto, mesmo você não tendo pai, você pode projetar isso aí em um outro. Então, você tem que contar a própria história, a própria biografia. E pode apostar que em 99,9% dos casos vai surgir um ídolo e este ídolo é aquele que representa para você a razão. Isto acontece quanto menos você seja capaz de ser racional. Ele tem tanto mais poder quanto menos você tem, ou seja, ele se alimenta da sua falta - e toda essa problemática aparece na casa onde se tem saturno. Automaticamente, se você vê doze possibilidades de falha, você vê também doze caminhos para corrigir-se e recolocar-se na pista do seu desenvolvimento normal - se isto ainda é possível.

- Esse curso que nós estamos fazendo dá um poder para colocarmos o indivíduo que vem nos consultar na pista certa: é este o caso?

Eu acho isso possível. A Astrocaracterologia em si permite isto. Entretanto, depende de quem sejam vocês. E eu estou falando isto desde a primeira aula: é preciso ser alguma coisa para poder estender a mão para o outro. A primeira coisa que se precisa é ser implacavelmente honesto com a visão que se tem de si mesmo - é saber contar sua própria história. Sem isto, não é possível.Porém, eu também acho que é preciso saber de muito mais coisas. Pense assim: antes do sujeito chegar na sua frente, que condições tenho eu para compreendê-lo; o que seria preciso saber para poder compreender o que se passa? Quase tudo que nós falamos na vida diária não revela compreensão efetiva do objeto - é tudo projetivo: coisas que saem de dentro de nós e que colamos em cima das pessoas.

Eu estava lendo um livro sobre alquimia e, lá, o sujeito faz um pergunta que eu quase caí de costas. Fiquei aterrorizado de ver como era verdadeiro o sentido da pergunta que ele fazia. Ele falava que todos os historiadores da química dizem que a alquimia foi apenas uma química primitiva e que evoluiu para a química, quer dizer, eles estão interpretando o que é alquimia. Mas ele diz: qual desses historiadores seria capaz de chegar aqui para mim e me explicar palavra por palavra de uma única página sobre alquimia? Ou seja: de uma página de uma obra, é capaz de se fazer uma síntese histórica sobre dez séculos de evolução de todo um setor de conhecimento. Isto aí é manifestamente impossível, é a mesma coisa que, não sendo capaz de analisar um único soneto de Pernando Pessoa, te ofereça aqui toda uma síntese da literatura portuguesa. Mas, se eu não entendo nem um soneto, como é que eu vou entender a literatura inteira? E isso significa o quê? que o comportamento desses historiadores é projetivo, que ele nada tem a ver com o objeto que está diante deles, que aquilo expressa um estado de espírito deles e que o objeto ficou apagado completamente. Veja: se toda uma classe de pessoas cultas é capaz de fazer isto com um objeto deste tamanho, você imagina então o que se faz na vida diária. Em psicologia, isto se torna um risco terrível: aparece um sujeito na sua frente e você projeta tudo o que você sente, tudo o que você acha. Você não prestou nem um segundo de atenção nele. Para prestar atenção no indivíduo você tem que estar, durante alguns momentos, esquecido de você; precisa ficar que nem Mozart: pensando na música, pois tem algo ali que é mais importante que todos os seus problemas, que todos os seus interesses.

Temos, então, essa soberania do objeto. Isso deveria ser cultivado como parte da disciplina, pelo menos durante quinze minutos, ou seja: tem uma outra pessoa que tem de ser mais importante para você do que você mesmo, sabendo inclusive desde já que a possibilidade de se enganar é muito grande. Vamos supor,entretanto, que se pode chegar a saber que se compreendeu uma pessoa tal como fala Honório

Delgado. Então, quando você conseguir dizer para um outro o que ele quer - e assim você vai satisfazê-lo plenamente - será como aquilo que nós falamos ontem sobre a criança: ela está querendo alguma coisa e, na hora em que você conseguir interpretá-la, dizer para ela a própria palavra faltante, nesse instante você a compreendeu. Na hora em que você prestar uma grande atenção e ir raciocinando, pensando quinhentos quilômetros por hora, e chegar a dizer esta palavra mágica que expressa o que o indivíduo quer mas que ele mesmo não sabe, neste instante você o compreendeu. Não é isto? Isto quer dizer que você precisa de muita concentração amorosa no intuito de compreender aquele indivíduo, conseguindo vivenciar esse impulso cego como se fosse seu. Isso não é suficiente para se compreender um outro indivíduo mas, em alguns momentos, você terá que pegar isso.

Você pode fazer isto com um biografado também mas um dos grandes obstáculos para isso é que nós todos somos caipiras e tememos as pessoas; se são pessoas famosas, nós tememos mais ainda. Tendemos a vê-las como uma coisa estranha e, enquanto não acharmos o estereótipo para rotulá-las, parece que continuamos inquietos. Temos pouca tolerância com o estado de dúvida, de perplexidade - é preciso ter um pouco mais de paciência com isto.Por exemplo, quando eu perguntei do Mozart, por que as pessoas ficaram tentando adivinhar? Não!! Aguenta mais um pouco! Se você tiver um pouquinho mais de paciência às vezes se acha a palavra certa; mas, se você quiser logo procurar um estereótipo que te acalme, então nunca você irá entender nada. Por exemplo: o que Hitler queria? Mas já vem a resposta: poder! E isto porque o ditadores querem poder! Ou seja:você está raciocinando dedutivamente a partir de uma regra geral; dada a definição de ditador, você está deduzindo dela propriedades. Mas eu digo: espera lá; eu não estou falando dos ditadores em geral, estou falando deste sujeito aqui em particular. Então, não poderia ser dedutivamente; deve-se deixar as definições guardadas de lado e prestar atenção ao caso em particular. Nós sempre partimos para a dedução porque com a dedução é mais fácil. É mais fácil fazer uma dedução do que uma indução, evidentemente. A indução pressupõe um salto. Mas, dada uma situação de incomodidade, nós fazemos uma dedução e pensamos que saímos, que resolvemos o problema - mas é aí que você passou léguas do problema. Se você estudar a biografia de Hitler, por exemplo, você verá que ele tentou muito menos ter poder do que influenciar as pessoas a favor da Alemanha tal como ele a concebia, independentemente dele estar no poder ou não. Ele era muito mais um sujeito possuído por uma idéia, por uma ideologia, do que por um intuito pessoal. É até esquisito você ver a sua juventude: não dá a impressão de um sujeito que tem qualquer ambição. Eu acho que, de fato, ele não tinha ambição; acho que ele foi parar lá meio sem saber como. Ele simplesmente queria que alguém fizesse aquilo - não precisava ser ele. Creio que se aparecesse um outro Hitler, que fizesse a mesma coisa, esse aí estaria feliz em servi-lo, como ele estava feliz em ser soldado na primeira guerra. Ele se dedicou de corpo e alma, e não porque ele fosse o líder do exército: ele era apenas o recruta que chegou a ser cabo; então, não tinha nenhuma pretensão à carreira militar. Hitler foi muito levado pelas circunstâncias. Não se trata de uma carreira planejada, de uma ambição, como no caso de Napoleão Bonaparte.

Mas, o nosso erro consiste em ir dedutivamente do gênero para a espécie, em vez de se ater àquele objeto em particular. Se você vai do gênero para a espécie, você está tirando conclusões do que você já sabe, você está apenas especificando coisas que você já sabe, você não está deixando entrar um objeto novo, uma informação nova . Essa é a desgraça da mente humana. Depois que o indivíduo aprendeu "xis" coisas, ele não quer crescer mais. É que nem crianca que não quer comer: ela pensa que dá para continuar gastando eternamente a comida que ela comeu ontem. Comer pode ser incômodo, mexe com o seu organismo: a entrada de informação também incomoda. Então, a gente quer, às vezes, funcionar em circuito fechado. A base tanto do aprendizado em geral quanto da compreensão psicológica é esta: é você consentir a entrada da informação inteiramente nova, é você admitir que não está entendendo nada. E até gostar um pouco desse estado de suspense, ou seja, curtir um pouco a aventura do conhecimento - conhecer uma pessoa é uma aventura.

No caso do seu biografado, a primeira coisa é assumir que, de fato, não está se entendendo o sujeito - mas que se está curioso.Quanto mais você ler e estudar a vida, mais você verá que é difícil reduzir o sujeito a qualquer esquema ou estereótipo. Vamos supor, por exemplo, que você estude a biografia de Hitler e de Mussoline. Compare os dois. Daqui a pouco você vai ver que o conceito genérico de ditador já foi todo para as cucuias e que ele não explica mais nada. Daí, compare então com o Francisco Franco, que é um outro personagem fantástico.São três ditadores mas, na hora em que você compara,vê que o que eles estão fazendo lá é completamente diferente, que o que os levou até lá foram motivações completamente diversas

e que de nenhum desses homens se pode falar que houve uma motivação de "poder", de poder pessoal, do tipo "eu quero fazer". Tem alguns casos que você encontra nitidamente esta motivação: o indivíduo quer ter ele mesmo as rédeas. Mas ainda tem o sujeito que faz isso porque gosta e outro por compulsão. Napoleão, por exemplo, gostava, ele se deleitava com isso aí; Luiz XIV também. Você encontra alguns casos assim, mas a estrutura de personalidade do sujeito é totalmente diferente.

Houve uma época em que esse pessoal da escola de Frankfurt tentou descrever um negócio chamado "a personalidade autoritária". Criou uma espécie de estereótipo dos ditadores - mas isto é tudo furado. Aqui no Brasil, por exemplo, quem foi o sujeito que começou com o movimento militar e que instalou o primneiro governo militar? Foi Castelo Branco. Procure na personalidade do sujeito para ver se ele tinha algo desse tipo de personalidade: nada, nada, nada. Era um sujeito que foi feito para obedecer, não para mandar; no entanto, era ele quem mandava.